Alexandre Herculano

Lendas e Narrativas

LENDAS E NARRATIVAS

ALEXANDRE HERCULANO

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

Este presente livro incorpora os dois volumes com que a obra é, na maioria dos casos, publicada e apresenta as lendas na sua ordem cronológica, tal como Alexandre Herculano as enumerou.

ÍNDICE

BREVE NOTA SOBRE A OBRA

As Lendas e Narrativas de Alexandre Herculano foram publicadas em dois volumes, em 1851. Trata-se de uma coletânea de textos de carácter diversificado, publicados entre 1839 e 1844 nas revistas O Panorama e A Ilustração.

As Lendas e Narrativas são formadas por textos mais ou menos curtos, que se podem considerar contos e novelas. Herculano abordou vários períodos da história da Península Ibérica. É evidente a preferência do autor pela Idade Média, época em que, segundo ele, se encontravam as raízes da nacionalidade portuguesa.

No prefácio, Herculano considera as pequenas narrativas "monumentos dos esforços do autor para introduzir na literatura nacional um género amplamente cultivado, nestes nossos tempos, em todos os países da Europa", esperando que venham a constituir "a sementinha donde proveio a floresta", "um marco humilde e rude" na história literária portuguesa.

Herculano foi um dos responsáveis pela introdução e pelo desenvolvimento da narrativa histórica em Portugal tal como Walter Scott em Inglaterra e Vítor Hugo na França.

É ainda considerado o introdutor do Romantismo em Portugal e do desenvolvimento da prosa de ficção moderna.

A DESTRUIÇÃO DE ÁURIA

(Século VIII)

Um som de queixume e pavor — um grito tremendo e doloroso escutava-se em todas as províncias de Hispânia. Desde os fraguedos de Gibraltar, até os distantes desvios das Astúrias, não se via senão desespero, aflição e luto. O império fugira das mãos dos Godos, o trono de Rodrigo (*) jazia por terra, e estava fadado que a altiva Hispânia sofresse o jugo do invasor muçulmano.

[(*) Rodrigo: Último soberano do império visigodo da Hispânia. Quando foi eleito rei, era duque de Bética, parte da Península Hispânica hoje chamada Andaluzia. A Bética foi buscar o seu nome a Bétis, antiga designação do Guadalquivir.]

Que espantoso espetáculo era aos olhos de um cristão o ver o velho e o mesquinho; o fraco, o enfermo e o indefeso; a mãe com o seu filho nos braços; o monge com o crucifixo que salvara; o jovem e a donzela; o marido e a quase desfalecida esposa — fugindo em tropel pelas estradas, e

abandonando os seus tetos queridos para se acolherem nas cidades muradas, a fim de escaparem ao ferro do infiel despiedoso! Desde a batalha dos oito dias (*) o terrível inimigo tinha voado de conquista a conquista, sem dar nem tomar repouso.

[(*) A batalha de Guadalete, em que findou o império godo, durou oito dias e oito noites.]

O Árabe feroz e o incansável Sarraceno tinham-se ligado com os desumanos filhos da África. A mesma crença os tinha fraternizado; o mesmo espírito de uma religião feroz, e de uma ambição desvairada, os havia tornado conquistadores. Nenhuma barreira que não fosse efémera, se podia opor à série das suas vitórias, que, devorando tanto as aldeias como as cidades, levavam a assolação a toda a parte, com tal força, que nem paços fortificados, nem baluartes, nem castelos torreados, lhes podiam obstar. Diante deles, o país parecia os jardins do Éden; atrás deles, um ermo árido e despido.

Mas o império godo não baqueou com ignomínia: não herdaram os filhos da Hispânia nenhuma herança de opróbrio. O trono de Rodrigo só foi destruído pelas perfídias de traidores, e à custa de batalhas muito feridas. Os exércitos godos não fugiram; foram passados à espada e totalmente aniquilados; mas deixando repassadas de sangue mourisco as veigas do Meio-Dia, e tintas nele as correntes do Xerez. Quando até já não existiam nem as esforçadas legiões espanholas, nem o seu capitão, na planície vizinha a cada castelo, a cada cidade, tinham os agarenos que lutar e vencer um combate de morte; era um vasto campo de batalha que se estendia perante eles desde os enfileirados cimos das montanhas nevadas até os vales dos Pirenéus.

Época medonha foi esta para a Hispânia! A assolação, tremenda e irresistível, assemelhava-se a uma torrente caudalosa, que saindo do leito profundo, que durante séculos a conteve, submerge as aldeias espalhadas pelas suas antigas margens, tornando-as em montões de ruínas, ou antes podia-se comparar a mil torrentes descendo repentina mente das montanhas e vindo afluir nos vales —

tão imprevista, tão irresistível era aquela súbita devastação.

A bela Andaluzia foi a primeira vítima. De mar a mar: desde os rochedos do Sul até os cabeços das Alpujarras, as cidades foram incendiadas, os templos profanados e os sacerdotes expulsos deles. O ferro exterminou uma população inteira, e debaixo dos pés duros do Africano e do Árabe, as mesmas campinas, outrora tão lindas, e os vales relvosos, amareleceram e secaram-se. E a sorte da Andaluzia era a que esperava a Hispânia inteira.

Lá soa pelas ameias da torre de atalaia de Áuria um grito estremecedor: «Mouros! Mouros! Ei-los! Ei-los!» E mil bocas repetiram este grito de baluarte em baluarte, de ameia em ameia, de palácio em palácio, e de choupana em choupana: «Os mouros! Ei-los, ei-los!» Mas não era esta voz a do pavor ou descorçoamento — não se ouvia ali o estrépito do exército preparando-se para o combate, nem o murmúrio do povo tumultuando, nem revolta, nem sinal de terror: tudo estava pronto. Por nove dias estiveram abertas as portas de Áuria desde o amanhecer até o sol-posto, para receberem dentro dos muros os desgraçados fugitivos, que

para ali corriam de todas as terras próximas, temendo a chegada dos bárbaros muçulmanos: nove dias lhes ofereceram os muros de Áuria este asilo transitório; passados eles, as pesadas portas se aferrolharam. Havia justamente um instante, que o som dos ferrolhos e batentes tinha repercutido nos ouvidos dos sentinelas, quando se ouviu clamar na atalaia: «Mouros! Eis os mouros!»

Passou uma hora — hora durante a qual todos os corações estavam cheios de uma resolução inabalável e sofrida, a qual se reforçava a cada momento mais. Ela passou — e as portas de Áuria foram cercadas. Não pelos mouros! — ainda não pelos mouros; mas pelo tropel desvairado dos camponeses, que em altos gritos pediam guarida. Ainda que só por uma hora mais se concedesse a entrada, os de novo chegados eram tantos, que bastariam para povoar uma cidade inteira. Debalde lhes diziam os de dentro que Áuria estava já atulhada; as palavras, que lhes dirigiam para acalmar a sua desesperação, não faziam senão excitar mais altos e enfurecidos clamores. A cada instante se aproximava mais o inimigo. Os soldados, que das alturas fortificadas tinham, sem se comoverem,

escutado as pragas e as ameaças dos homens, pareciam já não poderem resistir ao olhar suplicante e aos gemidos profundos das mulheres, que imploravam piedade; mas os cabos de guerra estavam firmes na resolução tomada: com os olhos enxutos e os corações partidos de dor, recusaram absolutamente abrir as portas, vendo bem que a imediata consequência disso seria a destruição de todos. Entretanto fizeram deitar das muralhas abaixo todas as armas que se podiam dispensar; e os que estavam de fora apenas tiveram tempo de lançar mão delas, e formarem um círculo à roda das mulheres e filhos, antes da chegada dos seus cruéis perseguidores. Os valentes de Áuria desejariam voar no seu socorro; mas não era possível abrir as portas em tal crise: seria um louco heroísmo o tentá-lo. Naquele momento, com um tremendo Allah! e com a ferocidade de selvagens, os maometanos correram à sua presa. No princípio os desesperados godos ficaram tranquilos, e as suas caras imóveis, como se fossem de bronze; depois, como por um impulso do instinto, posto que tão mal armados, deram sobre o inimigo com tal fúria, que lhe fizeram bem conhecer a receção que deviam esperar em Áuria, dando ao mesmo tempo aos seus compatriotas, que das ameias

olhavam para eles espantados, uma lição semelhante à que deu Leónidas com os seus trezentos soldados ao resto da Grécia (*). Breve acabou a sua resistência inútil: seguiu-se uma horrível matança de velhos e de inválidos — uma bárbara carnificina de mulheres; depois uma pausa silenciosa. Tinha anoitecido.

[(*) Lição que deu Leónidas ao resto da Grécia: Alusão à batalha do desfiladeiro das Termópilas, em que Leónidas, rei de Esparta, apenas com trezentos soldados, conseguiu deter o avanço de Xerxes I, rei da Pérsia, que acabou por vencer devido apenas a um erro estratégico do adversário. Antes de morrer, Leónidas mandou gravar num dos rochedos do desfiladeiro a legenda: «Viandante, vai dizer a Esparta que morremos aqui, em obediência às suas leis.»]

Os vencedores descansaram um dia da sua obra de sangue, talvez para cobrar alento, talvez à espera de novas cabildas da sua raça sanguinária, que à pressa se aproximavam. Nem os de dentro podiam capitular, nem os de fora ofereciam condições para isso: veio e passou o terceiro dia do cerco, e os cercados indignavam-se do repouso e vagar dos infiéis. Mil dos mais esforçados

resolveram-se a fazer uma correria, e a acometê-los. Afonso, guerreiro ilustre, os devia capitanear.

Entregue às preocupações daquela audaz entrepresa, Afonso sentia o coração bater-lhe de exultação, e trasbordando de gozo afagava o seu ligeiro cavalo. Guerreando por outras terras, não tinha assistido à batalha de Xerez; mas depressa lhe havia chegado aos ouvidos o brado da ruína da sua pátria. Nem duvidoso, nem secreto era o assustador progresso do inimigo da Cruz, o qual enchia de terror todas as nações da cristandade. Olhado de longe, maior ainda se representava o dano: era como um prodígio que fazia tremer os homens; era como se um cometa, até então desconhecido, tivesse aparecido nos céus, e corresse com a rapidez do relâmpago para a terra ameaçada por ele. Afonso ouvira contar a vitória e os triunfos dos muçulmanos no seu país natal; e a indignação, e pensamentos eivados de remorsos ardiam dentro na sua alma. Decerto, para dar asas à pressa que tinha de voltar, não era preciso saber que Elfrida — a prometida esposa — existia num país entregue à devastação de infiéis.

Quando pela última vez pousara nas salas do seu castelo, os pensamentos que tinha, os sonhos que sonhava, eram de prazer e de glória. E agora a vergonha de tantos reveses era dentro dele um fogo devorador, que estava a ponto de chamejar! Elfrida refugiara-se em Áuria, antes da chegada de Afonso: nove dias depois ele chegou ali, seguido de um tropel numeroso.

Ao enxergarem-se em distância os flutuantes pendões dos maometanos, o guerreiro e a sua amante olhavam de um cubelo para as planícies, que se estendiam em frente de Áuria.

— Lá, lá ao longe — disse o cavaleiro — onde os estandartes da blasfémia ondeiam, jaz o nosso aprazível senhorio. Nosso! Oh não! Louca vaidade foi quem me inspirou esta palavra: não é já nosso; nunca mais o será. Agora mesmo ele é calcado aos pés do cavalo árabe. Oh! eles são vagarosos! Há tanto tempo que os observo, e parece que estão imóveis!

O róseo rosto de Elfrida estava voltado para ele — e sem descorar de susto. O cavaleiro cravou nela os olhos.

— Elfrida — disse ele —, os mouros não te assassinarão; não poderão assassinar-te! — E depois de uma pausa acrescentou, com ar duvidoso, e um tanto carregado: — Que te parece, Elfrida, não podes tu vir ainda a ser esposa de um muçulmano?

Ela recuou a estas palavras, como se uma blasfémia lhe tivesse retumbado nos ouvidos.

— E és tu, Afonso — exclamou —, és tu que perguntas a Elfrida se tem o coração de um apóstata?

Sua voz, seu gesto, seu lindo rosto demudado pelo horror, fizeram estremecer o guerreiro; mas antes de poder replicar, essa voz, esse gesto, essas faces tinham asserenado; e as lágrimas lhe borbulhavam nos olhos. Correndo o braço pela cara, ela as enxugou.

— Afonso — prosseguiu a donzela —, posso eu esquecer jamais os dias da infância e da juventude, em que juntos crescemos? Ser-me-ia dado esquecer a oração da inocência, que no mesmo dia a ambos nos ensinaram? Perderia eu a lembrança das horas deleitosas durante as quais, nestes

últimos anos, passeávamos juntos ao pôr do Sol, nas nossas aprazíveis veigas? Esquecerei eu jamais a hora atual?

E parou, porque a profunda comoção que sentia lhe embargava os sons articulados. Então o cavaleiro replicou com vivacidade.

— Oh sim! Esquece a hora presente: esquece ao menos esse instante em que tão iníquo pensamento achou expressões nos meus lábios.

Mas reanimando-se e olhando para ele, Elfrida continuou:

— Agora escuta-me, Afonso, e não te esqueças nunca do que te digo. Eu to ordeno: não ofereças a vida a uma certa destruição. Não é por amor de mim, nem de ti que to mando: é por amor da Hispânia. Quando Áuria deixar de existir, e nós, tristes mulheres, recebermos a honra de um sepulcro, tal como as ruínas destas torres demolidas, não te demores para tomar uma inútil vingança: foge para as remotas Astúrias; lá vagueiam ainda muitos esforçados guerreiros, e seja o teu cuidado único, junto com eles, o de redimir das mãos dos infiéis o nosso malfadado país.

Então Afonso, cheio de admiração e gozo, exclamou:

— Tu o mandas! Eu consagrarei à Hispânia esta espada: mas tu não morrerás aqui, nem para isso eu pouparei a vida. Se o Céu o consente, Elfrida, nunca nos separaremos! Promete-me uma coisa!

— Eu ta prometo.

— Pois bem! Se os infiéis submeterem Áuria, vem ter comigo aqui.

Separaram-se — e o inimigo chegou esse mesmo dia, antes do pôr do Sol.

***

Há três dias que os mouros estavam acampados diante de Áuria, quando Afonso e os seus soldados impacientes saíram ao campo. As portas fecharam-se atrás deles. Ei-los travados com o inimigo!

Nunca tão rijo encontro tinham experimentado os invasores. Mortal vingança guiava as espadas dos godos, e durante muito tempo o conflito não parecia mais do que

uma ceifa de vidas e membros de mouros. Os infiéis iam fugindo diante dos cristãos, por tal modo, que parecia os tomavam pelo feroz Éblis (*), e pelos demónios seus companheiros, vindos à voz do profeta a castigá-los de terem, por três dias, demorado o assalto.

[(*) Êblis: O equivalente árabe para Satanás.]

Os mil de Áuria cortavam nos mouros com um furor incansável, oferecendo assim repetidas hecatombes às cinzas dos compatrícios assassinados. Nenhum deles estava ainda ferido; mas o inimigo já os estreitava. Afonso fez reunir aquele punhado de heróis. Os mouros tinham voltado sobre eles com todo o seu poder, e começavam a fazer nos godos uma terrível matança: na volta para a cidade quatrocentos deles caíram mortos; mas ressoaram em Áuria as orações e as graças ao Céu, quando os seiscentos voltaram com o seu capitão.

Acabaram as demoras no exército dos exasperados invasores. Nem descanso nem piedade deviam esperar já os

godos. Diariamente eles iludiam as esperanças dos mouros, posto que mesmo as solenes horas da noite (a noite por quem tantas vezes suspiram os desgraçados) — as horas do desejado descanso não lhes traziam repouso; mas, pelo contrário, os allahs dos moslemes, e o retinir dos alfanges e o estrépito dos furiosos agarenos, subindo a alguma nova brecha, e caindo despenhados dela, e os gritos de aplauso dos cristãos — eram os sons que despertavam os ecos noturnos da cidade silenciosa, e que não cessavam desde o anoitecer até o despontar da manhã.

Um coro lamentável se ouvia em Áuria — tal como nunca se tinha ouvido — e gemidos de íntima aflição ressoavam em toda a cidade como se fosse uma voz única. A fome tinha chegado. Os velhos e os principais do povo se reuniram em conselho, e a incerteza fazia bater insuportavelmente todos os corações; mas ninguém se lembrava de ceder ao odioso conquistador. Levantou-se então um velho para falar: o seu porte era majestoso; a sua cara a de um profeta; mas a espada lhe pendia da cinta. Tinha a cabeça descoberta, e os longos, raros e alvos cabelos lhe caíam sobre os ombros; porém sua voz, forte e

clara, não estava ainda sumida pela idade, nem pelas desditas.

— Não cedamos — começou ele —, não cedamos! Talvez Deus nos envie socorro.

O velho olhou para a multidão esfaimada que o rodeava, e ergueu os olhos ao Céu; mas recolhendo em si toda a sua energia voltou a romper o silêncio.

— Qual dentre nós não tem encarado cem vezes a morte? Qual de nós a temerá agora? Por mim estou resolvido: sou velho, assaz velho, de mais tenho eu vivido! Não mais tornarei a provar o pão que diariamente recebo: eu o cedo aos homens jovens e robustos; muitos outros de bom grado farão o mesmo. Este é pois o meu conselho: em Áuria há sustento para nove dias, ainda sendo repartido por todos; divida-se o povo em duas partes: metade defenderá a cidade por dezoito dias destes ímpios africanos, e talvez durante esse tempo sejam socorridos; a outra metade junte-se comigo, retiremo-nos para o lado ocidental da cidade, e morramos às mãos da fome: isto não é mais do que receber dez dias antes a coroa do martírio; ou, se a alguém isso

convier, saia ao inimigo para morrer ou salvar-se, podendo, nas montanhas vizinhas.

Calou-se o velho e desapareceu. Tudo ficou sepultado num silêncio semelhante ao da morte.

Às vezes sente-se um ruído soturno e subterrâneo, que precede e anuncia o próximo terremoto: assim daí a pouco começou um murmúrio de vozes confusas entre a multidão; depois, palavras mais altas, mas ininteligíveis; rapidamente cresceu o burburinho com altas expressões de angústia, posto que a espaços um terrível silêncio prendia todos os lábios.

Então retumbou nos baluartes:

— Mouros! Mouros! Foge, foge!

O tropel que estava reunido gelou. Todos arrancaram das espadas e ficaram imóveis porque era inútil fugir. Os despiedados infiéis tinham levado a melhoria. O seu campo havia estreitado os muros e podido romper para dentro. Áuria estava perdida.

Era pelo fim da tarde, e o Sol mergulhou-se nas trevas; mas toda a noite os indomáveis godos sustentaram a lide. A

cada instante se rareavam as suas fileiras, e a cada instante dobrava a firmeza neles. Ao romper do dia é que viram com espanto a que número estavam reduzidos. Como a seara madura, que espera pela foice do segador, assim eles foram ceifados: uns ao pé dos outros caíram até não restar um só que brandisse o ferro contra o seu destruidor.

Afonso, com vinte dos seus fiéis soldados, tinha-se retirado furioso da desigual batalha. E onde estava Elfrida? A torre em que a devia encontrar era já meia por terra, e correndo para lá, viu que um grande número dos seus compatriotas tinha-se retirado para ali como para um lugar de refúgio, onde seus irmãos e os seus pais as defendiam ainda dos bárbaros com a ferocidade de leões, aguilhoados pelo delírio da desesperação, que gerava neles um valor mais que humano.

Afonso e os seus passaram a toda a brida através das fileiras inimigas, e fazendo o último esforço chegaram à torre. A falange dos godos se abriu para os receber, e deu um grito de frenética alegria vendo ainda vivo o seu capitão. Elfrida ali se achava, e a promessa que fizera estava cumprida. O guerreiro pregou nela os olhos

lampejantes, mas sem se lhe ouvir uma palavra. Voltou o seu cavalo, coberto de escuma e de sangue, e que corria avante furioso.

— Agora, Santiago! (*) — aclamou ele. — Estes pagãos malditos de Deus não ganharão uma fácil vitória.

[(*) Aclamação de guerra do cristão da Península Ibérica da época. Santiago ou "Sant'Iago", era, durante a idade média, considerado como o padroeiro da Hispânica visigótica. Portugal quando se fundou como reino manteve o Santiago como padroeiro até ao reinado de Dom Afonso IV (1291 — 1357), altura em que substitui-o por São Jorge, mudando, com também o seu grito de batalha para "Por São Jorge".]

Logo que os muçulmanos o viram, reconheceram-no pelas plumas do elmo, e por aquela espada cortadora que tinham experimentado no combate em frente de Áuria pela primeira vez, e que desde este dia sanguinoso lhes era familiar, encontrando-a em todas as brechas e entre as primeiras que delas os rechaçavam. Até àquele momento os audazes godos, que lutavam mais como demónios, do que como homens, os tinham entretido à entrada do baluarte;

mas depois que os infiéis o viram retiraram-se precipitadamente. Era esta a crise, e Afonso, vendo que muitos dos seus compatrícios perseguiam os fugitivos levando-os diante de si, aproveitou a ocasião. Voltou apressadamente à torre, com outros que o acompanhavam, e antes de meia hora Elfrida estava fora de Áuria, as chamas de cujos palácios subiam já ao céu, e ao seu lado caminhava Afonso com doze homens, que lhe restavam.

Três dias de indistinta matança — três dias de fogo devorador, e Áuria estava reduzida a pó. Cada habitação era um sepulcro, as ruínas fumegantes de cada palácio eram um monumento da morte, e cada torre dentro dos seus muros vacilantes era uma vasta catacumba cheia de humanos cadáveres.

Seguindo sempre avante, Afonso volveu os olhos para a cidade vencida. As bandeiras tremulantes dos agarenos se descobriam em distância, e as armas lampejavam com os raios do Sol. Ele era perseguido. Ainda aqueles bárbaros não tinham saciado a sua sede de sangue cristão, e o deixar escapar uma vítima era generosidade que eles não conheciam; pelo contrário, a estes sectários de uma

religião cruel a compaixão parecia uma impiedade. Ansiosamente prosseguiam os fugitivos seu caminho por uma planície coberta só de ruínas. Eles fugiam para o norte; mas os mouros os alcançaram com a rapidez de um turbilhão. Estavam ainda próximos de Áuria, e o cavalo em que ia Elfrida tropeçou num elmo quebrado e caiu. Acontecimento fatal! Afonso gritou aos seus:

— Volta, volta: façamos-lhes frente!

Mas apenas tinham ajudado Elfrida a cavalgar outra vez, e iam obedecer à voz do seu capitão, já os seus perseguidores eram de envolta com eles. Não houve um momento para deliberar; a multidão dos mouros cercava os heróis, e a batalha não podia durar muito entre os combatentes. Coberto de feridas, que jorravam sangue, Afonso caiu, e Elfrida, vendo isto, se arremessou também por terra: seu desejo era morrer; porém no meio do tumulto não houve uma propícia mão que a ferisse, nem um cavalo furioso que debaixo dos pés a calcasse. Em menos de uma hora ela se achava cativa nas tendas de Islão.

Um godo desleal, que havia abjurado a Cruz, era o guarda das cativas. Não era Elfrida a única dentre os

cristãos que ali se achava: mais três filhas de Áuria estavam com ela. Durante muitos dias foi esse miserável godo o único ser humano que viram: entre um povo estranho cuja língua não entendiam, vê-lo tinha-se tornado numa espécie de consolo, e ansiosas esperavam sempre a hora periódica em que devia voltar. Era ele o único intérprete das ordens dos seus senhores, e só abria a boca para lhas comunicar. Ainda assim alegravam-se ao sentir-lhe passos; e a voz de um renegado era grata aos seus ouvidos porque exprimia os sons da cara linguagem materna. Só elas tinham escapado ao extermínio geral; e guardada lhes estava a escolha entre a apostasia e a morte. Contudo a sua prisão não era dura; e só se podiam chamar cativas pelo estrito cuidado que havia em lhes impedir a fuga. Todas elas eram novas, todas belas, todas órfãs: pais, mães, parentes, amantes, amigos, todos aos seus olhos foram mortos; e elas, oh abismo de ignomínia! , só tinham sido salvas para saciar os ‘desejos de algum dos bárbaros conquistadores. Breve chegou o instante em que era preciso escolher ou a conservação de uma vida eternamente oprobriosa ou a morte com fama imortal.

Trazendo esta horrível mensagem, as faces descarnadas do velho godo estavam pálidas como de susto:

— Morrei! ou abandonai a fé do Crucificado!

Foi com voz trémula que ele disse isto. As cativas não sentiam um terror semelhante ao seu: sem demora, sem o amor da vida as fazer contender sobre qual seria a primeira, olhando para o apóstata, com amargo desprezo, escolheram a morte, e uma a uma foram conduzidas ao suplício. Chegou a vez de Elfrida, que para lá se encaminhou pensativa, mas firme. De repente, voltando-se, perguntou ao godo com voz tranquila:

— Pode acaso ser-me dado tempo para escolher?

Depressa levou ele recado aos seus senhores, e depressa voltou com a resposta.

— Tendes doze horas: no fim delas, dareis forçosamente a decisão.

E muitos muçulmanos deslumbrados pela sua formosura seguiram com os olhos a cativa, que semelhava uma rainha no meio dos guardas que a levavam à sua prisão.

***

Passadas três horas o intérprete chegou: era este o espaço que devia mediar entre uma e outra visita. Isto lhe fora ordenado sob pena de morte. Não se atreveu a falar a Elfrida, porque esta não olhou para ele ao entrar, como costumava; e sem dar palavra voltou a sair outra vez.

Passaram mais três horas e o godo voltou outra vez.

— Senhora, trago boas novas! — disse ele. — Abdelazim, nobre árabe do nosso campo, me envia a vós; ele vos manda dizer que vos ama. Será para vós bem suave destino o viver, e serdes sua esposa querida. Mas escutai-me: ainda vos direi mais: foi Abdelazim quem nos campos vizinhos de Áuria vos ergueu do chão, onde jazíeis desmaiada, e onde se não fosse ele seríeis calcada aos pés dos cavalos. Foi ele quem vos salvou das espadas dos seus companheiros, que vos atalharam a fuga. Foi ele quem para aqui vos conduziu a salvo.

— Era porventura — perguntou a altiva dama — um cavaleiro, cujo turbante era mais elevado, e cujos trajos eram mais ricos, do que os dos seus camaradas?

— O mesmo — replicou o godo.

— Então é ele também — exclamou Elfrida — quem derrubou Afonso, o mais valente guerreiro de Áuria! Escuta-me, pois, oh godo; a minha resposta é esta, e não o duvides. Estou resolvida a morrer!, nem creias que receio a morte. Perseguiu-me, a noite passada, a ideia de que o Céu me guardava outros fados, e que brevemente a sua omnipotência viria no meu socorro. Não penses, portanto, que uma vil hesitação me fez pedir esta demora de doze horas: eu previa que era necessária ainda na Terra, e que não devia morrer tão cedo. Quaisquer que sejam os meus destinos, eu não descerei ao sepulcro, sem os ver cumpridos. Agora pensa um pouco: que és tu aqui? Um desprezível apóstata, de quem estes mesmos bárbaros se não fiam inteiramente. Em algum momento de desconfiança te assassinarão. Queres tu ser rico? Queres tu possuir as pompas e grandezas que a riqueza te pode alcançar noutro qualquer país? Godo, responde-me!

O seu olhar feroz, que penetrava até os seios da alma, aterrou o assustado velho, que ficou mudo diante dela. Elfrida percebeu a sua perturbação, e antes dele poder responder, continuou com altivez:

— Eu tenho mais riquezas do que todas as que tu podes imaginar nos teus sonhos de ambição. Serão tuas, oh godo; serão tuas!, e com elas poderás fugir para algum país mais seguro do que este. Para destruir tuas dúvidas neste mesmo lugar te posso dar um sinal do que te farei possuir. Em paga de tais benefícios só te peço uma coisa: que executes com fidelidade, por oito dias, as minhas ordens, e só as minhas. Não hesites! Não te é novo o mudar de senhor. Já deixaste a mais nobre causa, para seguir a mais vil: não te deve custar agora tanto o trocar o mal pelo bem. Sabe mais que nada arriscarás no serviço que te peço: sendo-me leal, estás seguro. Lembro-te que eu não receio morrer: que até a isso estou resolvida. Se me atraiçoares a ti só atraiçoas. Ficaste imóvel? Vai, pensa uma hora: não mais; depois torna aqui.

Dizendo isto voltou-lhe as costas, e o seu guarda desapareceu.

Elfrida apenas podia conter a satisfação de assim haver enredado o godo. Nunca houve hora, que lhe parecesse tão longa como esta; e crendo antes de tempo que ela tinha passado, já começava a temer que o vil apóstata não voltasse; mas finda ela. o godo voltou.

— Senhora — disse ele —, pensei nas palavras que me haveis dito, e não posso obedecer-vos. Formosa dama, eu me compadeço de vós!

— Compadeceres-te de mim! — interrompeu ela, sufocada de furor. — Compadeceres-te de mim! Desgraçado! Compadece-te de ti que estás no meu poder! Que atrevimento é o teu? Que significam estes elogios que me fazes de formosa? Agora compreendo bem o sentido das tuas lisonjeiras e doces expressões. Abdelazim verá como executaste fielmente a comissão, de que te encarregou. Saberá o árabe teu senhor que buscaste substituí-lo e empolgar a sua presa.

O apóstata ficou aterrado; mas entrando em si, no mesmo instante, respondeu com um sorriso.

— Débil mulher! E quem referirá ao nobre árabe o conto sentimental da presunção do teu intérprete?

— Quem, dizes tu? — clamou Elfrida com o acento de uma raiva profunda, e parou; mas por um momento. — Quem? tu mesmo! Serás tu em ferros quem lho diga. Oh lá!, não há aí guardas? É esta a hora própria de entrares assim clandestinamente no quarto da tua cativa? Ainda não passaram três horas depois que estiveste aqui. Oh lá, guardas!

E ela corria para a porta.

— Parai, parai, senhora! — clamou o godo aterrado.

— Fala já! — gritou a desvairada Elfrida, com uma voz retumbante. — Fala já, ou morres por ter aqui entrado. Não te demores; ajoelha, e promete de ser meu servo, só por estes oito dias, de que te falei; e a vida e as riquezas serão tuas.

Ela tinha a dextra estendida para o godo, e vendo-o irresoluto e estupefacto, lhe arrancou um punhal, que tinha à cintura, pendurado junto do alfange, e ia outra vez dirigir-se para a porta. Então o velho caiu aos seus pés.

— Jura em nome do Céu! — disse ela; e, humilde, o renegado deu o pedido juramento.

Elfrida se tranquilizou pouco a pouco:

— Agora procura Abdelazim — prosseguiu ela. — Diz-lhe que o meu nome é Elfrida e que nada mais saberá. Vai e assegura-lhe que serei sua esposa.

Então tirando uma joia que tinha escondida:

— Aí tens — acrescentou — o prometido sinal das riquezas que te ofereci (os olhos do godo brilharam de prazer), mas guarda-te que os mouros a vejam, porque não seria tua muito tempo! Diriam até que a roubaste.

Quanto ao punhal eu não to restituirei; ele será uma testemunha contra ti, se me fores desleal. Toma pois cuidado: depois te darei novas ordens. Entretanto dirigi-te a Abdelazim, única pessoa que eu consentirei de mim se aproxime.

O assombrado apóstata saiu da sua presença ao ouvir estas últimas palavras; e ela ficou sozinha.

***

Era noite: mas noite daquelas em que o existir é um prazer bem doce — plácida e quieta por tal modo, que devia inspirar ao coração humano o amor da paz e da piedade. O céu, a terra, o ar, tudo parecia trasbordar de alegria, ora soando o harmonioso murmúrio da viração, ora quando tudo jazia adormecido no silêncio do repouso.

Tal era a noite. E numa tenda sumptuosa a formosa Elfrida esperava a chegada do seu novo senhor.

Coberta de roupas magníficas, que o mosleme lhe tinha mandado: as joias brilhantes (que talvez tinham sido suas) lhe coroavam de novo a nobre cara e lhe circundavam o puro seio.

Um grande número de desconhecidos esperavam mudos as suas ordens, e um silêncio não interrompido reinava naquela câmara sumptuosa.

Tão profundo era ele, que Elfrida tinha, caído num letargo, de que a despertou um suspiro saído do próprio seio, e que bem indicava as ideias tremendas que lhe

passavam pela mente. Neste instante, porém, ela reassumiu todo o vigor da sua alma; e a resolução que tomara tornou-se inabalável.

Elfrida estava mudada — e quanto mudada! Os seus olhos, tão meigos antes, brilhavam agora com um fulgor descostumado, e as belas formas do seu corpo estavam convulsas, bem que ela o procurasse esconder. Sinistros eram por certo os pensamentos que dominavam o seu coração.

Um estrépito de passadas e vozes lhe deu a conhecer que Abdelazim chegava. Ele com efeito entrou seguido do renegado. O ar majestoso de Elfrida parecia havê-lo deslumbrado: entretanto ela, vendo que o intérprete se ia retirar, lhe falou na linguagem do país, que o seu novo amante não entendia.

— Godo — lhe disse —, corre, e conduz dois cava-los ligeiros para perto daqui. Volta imediatamente, que já me acharás pronta.

Abdelazim ficou espantado do ar de autoridade com que ela pronunciou estas palavras; mas um sorriso de Elfrida

asserenou suas suspeitas; e falando também com o velho, lhe disse em árabe:

— Vai-te e manda embora os outros servos; eu me demorarei aqui.

Imediatamente foi obedecida.

Elfrida ajoelhou vagarosamente ao aproximar-se dela o árabe. O seu longo e branco véu lhe cobriu o corpo inteiro. O amoroso bárbaro se inclinou para erguê-la, e quando ia a pronunciar as doces palavras que o intérprete lhe ensinara: «Não temas, senhora», o punhal de Elfrida lhe rasgou as entranhas.

Ele caiu — Elfrida ficou outra vez só.

Com o sanguento punhal apertado na mão, ela saiu do quarto. Ligeiramente e sem estrépito, mas trémula e com as faces ardentes, passou o acampamento dos muçulmanos. Ali encontrou o godo, que apressado a procurava. Por medo ou por avareza, ou, talvez, porque um sentimento religioso e patriótico havia voltado ao seu coração, ele cumprira a palavra. Contudo ao ver o ar desvairado e ameaçador de Elfrida ficou horrorizado.

— Abdelazim está morto! — ouvindo isto o velho recuou de terror — mas tu, godo, cumpriste o teu dever.

Então, arrojando de si as joias que a enfeitavam, prosseguiu:

— Recebe esses objetos de maldição! As riquezas que te prometi encontrá-las-ás nos subterrâneos que existem debaixo das ruínas do mais sumptuoso palácio que havia em Áuria.

Nada mais disse; e voltando as rédeas ao cavalo, em que já tinha montado, fugiu na direção das montanhas do norte.

Ai! Ela não sabia que Afonso era vivo; nem ele os actos heroicos do inextinguível amor de Elfrida.

Os plainos de Áuria não tinham sido para Afonso o leito de morte. Exaurido de forças, caíra entre o montão dos mortos e moribundos; mas enfim despertou do seu desmaio, e pôde salvar-se.

Brevemente souberam os mouros, à própria custa, que ainda vivia! Mas onde estava ele nesta noite medonha, em que Elfrida fugia sozinha do campo dos infiéis?

***

Os habitantes do vizinho vale contaram que naquela noite se ouviram os agudos gritos de Elfrida, ao passar na proximidade das suas choupanas solitárias, e que ressoara o galope do seu cavalo, subindo a encosta da parte menos acessível da montanha.

O vento conduzia ainda ao longe o alto e amargo riso da sua desesperação; mas ela nunca mais foi vista. Um cavalo ricamente ajaezado apareceu solto junto das habitações da aldeia: muitos diziam que era o dela; mas outros pelo contrário afirmavam que não, e que Elfrida vivera longo tempo, ermando em distantes montanhas, donde às vezes nas longas noites de Inverno voltava sozinha, e montada no seu cavalo bravio, à habitação querida da infância; porém que, aproximando-se alguém, logo desaparecia.

E ainda agora, muitas vezes, ao anoitecer, segundo dizem os crédulos camponeses, a alma errante de Elfrida anda pelas planícies de Áuria.

Também os velhos contam terem visto o seu espectro nas noites de alguns invernos, que já lá vão há muito, e que as mesmas criancinhas se arrepiavam, ao ouvir nas horas de modorra os seus altos clamores de aflição.

Agouro de mau fado é o escutar os sons inarticulados destas almas errantes: assim, quando ressoa a voz noturna da dona de Áuria, todas as raparigas do vale rezam, e fazem promessas aos santos da sua maior devoção.

O ALCAIDE DE SANTARÉM

(SÉCULO X)

CAPÍTULO I

O guadamellato é uma ribeira que, descendo das solidões mais agras da Serra Morena, vem através de um território montanhoso e selvático desaguar no Guadalquivir pela margem direita, pouco acima de Córdova. Houve tempo em que nestes desvios habitou uma população numerosa: foi nas eras do domínio sarraceno em Hispânia. Desde o governo do amir Abul-Khatar o distrito de Córdova fora distribuído ás tribos árabes do Yemen e da Syria, as mais nobres e mais numerosas entre todas as raças da Africa e da Asia, que tinham vindo residir na Península por ocasião da conquista ou depois dela. As famílias que se estabeleceram naquelas encostas meridionais das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os hábitos erradios dos povos pastores. Assim no meio do décimo seculo, posto que esse distrito fosse assas povoado, o seu aspeto assemelhava-se ao de um deserto; porque nem se descortinavam por

aqueles cabeços e vales vestígios alguns de cultura, nem alvejava um único edifício no meio das colinas rasgadas irregularmente pelos algares das torrentes, ou cobertas de selvas bravias e escuras. Apenas um ou outro dia se enxergava na extrema de algum almargem virente a tenda branca do pegureiro, que no dia seguinte não se encontraria ali, se porventura se buscasse.

Havia, contudo, povoações fixas naqueles ermos; havia habitações humanas, porém não de vivos. Os árabes colocavam os cemitérios nos lugares mais saudosos dessas solidões, nos pendores meridionais dos outeiros, onde o sol, ao pôr-se, estirasse de soslaio os seus últimos raios pelas lajens lisas das campas, por entre os raminhos floridos das sarças açoutadas do vento. Era ali que, depois do vaguear incessante de muitos anos, eles vinham deitar-se mansamente uns ao pé dos outros, para dormirem o longo sono sacudido sobre as suas pálpebras das asas do anjo Azrael.

A raça árabe, inquieta, vagabunda e livre, como nenhuma outra família humana, gostava de espalhar na terra aqueles padrões, mais ou menos sumptuosos, do cativeiro e

imobilidade da morte, talvez para avivar mais o sentimento da sua independência ilimitada durante a vida.

No recosto de um teso, elevado no extremo de extensa gandra que subia das margens do Guadamellato para o nordeste, estava sentado um desses cemitérios pertencente á tribo Yemenita dos Beni-Homair. Subindo pelo riu, viam-se alvejar ao longe as pedras das sepulturas como um vasto estendal, e três únicas palmeiras, plantadas na coroa do outeiro, lhe tinham feito dar o nome de cemitério de al-tamarah. Transpondo o cabeço para o lado oriental, encontrava-se um desses brincos da natureza, que nem sempre a ciência sabe explicar: era um cubo de granito de desconforme dimensão, que parecia ter sido posto ali pelos esforços de centenares de homens, porque nada o prendia ao solo. Do cimo desta espécie de atalaia natural descortinavam-se para todos os lados vastos horizontes.

Era um dia á tarde: o sol descia rapidamente, e já as sombras começavam do lado de leste a empastar a paisagem ao longe em negrumes confusos. Assentado na borda do rochedo quadrangular um árabe dos Beni-Homair, armado da sua comprida lança, volvia olhos atentos, ora

para o lado do norte, ora para o de oeste: depois sacudia a cabeça com um sinal negativo, inclinando-se para o lado oposto da grande pedra. Quatro sarracenos estavam ali também sentados em diversas posturas e em silêncio, o qual só era interrompido por algumas palavras rápidas, dirigidas ao da lança, e a que ele respondia sempre do mesmo modo com o seu abanar de cabeça.

"Al-barr," — disse por fim um dos sarracenos cujo trajo e gestos indicavam uma grande superioridade sobre os outros — "parece que o kaid de Chantoryu(1*) esqueceu a sua injuria como o wali de Zarkosta(2*) a sua ambição de independência; e até os partidários de Hafsun, esses guerreiros tenazes, tantas vezes vencidos pelo meu pai, não podem acreditar que Abdallah realize as promessas que me induziste a fazer-lhes."

[(*) 1 — Santarém; 2 — Governador do Distrito de Saragoça.]

"Amir-al-melek"(1*) — replicou Al-barr — "ainda não é tarde: os mensageiros podem ter sido retidos por algum

sucesso imprevisto. Não creias que a ambição e a vingança adormeçam tão facilmente no coração humano. Diz, Al-athar, não te juraram eles pela sancta Kaaba (2*) que os enviados com a notícia da sua revolta e da entrada dos cristãos chegariam hoje a este lugar aprazado, antes do anoitecer?"

[(*) 1 — Príncipe real; 2 — O famoso templo de Mekka.]

"Juraram — respondeu Al-athar —; mas que fé merecem homens que não duvidam de quebrar as promessas solenes feitas ao kalifa, e além disso de abrir o caminho aos infiéis para derramarem o sangue dos crentes? Amir, nestas negras tramas tenho-te servido lealmente; porque a ti devo quanto sou; mas oxalá que falhassem as esperanças que pões nos tens ocultos aliados. Oxalá não tivesse de tingir o sangue as ruas de Korthoba, e não houvera de ser o supedâneo do trono que ambicionas o túmulo do teu irmão!"

Al-athar cobriu a cara com as mãos, como se quisesse esconder a sua amargura. Abdallah parecia comovido por duas paixões opostas. Depois de se conservar algum tempo em silêncio, exclamou:

"Se os mensageiros dos revoltosos não chegarem até o anoitecer, não falemos mais nisso. O meu irmão Al-hakem acaba de ser reconhecido sucessor do kalifado: eu próprio o aceitei por futuro senhor poucas horas antes de vir ter convosco. Se o destino assim o quer, faça-se a vontade de Deus! Al-barr, imagina que os teus sonhos ambiciosos e os meus foram uma kassidéh (1*) que não soubeste acabar, como aquela que debalde tentaste repetir na presença dos embaixadores do Frandjat,(2*) e que foi causa de caíres no desagrado do meu pai e de Al-hakem, e de conceberes esse odio que alimentas contra eles, o mais terrível odio deste mundo, o do amor próprio ofendido."

[(*) 1 — Poema de trinta versos, muito usado entre os árabes, e que correspondia de certo muilo ás nossas odes; 2 — Os reinos cristãos além dos Pirenéus.]

Ahmed Al-athar e o outro árabe sorriram ao ouvirem estas palavras de Abdallah. Os olhos, porém, de Al-barr faiscaram de cólera.

"Pagas mal, Abdallah, — disse ele com a voz presa garganta — os riscos que tenho corrido para te obter a herança do mais belo e poderoso império do Islão. Pagas com alusões afrontosas aos que jogam a cabeça com o algoz para te pôr na tua uma coroa. És filho do teu pai!... Não importa. Só te direi que é já tarde para o arrependimento. Pensas acaso que uma conspiração sabida de tantos ficará oculta? No ponto a que chegaste, retrocedendo é que hás de encontrar o abismo!"

No rosto de Abdallah pintava-se o descontentamento e a incerteza. Ahmed ia a falar, talvez para ver de novo se divertia o príncipe da arriscada empresa de disputar a coroa ao seu irmão Al-hakem. Um grito, porém, de atalaia o interrompeu. Ligeiro como relâmpago um vulto saíra do cemitério, galgara o cabeço, e se aproximara sem ser sentido: vinha envolto num albornoz escuro, cujo capuz quase lhe encobria as feições, vendo-se-lhe apenas a barba

negra e revolta. Os quatro sarracenos puseram-se em pé de um pulo, e arrancaram as espadas.

Ao ver aquele movimento, o que chegara não fez mais do que estender para eles a mão direita e com a esquerda recuar o capuz do albornoz: então as espadas abaixaram-se como se uma corrente elétrica tivesse adormecido os braços dos quatro sarracenos. Al-barr exclamara: — "Muulin (*) o profeta! Muulin o santo!..."

[(*) Muulin significa o triste.]

"Muulin o pecador: — interrompeu o novo personagem — Muulin, o pobre fakih (*) penitente e quase cego de chorar as próprias culpas e as culpas dos homens, mas a quem Deus por isso ilumina ás vezes os olhos da alma para antever o futuro ou ler no fundo dos corações.

[(*) Fakih ou faquir, espécie de frade mendicante entre os muçulmanos.]

Li no vosso, homens de sangue, homens de ambição! Sereis satisfeitos! O senhor pesou na balança dos destinos a ti, Abdallah, e ao teu irmão Al-hakem. Ele foi achado mais leve. A ti o trono; a ele o sepulcro. Está escrito. Vai; não pares na carreira, que não te é dado parar! Volta a Kortheba. Entra no teu palácio Merwan; é o palácio dos kalifas da tua dinastia. Não foi sem mistério que o teu pai to deu por morada. Sobe ao sotam (*) da torre. Aí acharás cartas do kaid de Chantarya, e delas verás que nem ele, nem o wali de Zarkosta, nem os Beni-Hafsun faltam ao que te juraram!"

[(*) Sotuko — o andar mais alto. Os nossos escritores tomavam esta palavra num sentido evidentemente errado, servindo-se delia para indicar o aposento inferior ou térreo.]

"Santo fakih — replicou Abdallab, crédulo como todos os muçulmanos daqueles tempos de fé viva, e visivelmente perturbado — creio o que dizes, porque nada para ti é oculto. O passado, o presente, o futuro domina-los com a

tua inteligência sublime. Asseguras-me o triunfo; mas o perdão do crime podes tu assegura-lo?"

"Verme, que te crês livre! — atalhou com voz solene o fakih. — Verme, cujos passos, cuja vontade mesma, não são mais do que frágeis instrumentos nas mãos do destino, e que te crês autor de um crime! Quando a frecha despedida do arco fere mortalmente o guerreiro, pede ela acaso a Deus perdão do seu pecado? Átomo varrido pela cólera de cima contra outro átomo, que vais aniquilar, pergunta antes se nos tesouros do Misericordioso há perdão para o orgulho insensato!"

Fez então uma pausa. A noite descia rápida. Ao lusco-fusco ainda se viu sair da manga do albornoz um braço felpudo e mirrado, que apontava para os lados de Córdova.

Nesta postura a figura do fakih fascinava. Coando pelos lábios as sílabas, ele repeliu três vezes:

"Para Merwan!"

Abdallah abaixou a cabeça, e partiu vagarosamente, sem olhar para traz. Os outros sarracenos seguiram-no. El-Muulin ficou só.

Mas quem era este homem? Todos o conheciam em Córdova; se vivêsseis, porém, naquela época e o perguntásseis nessa cidade de mais de um milhão de habitantes, ninguém vos saberia dizer. Era um mistério a sua pátria, a sua raça, donde viera. Passava a vida pelos cemitérios ou nas mesquitas. Para ele o ardor da canícula, a neve ou as chuvas do inverno eram como se não existissem. Raras vezes se via que não fosse lavado em lágrimas. Fugia das mulheres como de um objeto de horror. O que, porém, o tornava geralmente respeitado, ou antes temido, era o dom de profecia, o qual ninguém lhe disputava. Mas era um profeta terrível, porque as suas predições recaiam unicamente sobre futuros males. No mesmo dia em que nas fronteiras do império os cristãos faziam alguma correria, ou destruíam alguma povoação, ele anunciava publicamente o sucesso nas praças de Córdova: qualquer membro da família numerosa dos Beni-Umeyyas caia debaixo do punhal de um assassino desconhecido, na mais remota província do império, ainda das do Moghreb ou Mauritânia, na mesma hora, no mesmo instante ás vezes, ele o chorava redobrando os seus choros habituais. O terror que inspirava era tal, que no meio do maior

tumulto popular a sua presença bastava para tudo cair em mortal silêncio. A imaginação exaltada do povo tinha feito dele um santo, santo como o islamismo os concebia; isto é, um homem cujas palavras e aspeto gelavam de terror.

Ao passar por ele, Al-barr apertou-lhe a mão, dizendo-lhe em voz quase impercetível: "Salvaste-me!"

O fakih deixou-o afastar, e fazendo um gesto de profundo desprezo, murmurou:

"Eu?! Eu teu cúmplice, miserável?!"

Depois, levantando ambas as mãos abertas para o ar, começou a agitar os dedos rapidamente, e rindo com um rir sem vontade, exclamou:

"Pobres títeres!"

Quando se fartou de representar com os dedos a ida de escarnio que lhe sorria lá dentro, dirigiu-se, ao longo do cemitério, também para os lados de Córdova, mas por diverso atalho.

CAPÍTULO II

Nos paços de Azzahrat, o magnifico alcaçar dos kalifas de Córdova, há muitas horas que cessou o estrepito de uma grande festa. O luar de noite serena de abril bate pelos jardins que se dilatam desde o alcaçar até o Guad-al-kébir, e alveja trémulo pelas fitas cinzentas dos caminhos tortuosos, em que parecem enredados os bosquesinhos de arbustos, os maciços de árvores silvestres, as veigas de flores, os vergéis embalsamados, onde a laranjeira, o limoeiro, e as restantes árvores frutíferas, trazidas da Pérsia, da Syria e do Cathay, espalham os aromas variados das suas flores. Lá ao longe Córdova, a capital da Hispânia muçulmana, repousa da lida diurna, porque sabe que Abdu-r-rahman III, o ilustre kalifa, vê-la pela segurança do império. A vasta cidade repousa profundamente; e o ruído mal distinto que parece revoar por cima dela, é apenas o respiro lento dos seus largos pulmões, o bater regular das suas robustas artérias. Das almádenas de seiscentas

mesquitas não soa uma única voz de almuhaden, e os sinos das igrejas moçárabes guardam também silêncio. As ruas, as praças, os azokes, ou mercados, estão desertos. Somente o murmúrio das novecentas fontes ou banhos públicos, destinados ás abluções dos crentes, ajuda o zumbido noturno da sumptuosa rival de Bagdad.

Que festa fora essa que expirara algumas horas antes de nascer a lua, e de tingir com a brancura pálida da sua luz aqueles dois vultos enormes de Azzahrat e de Córdova, que olhavam um para o outro, a cinco milhas de distancia, como dois fantasmas gigantes envoltos em largos sudários? Na manhã do dia que findara, Al-hakem, o filho mais velho de Abdu-r-rahman, fora associado ao trono. Os walis, wasires e khatehs da monarquia dos Beni-Umeyyas tinham vindo reconhece-lo Wali-al-ahdi; isto é, futuro kalifa do Andalús e do Moghreb. Era uma ida afagada longamente pelo velho príncipe dos crentes que se realizara, e o júbilo de Abdu-r-rahman se havia espraiado numa dessas festas, por assim dizer fabulosas, que só sabia dar no seculo decimo a corte mais polida da Europa, e talvez do mundo, a do soberano sarraceno de Hispânia.

O palácio Merwan, junto dos muros de Córdova, distingue-se á claridade duvidosa da noite pelas suas formas maciças e retangulares, e a sua cor tisnada, bafo dos seculos que entristece e santifica os monumentos, contrasta com a das cúpulas aéreas e douradas dos edifícios, com a das almádenas esguias e leves das mesquitas, e com a dos campanários cristãos, cuja tez docemente pálida suaviza ainda mais o brando raio de luar que se quebra naqueles estreitos panos de pedra branca, de onde não se reflete, mas cabe na terra preguiçoso e dormente. Como Azzahrat e como Córdova, calado e aparentemente tranquilo, o palácio Merwan, a antiga morada dos primeiros kalifas, suscita ideias sinistras, enquanto o aspeto da cidade e da vila imperial unicamente inspiram um sentimento de quietação e paz. Não é só a negridão das suas vastas muralhas a que produz essa apertura do coração que experimenta quem o considera assim solitário e carrancudo; é também o clarão avermelhado que ressumbra da mais alta das raras frestas abertas na face exterior da sua torre albarran, a maior de todas as que o cercam, a que atalaia a campanha. Aquela luz, no ponto mais elevado do grande e escuro vulto da

torre, é como um olho de demónio, que contempla colérico a paz profunda do império, e que espera ansioso o dia em que renasçam as lutas e as devastações de que por mais de dois séculos fora teatro o solo ensanguentado de Hispânia.

Alguém vê-la, talvez, no paço de Merwan. No de Azzahrat, posto que nenhuma luz bruxuleei nos centenares de varandas, de miradouros, de pórticos, de balcões, que lhe arrendam o imenso circuito, alguém vê-la por certo.

A sala denominada do Kalifa, a mais espaçosa entre tantos aposentos quantos encerra aquele rei dos edifícios, devera a estas horas mortas estar deserta, e não o está. Dois lampadários de muitos lumes pendem dos artesões primorosamente lavrados, que, cruzando-se em ângulos retos, servem de moldura ao almofadado de azul e ouro, que reveste as paredes e o teto. A água de fonte perene murmura caindo num tanque de mármore construído no centro do aposento, e no topo da sala ergue-se o trono de Abdu-r-rahman, alcatifado dos mais ricos tapetes do país de Fars. Abdu-r-rahman está aí sozinho. O kalifa passeia de um para outro lado, com olhar inquieto, e de instante a instante pára e escuta, como se esperasse ouvir um ruído

longínquo. No seu gesto e meneios pinta-se a mais viva ansiedade; porque o único ruído que lhe fere os ouvidos é o dos próprios passos sobre o xadrez variegado, que forma o pavimento da imensa quadra. Passado algum tempo, uma porta, escondida entre os brocados que forram os lados do trono, abre-se lentamente, e um novo personagem aparece. No rosto de Abdu-r-rahman, que o vê aproximar, pinta-se uma inquietação ainda mais viva.

O recém-chegado oferecia notável contraste no seu gesto e vestiduras com as pompas do lugar em que se introduzia, e com o aspeto majestoso de Abdu-r-rahman, ainda belo apesar dos anos e dos cabelos brancos que começavam a misturar-se-lhe na longa e espessa barba negra. Os pés do que entrara apenas faziam um rumor sumido no chão de mármore. Vinha descalço. A sua aljarabia ou túnica era de lã grosseiramente tecida, o cinto uma corda de esparto. Divisava-se-lhe, porém, no despejo do andar e na firmeza dos movimentos que nenhum espanto produzia nele aquela magnificência. Não era velho; e todavia a sua tez tostada pelas injúrias do tempo estava sulcada de rugas, e uma orla vermelha circulava-lhe os olhos, negros, encovados e

reluzentes. Chegando ao pé do kalifa, que ficara imóvel, cruzou os braços e pôs-se a contempla-lo calado. Abdu-r-rahman foi o primeiro em romper o silêncio:

"Tardaste muito, e foste menos pontual do que costumas, quando anuncias a tua vinda a hora fixa, Al-muulin! Uma visita tua é sempre triste como o teu nome. Nunca entraste a ocultas em Azzahrat senão para me saciares de amargura; mas apesar disso eu não deixarei de abençoar a tua presença, porque Algafir — dizem-no todos e eu o creio — é um homem de Deus. Que vens anunciar-me, ou que pretendes de mim?"

"Amir-al-muminin (*), que pode pretender de ti um homem cujos dias se passam á sombra dos túmulos pelos cemitérios, e a cujas noites de oração basta por abrigo o pórtico de um templo; cujos olhos tem queimado o choro, e que não esquece um instante que tudo neste desterro, a dor e o gozo, a morte e a vida, está escrito lá em cima? Que venho anunciar-te?!. O mal; porque só mal há na terra para o homem, que vive como tu, como eu, como todos, entre o apetite e o rancor; entre o mundo e Eblis; isto é, entre os seus eternos e implacáveis inimigos!"

[(*) Príncipe dos crentes, título correspondente ao de kalifa]

"Vens, pois, anunciar-me uma desventura?!. Cumpra-se a vontade de Deus. Tenho reinado perto de quarenta anos, sempre poderoso, vencedor e respeitado; todas as minhas ambições tem sido satisfeitas, todos os meus desejos preenchidos; e todavia nesta longa carreira de glória e prosperidade só fui inteiramente feliz quatorze dias da minha vida. Pensava que este fosse o décimo quinto. Devo acaso apaga-lo do registo em que conservo a memória deles, e em que já o tinha escrito?"

"Podes apaga-lo: — replicou o rude fakih — podes, até, rasgar todas as folhas brancas que restam no livro. Kalifa! vês estas faces sulcadas pelas lágrimas? vês estas pálpebras requeimadas por elas? Duro é o teu coração, mais que o meu, se em breve as tuas pálpebras e as tuas faces não estão semelhantes ás minhas."

O sangue tingiu o rosto alvo e suavemente pálido de Abdu-r-rahman: os seus olhos serenos como o céu, que

imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revólver dos combates, olhar esse que só por si fazia recuar os inimigos. O fakih não se moveu, e pôs-se a olhar também para ele fito.

"Al-muulin, o herdeiro dos Beni-Umeyyas pode chorar arrependido dos seus erros diante de Deus; mas quem disser que há neste mundo desventura capaz de lhe arrancar uma lágrima, diz-lhe ele que mentiu!"

Os cantos da boca de Al-gafir encresparam-se com um quase impercetível sorriso. Houve um largo espaço de silêncio. Abdu-r-rahman não o interrompeu: o fakih prosseguiu:

"Amir-al-muminin, qual dos teus dois filhos amas tu mais? Al-hakem, o sucessor do trono, o bom e generoso Al-hakem, ou Abdallah, o sábio e guerreiro Abdallah, o ídolo do povo de Korthoba?"

"Oh, — replicou o kalifa sorrindo — já sei o que me queres dizer. Devias prever que a nova viria tarde, e que eu havia de sabe-lo... Os cristãos passaram a um tempo as fronteiras do norte e do oriente. O meu velho tio Al-mod-

dhafer já depôs a espada vitoriosa, e crês necessário expor a vida de um deles aos golpes dos infiéis. Vens profetizar-me a morte do que partir. Não é isto? Fakih, creio em ti, que és aceito ao Senhor; mas ainda creio mais na estrela dos Beni-Umeyyas. Se eu amasse um mais do que outro não hesitaria na escolha: fora esse que eu mandara, não á morte, mas ao triunfo. Se, porém, essas são as tuas previsões, e elas tem de realizar-se, Deus é grande! Que melhor leito de morte posso eu desejar aos meus filhos do que um campo de batalha em al-djihed *(guerra santa)* contra os infiéis?"

Al-gafir escutou Abdu-r-rahman sem o menor sinal de impaciência.

Quando ele acabou de falar repetiu tranquilamente a pergunta:

"Kalifa, qual amas tu mais dos teus dois filhos?"

"Quando a imagem pura e sancta do meu bom Al-hakem se me representa no espirito, amo mais Al-hakem: quando com os olhos da alma vejo o nobre e altivo gesto, a cara

vasta e inteligente do meu Abdallah, amo-o mais a ele. Como te posso eu, pois, responder, fakih?"

"E todavia é necessário que escolhas, hoje mesmo, neste momento, entre um e outro.

Um deles deve morrer na próxima noite, obscuramente, nestes paços, aqui mesmo talvez, sem glória, debaixo do cutelo do algoz, ou do punhal do assassino."

Abdu-r-rahman recuara ao ouvir estas palavras: o suor começou a descer-lhe em bagas da cara. Bem que tivesse mostrado uma firmeza fingida, sentira apertar-se-lhe o coração desde que o fakih começara a falar. A reputação de iluminado de que gozava Al-muulin, o caracter supersticioso do kalifa, e mais que tudo, terem verificado todas as negras profecias que num longo decurso de anos ele lhe fizera, tudo contribuía para aterrar o príncipe dos crentes. Com voz trémula replicou:

"Deus é grande e justo. Que lhe fiz eu para me condenar no fim da vida a perpetua aflição, a ver correr o sangue dos meus filhos queridos ás mãos da desonra ou da perfídia?"

"Deus é grande e justo, — interrompeu o fakih. — Acaso nunca fizeste correr injustamente o sangue? Nunca por odio brutal despedaçaste de dor nenhum coração de pai, de irmão, de amigo?"

Al-muulin tinha carregado na palavra irmão com um acento singular. Abdu-r-rahman, possuído de mal refreado susto, não atentou por isso.

"Posso eu acreditar uma tão estranha, direi antes tão incrível profecia — exclamou ele por fim — sem que me expliques o modo porque se deve realizar esse terrível sucesso; e como há de o ferro do assassino ou do algoz vir dentro dos muros de Azzahrat verter o sangue de um dos filhos do kalifa de Korthoba, cujo nome, seja-me lícito dizelo, é o terror dos cristãos, e a glória do islamismo?"

Al-muulin tomou um ar imperioso e solene, estendeu a mão para o trono, e disse:

"Assenta-te, kalifa, no teu trono, e escuta-me, porque em nome da futura sorte do Andalus, da paz e da prosperidade do império, e das vidas e do repouso dos muçulmanos eu venho denunciar-te um grande crime. Que punas, que

perdoes, esse crime tem de custar-te um filho. Sucessor do profeta, íman (*) da divina religião do Koran, escuta-me, porque é obrigação tua ouvir-me."

[(*) Pontífice. Os kalifas reuniam em si o sumo império, e o sumo pontificado.]

O tom inspirado com que Al-muulin falava, a hora de alta noite, o negro mistério que encerravam as palavras do fakih tinham subjugado a alma profundamente religiosa de Abdu-r-rahman. Maquinalmente subiu ao trono, encruzou-se em cima da pilha de coxins em que ele rematava, e encostando ao punho o rosto demudado, disse com voz presa: — "Podes falar, Suleyman-ibn-Abd-al-gafir!"

Tomando então uma postura humilde, e cruzando os braços sobre o peito, Al-gafir o triste começou da seguinte maneira a sua narrativa.

CAPÍTULO III

"Kalifa! — começou Al-muulin — tu és grande; tu és poderoso. Não sabes o que é a afronta ou a injustiça cruel que esmaga o coração nobre e enérgico, se este não pode repeli-la, e sem demora, com o mal ou com a afronta, vinga-la á luz do sol! Tu não sabes o que então se passa na alma desse homem, que por todo o desagravo deixa fugir alguma lágrima furtiva, e até, ás vezes, é obrigado a beijar a mão que o feriu nos seus mais santos afetos. Não sabes o que isto é; porque todos os teus inimigos tem caído diante do alfange do almogaure, ou deixado tombar a cabeça de cima do cepo do algoz. Ignoras por isso o que é o odio; o que são essas solidões tenebrosas, por onde o ressentimento, que não pode vir ao gesto, se dilata e vive á espera do dia da vingança. Dir-to-ei eu. Nessa noite imensa, em que se envolve o coração chagado, há uma luz sanguinolenta que vem do inferno, e que ilumina o espirito vagabundo. Há aí terríveis sonhos, em que o mais rude e ignorante descobre

sempre um meio de desagravo. Imagina como será fácil aos altos entendimentos o encontra-lo! É por isso que a vingança, que parecia morta e esquecida, aparece ás vezes inesperada, tremenda, irresistível, e morde-nos surgindo debaixo dos pés como a víbora, ou despedaça-nos como o leão pulando de entre os juncais. Que lhe importa a ela a majestade do trono, a santidade do templo, a paz domestica, o ouro do rico, o ferro do guerreiro? Mediu as distâncias, calculou as dificuldades, meditou no silêncio, e riu-se de tudo isso!"

E Al-gafir o triste desatou a rir ferozmente, Abdu-r-rahman olhava para ele espantado.

"Mas — prosseguiu o fakih — ás vezes Deus suscita um dos seus servos, um dos seus servos de ânimo tenaz e forte, possuído também de alguma ida oculta e profunda, que se levante, e rompa a trama urdida nas trevas. Este homem no caso presente sou eu.

Para bem? Para mal? — Não sei; mas sou! Sou eu que, venho revelar-te como se prepara a ruina do teu trono, e a destruição da tua dinastia."

"A ruina do meu trono? — gritou Abdur-r-rahman pondo-se em pé e levando a mão ao punho da espada. — Quem, a não ser algum louco, imagina que o trono dos Beni-Umeyyas pode, não digo desconjuntar-se, mas apenas vacilar debaixo dos pés de Abdu-r-rahman? Quando, porém, falarás enfim claro, Al-muulin?"

E a cólera e o despeito faiscavam-lhe nos olhos. Com a sua habitual impassibilidade o fakih prosseguiu:

"Esqueces-te, kalifa, da tua reputação de prudência e longanimidade. Pelo profeta! Deixa divagar um velho tonto como eu. Não!. Tens razão. Basta! O raio que fulmina o cedro desce rápido do céu. Quero ser como ele. Amanhã a estas horas o teu filho Abdallah ter-te-á já privado da coroa para a cingir na própria cara, e o teu sucessor Al-hakem terá perecido sob um punhal de assassino. Ainda te encolerizas? Foi acaso demasiado extensa a minha narrativa?"

"Infame! — exclamou Abdu-r-rahman — Hipócrita, que me tens enganado! Tu ousas caluniar o meu Abdallah? Sangue! Sangue há de correr, mas é o teu. Crias que com essas visagens de inspirado, com esses trajos de penitência,

com essa linguagem dos santos poderias quebrar a afeição mais pura, a de um pai? Enganas-te, Al-gafir! A minha reputação de prudente, verás que era bem merecida."

Dizendo isto o kalifa ergueu as mãos como quem ia a bater as palmas. Al-muulin interrompeu-o rapidamente, mas sem mostrar o menor indício de perturbação ou terror.

"Não chames ainda os eunucos; porque assim é que dás provas de que não a merecias. Conheces que me seria impossível fugir. Para matar ou morrer sempre é tempo. Escuta, pois, o infame, o hipócrita até o fim. Acreditarias tu na palavra do teu nobre e altivo Abdallah? Bem sabes que ele é incapaz de mentir ao seu amado pai, a quem deseja longa vida e todas as prosperidades possíveis."

O fakih desatara de novo num rir trémulo e hediondo. Meteu a mão no peitilho da aljarabia e tirou uma a uma muitas tiras de pergaminho: pô-las sobre a cabeça e entregou-as ao kalifa, que começou a ler com avidez. A pouco e pouco Abdu-r-rahman foi empalidecendo, as pernas vergaram-lhe, e por fim deixou-se cair sobre os coxins do trono, e cobrindo a cara com as mãos, murmurou: — "Meu Deus! porque te mereci isto!"

Al-muulin fitara nele um olhar de girifalte, e nos lábios vagueava-lhe um riso sardónico e quase impercetível.

Os pergaminhos eram várias cartas dirigidas por Abdallah aos rebeldes das fronteiras do oriente, os Beni-Hafsun, e a diversos cheiks berberes, dos que se tinham instalado na Hispânia, conhecidos pelo seu pouco afeto aos Beni-Umeyyas. O mais importante, porém, de tudo era uma extensa correspondência com Umeyya-ibn-Ishak, guerreiro célebre e antigo alcaide de Santarém, que por graves ofensas passara ao serviço dos cristãos de Oviedo e Astúrias com muitos cavaleiros ilustres da sua clientela. Esta correspondência era completa de parte a parte. Por ela se via que Abdallah contava não só com os recursos dos muçulmanos seus parciais, mas também com importantes socorros dos infiéis por intervenção de Umeyya. A revolução devia rebentar em Córdova pela morte de Al-hakem e pela deposição de Abdu-r-rahman. Uma parte da guarda do alcaçar de Azzahrat estava comprada. Al-barr, que figurava muito nestas cartas, seria o hadjeb ou primeiro ministro do novo kalifa. Ali se liam, em fim, os nomes dos principais personagens implicados na revolta, e

todas as circunstâncias desta eram explicadas ao antigo alcaide de Santarém com aquela individuação que nas suas cartas ele constantemente exigia. Al-muulin falara verdade: Abdu-r-rahman via despregar diante de si a longa teia da conspiração, escrita com letras de sangue pela mão do seu próprio filho.

Durante algum tempo o kalifa conservou-se como a estátua da dor na postura que tomara. O fakih olhava fito para ele com uma espécie de cruel complacência. Al-muulin foi o primeiro que rompeu o silencio: o príncipe Beni-Umeyya, esse parecia ter perdido o sentimento da vida.

"É tarde: — disse o fakih. — Chegará em breve a manhã. Chama os eunucos. Ao romper do sol a minha cabeça pregada nas portas de Azzahrat deve dar testemunho da prontidão da tua justiça. Elevei ao trono de Deus a última oração, e estou aparelhado para morrer, eu o hipócrita, eu o infame, que pretendia lançar sementes de odio entre ti e o teu virtuoso filho. Kalifa, quando a justiça espera não são boas horas para meditar ou dormir."

Al-gafir retomava a sua habitual linguagem sempre irónica e insolente, e ao redor dos lábios vagueava-lhe de

novo o riso mal reprimido.

A voz do fakih despertou Abdu-r-rahman dos seus tenebrosos pensamentos. Pôs-se em pé. As lágrimas tinham corrido por aquelas faces, mas estavam enxutas. A procela de paixões encontradas tumultuava lá dentro; mas o gesto do príncipe dos crentes recobrara aparente serenidade. Descendo do trono pegou na mão mirrada de Al-muulin, e apertando-a entre as suas, disse:

"Homem que guias teus passos pelo caminho do céu; homem aceito ao profeta, perdoa as injúrias de um insensato! Cria ser superior á fraqueza humana. Enganava-me! Foi um momento que passou. Possas tu esquece-lo! Agora estou tranquilo... bem tranquilo. Abdallah, o traidor que era meu filho, não concebeu tão atroz desígnio. Alguém lho inspirou: alguém verteu naquele ânimo soberbo as vans e criminosas esperanças de subir ao trono por cima do meu cadáver e do de Al-hakem. Não desejo sabe-lo para o absolver; porque ele já não pode evitar o destino fatal que o aguarda. Morrerá; que antes de ser pai fui kalifa, e Deus confiou-me no Andalus a espada da suprema justiça.

Morrerá; mas hão de acompanha-lo todos os que o precipitaram no abismo."

"Ainda há pouco te disse — replicou Al-gafir — o que pôde inventar o ódio que é obrigado a esconder-se debaixo do manto da indiferença, e até da submissão. Al-barr, o orgulhoso Al-barr, que tu ofendeste no seu amor próprio de poeta, e que expulsaste de Azzahrat como um homem sem engenho nem saber, quis provar-te que ao menos possuía o talento de conspirador. Foi ele que preparou este terrível sucesso. Hás de confessar que se houve com destreza. Só numa coisa não: em pretender associar-me aos seus desígnios. Associar-me?. não digo bem. fazer-me seu instrumento. A mim!... Queria que eu te apontasse ao povo como um impio pelas tuas alianças com os amires infiéis do Frandjat. Fingi estar por tudo; e chegou a confiar plenamente na minha lealdade. Tomei ao meu cargo as mensagens aos rebeldes do oriente e a Umeyya-ibn-Ishak, o aliado dos cristãos, o antigo kaid de Chantaryin. Foi assim que pude coligir estas provas de conspiração. Loucos! as suas esperanças eram a miragem do deserto. Dos seus aliados apenas os de Zarkosta e das montanhas de Al-kibla

não foram um sonho. As cartas de Umeyya, as promessas do amir nazareno de Djalikia,(*) tudo era feito por mim. Como eu enganei Al-barr, que bem conhece a letra de Umeyya, esse é um segredo que depois de tantas revelações, tu deixarás, kalifa, que eu guarde para mim... Oh, os insensatos! os insensatos!"

[(*) Os árabes designavam os reis de Oviedo e Leão pelo titulo de reis de Galiza.]

E desatou a rir.

A noite tinha-se aproximado do seu fim. A revolução, que ameaçava trazer á Hispânia muçulmana todos os horrores da guerra civil, devia rebentar dentro de poucas horas, talvez. Era necessário afoga-la em sangue. O longo habito de reinar, junto ao caracter enérgico de Abdu-r-rahman, fazia com que nestas crises ele desenvolvesse de um modo admirável todos os recursos que o génio amestrado pela experiencia lhe sugeria. Recalcando no fundo do coração a cruel lembrança de que era um filho que ia sacrificar á paz

e á segurança do império, o kalifa despediu Al-muulin, e mandando imediatamente reunir o divan deu largas instruções ao chefe da guarda dos eslavos.

Ao romper da manhã todos os conspiradores que residiam em Córdova estavam presos, e muitos mensageiros tinham partido levando as ordens de Ahdu-r-rahman aos walis das províncias e aos generais das fronteiras. Apesar das lágrimas e rogos do generoso Al-hakem, que lutou tenazmente por salvar a vida do seu irmão, o kalifa mostrou-se inflexível. A cabeça de Abdallah caiu aos pés do algoz na própria camara do príncipe no palácio Merwan. Al-barr, suicidando-se na masmorra em que o tinham lançado, evitou assim o suplício.

O dia imediato á noite em que se passou a cena entre Abdu-r-rahman e Al-gafir, que tentamos descrever, foi um dia de sangue para Córdova, e de luto para muitas das mais ilustres famílias.

CAPÍTULO IV

Era pelo fim da tarde. Numa alcova do palácio de Azzahrat via-se reclinado um velho sobre as almofadas persas de um vasto almatrah, ou camilha. Os seus ricos trajos, orlados de peles alvíssimas, faziam sobressair as feições enrugadas, a palidez do rosto, o encovado dos olhos, que lhe davam ao gesto todas as características de um cadáver. Pela imobilidade dir-se-ia que era uma destas múmias que se encontram pelas catacumbas do Egipto, apertadas entre as cem voltas das suas faixas mortuárias, e inteiriçadas dentro dos sarcófagos de pedra. Um único sinal revelava a vida nessa grande ruina de um homem grande; era o movimento da barba longa e pontiaguda que se lhe estendia como um cone de neve tombado sobre o peitilho da túnica de precioso tiraz. Abdu-r-rahman, o ilustre kalifa dos muçulmanos do ocidente, jazia aí e falava com outro velho, que, em pé em frente dele, o escutava atentamente; mas a sua voz saia tão fraca e lenta, que, apesar do silêncio

que reinava no aposento, só na curta distancia a que estava o outro velho se poderiam perceber as palavras do kalifa.

O seu interlocutor é uma personagem que o leitor conhecerá apenas reparar no modo porque está trajado. A sua vestidura é uma aljarabia de burel cingida de uma corda de esparto. Há muitos anos que nisto cifrou todos os cómodos que aceita á civilização. Está descalço, e a grenha hirsuta e já grisalha cai-lhe sobre os ombros em madeixas revoltas e emaranhadas. A sua tez não é pálida, os seus olhos não perderam o brilho, como a tez e como os olhos de Abdu-r-rahman. Naquela, coriácea e crestada, domina a cor mista de verdenegro e amarelo do ventre de um crocodilo; nestes, cada vez que os volve, fulgura a centelha de paixões ardentes, que lhe sussurram dentro de alma como a lava prestes a jorrar do vulcão que ainda parece dormir. É Al-muulin, o santo fakih, que vimos salvar, onze anos antes, o kalifa e o império da intentada revolução de Abdallah.

Tinham de facto passado onze anos desde os terríveis sucessos acontecidos naquela noite em que Al-muulin descobrira a conspiração que se urdia, e desde então nunca mais se vira Abdu-r-rahman sorrir. O sangue de tantos

muçulmanos vertido pelo ferro do algoz, e sobretudo o sangue do seu próprio filho descera como a maldição do profeta sobre a cabeça do príncipe dos crentes. Entregue a melancolia profunda, nem as notícias de vitórias, nem a certeza do estado florescente império o podiam distrair dela senão momentaneamente. Encerrado durante os últimos tempos da vida no palácio de Azzahrat, a maravilha de Hispânia, abandonara os cuidados do governo ao seu sucessor Al-hakem. Os gracejos da escrava Nuirat-eddia, a conversa instrutiva da bela Ayecha, e as poesias de Mozna e de Sofyia eram o único alívio que adoçava a existência aborrida do velho leão do islamismo. Mas apenas Al-gafir o triste se apresentava perante o kalifa, ele fazia retirar todos, e ficava encerrado horas e horas com este homem, tão temido quanto venerado do povo pela austeridade das suas doutrinas, pregadas com a palavra, mas ainda mais com o exemplo. Abdu-r-rahman parecia inteiramente dominado pelo rude fakih, e, ao vê-lo, qualquer poderia ler no gesto do velho príncipe os sentimentos opostos do terror e do afeto, como se metade da sua alma o arrastasse irresistivelmente para aquele homem, e a outra metade o

repelisse com repugnância invencível. O mistério que havia entre ambos ninguém o podia entender.

E todavia a explicação era bem simples: estava no caracter extremamente religioso do kalifa, na sua velhice e no seu passado de príncipe absoluto, situação em que são fáceis grandes virtudes e grandes crimes. Habituado á lisonja, a linguagem áspera e altivamente sincera de Al-muulin tivera a principio o atrativo de ser para ele inaudita; depois a reputação de virtude de Al-gafir, a crença de que era um profeta, a maneira porque, para o salvar e ao império, arrostara com a sua cólera, e provara desprezar completamente a vida, tudo isto fizera com que Abdu-r-rahman visse nele, como o mais crédulo dos seus súbditos, um homem predestinado, um verdadeiro santo. Sentindo avizinhar a morte, Abdu-r-rahman tinha sempre diante dos olhos que esse fakih era como o anjo que devia conduzi-lo pelos caminhos da salvação até o trono de Deus. Cifrava-se nele a esperança de um futuro incerto, que não podia tardar, e assim o espirito do monarca, enfraquecido pelos anos, estudava ansiosamente a mínima palavra, o menor gesto de Al-muulin; prendia-se ao monge muçulmano como

a hera antiga ao carvalho, em cujo tronco se alimenta, se ampara, e vai trepando para o céu. Mas, ás vezes, Al-gafir repugnava-lhe. No meio das expansões mais sinceras, dos mais ardentes voos de uma piedade profunda, de uma confiança inteira na misericórdia divina, o Fakih fitava de repente nele os olhos cintilantes, e com sorriso diabólico vibrava uma frase irónica, insolente e desanimadora, que ia gelar no coração do kalifa as consolações da piedade, e despertar remorsos e terrores, ou completa desesperação. Era um jogo terrível em que se deleitava Al-muulin, como o tigre com o palpitar dos membros da rês que se lhe agita moribunda entre as garras sanguentas. Nessa luta infernal em que lhe trazia a alma estava o segredo da atracão e repugnância, que ao mesmo tempo o velho monarca mostrava para com o fakih, cujo aparecimento em Azzahrat cada vez se tornava mais frequente, e agora se renovava todos os dias.

A noite descia triste: as nuvens corriam rapidamente do lado do oeste, e deixavam de vez em quando passar um raio afogueado do sol que se punha. O vento tépido, húmido e violento fazia ramalhar as árvores dos jardins que

circundavam os aposentos de Abdu-r-rahman. As folhas, retintas já de um verde amarelado e mortal, desprendiam-se das tranças das romeiras, dos sarmentos das videiras e dos ramos dos choupos em que estas se enredavam, e, remoinhando nas correntes da ventania, iam, iam, até rastejar pelo chão e empeçar na erva seca dos prados. O kalifa, exausto, sentia aquele ciclo da vegetação moribunda chama-lo também para a terra, e a melancolia da morte pesava-lhe sobre o espirito. Al-muulin durante a conversa daquela tarde havia-se mostrado, contra o seu costume, severamente grave, e nas suas palavras havia o que quer que era acorde com a tristeza que o rodeava.

"Conheço que se aproxima a hora fatal: — dizia o kalifa. — Nestas veias em breve se gelará o sangue; mas, santo fakih, não me será lícito confiar na misericórdia de Deus? Derramei o bem entre os muçulmanos, o mal entre os infiéis: fiz emudecer o livro de Jesus perante o de Mohammed; e deixo ao meu filho um trono firmado no amor dos súbditos e na veneração e temor dos inimigos da dinastia dos Beni-Umeyyas. Fiz quanto a um homem era dado fazer pela glória do Islão. Que mais pretendes? —

Porque não tens nos lábios para o pobre moribundo senão palavras de terror? — Porque há tantos anos me fazes beber gole a gole a taça da desesperação?"

Os olhos do fakih, ao ouvir estas perguntas, brilharam com desusado fulgor, e um daqueles sorrisos diabólicos, com que costumava fazer gelar todas as ardentes ideias místicas do príncipe, lhe assomou ao rosto enrugado e carrancudo. Contemplou por um momento o do velho monarca, onde de facto já vagueavam as sombras da morte: depois dirigiu-se á porta da camara, assegurou-se bem de que não era possível abrirem-na exteriormente, e voltando para ao pé do almatrah, tirou do peitilho um rolo de pergaminho, e começou a ler em tom de indizível escarnio:

"Resposta de Al-gafir o triste ás ultimas perguntas do poderoso Abdu-r-rahman, oitavo kalifa de Córdova, o sempre vencedor, justiceiro e bem-aventurado entre todos os príncipes da raça dos Beni-Umeyyas. Capítulo avulso da sua história."

Um rir prolongado seguiu a leitura do título do manuscrito.

Al-muulin continuou:

"No tempo deste celebre, virtuoso, ilustrado e justiceiro monarca havia no seu diwan um wasir, homem sincero, zeloso da lei do profeta, e que não sabia torcer por humanos respeitos a voz da sua consciência. Chamava-se Mohammed-Ibn-Ishak, e era irmão de Umeyya-Ibn-Ishak, kaid de Chantaryn, um dos guerreiros mais ilustres do Islão, segundo diziam."

"Ora esse wasir caiu no desagrado do Abdu-r-rahman, porque lhe falava verdade, e rebatia as adulações dos seus lisonjeiros. Como o kalifa era generoso, o desagrado para com Mohammed converteu-se em odio; e como era justo, o odio breve se traduziu numa sentença de morte. A cabeça do ministro caiu no cadafalso, e a sua memória passou á posteridade manchada pela calúnia. Todavia o príncipe dos fiéis sabia bem que tinha assassinado um inocente."

As feições transtornadas de Abdu-r-rahman tomaram uma expressão horrível de angústia: quis falar, mas apenas pôde fazer um sinal como que pedindo ao fakih que se calasse. Este prosseguiu:

"Parece-me que o ouvir a leitura dos anais do teu ilustre reinado te alivia e revoca á vida. Continuarei. Pudesse eu prolongar assim os teus dias, clementíssimo kalifa!"

"Umeyya, quando soube da morte ignominiosa do seu querido irmão, ficou como insensato. Á saudade juntava-se o horror do ferrete posto sobre o nome, sempre imaculado, da sua família. Dirigiu as súplicas mais veementes ao príncipe dos fiéis para que ao menos reabilitasse a memória da pobre vítima; mas soube-se que ao ler a sua carta o virtuoso príncipe desatara a rir.! Era, conforme lhe relatou o mensageiro, deste modo que ele ria."

E Al-muulin aproximou-se de Abdu-r-rahman, e soltou uma gargalhada.

O moribundo arrancou um gemido.

"Estás um pouco melhor... não é verdade, invencível kalifa? Prossigamos. Umeyya quando tal soube, calou-se. O mesmo mensageiro que chegara de Korthoba partiu para Oviedo. O rei cristão de Al-djuf não se riu da sua mensagem. Daí a pouco Radmiro tinha passado o Douro, e as fortalezas e cidades muçulmanas até o Tejo tinham

aberto as portas ao rei franco, por ordem do kaid de Chantaryn. Com um numeroso esquadrão de amigos leais este ajudou a devastar o território muçulmano do Gharb até Mérida.

Foi uma esplendida festa; um sacrifício digno da memória do seu irmão. Seguiram-se muitas batalhas, em que o sangue humano correu em torrentes."

"Pouco a pouco Umeyya começou a refletir. Era Abdu-r-rahman quem o ofendera. Para que tanto sangue vertido? A sua vingança fora a de uma besta-fera; fora estúpida e van. Ao kalifa, quase sempre vitorioso, que importavam os que por ele pereciam? O kaid de Chantaryn mudou então de sistema. A guerra pública e inútil converteu-a em perseguição oculta e eficaz: á forca opôs a destreza. Fingiu abandonar os seus aliados e sumiu-se nas trevas. Esqueceram-se dele. Quando voltou a aparecer á luz do dia ninguém o conheceu. Era outro. Vestia um burel grosseiro; cingia uma corda de esparto; os cabelos caiam-lhe desordenados sobre os ombros e velavam-lhe metade do rosto: as faces tinha-lhas tisnado o sol dos desertos. Correra o Andaluz e o Moghreb; espalhara por toda a parte

os tesouros da sua família e os próprios tesouros até o ultimo dirhem, e em toda a parte deixara agentes e amigos fiéis. Depois veio viver nos cemitérios de Korthoba, junto dos pórticos soberbos do seu inimigo mortal; espiar todos os momentos em que pudesse oferecer-lhe a amargura, as angústias em troca do sangue de Mohammed-Ibn-Isbak. O guerreiro chamou-se desde esse tempo Al-gafir, e o povo denominava-o Al-muulin, o santo fakih."

Como sacudido por uma corrente elétrica, Abdu-r-rahman dera um pulo no almatrah ao ouvir estas últimas palavras, e ficara sentado, hirto e com as mãos estendidas. Queria bradar, mas o sangue escumou-lhe nos lábios, e só pôde murmurar já quase ininteligivelmente:

"Maldito!"

"Boa coisa é a história, — prosseguiu o seu algoz sem mudar de postura — quando nos recordámos do nosso passado, e não achámos lá para colher um único espinho de remorso! É o teu caso, virtuoso príncipe! Mas sigamos avante. O santo fakih Al-muulin foi quem instigou Al-barr a conspirar contra Abdu-r-rahman; quem perdeu Abdallah; quem delatou a conspiração; quem se apoderou do teu

ânimo crédulo; quem te puniu com os terrores de tantos anos; quem te acompanha no trance derradeiro, para te lembrar junto ás portas do inferno que se foste o assassino do seu irmão, também o foste do próprio filho; para te dizer que se cobriste o seu nome de ignomínia, também ao teu se juntará o de tirano. Ouve pela última vez o rir que responde ao teu riso de há dez anos. Ouve, ouve, kalifa!"

Al-gafir, ou antes Umeyya, levantara gradualmente a voz, e estendia os punhos cerrados para Abdu-r-rahman, cravando nele os olhos reluzentes e desvairados. O velho monarca tinha os seus abertos, e parecia também olhar para ele, mas perfeitamente tranquilo. A quem tivesse presenciado aquela tremenda cena não seria fácil dizer qual dos dois tinha mais horrendo gesto.

Era um cadáver o que estava diante de Umeyya: o que estava diante do cadáver era a expressão mais enérgica da atrocidade de coração vingativo.

"Oh, se não ouviria as minhas derradeiras palavras!." — murmurou o fakih depois de ter conhecido que o kalifa estava morto. Pôs-se depois a pensar durante muito tempo: as lágrimas rolavam-lhe a quatro e quatro pelas faces

rugosas. — "Um ano mais de tormentos, e ficava satisfeito! — exclamou por fim. — Pudera eu dilatar-lhe a vida!"

Dirigiu-se então para a porta, abriu-a de par em par e bateu as palmas. Os eunucos, as mulheres, e o próprio Al-hakem, inquieto pelo estado do seu pai, precipitaram-se no aposento. Al-muulin parou no limiar da porta, voltou-se para traz, e com voz lenta e grave disse:

"Orai ao profeta pelo repouso do kalifa."

Houve quem o visse sair, quem á luz baça do crepúsculo o visse tomar para o lado de Córdova com passos vagarosos, apesar das lufadas violentas do oeste, que anunciavam uma noite procelosa. Mas nem em Córdova, nem em Azzahrat, ninguém mais o viu desde aquele dia.

A DAMA PÉ-DE-CABRA

ROMANCE DE UM TROVADOR

(SÉCULO XI)

TROVA PRIMEIRA

Vós, os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem em tropelias de Satanás, sentai-vos aqui à lareira, bem juntos ao pé de mim, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia.

E não me digam no fim: — "não pode ser." — Pois eu sei cá inventar coisas destas? Se a conto, é porque a li num livro muito velho. E o autor do livro velho leu-a algures ou ouviu-a contar, que é o mesmo, a algum jogral (trovador) nos seus cantares.

É uma tradição venerada; e quem descrê as tradições "lá irá para onde o pague" (*)

[(*) Expressão antiga que quer no fundo dizer que não vai por bom caminho, ou seja, que não tem um bom rumo na vida.]

Juro-vos que, se me negais esta certíssima história, sois dez vezes mais descrentes do que S. Tomé antes de ser um grande santo. E não sei se eu estarei com ânimo de perdoar-vos como Cristo lhe perdoou.

Silêncio profundíssimo; porque vou começar.

D. Diogo Lopes era um infatigável cavalgador e caçador: neves da serra no inverno, sóis dos estevais no verão, noites e madrugadas, disso se ria ele.

Pela manhã de um dia sereno, estava D. Diogo com o seu cavalo, num monte selvoso e agreste, à procura de um javali, que, ferido por uma seta, devia andar a desfalecer por ali.

Mas eis que começa a ouvir cantar ao longe. Um lindo, lindo cantar.

Levantou os olhos para uma rocha que ficava no horizonte e sobre ela estava sentada uma formosa dama. Era a dama quem cantava.

O javali fica livre desta vez; porque D. Diogo Lopes não corre, voa para o penhasco.

"Quem sois vós, senhora tão gentil; quem sois, que logo me cativastes?

"Sou de tão alta linhagem como tu; porque venho de linhagem de reis, como tu, senhor de Biscaia."

"Se já sabeis quem eu sou, ofereço-vos a minha mão, e com ela as minhas terras e vassalos."

"Guarda as tuas terras, D. Diogo Lopes, que poucas são para seguires as tuas montarias e caçadas; para o desporto de bom cavaleiro que és. Guarda os teus vassalos, senhor de Biscaia, que poucos são eles para te ajudarem na caça."

"Que dote, pois, gentil dama, vos posso eu oferecer digno de vós e de mim; eu que sou em toda a terra de Hispânia o rico-homem mais abastado e a vossa beleza divina?"

"Rico-homem, rico-homem, o que eu te aceitaria em dote é coisa de pouco valor; mas, apesar disso, não creio que mo concedas; porque é um legado da tua mãe, a rica-dona de Biscaia."

"E se eu te amasse mais do que a minha mãe, porque não te cederia qualquer um dos seus muitos legados?"

"Então, se queres ver-me sempre ao pé de ti, não jures apenas que farás o que dizes, dá-me também a tua palavra."

"À fé de cavaleiro, não te darei uma; dar-te-ei milhentas palavras."

"Pois sabe que para eu ser tua é preciso esqueceres-te de uma coisa que a boa rica-dona te ensinava em pequenino e que, estando para morrer, ainda to recordava."

"De quê, de quê, donzela? Perguntou o cavaleiro com os olhos suplicantes. — De nunca dar tréguas aos mouros, nem de perdoar esses cães de Mafamede? Sou bom cristão. Ai de ti e de mim, se és dessa raça danada!"

"Não é isso, dom cavaleiro — interrompeu a donzela a rir. — O que eu quero que te esqueças é o sinal da cruz: o que eu quero que me prometas é que nunca mais te hás de benzer."

"Isso já é outra coisa" — respondeu D. Diogo, que nos festejo e devassidões perdera o caminho do céu. E pôs-se

um pouco a pensar.

E, pensando, dizia para si mesmo: — De que servem as benzeduras? Matarei mais de duzentos mouros e darei uma herdade à ordem de Santiago. Ela por ela. Um presente ao apóstolo e duzentas cabeças de cães sarracenos de Mafamede valem bem um grosso pecado.

E, erguendo os olhos para a dama, que sorria com ternura, exclamou: — "Assim seja: está dito. Vem agora comigo, com seiscentos diabos."

E, levando a bela dama nos braços, cavalgou no cavalo em que viera montado.

Só quando, à noite, no seu castelo, pôde observar miudamente as formas nuas da airosa dama, notou que ela tinha os pés forcados como os de uma cabra.

****

Dirá agora alguém: — Era, por certo, o demónio que entrou em casa de D. Diogo Lopes. O que lá não se

passaria! Pois sabei que não se passou nada.

Por anos, a dama e o cavaleiro viveram em boa paz e união. Dois argumentos vivos havia disso: Inigo Guerra e Dona Sol, filhos que enchiam de orgulho o pai.

Um dia, já de tarde, D. Diogo voltou de um dia de caça: trazia um javali grande, muito grande. A mesa estava posta. Mandou conduzi-lo ao aposento onde comiam, para se regalarem todos em verem a excelente presa que ele tinha apanhado.

O seu filho sentou-se ao pé dele: ao pé da mãe sentou-se Dona Sol; e começaram alegremente o jantar. "Boa montaria, D. Diogo — dizia a mulher. Foi uma boa e limpa caçada."

"Pelas tripas de Judas! — respondeu o barão. Que há mais de cinco anos que não apanhava urso ou javali tão grande como este!"

Depois, enchendo de vinho a sua taça de prata muito rica e adornada, ergueu-a à saúde de todos os ricos-homens fragueiros e monteadores.

E a comer e a beber durou até a noite o jantar.

****

Ora deveis de saber que o senhor de Biscaia tinha um alão (cão de caça de grande porte) de quem gostava muito. Era manso com o seu dono e, até, com os servos de casa mas era raivoso ao lidar com outros animais. A nobre mulher de D. Diogo tinha uma podenga (raça de cão ibérico) preta como azeviche, esperta e ligeira como não havia outra, e da dona não menos prezada.

O alão estava gravemente sentado no chão em frente a D. Diogo Lopes, com as largas orelhas pendentes e os olhos semicerrados, como quem dormitava.

A podenga negra, essa, corria pelo aposento viva e inquieta, pulando como um diabrete: o pêlo liso e macio reluzia-lhe com um reflexo avermelhado.

O barão, depois da saúde — urbi et orbi — feita aos monteiros, esgotava uma série de saúdes particulares, e a cada nome um gole de taça.

Ele apenas fazia como cumpria a um rico-homem ilustre, que nada mais tinha que fazer neste mundo, senão dormir, beber, comer e caçar.

O alão cabeceava, como um abade velho no coro, e a cadela saltava a pedir comida.

O senhor de Biscaia pegou então num pedaço de osso com carne e medula e, atirando-o ao alão, gritou-lhe: — "Silvano, toma para ti, que és útil: leve o diabo a cadela, que não sabe senão correr e retouçar."

O canzarrão abriu os olhos, rosnou, pôs a pata sobre o osso e, abrindo a boca, mostrou os dentes anavalhados. Era como um rir deslavado.

Mas de repente soltou um uivo, caindo agonizado no chão: a podenga negra, de um pulo, saltara-lhe à garganta e abocanhara-o de morte.

"Pelas barbas de D. From, meu bisavô! — exclamou D. Diogo, pondo-se em pé, trémulo de cólera e de vinho. — A cadela maldita matou-me o melhor cão da matilha" E, virando com o pé o cão moribundo, mirava as largas feridas do nobre animal, que expirava.

"Por minha fé que nunca tal vi! Virgem bendita. Aqui anda coisa de Belzebu." — E dizendo isto benzia-se e persignava-se.

"Ai!" — gritou demonicamente a sua mulher, como se a tivessem queimado. O barão olhou para ela. Viu-a com os olhos brilhantes, as faces negras, a boca torcida e os cabelos eriçados. Erguia-se, erguia-se no ar, com a pobre e chorosa D. Sol, agarrada pela mãe maldita com o seu braço esquerdo enquanto que o direito estendia-o por cima da mesa para apanhar também o seu filho, D. Inigo de Biscaia.

E aquele braço crescia, alongando-se para o rapaz, que, de medo, não se mexia nem falava. A mão da dama tinha-se tornado preta e luzidia, como o pêlo da podenga, enquanto que as unhas tinham-se-lhe estendido meio palmo e recurvado em garras.

"Jesus, santo nome de Deus!" bradou D. Diogo, a quem o terror dissipara a bebedeira. E, agarrando o seu filho com a mão esquerda, fez no ar com a mão direita, uma e outra vez, o sinal da cruz.

A sua mulher deu um grande gemido e largou o braço de Inigo Guerra, que já tinha apanhado, e, continuando a subir ao alto, desapareceu por uma janela, levando a filhinha que muito chorava.

Desde esse dia que não se soube mais do paradeiro da mãe nem da filha. A pondenga negra, essa sumiu-se por tal arte, que ninguém no castelo lhe voltou a pôr a vista em cima.

****

D. Diogo Lopes viveu muito tempo triste e isolado, porque já não se atreveu a voltar a caçar. Lembrou-se, porém, um dia de espairecer a sua tristeza, e, em vez de ir à caça de cerdos, ursos e javalis, saiu à caça de mouros.

Mandou, pois, levantar o estandarte, desenferrujar e polir a armadura, e provar as armas. Entregou a Inigo Guerra, que já era um jovem cavaleiro, o governo dos seus castelos, e partiu com lustrosa cavalaria de homens de armas para a hoste de el-rei Ramiro, que ia lutar em força, contra a mourisma de Hispânia.

Por muito tempo não se soube dele, em Biscaia, nem mensagens nem mensageiros.

TROVA SEGUNDA

Era um dia ao anoitecer: D. Inigo estava à mesa, mas não conseguia comer, pois grandes desmaios lhe vinham ao coração. Um pajem muito jovem e privado, que, em pé diante dele esperava as suas ordens, disse então para D. Inigo: "Senhor, porque não comeis?" "Que hei de eu comer, Brearte, se o meu pai D. Diogo foi capturado pelos mouros, segundo rezam as cartas que dele são vindas?"

"Mas o seu resgate não é impossível: uma armada de dez mil peões e mil cavaleiros tendes em Biscaia: vamos correr terras de mouros: serão os capturados o resgate do vosso pai.

"Aquele cão de el-rei de Leão fez sua paz com os cães de Toledo e são eles que têm meu pai preso. Os condes e comandantes do rei déspota e vil não deixariam passar a boa hoste de Biscaia."

"Quereis vós, senhor, um conselho, que não vos custará nada?"

"Diz, diz lá, Brearte."

"Por que não ides à serra procurar a vossa mãe? Segundo ouço contar dos velhos, ela é uma grande fada."

"Que dizes tu, Brearte? Sabes quem é minha mãe e que casta é ela de fada?"

"Grandes histórias tenho ouvido do que se passou certa noite neste castelo: éreis vós pequenino, e eu ainda não era nada. Os porquês destas histórias, isso, só Deus é que os sabe."

"Pois dir-tos-ei eu agora. Aproxima-te Brearte."

O pajem olhou à sua volta, quase sem o querer, e aproximou-se do seu amo: era a obediência mas, mais ainda, um certo arrepio de medo que o faziam aproximar.

"Consegues ver, Brearte, aquela janela entaipada? Foi por ali que a minha mãe fugiu. Como e porquê, aposto que já to terão contado.

"Senhor, sim! Levou vossa irmã consigo..."

"Responde só ao que pergunto! Sei isso. Agora cala-te."

O pajem pôs os olhos no chão, de vergonha; pois era humilde e de boa raça.

E o cavaleiro começou o seu narrar:

"Desde aquele dia maldito, o meu pai pôs-se a pensar: e pensava e mesquinhava-se, perguntando a todos os velhos dos montes se, porventura, tinham lembrança de terem no seu tempo encontrado nas montanhas alguns espíritos ou feiticeiras. Foi, claro, um não acabar de histórias de bruxas e almas penadas.

Há muitos anos que o meu pai se não confessava. Há alguns anos, também, que estava viúvo sem ter enviuvado.

Certo domingo pela manhã, nasceu alegre o dia, como se fora de páscoa; e o meu pai D. Diogo acordou carrancudo e triste, como de costume.

Os sinos do mosteiro, lá embaixo no vale, soavam tão lindamente a céu aberto. Ele pôs-se a ouvi-los e sentiu uma saudade que o fez chorar.

"Irei ter com o abade — disse ele para consigo — quero confessar-me. Quem sabe se esta tristeza ainda é tentação de Satanás?"

O abade era um velhinho, santo, santo, como não havia outro.

Foi a ele que se confessou o meu pai. Depois de dizer "mea culpa", contou-lhe ponto por ponto a história do seu noivado.

"Ai! filho — bradou o frade — casaste com uma alma penada!"

"Alma penada, não sei — disse D. Diogo; — mas era coisa do diabo".

"Era alma em pena: digo-to eu, filho — replicou o abade. — Sei a história dessa mulher das serras. Está escrita há mais de cem anos na última folha de um santoral godo do nosso mosteiro. Os apertos que te vêm ao coração pouco me espantam pois as ânsias e os desmaios costumam roer por dentro os pobres excomungados."

"Então, estou eu excomungado?"

"Dos pés à cabeça; por dentro e por fora; que não se há que dizer mais nada."

E o meu pai, pela primeira vez na sua vida, chorou pelas barbas abaixo.

O bom do abade animou-o, como se consola uma criança; tratou-o como a um mal-aventurado. Depois pôs-se a contar a história da dama das montanhas, que é a minha mãe... Deus me salve!

Depois deu-lhe por penitência ir guerrear os cães sarracenos, por tantos anos quantos vivera em pecado e matando tantos deles quantos dias nesses anos tinham passado.

Ora a história da formosa dama das serras, de verbo ad verbum, como estava na folha branca do santoral, rezava assim, segundo lembranças do abade:

»No tempo dos reis godos — bom tempo era esse! — havia em Biscaia um conde, senhor de um castelo posto em montanha fragosa, cercado pelas encostas e abismos de um larguíssimo planalto. Nessas terras havia todo o género de

caça, e D. Argimiro, o Negro, (assim se chamava o rico-homem) gostava, como todos os nobres barões daquele tempo, principalmente de três coisas, segundo a carnalidade: da guerra, do vinho e das damas; mas ainda mais do que de tudo isso, gostava de caçar.

Dama, possuía-a e formosa, que era a linda condessa; vinho, não havia melhor adega que a sua e caça, era coisa que no monte não faltava.

O seu pai, que fora caçador, quando estava para morrer, chamou-o e disse-lhe:

"Hás me de jurar uma coisa que não te custará nada."

Argimiro jurou que faria o que o seu pai e senhor lhe ordenasse.

"É que nunca mates nenhuma fera a dormir ou com uma cria, seja urso, javali ou veado. Se assim o fizeres, Argimiro, nunca nas terras te faltará caça para exercitar o mais nobre dos fidalgos. Se tu soubesses o que um dia me aconteceu... Escuta-me que é um horrendo caso...

O velho não pôde acabar; porque a morte lhe cravou neste momento as garras. Murmurou algumas palavras

emperradas, revirou os olhos e faleceu. Que Deus o tenha!

Passaram depois anos. Certo dia chegou ao castelo do jovem conde um mensageiro de el-rei Wamba. Chamava-o el-rei a Toledo para o acompanhar com a sua armada contra o rebelde Paulo. Os outros nobres das vizinhanças eram, como ele, chamados.

Antes, porém, de partirem, juntaram-se todos no castelo de Argimiro para fazerem uma grande caçada, com mais de cem cães, cinquenta cavalos, e servos armados com bestas sem conto. Era uma vistosa caçada.

Saíram do castelo ao romper do dia: correram vales e montes: bateram bosques e matos. Era, contudo, meio-dia e ainda não tinham apanhado nem porco, urso, zebra ou veado. Blasfemavam, praguejavam e depenavam as barbas os cavaleiros de frustração.

Argimiro, que, pela sua longa experiência, conhecia os sítios mais profundos da floresta, sentiu por dentro uma tentação do diabo.

"Os meus hóspedes — pensava ele — não partirão sem beberem algumas canecas de vinho sobre uma ou duas

peças de caça. Juro-o por alma do meu pai."

E, seguido de alguns monteiros, com as suas trelas de cães, afastou-se da companhia e andou, andou, até que se lançou por um vale abaixo.

O vale era escuro e triste: corria pelo meio uma ribeira fria e sombria. As bordas da ribeira eram penhascosas e empinadas.

Argimiro chegou à primeira volta do rio; parou, pôs-se a olhar à volta e achou o que procurava. Abria-se uma caverna na encosta fragosa, que descia até a estreita margem por onde o cavaleiro caminhava. Argimiro entrou na boca da cova e, a um aceno, entraram, após ele, os monteiros, jovens de besta e cães, fazendo um grande barulho.

Era o covil de um onagro (tipo de cavalo/égua selvagem). Este deu um relinche e, deixando as suas crias, estendeu-se no chão e abaixou a cabeça, como quem suplicava.

"A ela!" — gritou Argimiro, mas gritou voltando a cara.

A matilha saltou sobre o pobre animal, que soltou outro gemido e caiu todo ensanguentado.

Uma voz soou então nos ouvidos do conde, e dizia: — "Órfãos ficaram as crias: mas pelo onagro ficarás tu desonrado."

"Quem ousa aqui falar agouros?" — gritou o rico-homem, olhando raivoso para os monteiros. Todos se calaram; todos ficaram pálidos.

Argimiro pensou um momento. Depois, saindo da cova, murmurou: — "Vá de retro com mil Satanases!" E, com alegres toques de buzina e latidos da matilha, fez conduzir ao castelo a presa que tinha caçado.

Tomando o seu girifalte (trompa usada na caça) em punho, ordenou aos monteiros que fossem dizer aos nobres caçadores que dentro de duas horas voltassem para o castelo, porque achariam na sua casa comida bem aparelhada.

Depois, seguido dos falcoeiros, começou a encaminhar-se para o solar, lançando nebris e falcões e apanhando caça pequena, que a havia por aqueles montes.

****

Anos mais tarde tocava o sino da torre de menagem no castelo do conde Argimiro: tocava pela linda condessa, que o seu nobre marido tinha matado.

É uma multidão coberta de dor que a leva a enterrar ao mosteiro vizinho: os frades vão atrás da procissão, cantando as orações dos mortos: após os frades, vai o rico-homem vestido com uma capa esfarrapada, com cordas apertado, e rasgando com as pedras do chão os pés que levava descalços.

Por que matou ele a sua mulher, e porque ia ele descalço?

Eis o que, a esse respeito, refere a lenda escrita na folha branca do santoral:

Dois anos duraram as guerras de el-rei Wamba e foram guerras de muitas histórias. Por lá andou o rico-homem com os seus bucelários, como assim se diziam dos homens de armas. Fez estrondosas façanhas mas voltou coberto de cicatrizes, deixando pelos campos de batalha, gasta e consumida, a sua valente armada. E, voltando de Toledo para Biscaia, seguia-o apenas um velho escudeiro. Velho e

cheio de rugas também estava ele, não de anos, mas de desgaste. Caminhava com aspeto triste e feroz; porque do seu castelo vinham-lhe notícias de entristecer e enraivescer. Cavalgando noite e dia por montes e por charnecas, por bosques e por prados, imaginava no modo como descobriria se eram falsas ou verdadeiras essas notícias de mau pecado:

No solar do conde Argimiro, um ano depois da sua partida, ainda tudo dava mostras da mágoa e da saudade que condessa sentia: as salas estavam forradas de negro e de negro eram as suas vestes. Nos pátios interiores dos paços crescera a erva não tratada, de modo que se podia ceifar: as reixas e as gelosias das janelas não se tinham voltado a abrir: os risos dos servos e das servas, os sons de saltérios e harpas tinham deixado de soar. Mas ao cabo do segundo ano tudo aparecia mudado: os adornos eram de prata e matiz; brancos e vermelhos os trajos da bela condessa; pelas janelas do paço emanava o som da música e do convívio; e todo o solar de Argimiro estava, tanto por dentro como por fora, alinhado e composto.

Fora um antigo regedor do nobre conde que o avisara dessas mudanças. Custava-lhe ver tantos festejos e contentamentos; custava-lhe ver manchada a honra do seu senhor, pelo que ele via e pelo que se murmurava.

Eis porque ocorrera a mudança:

Longe do condado do ilustre barão Argimiro, o Negro, para os lados de Galiza, vivia um nobre gardingo(*), gentil-homem e jovem chamado Astrigildo Alvo.

[(*) Homem nobre que exercia altos cargos na corte dos príncipes visigodos.]

Contava vinte e cinco anos; os sonhos das suas noites eram com formosas damas; eram de amores e deleites: mas, ao romper da manhã, todos eles se desfaziam, pois, ao sair para o campo, não havia senão pastoras tostadas do sol e das neves e as servas grosseiras do seu solar.

Destas estava ele farto, Mais de cinco tinha enganado com palavras doces; mais de dez comprado com ouro; mais

de outras dez, como nobre e senhor que era, brutamente violado.

Com vinte e cinco anos, já no livro da justiça divina se lhe tinham escrito mais de vinte e cinco maldades.

Uma noite sonhou Astrigildo que corria serras e vales com a rapidez do vento, montado num cavalo silvestre, e que, depois de correr muito, chegava a alta noite a um solar, onde pedia gasalhado. Que uma formosa dama o recebia, e que em poucos instantes enamoravam-se um do outro.

Acordou sobressaltado e, durante o dia inteiro, não pensou em outra coisa senão na formosa dama que vira naquele sonho da madrugada.

Três noites se repetia o sonho: três dias pensou o jovem. Encostado à varanda de um eirado, na tarde do terceiro dia, olhava triste para as montanhas do norte, que via lá no horizonte, como nuvens pardacentas. O sol começou a descer no poente, e ainda ele estava embebido no seu melancólico pensamento.

Por acaso, voltou então os olhos para o terreiro que lhe ficava por baixo; um onagro da floresta estava aí deitado, como se fosse um cavalo manso; era inteiramente semelhante àquele com que havia sonhado.

Sonhos de três noites a fio não mentem: Astrigildo desceu à pressa ao terreiro. Sem se debater ou fugir, o onagro deixou-se enfrear e selar; e, a Deus e à aventura, o jovem fidalgo nele cavalgou pela encosta abaixo.

Cumpria-se tudo à risca: o onagro não corria, voava. Mas o céu começou de toldar-se com o anoitecer: a escuridão cresceu e desfechou em vento, trovões, chuva e raios. O jovem quase caia da sua montada enquanto que o onagro dobrava de velocidade e bufava violentamente. Parou, por fim, a altas horas da noite e sem saber como, Astrigildo achou-se junto dos muros de um solar acastelado.

Agarrou e tocou a sua sineta, que deu um som prolongado e trêmulo porque ele tremia de susto e de frio. No momento em que cessou de tocar, a ponte levadiça desceu, muitos escudeiros saíram a recebê-lo entre tochas, e as salas dos paços iluminaram-se. Estavam à sua espera. É que também a condessa tinha por três noites sonhado!

****

A clepsidra (relógio de água) indica a sexta hora noturna(*), mas ainda dura o serão no solar do conde de Biscaia; porque a nobre condessa e o gentil Astrigildo assistem às danças e aos jogos dos criados e servos.

[(*) A clepsidra era um tipo de relógio, de origem egípcia, que media o tempo de acordo com o escoamento regular de água num recipiente graduado; hora noturna quer dizer a contagem das horas depois do pôr-do-sol.]

Mas, num aposento mais baixo do solar, um homem está em pé com um punhal na mão, olhar feroz e o cabelo eriçado, parecendo escutar a festa.

Outro homem está diante dele, dizendo-lhe:

"Senhor, ainda não é tempo para punir o grande pecado. Quando eles se recolherem, aquela luz que vedes acolá há de apagar-se. Subi então, e achareis desimpedido o

caminho secreto para a câmara, que é a mesma do vosso noivado."

E o que falava saiu, e daí a pouco a luz apagou-se, e o homem dos cabelos hirtos e do olhar esgazeado subiu por uma íngreme e tenebrosa escada.

Quando pela manhã cedo o conde Argimiro, do seu balcão principal, ordenava que levassem o corpo da condessa para um mosteiro, que ele fundara para aí ter a sua sepultura, a dele e os da sua casa, e dizia aos homens de armas que arrastassem o cadáver de Astrigildo e o despenhassem de um grande barrocal abaixo, viu um onagro silvestre deitado a um canto do pátio.

"Um onagro assim manso é coisa que nunca vi — disse ele ao seu regedor, que estava ali ao pé. — Como veio parar aqui este cavalo?"

O regedor ia responder, quando se ouviu uma voz dizer (e dir-se-ia que era o ar que falava):

"Foi nele que veio Astrigildo: será ele que o levará. Por ti, oh conde, ficaram órfãos os filhos do onagro, mas por via

do onagro ficaste desonrado. Foste cruel com as pobres feras: Deus acaba de vingá-las."

"Misericórdia!" — bradou Argimiro, porque naquele momento lembrou-se da maldita caçada.

Nesse instante os homens do conde saíram com o cadáver sangrento do jovem e o onagro assim que o viu, saltou como um leão para o meio do grupo que fez fugir, agarrou o morto com os dentes, arrastou-o para fora do castelo, e, como se tivesse em si uma legião de demónios, foi precipitar-se com ele do precipício abaixo.

Era por isso que o conde ia com trajes pobres, amarrado com cordas e descalço, seguindo os frades e o caixão. Queria fazer penitência no mosteiro por ter quebrado o juramento que tinha feito ao seu pai.

As almas da condessa e do fidalgo caíram no fogo do inferno, por terem deixado a vida em adultério, que é pecado mortal. Desde esse tempo as duas miseráveis almas têm aparecido a muita gente nos caminhos da Biscaia: ela vestida de branco e vermelho, sentada em penedos,

cantando lindas canções: ele vagueando perto dela, na figura de um onagro ou de outro animal.

Tal foi a história que o velho abade contou ao meu pai, e que ele me contou a mim, antes de ir cumprir sua penitência nessa guerra de mouros que lhe foi tão fatal.

Assim concluiu Inigo Guerra a história.

Brearte, o pajem, sentiu os cabelos a arrepiarem-se-lhe. Por muito tempo ficou imóvel em frente do seu senhor: ambos em silêncio. O jovem barão não conseguia engolir nada do seu prato.

Tirou por fim da bolsa de couro que trazia à cintura a carta de D. Diogo para a tornar a ler. As misérias e lástimas que o rico-senhor aí recontava eram tais, que D. Inigo sentiu as lágrimas a gotejarem-lhe abundantemente pela cara abaixo. Então ergueu-se da mesa para se ir deitar. Nem o barão nem o pajem pregaram olho toda a noite; este de medo, aquele de desconsolado.

E nos ouvidos de Inigo Guerra soaram repetidamente as palavras de Brearte: "Por que não ides à serra procurar a

vossa mãe?" — Só por encantamento seria, de facto, possível tirar das unhas dos mouros o nobre senhor da Biscaia.

Poucas horas depois nascia, finalmente, a alvorada.

TROVA TERCEIRA

Mensageiros após mensageiros, cartas sobre cartas, eram vindas de Toledo para o jovem Inigo Guerra. El-rei de Leão resgatava todos os dias cavaleiros seus em troca de cavaleiros mouros capturados, mas não tinha wali ou kayid (nobres capitães mouros) capturado, que pudesse dar em troca por tão nobre senhor como o senhor de Biscaia.

Muitos dos resgatados eram moradores das serras; e estes, trazendo as mensagens, contavam ainda mais lástimas do velho D. Diogo Lopes, do que, se é possível, daquelas que contavam as cartas.

"À porta da prisão, em Toledo — diziam eles — tem a mourisma um grande campo, todo muito bem apalancado. Aqui fazem grandes festas e festivais nos dias dos seus santos malditos. Gaiolas de bestas, coisa de ver e pasmar: os tigres e leões não as rompem; portanto rompê-las com mãos de homens, é coisa que não se pode imaginar. Numa

destas prisões, quase nu, com amarras de pés e mãos, está o ilustre rico-senhor, que já foi capitão de grandes e lustrosas armadas. Corteses costumam ser os mouros com os seus cativos fidalgos mas tratam assim D. Diogo Lopes, porque já passaram três anos sem se ver o seu resgate."

E os peregrinos que vinham do cativeiro e relatavam tais coisas, bem ceados e agasalhados no castelo, iam-se no outro dia com Deus, levando consigo merecida recompensa, e em boa e santa paz.

Quem não ficava em paz era D. Inigo Guerra: "Por que não vais tu à serra" — dizia-lhe uma voz ao ouvido. — "Por que não ides procurar vossa mãe?" — repetia-lhe o pajem Brearte.

Que havia ele de fazer?

Uma madrugada então, depois de passar a noite em claro a pensar nisso, ei-lo que, enfim, se resolve a tentar a aventura, à Deus e à sorte, mesmo não sendo do seu agrado.

Benzeu-se vinte vezes, para não ter que benzer-se lá. Rezou o Pater, a Ave e o Credo; porque não sabia se em

breve essas orações seriam coisa que se esqueceria.

E, levando consigo o seu cão de caça predileto, a pé, e com uma lança na mão, foi-se pelos montes fora, em direção a uma vereda de ermos tristes onde se dizia que a linda dama tinha aparecido ao seu pai.

****

Cantam os rouxinóis nas árvores; murmuram ao longe as águas dos regatos; a rama a folhagem ressoa brandamente com a brisa da manhã: é uma linda madrugada. E Inigo Guerra caminha, muito lentamente, os caminhos empinados, sobe barroco em barroco e, apesar do seu muito esforço, sente bater-lhe o coração com uma ânsia desacostumada. Onde as matas fazem alguma clareira ou os penedos alguma chapada, D. Inigo para um pouco, tomando fôlego e põe-se a escutar.

Há muito que andava a andar. o sol já ia alto, e o dia estava sereno. Ao canto do rouxinol seguiu-se o rechinar da cigarra.

Encontrou uma fonte que nascia de um rochedo negro e que, saltando de aresta em aresta, vinha cair num riacho tosco, onde o sol parecia dançar no bulir das ondazinhas que fazia ao cair em cascata. D. Inigo sentou-se à sombra da rocha e, tirando o seu cantil, matou a sede que trazia, e pôs-se a lavar o rosto e a cabeça do suor e do pó que o cobria. O seu cão, depois de beber, deitou-se ao pé dele e, com a língua pendente, arquejava de cansado.

De repente, o cão pôs-se em pé e ladrou com grande ladro. D. Inigo voltou os olhos nessa direção: um cavalo silvestre pastava na orla da clareira junto a um frondoso carvalho.

"Tárik! — gritou o jovem para o cão — Tárik!" — Mas o Tárik já ia avante a correr e não escutava.

"Deixa-o correr, meu filho! Esse teu mastim não irá levar a melhor a esse onagro." Isto dizia uma voz que, parecia vir do cimo da encosta.

Olhou: uma linda mulher estava aí sentada e, com um gesto amoroso e sorriso de anjo, para ele se inclinava.

"Minha mãe! minha mãe! — gritou Inigo Guerra, levantando-se ao mesmo tempo que consigo dizia em pensamento: — Vade retro! Santo Hermenegildo me valha!" E como molhara a cabeça, sentiu que os cabelos lhe iam ficando arrepiados.

"Filho, tens na boca palavras doces; e no coração palavras danadas. Mas que importa, se és meu filho? Diz o que queres de mim, que será tudo feito ao teu talento e vontade."

O jovem cavaleiro nem conseguia falar com medo. Enquanto que o Tárik gemia, uivando, debaixo das patas do onagro.

"Preso pelos mouros está há anos o meu pai D. Diogo Lopes — disse por fim tremendo. — Queria que me ensinasses, senhora, o modo como hei de salvá-lo."

"O seu estado sei-o eu, tão bem como tu. E, se pudesse, ter-lhe-ia acorrido, sem que ele me tivesse chamado. Mas o velho tirano do céu quer que ele sofra tantos anos quantos viveu co... com a que o povo chama de Dama Pé-de-Cabra."

"Não blasfemeis contra Deus, minha mãe, que é culpa enorme" — interrompeu o jovem, cada vez mais horrorizado.

"Culpa?! Para mim não há inocência nem culpa" — replicou a dama, rindo às gargalhadas. Era um rir dormente, triste e medonho. Se o diabo ri, como aquele deve ser o rir do diabo.

O cavaleiro não pôde dizer mais nenhuma palavra. "Inigo! — prosseguiu ela — falta um ano para cumprir-se o cativeiro do nobre senhor de Biscaia. Um ano passa depressa e, para te ajudar, mais depressa eu to farei passar. Vês tu aquele valente onagro? Quando de noite acordares e o achares ao pé de ti, manso como um cordeiro, cavalga nele sem medo, pois ele te levará a Toledo, onde livrarás o teu pai. — E erguendo a voz para o onagro, acrescentou: — Estás tu de acordo?" O onagro fitou as orelhas e, em sinal de aprovação, começou a azurrar.

Nisto, a dama ergueu-se pôs-se a declamar uma cantiga de bruxedo, acompanhada de um som demoníaco, que resultava em muitas e estranhas palavras:

Pelo cabo da vassoura,

Pela corda que ata,

Pela víbora que mata,

Pela Loba, e pela Toura;

Pela vara do condão,

Pelo pano da peneira,

Pela velha feiticeira,

Pelo finado sem mão;

Pelo bode, rei da festa,

Pelo sapo inteiriçado,

Pelo infante dessangrado

Que o diabo chupou à sesta;

Pelo crânio alvo e lustroso

Em que sangue se libou,

E do irmão que irmão matou,

Em pecado doloroso;

Pelo nome do maldito

Que em palavras se não diz,

Vinde lá demónios vis;

Vinde ouvir o que súplico!

E dançai, aqui na terra,

Uma dança doidejante,

Para que adormeça num instante

O meu filho Inigo Guerra.

Que ele durma um ano inteiro,

Como se durasse uma hora,

Junto à fonte que ali chora,

Sobre a relva deste outeiro.

Enquanto a dama cantava estas cantigas, o jovem ia sentindo uma fraqueza nos membros que, aumentar cada vez mais, obrigou-o a sentar-se.

De repente ouviu-se um ruído abafado, como o som de trovões e de ventanias engolfando-se em si. O céu começou de toldar-se, tornando-se cada vez era mais escuro até que restou apenas uma luz ténue de crepúsculo a iluminar D. Inigo.

A água da represa fervia, os penedos rachavam, as árvores torciam-se e os ares sibilavam. Das bolhas da água da fonte, das fendas dos rochedos, da rama das árvores e da vastidão do ar, via-se descer, subir, romper e saltar...coisas de temer e pasmar. Eram mil braços sem corpos, negros como carvão, tendo nos braços uma asa, e na mão uma espécie de garra.

Tal como a palha que o tufão levanta na eira, aquela multidão de seres cruzava-se, revolvia-se, unia-se, separava-se e rodopiava, sempre com certa cadência, como que a dançar em compasso.

D. Inigo estava com a cabeça à roda: as luzes pareciam-lhe azuis, verdes e vermelhas: mas corria-lhe pelos membros do corpo uma languidez tão suave, que não teve ânimo ou força para fazer o sinal da cruz. Sentia-se apenas a desvanecer e, pouco a pouco, adormeceu profundamente.

Entretanto, no castelo tinham dado pela sua falta. Esperaram-no até à noite; esperaram-no uma semana, um mês, dez meses... mas não o viram voltar. O pobre pajem Brearte correu por muito tempo a serra de uma ponta à outra, tal como correram outros à sua procura; mas o sítio onde o cavaleiro jazia adormecido estava além do alcance de alguém deste mundo.

****

Inigo acordou a altas horas da noite. Tinha dormido algumas horas, ou pelo menos, ele assim o pensou. Olhou para o céu e viu estrelas; apalpou ao redor e achou terra; escutou e ouviu o ramalhar das árvores. Pouco a pouco foi-se recordando do que passara com a sua mal-aventurada mãe; porque, a princípio, não se lembrava de nada.

Pareceu-lhe então ouvir alguém pisar as ervas ali por perto. Afinou a vista e viu que ali estava o onagro, negro e tenebroso como nunca, à espera que ele o montasse.

"Já meio enfeitiçado estou eu, pensou ele: — aceitarei pois, o resto do pacto, para ver se poderei salvar o meu pai." E pondo-se em pé, encaminhou-se para o possante animal, que já estava enfreado e selado. De que eram feitos os arreios, só o diabo o sabia.

Hesitou, todavia, durante uns momentos. Surgiram-lhe de repente escrúpulos e temor por ter de cavalgar naquele cavalo infernal. Ouviu então nos ares uma voz vibrada, que cantava de modo muito entoado. Era a voz da terrível Dama Pé-de-Cabra:

Cavalga, meu cavaleiro,

No cavalo corredor;

Vai salvar o bom senhor;

Vai tirá-lo do cativeiro.

Nem açoite, nem espora

Requer ele, oh cavaleiro!

Corre, corre bem ligeiro,

Noite e dia, a toda a hora.

Freio ou sela não lhe tires,

Não lhe fales, não o ferres,

No caminho não te aterres,

Para trás nunca te vires.

Vai firme! — avante, avante!

Corre, corre, a bom correr!

Não há minuto a perder,

Vai antes que o galo cante.

"Vá!" — gritou Inigo Guerra, com uma espécie de frenesi que produzira nele aquele cantar estranho e saltando para cima do quieto onagro. Mal se firmou na sela e partiu logo à velocidade do vento.

****

Mesmo em paz com os cristãos, os mouros de Toledo mantêm ainda pelas torres, cubelos e adarves, os seus guardas e vigias, e nos montes que dividem a fronteira de Leão, os seus soldados e guerreiros.

Mas se o rei leonês soubesse como descuidosa ficou a cidade de Toledo; se soubesse que ao anoitecer, as vigias deixam-se dormir, e não se acendem os fachos de lume; quebraria os seus juramentos, e faria contra a cidade um

repentino ataque. Mesmo que tivesse de ir depois ao seu confessor dizer "confiteor Deo, e peceavi", porque quebrar o juramento, mesmo sendo feito com cães hereges, dizem ser feio pecado.

Era a hora do lusco-fusco. Com a visão do sol a pôr-se no horizonte, os guardas de Toledo que olhavam para o Norte, viram lá muito ao longe, aproximar-se a velocidade fantasmagórica, uma nuvem negra, ondeando e fazendo voltas no céu, a seguir o rumo da estrada, na terra por entre os montes: dir-se-ia que vinha embriagada. Começara com um pontinho; depois crescera e crescera: quando anoiteceu, estava já perto dos muros e cobria o horizonte.

O almuadem (padre muçulmano), ao subir à torre da mesquita, chamava os crentes de Mafamede para a oração da noite. Mas a sua voz esganiçada misturou-se com estrondear dos trovões. Um tufão de vento, vindo de repente, embrenhou-se e rodopiou nas barbas longas e brancas do almuadem, fustigando-lhe com elas a cara e, logo de seguida, começou a cair cordas de chuva, que nem

jovens nem velhos se lembravam de ter visto coisa semelhante em parte alguma.

Os esculcas (vigias) aninharam-se então nas guaritas das torres; os roldas e sobre-roldas (guardas) a fugirem pelos adarves; os facheiros a sumirem-se debaixo das almenaras; os hájibes a acolherem-se às mesquitas molhados até os ossos; as velhas, que tinham saído para a rua com a voz do almuadem, foram levadas pelas torrentes de água que encheram as ruas tortuosas e estreitas, gritando por Mafoma e por Allah. Duas únicas ações fazem então os moradores de Toledo: uns fogem, outros agacham-se. E a água cai cada vez mais!

O pavor quebra todos os ânimos: os cacizes esconjuram a tempestade, os faquires penitentes gritam que se está a acabar o mundo e quem se quiser salvar terá que lhes deixar os seus pertences. E a água, cada vez mais, cai sem parar. A salvação de Toledo foi não se terem fechado as suas portas: se assim não sucedesse, dentro do recinto dos muros morria toda a mourisma afogada.

Na prisão estava D. Diogo encostado às grades de ferro. O pobre velho entretinha-se a ouvir aquele medonho

chover; porque a noite era comprida, e ele não tinha que fazer mais nada. Mas, como a sua cela era rodeado de muros e a chuva não podia escoar-se toda, a água crescia de um modo que já lhe chagava aos tornozelos. Assim também ele começou a ter medo de morrer, apesar da sua miséria, pois sabia D. Diogo que a morte é a maior miséria de todas; que não era o senhor de Biscaia ateu, filósofo, nem parvo.

Mas então, eis que avista um vulto alvacento que salva por cima do palanque, e cai mesmo no meio do terreiro — splash! E ouviu uma voz que dizia — "Nobre senhor D. Diogo, onde é que vós vos achais?"

"Que vejo e ouço! — exclamou o velho. — Um traje que não alveja, que não é trajo de mouro; uma voz que não fala algaravia, que não é de infiel; mas um salto dado de tal altura não pode ser de cavaleiro deste mundo. Por vossa fé dizei-me, sois um anjo ou sois S. Santiago?"

"Meu pai, meu pai! acudiu o cavaleiro — já não conheceis a voz de Inigo, vosso filho? Sou eu, que venho salvar-vos."

E D. Inigo, saindo do cavalo, pôs-se a tentar travar a forte corrente de água, que enchia a cela, pois esta já lhes dava pelos joelhos, mas sem sucesso. Cheio de aflição, o jovem quis invocar o nome de Jesus; mas lembrou-se de como ali viera, e o bento nome expirou-lhe nos lábios. Todavia, o ornagro pareceu adivinhar o seu íntimo pensamento porque soltou um gemido agudo e pronto, como se lhe tivessem tocado com um ferro em brasa. E, empurrando D. Inigo para o lado com a cabeça, voltou a anca para a grade. Pau! — foi o som que se ouviu. Com um só coice a grade estava no chão, e as ombreiras de pedra tinham voado em mil rachas. Assim aconteceu, quer em mim acreditem, quer não, di-lo a história. Eu com isto não perco nem ganho.

D. Diogo, esse ficou-o crendo para o resto da sua vida porque uma lasca de pedra bateu-lhe nos dois últimos dentes que tinha e meteu-se-lhe pela goela abaixo. Por isso, ele, com a dor, não pôde dizer palavra quando o seu filho pô-lo em cima do cavalo consigo dizendo-lhe — "Meu pai, estais salvo!"

E o ornagro de um pulo galgou de novo os muros. E que grande salto foi pois tinha o muro uns bons quinze palmos!

Pela manhã já não havia sinal de chuva; o ar estava limpo e sereno, e quando os mouros foram ver o que sucedera a D. Diogo Lopes, não lhe acharam sequer o rasto.

****

D. Inigo e o seu pai, o velho senhor de Biscala, passam as portas de Toledo com a rapidez de uma flecha. Num abrir e fechar de olhos ficaram para trás muros, torres, barbacãs e atalaias. A tempestade vai diminuindo: rasgam-se as nuvens, e vêem-se já reluzir algumas estrelas, que parecem outros tantos olhos com que o céu espreita, através do negrume, o que se passa cá em baixo.

A estrada, após descidas e subidas de montes desnudos, converteu-se em prados verdejantes, os pântanos converteram-se em lagos. Mas, quer pelos lagos, quer pelas planícies, o valente onagro cavalgando veloz, bufando como um demónio. Não chegam a subir bem um monte e já descem pela outra encosta abaixo; ainda não chegaram

bem a uma clareira e já se sentem em profunda floresta a gotejarem-lhes em cima os ramos agitados das árvores. Pouco mais é de meia-noite, e os topos nevados do Vindio recortam o chão estrelado do céu já limpo, semelhantes aos dentes de uma serra gigante, capaz de dividir cérceo o hemisfério austral do hemisfério boreal. E o onagro investe, sempre em galope desfeito, com as montanhas disformes, a descer vales temerosos, e, cada vez mais ligeiro, parece menos quadrúpede que um pássaro.

Mas que ruído é esse que sobrevoa o do vento? Que é isso que, lá ao longe, luz e reluz nas trevas, como uma alcateia de lobos envoltos em lençóis brancos, só com os olhos descobertos, a acorrer em fila pelo fundo do vale abaixo? É um rio caudal e furioso, com o seu manto de escuma, e com as escamas angulosas do seu dorso eriçado, onde batem e chispam os raios das estrelas em mil reflexos quebrados. Está sobre o rio uma ponte e no meio desta, um vulto esguio. — "Será um marco, uma estátua? — pensaram os cavaleiros. Pinheiro não pode ser; não consta que nasçam em cima de pontes."

O onagro ria-se de rios e pontes, todavia, se bem que pudesse, de um pulo, saltar vinte ribeiras como aquela, foi direito à ponte; porque não era animal que seguisse caminhos escusados. Semelhante a um relâmpago, arrojou-se o onagro àquele passo estreito... mas,.... ei-lo que de repente pára; pôs-se a tremer como varas verdes e a arquejar com violência. Os dois cavaleiros, agarrados à sela para não cair, olharam. O vulto esguio era uma Cruz de pedra erguida a meia ponte: por isso o onagro emperrava.

Então, dentro de uns altos choupos, vindo da margem do outro lado e um pouco afastado daquele sítio, ouviu-se uma voz fadigosa e trémula que cantava:

Para trás, para trás, a galgar.

Já!

De redor, de redor, vem passar

Cá!

Que não há nada aqui que te empeça.

Bus,

Nem palavra, vós dois! Fugi dessa

Cruz!

"Santo Nome de Cristo!" — exclamou D. Diogo, benzendo-se ao escutar aquela voz que bem conhecia, mas que, depois de tantos anos, não esperava ali ouvir, porque seu filho não lhe dissera porque meio achara para o salvar.

Assim que as palavras bentas do velho soaram, o onagro, sacudindo-se, soltou um rugido de besta-demónio e ele e D. Inigo foram logo bater contra a base da Cruz, onde ficaram de bruços, envoltos em lodo. Sentiram então um cheiro intolerável de enxofre e ouviram um trovão subterrâneo, percebendo-se ser coisa de Satanás. A ponte balouçou, como se as entranhas da terra se despedaçassem e apesar do seu grande terror, e de chamar pela Virgem Santíssima, D. Inigo abriu um cantinho do olho para ver o que se passava.

Nós os homens costumamos dizer que as mulheres são curiosas. Nós é que o somos. Mentimos como uns desalmados. Que viu o cavaleiro? Um buraco a abrir-se,

bem próximo deles sobre a ponte, que rompia pela água, depois pelo leito do rio e depois pela terra adentro. Dentro via-se o teto do inferno, que outra coisa não podia ser: um fogo muito vermelho reverberando daquela profundidade e demônios com desconformes espetos nas mãos levando pecadores empalados. E o onagro descia rodopiando por aquele boqueirão, como uma pena a cair em dia sereno do alto de uma torre abaixo.

Aquela vista fez perder os sentidos a D. Inigo, que, ao querer gritar por Jesus, achou que não podia proferir este nome sagrado. De terror, tanto o velho como o jovem ficaram ali desmaiados.

Quando voltaram a si, com o romper do sol claro, conheceram o sítio em que se achavam. Era a ponte próxima à aldeia de Nustúrio, no alto da qual avistava o castelo construído por D. From, o saxónio, avô de D. Diogo Lopes e primeiro senhor de Biscaia.

Nenhum vestígio restava do que ali se passara; os dois, doridos, cheios de lodo e pisaduras, foram-se arrastando como puderam até encontrar alguns aldeões, a quem se deram a conhecer, e que os levaram a casa.

As festas que em Nustúrio se fizeram pelo regresso de ambos, é coisa que não vos direi; porque não tarda a hora de cear, rezar e deitar.

****

D. Diogo pouco tempo viveu e enquanto foi vivo todos os dias ouvia missa; todas as semanas se confessava. D. Inigo, porém, nunca mais entrou em igrejas, nunca mais rezou, e não nada mais fazia senão ir à serra caçar. Quando teve de partir para as guerras de Leão, viram-no subir à montanha e voltar de lá montado num agigantado onagro.

O seu nome espalhou-se por toda a Hispânia; porque não houve batalha em que entrasse que se perdesse, e nunca, em nenhum confronto, foi ferido ou derrubado. Diziam os rumores em Nustúrio que o ilustre barão tinha um pacto com Belzebu. Que tinha vendido a metade da sua alma que não era da parte da sua mãe.

Fosse como fosse, Inigo Guerra morreu velho: o que a história não conta é o que então se passou no seu castelo. E

como não quero improvisar mentiras, não irei dizer mais nada.

Mas a misericórdia de Deus é grande. E, por cautela, rezem por ele um Pater e um Ave. E se não for por ele, que seja por mim.

Amém.

O BISPO NEGRO

(ANO DE 1130)

CAPÍTULO I

Houve tempo em que a velha catedral conimbricense, hoje abandonada dos seus bispos, era formosa; houve tempo em que essas pedras, ora tisnadas pelos anos, eram ainda pálidas, como as margens areentas do Mondego. Então, o luar, batendo nos lanços dos seus muros, dava um reflexo de luz suavíssima, mais rica de saudade que os próprios raios daquele planeta guardador dos segredos de tantas almas, que creem existir nele, e só nele, uma inteligência que as perceba.

Então aquelas ameias e torres não tinham sido tocadas das mãos de homens, desde que os seus edificadores as tinham colocado sobre as alturas; e, todavia, já então ninguém sabia se esses edificadores eram da nobre raça goda, se da dos nobres conquistadores árabes.

Mas, quer filha dos valentes do Norte, quer dos pugnacíssimos sarracenos, ela era formosa, na sua singela

grandeza, entre as outras sés das terras de Hispânia. Aí sucedeu o que ora ouvireis contar.

Aproximava-se o meado do duodécimo século. O príncipe de Portugal Afonso Henriques, depois de uma revolução feliz, tinha arrancado o poder das mãos da sua mãe. Se a história se contenta com o triste espetáculo de um filho condenado ao exílio aquela que o gerou, a tradição carrega as tintas do quadro, pintando-nos a desditosa viúva do conde Henrique a arrastar grilhões no fundo de um calabouço. A história conta-nos o fato; a tradição verosímil; e o verosímil é o que importa ao que busca as lendas da pátria.

Em uma das torres do velho alcácer de Coimbra, sentado entre duas ameias, a horas em que o sol fugia do horizonte, o príncipe conversava com Lourenço Viegas, o Espadeiro, e com ele dispunha meios e apurava traças para guerrear a mourisma.

E lançou casualmente os olhos para o caminho que guiava ao alcácer e viu o bispo D. Bernardo, que, montado na sua nédia mula, cavalgava apressado pela encosta acima.

— Vedes vós — disse ele ao Espadeiro — o nosso leal Dom Bernardo, que para cá se encaminha? Negócio grave, por certo, o faz sair a tais desoras da crasta da sua sé. Desçamos à sala de armas e vejamos o que ele quer. — E desceram.

Grandes lampadários ardiam já na sala de armas do alcácer de Coimbra, pendurados de cadeiras de ferro chumbadas nos fechos dos arcos de volta de ferradura que sustentavam os tetos de grossa cantaria. Pelos feixes de colunas delgadas, entre si separadas, mas ligadas sob os fustes por base comum, pendiam corpos de armas, que reverberavam a luz das lâmpadas e pareciam cavaleiros armados, que em silêncio guardavam aquele amplo aposento. Alguns homens de mesnada faziam retumbar as abóbadas, passeando de um para outro lado.

Uma portinha, que ficava num ângulo da quadra, abriu-se, e dela saíram o príncipe e Lourenço Viegas, que desciam da torre. Quase ao mesmo tempo assomou no grande portal de entre o vulto venerável e solene do bispo D. Bernardo.

— Guardai-vos Deus, dom bispo! Que muito urgente negócio vos traz aqui esta noite? — disse o príncipe a D. Bernardo.

— Más noticias, senhor. Trazem-me aqui a mim letras do papa, que ora recebi.

— E que quer de vós o papa?

— Que da sua parte vos ordene solteis vossa mãe...

— Nem pelo papa, nem por ninguém o farei.

— E manda-me que vos declare excomungado, se não quiserdes cumprir seu mandado.

— E vós que intentais fazer?

— Obedecer ao sucessor de São Pedro.

— Quê? Dom Bernardo amaldiçoaria aquele a quem deve o bago pontifical; aquele que o levantou do nada? Vós, bispo de Coimbra, excomungaríeis o vosso príncipe, porque ele não quer pôr a risco a liberdade desta terra remida das opressões do senhor de Trava e do jugo do rei de Leão; desta terra que é só minha e dos cavaleiros portugueses?

— Tudo vos devo, senhor — atalhou o bispo — salvo a minha alma, que pertence a Deus, a minha fé, que devo a Cristo, e a minha obediência, que guardarei ao papa.

— Dom Bernardo! Dom Bernardo! — disse o príncipe, sufocado de cólera —, lembrai-vos de que afronta que se me fizesse nunca ficou sem paga!

— Quereis, senhor infante, soltar vossa mãe?

— Não! Mil vezes não!

— Guardai-vos!

E o bispo saiu, sem dizer mais palavras. Afonso Henriques ficou pensativo por algum tempo; depois, falou em voz baixa com Lourenço Viegas, o Espadeiro, e encaminhou-se para a sua câmara. Daí a pouco o alcácer de Coimbra jazia, como o resto da cidade, no mais profundo silêncio.

****

Pela alvorada, muito antes de romper o sol no dia seguinte, Lourenço Viegas passeava com o príncipe na sala de armas do paço mourisco.

— Se eu próprio o vi, montado na sua nédia mula, ir lá muito ao longe, caminho da terra de Santa Maria. Na porta da Sé estava pregado um pergaminho com larga escritura, que, segundo me afirmou um clérigo velho que aí chegara quando eu olhava para aquela carta, era o que eles chamam o interdito... — Isto dizia o Espadeiro, olhando para todos os lados, como quem receava que alguém o ouvisse.

— Que receias, Lourenço Viegas? Dei a Coimbra um bispo que me excomunga, porque assim o quis o papa: dar-lhe-ei outro que me absolva, porque assim o quero eu. Vem comigo à Sé. Bispo Dom Bernardo, quando te arrependeres da tua ousadia já será tarde.

Dali a pouco as portas da Sé estavam abertas, porque o sol era nado, e o príncipe, acompanhado de Lourenço Viegas e de dois pajens, atravessava a igreja e dirigia-se à crasta, onde, ao som de campa tangida, tinha mandado juntar o cabido, com pena de morte para o que aí faltasse.

****

Solene era o espetáculo que apresentava a crasta da Sé de Coimbra. O sol dava, com todo o brilho de manhã puríssimo, por entre os pilares que sustinham as abóbadas dos cobertos que cercavam o pátio interior. Ao longo desses cobertos caminhavam os cónegos com passos lentos, e as largas roupas ondeavam-lhes ao bago suave do vento matutino. No topo da crasta estava o príncipe em pé, encostado ao punho da espada, e, um pouco atrás dele, Lourenço Viegas e os dois pajens. Os cónegos iam chegando e formavam um semicírculo a pouco distância de el-rei, em cuja cervilheira de malha de ferro ferviam buliçosos os raios do sol.

Toda a clerezia da Sé estava ali apinhada, e o príncipe, sem dar palavra e com os olhos fitos no chão, parecia envolto em fundo pensar. O silêncio era completo.

Por fim Afonso Henriques ergue o rosto carrancudo e ameaçador e disse:

— Cónegos da Sé de Coimbra, sabeis a que vem aqui o infante de Portugal?

Ninguém respondeu palavra.

— Se não sabeis, dir-vos-ei eu — prosseguiu o príncipe —: vem assistir à eleição do bispo de Coimbra.

— Senhor, bispo havemos. Não cabe aí nova eleição — disse o mais e velho e autorizado dos cónegos que estavam presentes e que era o adaião.

— Ámen — responderam os outros.

Esse que vós dizeis — bradou o infante cheio de cólera —, esse jamais o será. Tirar-me quis ele o nome de filho de Deus; eu lhe tirarei o nome do seu vigário. Juro que nunca nos meus dias porá Dom Bernardo pés em Coimbra: nunca mais da cadeira episcopal ensinará um rebelde a fé das santas escrituras! Elegei outro: eu aprovarei vossa escolha.

— Senhor, bispo havemos. Não cabe aí nova eleição — repetiu o adaião.

— Ámen — responderam os mais.

O furor de Afonso Henriques subiu de ponto com esta resistência.

— Pois bem! — disse ele, com a voz presa na garganta, depois de olhar terrível que lançou pela assembleia, e de

alguns momentos de silêncio. — Pois bem! Saí daqui, gente orgulhosa e má! Saí, vos digo eu! Alguém por vós elegerá um bispo...

Os cónegos, fazendo profundas reverências, encaminharam-se para as suas celas, ao longo das arcarias da crasta.

Entre os que ali se achavam, um negro, vestido de hábitos clericais, tinha estado encostado a um dos pilares, observando aquela cena; os seus cabelos revoltos contrastavam pela alvura com a pretidão da tez. Quando o príncipe falava, ele sorria-se e abanava a cabeça, como quem aprovava o dito. Os cónegos começavam a retirar-se, e o negro ia após eles. Afonso Henriques fez-lhe um sinal com a mão. O negro voltou para trás.

— Como hás nome? — perguntou-lhe o príncipe.

— Senhor, hei nome Soleima.

— És bom clérigo?

— Na companhia não há dois que sejam melhores.

— Bispo serás, Dom Soleima. Vai tomar os teus guisamentos, que hoje me cantarás missa.

O clérigo recuou: naquela face tisnada viu-se uma contração de susto.

— Missa não vos cantarei eu, senhor — respondeu o negro com voz tremula — que para tal auto não tenho as ordens requeridas.

— Dom Soleima, repara bem no que te digo! Sou eu que te mando vás vestir as vestiduras de missa. Escolhe: ou hoje tu subirás os degraus do altar-mor da Sé de Coimbra, ou a cabeça te descerá de cima dos ombros e rolará pelas lájeas deste pavimento.

O clérigo curvou a cara.

— Kirie-eleyson... Kirie-eleyson... Kirie-eleysom! — garganteava daí a pouco Dom Soleima, revestido dos hábitos episcopais, junto ao altar da capela-mor. O infante Afonso Henriques, o Espadeiro e os dois pajens, de joelhos, ouviam missa com profunda devoção.

CAPÍTULO II

Era noite. numa das salas mouriscas dos nobres paços de Coimbra havia grande sarau. Donas e donzelas, sentadas ao redor do aposento, ouviam os trovadores repetindo ao som da viola e em tom monótono suas magoadas endechas, ou riam com os arremedilhos satíricos dos truões e farsistas. Os cavaleiros, em pé, ou falavam de aventuras amorosas, de justas e de bofordos, ou de fossados e lides por terras de mouros. Para um dos lados, porém, entre um labirinto de colunas, que dava saída para uma galeria exterior, quatro personagens pareciam entretidas em negócio mais grave do que os prazeres de noite de festa o permitiam. Eram estas personagens Afonso Henriques, Gonçalo Mendes da Maia, Lourenço Viegas e Gonçalo de Sousa, o Bom. Os gestos dos quatro cavaleiros davam mostras de que eles estavam vivamente agitados.

— É o que afirma, senhor, o mensageiro — dizia Gonçalo de Sousa — que me enviou o abade do mosteiro de Tibães, onde o cardeal dormiu uma noite para não entrar em Braga. Dizem que o papa o envia a vós, porque vos supõe herege. Em todas as partes por onde o legado passou, em França e em Espanha, vinham a lhe beijar a mão reis, príncipes e senhores: a eleição de Dom Soleima não pode, por certo, ir avante...

— Irá, irá — respondeu o príncipe em voz tão alta que as palavras reboaram pelas abóbadas do vasto aposento. — Que o legado tenha tento em si! Não sei eu se haveria aí cardeal ou apostólico que me estendesse a mão para eu lha beijar, que pelo cotovelo lha não cortasse fora a minha boa espada. Que me importam a mim vilezas dos outros reis e senhores? Vilezas, não as farei eu!

Isto foi o que se ouviu daquela conversa: os três cavaleiros falaram com o príncipe ainda por muito tempo; mas em voz tão baixa, que ninguém percebeu mais nada.

****

Dois dias depois, o legado do papa chegava a Coimbra: mas o bom do cardeal tremia em cima da sua nédia mula, como se a doença o tivesse tomado. As palavras do infante tinham sido ouvidas por muitos, e alguém as havia repetido ao legado.

Todavia, apenas passou a porta da cidade, revestindo-se de ânimo, encaminhou-se direto ao alcácer real.

O príncipe saiu a recebê-lo acompanhado de senhores e cavaleiros. Com modos corteses, guiou-o à sala do seu conselho, e aí se passou o que ora ouvireis contar.

O infante estava sentado numa cadeira de espaldas: diante dele o legado, num sento raso, posto em cima de um estrado mais elevado: os senhores e cavaleiros cercavam o filho do conde Henrique.

— Dom cardeal — começou o príncipe —, que viestes vós fazer a minha terra? Posto que de Roma só mal me tenha vindo, creio me trazeis agora algum ouro, que dos seus grandes haveres me manda o senhor papa para estas hostes que faço e com que guerreio, noite e dia, os infiéis

da fronteira. Se isto trazeis, aceitar-vos-ei: depois, desembaraçadamente podeis seguir vossa viagem.

No ânimo do legado a cólera sobrepujou o temor, quando ouviu as palavras do príncipe, que eram de amargo escárnio.

— Não a trazer-vos riquezas — atalhou ele —, mas a ensinar-vos a fé vim eu; que dela parece vos esquecestes, tratando violentamente o bispo Dom Bernardo e pondo no seu lugar um bispo sagrado com as vossas manoplas, vitoriado só por vós com palavras blasfemas e malditas...

— Calai-vos, dom cardeal — gritou Afonso Henriques — que mentis pela gorja! Ensinar-me a fé? Tão bem em Portugal como em Roma sabemos que Cristo nasceu da Virgem; tão certo, como vós outros romãos, cremos na Santa Trindade. Se a outra coisa vindes, amanhã vos ouvirei: hoje ir-vos podeis a vossa pousada.

E ergueu-se: os olhos chamejavam-lhe de furor. Toda a ousadia do legado desaparececeu como fumo; e, sem atinar com resposta, saiu do alcácer.

CAPÍTULO III

O galo tinha cantado três vezes: pelo arrebol da manhã, o cardeal partia aforradamente de Coimbra, cujos habitantes dormiam ainda repousadamente.

O príncipe foi um dos que despertaram mais cedo. Os sinos harmoniosos da Sé costumavam acordá-lo tocando as ave-marias: mas naquele dia ficaram mudos; e, quando ele se ergueu, havia mais de uma hora que o Sol subia para o alto dos céus do lado do Oriente.

— Misericórdia!, misericórdia! — gritavam devotamente homens e mulheres à porta do alcácer, com alarido infernal. O príncipe ouviu aquele ruído.

— Que vozes são estas que soam? — perguntou ele a um pajem.

O pajem respondeu-lhe chorando:

— Senhor, o cardeal excomungou esta noite a cidade e partiu: as igrejas estão fechadas; os sinos já não há quem os toque; os clérigos fecham-se nas suas pousadas. A maldição do santo padre de Roma caiu sobre nossas cabeças.

Outra voz soou à porta do alcácer:

— Misericórdia!, misericórdia!

— Que enfreiem e selem o meu cavalo de batalha. Pajem, que enfreiem e selem o meu melhor corredor.

Isto dizia o príncipe encaminhando-se para a sala de armas. Aí envergou à pressa um saio de malha e pegou num montante que dois portugueses dos de hoje apenas valeriam a levantar do chão. O pajem tinha saído, e dali a pouco o melhor cavalo de batalha que havia em Coimbra tropeava e rinchava à porta do alcácer.

CAPÍTULO IV

Um clérigo velho, montado numa alentada mula branca, vindo de Coimbra seguia o caminho da Vimieira e, de instante a instante, espicaçava os ilhais da carruagem com os seus acicates de prata. Em outras duas mulas iam ao lado dele dois jovens com caras e trejeitos de beatos, vestidos de opas e tonsurados, mostrando no seu porte e idade que aprendiam ainda as pueris ou ouviam as gramaticais. Eram o cardeal, que se ia a Roma, e dois sobrinhos seus, que o tinham acompanhado.

Entretanto o príncipe partida de Coimbra sozinho. Quando pela manhã Gonçalo de Sousa e Lourenço Viegas o procuraram nos seus paços, souberam que era partido após o legado. Temendo o caráter violento de Afonso Henriques, os dois cavaleiros seguiram-lhe a pista à rédea solta, e iam já muito longe quando viram o pó que ele levantava, correndo ao longo da estrada, e o cintilar do sol, batendo-

lhe de chapa na cervilheira, semelhante ao dorso de um crocodilo.

Os dois fidalgos esporearam com mais força os ginetes, e breve alcançaram o infante.

— Senhor, senhor; aonde ides sem vossos leais cavaleiros, tão cedo e açodadamente?

— Vou pedir ao legado do papa que se amerceie de mim...

A estas palavras, os cavaleiros transpunham uma assomada que encobria o caminho: pela encosta abaixo ia o cardeal com os dois jovens das opas e cabelos tonsurados.

— Oh! ... — disse o príncipe. Esta única interjeição lhe fugiu da boca; mas que discurso houvera aí que a igualasse? Era o rugido de prazer do tigre, no momento em que salta do fojo sobre a preia descuidada.

— Memento mei, Domine, secundum magnam misericordiam tua! — rezou o cardeal em voz baixa e trémula, quando, ouvindo o tropear dos cavalos, voltou os olhos e conheceu Afonso Henriques.

Em um instante este o havia alcançado. Ao perpassar por ele, travou-lhe do cabeção do vestido e, de relance, ergueu o monante: felizmente os dois cavaleiros arrancaram as espadas e cruzaram-nas debaixo do golpe, que já descia sobre a cabeça do legado. Os três ferros feriram fogo; mas a pancada deu em vão, aliás i crânio do pobre clérico teria ido fazer mais de quadro redemoinhos nos ares.

— Senhor, que vos perdeis e nos perdeis, ferindo o ungido de Deus — gritaram os dois fidalgos, com vozes aflitas.

— Príncipe — disse o velho, chorando —, não me faças mal; que estou à tua mercê! — Os dois jovens também choravam.

Afonso Henriques deixou descair o montante, e ficou em silêncio alguns momentos.

— Estás à minha mercê? disse ele por fim. — Pois bem! Viverás, se desfizeres o mal que causaste. Que seja levantada a excomunhão lançada sobre Coimbra, e jura-me, em nome do apostólico, que nunca mais nos meus dias será posto interdito nesta terra portuguesa, conquistada aos Mouros por preço de tanto sangue. Em reféns deste pacto

ficarão teus sobrinhos. Se, no fim de quatro meses, de Roma não vierem letras de bênção, tem tu por certo que as cabeças lhes voarão de cima dos ombros. Apraz-te este contrato?

— Sim, sim! — respondeu o legado com voz sumida.

— Juras?

— Juro.

— Jovens, acompanhai-me.

Dizendo isto, o infante fez um aceno aos sobrinhos do legado, que, com muitas lágrimas, se despediu deles, e sozinho seguiu o caminho da terra de Santa Maria.

Daí a quatro meses, D. Soleima dizia missa pontifical na capela-mor da Sé de Coimbra, e os sinos da cidade repicavam alegremente. Tinham chegado letras de bênção de Roma; e os sobrinhos do cardeal, montados em boas mulas, iam cantando devotamente pelo caminho da Vimieira o salmo que começa:

In exitu Israel de AEgypto.

Conta-se, todavia, que o papa levara a mal, no princípio, o pacto feito pelo legado; mas que, por fim, tivera dó do pobre velho, que muitas vezes lhe dizia:

— Se tu, santo padre, viras sobre ti um cavaleiro tão bravo ter-te pelo cabeção, e a espada nua para te cortar a cabeça, e o seu cavalo, tão feroz, arranhar a terra, que já te fazia a cova para ter enterrar, não somente deras as letras, mas também o papado e a cadeira apostolical.

A MORTE DO LIDADOR

(ANO DE 1170)

— Pajens! Ou arreiem o meu ginete murzelo; e vós dai-me o meu lorigão de malha de ferro e a minha boa toledana. Senhores cavaleiros, hoje contam-se noventa e cinco anos que recebi o batismo, oitenta que visto armas, setenta que sou cavaleiro, e quero celebrar tal dia fazendo entrada por terras da frontaria dos mouros.

Isto dizia na sala de armas do castelo de Beja Gonçalo Mendes da Maia, a quem, pelas muitas batalhas que lutara e pelo seu valor indomável, chamavam Lidador. Afonso Henriques, depois do infeliz sucesso de Badajoz, e feitas pazes com el-rei Leão, o nomeara guardião da cidade de Beja, de pouco tempo conquistada aos mouros. Os quatro Viegas, filhos do bom velho Egas Moniz, estavam com ele, e outro muitos cavaleiros afamados, entre os quais D. Ligel de Flandres e Mem Moniz — que a festa dos vossos anos, Senhor Gonçalo Mendes, será mais de jovem cavaleiro que de capitão encanecido e prudente. Deu-vos el-rei esta frontaria de Beja para bem a haverdes de guardar, e não sei

se arriscado é sair hoje à campanha, que dizem os escutas, chegados ao romper de alva, que o famoso Almoleimar correr por estes arredores com dez vezes mais lanças do que todas as que estão encostadas nos lanceiros desta sala de armas.

— Voto a Cristo — atalhou o Lidador — que não cria em que o senhor rei me tivesse posto nesta torre de Beja para estar sentado à lareira da chaminé, como velha dona, a espreitar de vez em quando por uma seteira se cavaleiros mouros vinham correr até a barbacã, para lhes cerrar as portas e ladrar-lhes do cimo da torre da menagem, como usam os vilãos. Quem achar que são duros de mais os arneses dos infiéis pode ficar-se aqui.

— Bem dito! Bem dito! — exclamarem, dando grandes risadas, os cavaleiros jovens.

— Por minha boa espada! — gritou Men Moniz, atirando o guante ferrado às lájeas do pavimento — que mente pela gorja quem disser que eu ficarei aqui, havendo dentro de dez léguas em redor lide com mouros. Senhor Gonçalo Mendes, podeis montar no vosso ginete, e veremos qual das nossas lanças bate primeiro em adarga mourisca.

— A cavalo! A cavalo! — gritou outra vez a chusma, com grande alarido.

Dali a pouco, ouvia-se o retumbar dos sapatos de ferro de muitos cavaleiros descendo os degraus de mármore da torre de Beja e, passados alguns instantes, soava só o tropear dos cavalos, atravessando a ponte levadiça das fortificações exteriores que davam para o lado da campanha por onde costumava aparecer a mourisma.

****

Era um dia do mês de Julho, duas horas depois da alvorada, e tudo estava em grande silêncio dentro da cerca de Beja: batia o sol nas pedras esbranquiçadas dos muros e torres que a defendiam: ao longe, pelas imensas compinas que avizinhavam o teso sobre que a povoação está sentada, viam-se ondear as searas maduras, cultivadas por mãos de agarenos para seus novos senhores cristãos. Regados por lágrimas de escravos tinham sido esses campos, quando formoso dia de inverno os sulcou o ferro do arado; por lágrimas de servos seriam outra vez humedecidos, quando, no mês de Julho, a paveia, cercada pela fouce, pendesse sobre a mão do ceifeiro: choro de amargura havia aí, como,

cinco séculos antes, o houvera: então de cristãos conquistados, hoje de mouros vencidos. A cruz ateava-se outra vez sobre o crescente quebrado: os coruchéus das mesquitas convertiam-se em campanários de sés, e a voz do almuadem trocava-se por toada de sinos, que chamavam à oração entendida por Deus.

Era esta a resposta dada pela raça goda aos filhos de África e do Oriente, que diziam, mostrando os alfanges: — "é nossa a terra de Espanha". — O dito árabe foi desmentido; mas a resposta gastou oito séculos a escrever-se. Pelaio entalhou com a espada a primeira palavra dela nos cerros das Astúrias; a última gravaram-na Fernando e Isabel, com os pelouros das suas bambardes, nos panos das muralhas da formosa Granada: e esta escritura, estampada em alcantis de montanhas, em campos de batalha, nos portais e torres dos templos, nos bancos dos muros das cidades e castelos, acrescentou no fim a mão da Providência — "assim para todo o sempre!"

Nesta luta de vinte gerações andavam lidando as gentes do Alentejo. O servo mouro olhava todos os dias para o horizonte, onde se enxergavam as serranias do Algarve: de

lá esperava ele salvação ou, ao menos, vingança; ao menos, um dia de combate e corpos de cristãos estirados na veiga para pasto dos açores bravios. A vista do sangue enxugava-lhes por algumas horas as lágrimas, embora as aves de rapina tivessem, também, abundante ceva de cadáveres dos seus irmãos! E este ameno dia de Julho devia ser um desses dias porque suspirava o servo ismaelita.

Almoleimar descera com os seus cavaleiros às campinas de Beja. Pelas horas mortas da noite, viam-se as almenaras das suas talaias nos píncaros das serras remotas, semelhantes às luzinhas que em descampados e tremedais acendem as bruxas em noites dos seus festejos: bem longe estavam as almenaras, mas bem perto sentiam os escutas o resfolegar e o tropear de cavalos, e o ranger das folhas secas, e o tinir a espaços de alfanje batendo em ferro de caneleira ou de coxote. Ao romper de alva, os cavaleiros do Lidador saíam mais de dois tiros de besta além das muralhas de Beja; tudo porém estava em silêncio, e só, aqui e ali, as searas calcadas davam rebate de que por aqueles sítios tinham vagueados almogaures mouros, como o leão

do deserto rodeia, pelo quarto de modorra, as habitações dos pastores além das encostas do Atlas.

No dia em que Gonçalo Mendes da Maia, o velho guardião de Beja, cumpria os noventa e cinco anos, ninguém saíra, pelo arrebol da manhã, a correr o campo; e, todavia, nunca tão de perto chegara Almoleimar; porque uma frecha fora pregada a mão num grosso sovereiro que sombreava uma fonte a pouco mais de tiro de funda dos muros do castelo. Era que nesse dia deviam ir mais longe os cavaleiros cristãos: Lidador pedira aos pajens o seu lorigão de malha de ferro e a sua boa toledana.

Trinta fidalgos, flor da cavalaria, corriam à rédea solta pelas campinas de Beja; trinta, não mais, eram eles; mas orçavam por trezentos os homens de armas, escudeiros e pajens que os acompanhavam. Entre todos avultava em robustez e grandeza de membros o Lidador, cujas barbas brancas lhe ondeavam, como flocos de neve, sobre o peitoral da cota de armas, e o terrível Lourenço Viegas, a quem, pelos espantosos golpes da sua espada, chamavam o Espadeiro. Eram formoso espetáculo o esvoaçar dos balsões e signas, fora das suas fundas e soltos ao vento, o

cintilar das cervilheiras, as cores variegadas das cotas, e as ondas de pó que se levantavam debaixo dos pés dos ginetes, como se levanta o bulcão de Deus, varrendo a face de campina ressequida, em tarde ardente de verão.

Ao largo, muito ao largo, dos muros de Beja cai a atrevida cavalgada em demanda dos mouros; e no horizonte não se veem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavaleiros caminham. Nem um pendão mourisco, nem um albornoz branco alvejam ao longe sobre um cavalo murzelo. Os corredores cristãos volteiam na frente da linha dos cavaleiros, correm, cruzam para um e outro lado, embrenham-se nos matos e transpõem-nos em breve; entram pelos canaviais dos ribeiros; aparecem, somem-se, tornam a sair ao claro; mas, no meio de tal lidar, apenas se ouvem o trote compassado dos ginetes e o grito monótono da cigarra, pousada nos raminhos da giesteira.

A terra que pisam é já dos mouros; é já além da frontaria. Se olhos de cavaleiros portugueses soubessem olhar para trás, indo em som de guerra, os que para trás de si os volvessem a custo enxergariam Beja. Bastos pinhais

começavam já a cobrir mais crespo território, cujos outirinhos, aqui e ali, se alteavam suaves, como seio de virgem em viço de juventude. Pelas faces tostadas dos cavaleiros cobertos de pó corria o suor em bagas, e os ginetes alagavam de escuma as redes de ferro acaireladas de Ouro que só defendiam. A um sinal do Lidador, a cavalgada parou; era necessário repousar, que o sol ia no zénite e abrasava a terra; descavalgaram todos à sombra de um azinhal e, sem desenfrear os cavalos, deixaram-nos pascer alguma relva que crescia nas bordas de um arroio vizinho.

Tinha passado meia hora: por mandado do velho guardião de Beja um almogávar montou a cavalo e aproximou-se à rédea solta de uma selva extensa que corria à mão direita: pouco, porém, correu; uma frecha despedida dos bosques sibilou no ar: o almogávar gritou por Jesus: a frecha tinha-se embebido ao lado: o cavalo parou de repente, e ele, erguendo os braços ao ar, com as mãos abertas, caiu de bruços, tombando para o chão, e o ginete partiu desenfreado através das veigas e desapareceu na selva. O almogávar dormia o último sono dos valentes em terra de

inimigos, e os cavaleiros da frontaria de Beja viram o seu transe do repousar eterno.

— A cavalo! A cavalo! — bradou a uma voz toda a lustrosa companhia do Lidador; e o tinido dos guantes ferrados, batendo na cobertura de malha dos ginetes, soou uníssono, quando todos os cavaleiros cavalgaram de um pulo; e os ginetes rincharam de prazer, como aspirando os combates.

Grita medonha troou ao mesmo tempo, além do pinhal da direita. — "Alá! Almoleimar!" — era o que dizia a grita.

Enfileirados em extensa linha, os cavaleiros árabes saíram à rédea solta de trás da escura selva que os encobria: o seu número excedia em cinco vezes o dos soldados da cruz: as suas armaduras lisas e polidas contrastavam com a rudeza das dos cristãos, apenas defendidos por pesadas cervilheiras de ferro e por grossas cotas de malha do mesmo metal: mas as lanças destes eram mais robustas, e as suas espadas mais volumosas do que as cimitarras mouriscas. A rudeza e a força da raça gótico-romana ia, ainda mais uma vez, provar-se com a destreza e com a perícia árabes.

****

Como longa fita de muitas cores, recamada de fios de Ouro e refletindo mil acidentes de luz, a extensa e profunda linha dos cavaleiros mouros sobressaía na veiga entre as searas pálidas que cobriam o campo. em frente deles, os trinta cavaleiros portugueses, com trezentos homens de armas, pajens e escudeiros, cobertos dos seus escuros envoltórios e lanças em riste, esperavam o brado de acometer. Quem visse aquele punhado de cristãos, diante da cópia de infiéis que os esperavam, diria que, não com honras de cavaleiros, mas com fervor de mártires, se ofereciam a desesperado transe. Porém, não pensava assim Almoleimar, nem os seus soldados, que bem conheciam a têmpera das espadas e lanças portugueses e a rijeza dos braços que as manejavam. De um contra dez devia ser o iminente combate; mas, se havia aí algum coração que batesse descompassado, algumas faces descoradas, não era entre os companheiros do Lidador, que tal coração batia ou que tais faces descoravam.

Pouco a pouco, a planura que separava as duas hostes tinha-se embrido debaixo dos pés dos cavalos, como no

tórculo se embebe a folha de papel saindo para o outro lado convertida em estampa primorosa. As lanças iam feitas: o Lidador bradara Santiago, e o nome de Alá soara num só grito por toda a fileira mourisca.

Encontraram-se! Duas muralhas fronteiras, balouçadas por violento terramoto, desabando, não fariam mais ruído, ao bater em pedaços uma contra a outra, do que este recontro de infiéis e cristãos. As lanças, topando em cheio nos escudos, tiravam deles um som profundo, que se misturava com o estalar das que voavam despedaçadas. Do primeiro encontro, muitos cavaleiros vieram ao chão: um mouro robusto foi derribado por Mem Moniz, que lhe falsou as armas e traspassou o peito com o ferro da sua grossa lança. Deixando-a depois cair, o velho desembainhou a espada e gritou ao Lidador, que perto dele estava:

— Senhor Gonçalo Mendes, ali tendes, no peito daquele cão, aberto a seteira por onde eu, velha dona sentada à lareira, costumo vigiar a chegada de inimigos, para lhes ladrar, como alcateia de vilãos, do cimo da torre de menagem.

O Lidador não lhe pôde responder. Quando Mem Moniz proferia as últimas palavras, ele topara em cheio com o terrível Almoleimar. As lanças dos dois contendores tinham-se feito pedaços, e o alfanje do mouro cruzou-lhe com a toledana do guardião de Beja.

Como duas torres de sete séculos, cujo cimento o tempo petrificou, os dois capitães inimigos estavam um em frente do outro, firmes nos seus possantes cavalos: as faces pálidas e enrugadas do Lidador tinham ganhado a imobilidade que dá, nos grandes perigos, o hábito de os afrontar: mas no rosto de Almoleimar divisavam-se todos os sinais de um valor colérico e impetuoso. Cerrando os dentes com força, descarregou um golpe tremendo sobre o seu adversário: o Lidador recebeu-o no escudo, onde o alfanje se embebeu inteiro, e procurou ferir Almoleimar entre o fraldão e a couraça; mas a pancada falhou, e a espada desceu, faiscando, pelo coxote do mouro, que já desencravara o alfanje. Tal foi a primeira saudação dos dois cavaleiros inimigos.

— Brando é o teu escudo, velho infiel; mais bem temperado é o metal do meu arnês. Veremos agora se na

tua touca de ferro se embotam os fios deste alfanje.

Isto disse Almoleimar, dando uma risada, e a cimitarra bateu no fundo do vale penedo desconforme desprendido do píncaro da montanha.

O guardião vacilou, deu um gemido, e os braços ficaram-lhe pendentes: a espada ter-lhe-ia caído no chão, se não estivesse presa ao punho do cavaleiro por uma cadeia de ferro. O ginete, sentindo as rédeas frouxas, fugiu um bom pedaço pela campanha, a todo o galope.

Mas o Lidador voltou a si: uma forte sofreada avisou o ginete de que o seu senhor não morrera. À rédea solta, lá volta o guardião de Beja; escorre-lhe o sangue, envolto em escuma, pelos cantos da boca: traz os olhos torvos de ira: ai de Almoleimar!

Semelhante ao vento de Deus, Gonçalo Mendes da Maia passou por entre os cristãos e mouros: os dois contendores viram-se, e, como o leão e o tigre, correram um para o outro. As espadas reluziam no ar; mas o golpe do Lidador era simulado, e o ferro mudando de movimento no ar, foi bater de ponta no gorjal de Almoleimar, que cedeu à

violenta estocada; e o dangue, saindo às golfadas, cortou a última maldição do agareno.

Mas a espada deste também não errara o golpe: vibrada na ânsia, colhera pelo ombro esquerdo o velho guardião e, rompendo a grossa malha do lorigão, penetrara na carne até o osso. Ainda mais uma vez a mesma terra bebeu nobre sangue godo misturado com sangue árabe.

— Perro maldito! Sabe lá no inferno que a espada de Gonçalo Mendes é mais rija que a sua cervilheira.

E, dizendo isto, o Lidador caiu amortecido; um dos seus homens de armas voou a socorrê-lo; mas o último golpe de Almoleimar fora o brado da sepultura para o guardião de Beja: os ossos do ombro do bom velho estavam como triturados, e as carnes rasgadas pendiam-lhe para um e para outro lado envoltas nas malhas descosidas do lorigão.

****

Entretanto os mouros iam de vencida: Mem Moniz, D. Ligel, Godinho Fafes, Gomes Mendes Gedeão e os outros cavaleiros daquela lustrosa companhia tinham praticado maravilhosas façanhas. Mas, entre todos, tornava-se

notável o Espadeiro. Com um pesado montante nas mãos, coberto de pó, suor e sangue, lutavam a pé; que o seu agigantado ginete caíra morto de muitos tiros de frechas lançadas. De roda dele não se viam senão cadáveres e membros destroncados, por cima dos quais trepavam, para logo recuarem ou baquearem no chão, os mais ousados cavaleiros árabes. Como um promontório de escarpados alcantis, Lourenço Viegas estava imóvel e sobranceiro no meio do embate daquelas vagas de guerreiros que vinham desfazer-se contra o terrível montante do filho de Egas Moniz.

Quando o guardião caiu, o grosso dos mouros fugia já para além do pinhal; mas os mais valentes lutavam ainda à roda do seu moribundo. O Lidador esse tinha sido posto em cima de umas andas, feitas de troncos e franças de árvores, e quatro escudeiros, que restavam vivos dos dez que consigo trouxera, o tinham transportado para a saga da cavalgada. O tinir dos golpes era já muito frouxo e sumiam-se no som dos gemidos, pragas e lamentos que soltavam os feridos derramados pela veiga ensanguentada. Se os mouros, porém, levavam, fugindo, vergonha e dano, a

vitória não saíra barata aos portugueses. Viam perigosamente ferido o seu velho capitão, e tinham perdido alguns cavaleiros de conta e a maior parte dos homens de armas, escudeiros e pajens.

Foi neste ponto que, ao longe, se viu erguer uma nuvem de pó, que voava rápida para o lugar da batalha. Mais perto, aquele turbilhão rareou vomitando do seio basto esquadrão de árabes. Os mouros que fugiam deram volta e gritaram: A Ali-Abu-Hassan! Só Deus é Deus, e Maomé o seu profeta! Era, com efeito, Ali-Abu-Hassan, rei de Tânger, que estava com o seu exército sobre Mertola e que viera com mil cavaleiros em socorro de Almoleimar.

****

Cansados de largo combater, reduzidos a menos de metade em número e cobertos de feridas, os cavaleiros de Cristo invocaram o seu nome e fizeram o sinal da cruz. O Lidador perguntou com voz fraca a um pajem, que estava ao pé das andas, que nova revolta era aquela.

— Os mouros foram socorridos por um grosso esquadrão — respondeu tristemente o pajem. — A Virgem Maria nos

acuda, que os senhores cavaleiros parece recuarem já.

O Lidador cerrou os dentes com força e levou a mão à cinta. Buscava a sua boa toledana.

— Pajem, quero um cavalo. Onde está a minha espada?

— Aqui a tenho, senhor. Mas estais tão quebrado de forças!...

— Silêncio! A espada, e um bom ginete.

O pajem deu-lhe a espada e foi pelo campo buscar um ginete, dos muitos que andavam já sem dono. Quando voltou com ele, o Lidador, pálido e coberto de sangue, estava em pé e dizia, falando consigo:

— Por Santiago que não morrerei como vilão da beetria onde entrou cavalgada de mouros!

E o pajem ajudou-o a montar o cavalo.

Ei-lo o velho guardião de Beja! Semelhava um espectro erguido de pouco em campo de finados: debaixo de muitos panos que lhe envolviam o braço e o ombro esquerdo levava a própria morte; nos fios da espada, que a mão

direita mal sustinha, levava, porventura, ainda a morte de muitos outros!

****

Para onde mais travada e acesa andava a batalha se encaminhou o Lidador. Os cristãos afrouxavam diante daquela multidão de infiéis, entre os quais mal se enxergavam as cruzes vermelhas pintadas nas cimeiras dos portugueses. Dois cavaleiros, porém, com vulto feroz, os olhos turvados de cólera, e as armaduras crivadas de golpes, sustinham todo o peso da batalha. Eram estes o Espadeiro e Mem Moniz. Quando o guardião assim os viu oferecidos a certa morte algumas lágrimas lhe caíram pelas faces e, esporeando o ginete, com a espada erguida, abriu caminho por entre infiéis e cristãos e chegou aonde os dois, cada um com o seu montante nas mãos, faziam larga praça no meio dos inimigos.

— Bem-vindo, Gonçalo Mendes! — disse Mem Moniz. — Quiseste assistir connosco a esta festa de morte? Vergonha era, de feio, que estivesses fazendo teu passamento, com todo o repouso, deitado lá na saga, enquanto eu, velha

dona, espreito os mouros com o meu sobrinho junto desta lareira...

— Implacáveis sois vós outros, cavaleiros de Riba-Douro, — respondeu o Lidador em voz sumida — que não perdoais uma palavra sem malícia. Lembra-te, Mem Moniz, de que bem depressa estaremos todos diante do justo juiz.

Velho sois; bem o mostrais! — acudiu o Espadeiro. — Não cureis de vãs porfias, mas de morrer como valentes. Demos nestes cães, que não ousam chegar-se a nós. Avante, e Santiago!

— Avante, e Santiago! — responderam Gonçalo Mendes e Mem Moniz: e os três cavaleiros deram rijamente nos mouros.

****

Quem hoje ouvir recontar os bravos golpes que no mês de Julho de 1170 se deram na veiga da fronteira de Beja, notá-los-á de fábulas sonhadas; porque nós, homens corruptos e enfraquecidos por ócios e prazeres de vida afeminada, medimos pelos nossos ânimos e forças, a força e o ânimo dos bons cavaleiros portugueses do século XII; e todavia,

esses golpes ainda soam, através das eras, nas tradições e crónicas, tanto cristãs como agarenas.

Depois de deixar assinadas muitas armaduras mouriscas, o Lidador vibrara pela última vez a espada e abrira o elmo e o crânio de um cavaleiro árabe. O violento abalo que experimentou lhe fez rebentar em torrentes o sangue da ferida que recebera das mãos de Almoleimar e, cerrando os olhos, caiu morto ao pé do Espadeiro, de Mem Moniz e de Afonso Hermingues de Baião, que com eles se juntara. Repousou, finalmente, Gonçalo Mendes da Maia de oitenta anos de combates!

Já nesse tempo, cristãos e mouros tinham descido dos cavalos e lutavam a pé. Traziam-se assim à vontade, e recrescia a crueza da batalha. Entre os cavaleiros de Beja espalhou-se logo a notícia da morte do seu capitão, e não houve ali olhos que ficassem enxutos. O despeito do próprio Mem Moniz deu lugar à dor, e o velho de Riba-Douro exclamou entre soluços:

— Gonçalo Mendes, és morto! Nós todos quantos aqui somos, não tardará que te sigamos; mas ao imenso, nem tu, nem nós ficaremos sem vingança!

— Vingança! — bradou o Espadeiro com voz rouca, e rangendo os dentes. Deu alguns passos e viu-se o seu montante reluzir, como uma centelha em céu proceloso.

Era Ali-Abu-Hassan: Lourenço Viegas o conhecera pelo timbre real do morrião.

****

Se já vivestes vida de combates em cidade sitiada, tereis visto muitas vezes um vulto negro que em linha diagonal corta os ares, sussurrando e gemendo. Rápido, como um pensamento criminoso em alma honesta, ele chegou das nuvens à terra, antes que vos lembrásseis do seu nome. Se encontrou na passagem ângulo de torre secular, o mármore converte-se em pó; se atravessou, pelas ramas de árvore basta e frondosa, a folha mais virente e frágil, o raminho mais tenro é dividido, como se, com cutelo sutilíssimo, mão de homem lhe houvera cerceado atentamente uma parte; e, todavia, não é um ferro açacalado: é um globo de ferro; é a bomba, que passa, como a maldição de Deus. Depois, debaixo dela, o chão achata-se e a terra espadana aos ares; e, como agitada, despedaçada por cem mil demónios, aquela máquina do inferno estoura, e de roda dela há um

zumbir sinistro: são mil fragmentos; são mil mortes que se derramam ao longe. Então faz-se um grande silêncio vêem-se corpos destroncados, poças de sangue, arcabuzes quebrados, e ouvem-se o gemer dos feridos e o estertor dos moribundos.

Tal desceu o montante do Espadeiro, roto dos milhares de golpes que o cavaleiro tinha descarregado. O elmo de Ali-Abu-Hassan faiscou, voando em pedaços pelos ares, e o ferro cristão esmigalhou o crânio do infiel, abriu-o até os dentes. Ali-Abu-Hassan caiu.

— Lidador! Lidador! — disse Lourenço Viegas, com voz comprimida. As lágrimas misturavam-se-lhe nas faces com o suor, com o pó e com o sangue do agareno, de que ficou coberto. Não pôde dizer mais nada.

Tão espantoso golpe aterrou os mouros. Os portugueses seriam já apenas sessenta, entre cavaleiros e homens de armas: mas lutavam como desesperados e resolvidos a morrer. Mais de mil inimigos juncavam o campo, de envolta com os cristãos. A morte de Ali-Abu-Hassan foi o sinal da fugida.

Os portugueses, senhores do campo, celebravam com gritos a vitória. Poucos havia que não estivessem feridos; nenhum que não tivesse as armas falsadas e rotas. O Lidador e os restantes cavaleiros de grande conta que naquela jornada tinham acabado, atravessados em cima dos ginetes, foram conduzidos a Beja. Após aquele tristíssimo préstito, iam os cavaleiros a passo lento, e um sacerdote templário, que fora na cavalgada com a espada cheia de sangue metida na bainha, salmodiava em voz baixa aquelas palavras do livro da Sabedoria:

"*Justorum autem animae in manu Dei sunt, et non tangent illos tormentum mortis*".

O EMPRAZADO

(ANO DE 1312)

O exército castelhano capitaneado pelo infante D. Pedro estava cercando os mouros de Alcaudete. Em Martos, povoação pouco distante, alojara-se com os seus cavaleiros el-rei D. Fernando IV.

Este príncipe contava apenas vinte e cinco anos de idade, e alguns meses de reinado. Os seus costumes eram devassos: as noites passava-as em banquetes; os dias em escutar os enredos dos cortesãos; colérico em demasia, a sua sanha e vingança eram sempre terríveis. Pouco tinha que esperar a Espanha do seu reinado, que prometia ser longo.

Junto a Martos havia um rochedo altíssimo pendurado sobre um vale profundo: a vista se turbava a quem quer que do alto olhava para o abismo que jazia aos seus pés.

Dois homens vestidos de pelotes (1*) caminhavam entre saiões e alvazis (2*) para o píncaro do rochedo: desordenadas lhes pendiam as capas curtas dos ombros, e,

sem toucas na cabeça, o vento lhes agitava os cabelos desgrenhados. Levavam as mãos soltas, e ninguém diria que papel faziam neste drama, se não fosse a desordem dos seus vestidos, as punhadas que davam no rosto, e os movimentos da aflição que os agitava.

[(*) 1 — Espécie de veste como jaqueta com abas. 2 — Oficiais de Justiça, meirinhos.]

Eram dois condenados: aquela a sua hora extrema.

Quando a Corte estava em Palença saía certo dia do palácio real um cavaleiro da família dos Benavides(*): dois vultos aproximaram-se dele e o apunhalaram-no: caiu o cavaleiro moribundo, e expirou sem conhecer os seus assassinos; também ninguém mais os conheceu.

[(*) Benavides (ou Benevides): Antiga e nobre família de Espanha. Provém de Rodrigo ínhigues de Biedma, senhor da casa de Sotoburmo e da terra de Lima, na raia de Galiza. Passaram os Benavides a Portugal no tempo do rei D. Afonso V, na pessoa de Inês de Benavides, sobrinha de D. Inês de Benavides, mulher de

Pedro de Mendanha, alcaide-mor de Castro Nuno, em Castela, e de Barcelos, em Portugal.]

O furor de el-rei, que amava este cavaleiro, subiu ao maior auge: as masmorras atulharam-se de acusados; mas nenhuns deles pareciam serem os assassinos.

Contudo a vingança real precisava de ser satisfeita: juízes corruptos fizeram recair a culpa sobre dois cavaleiros, os irmãos Carvajales: e condenaram-nos à morte.

— Morram por *elo* (*) — disse el-rei transportado de alegria, quando lhe levaram a confirmar a sentença: «do alto do rochedo de Martos sejam precipitados no fundo do vale: que os corvos pastem um dia carniça de cavaleiros.»

[(*) Elo: Do latim illum, pronome arcaico, equivalente a isto, isso, aquilo.]

Era pois aquele dia o do suplício.

Cobertos de armas luzentes, encostados às lanças, e montados em cavalos acobertados, um basto esquadrão de

cavaleiros, ao lado do caminho que dava para o rochedo fatal, aguardavam a passagem dos dois condenados. No meio daqueles elmos lampejantes um havia adornado com uma coroa: o cavaleiro cuja cabeça ele resguardava trazia vestida uma cota toda bordada com as armas de Castela. Era o jovem D. Fernando, que, com a viseira levantada, ria e falava com os nobres que lhe estavam aos lados.

Já se vinha aproximando o cortejo dos justiçados. Adiante um pregoeiro dizia em voz alta:

— Justiça que manda fazer el-rei dos dois irmãos, Pedro e João Carvajal, por terem atraiçoadamente assassinado o muito nobre cavaleiro Benavides!

— Mentira, mentira! — clamavam os dois desgraçados. — Aleive infernal, as nossas mãos estão inocentes.

E aquele préstito de morte chegava ao sítio em que el-rei o estava aguardando.

Aí, os dois irmãos Carvajales, rompendo por entre os esbirros, foram cair em joelhos aos pés do ginete de D. Fernando de Castela.

— Salva-nos, oh rei, salva-nos; porque não somos culpados. Prontos estamos a passar pelas provas do fogo e da água: prontos a levantar na estacada a luva daqueles que nos chamam traidores; porém morrer como o mais vil servo; morrer coberto de infâmia, nós que sonhávamos a glória dos combates, nós que contávamos cercear tantas cabeças de mouros! Rei, salva-nos!, porque esta morte é horrível.

El-rei os escutou calado: e olhando para os saiões e alvazis, lhes disse com ar torvo:

— Que esperais vós outros? Levai os assassinos!

Então os dois irmãos, como movidos por uma só vontade, se ergueram em pé: os seus rostos, até aí aflitos e cobertos de lágrimas, pareceram asserenar-se; mas esta serenidade era a da desesperação. Fitaram os olhos no céu, e este olhar era tremendo; porque nele havia a expressão da confiança em Deus, e da maldição que a inocência sabe arrancar do Céu contra os tiranos da Terra. A postura dos dois cavaleiros era naquele momento sublime.

— Tu não queres perdoar-nos? — disse por fim Pedro de Carvajal, dirigindo-se a el-rei.

— Não, traidor assassino!

— Assassino és tu, malvado, que nos condenas sem justiça; que cobres de luto e de infâmia a nossa nobre família. Porém não folgues na tua maldade, mesquinho rei da terra; porque há um rei nos céus. Lá nós e tu seremos julgados. Comparece aí de hoje a trinta dias. Eu to ordeno em nome do Supremo Juiz. Rei emprazado, que não te esqueça este dia!

Dito isto, os dois irmãos caminharam com passos seguros para a extremidade do alto rochedo; e dentro em breve os seus membros jaziam dispersos no fundo do vale; e os corvos pairavam e esvoaçavam ao redor deles.

El-rei tinha ficado silencioso e carregado: ninguém ousava falar-lhe.

Ao longe vinha correndo um cavaleiro, pela estrada de Alcaudete. Trazia brancas de pó as armas. Chegando perto de el-rei, sem se apear, lhe gritou:

— Boas novas, senhor! Alcaudete já não pode resistir: os mouros mal se defendem; vinde com os vossos cavaleiros acabar este feito: seja vossa a glória do seu vencimento.

E na manhã seguinte marchava D. Fernando para Alcaudete, no meio dos seus cavaleiros; mas sempre triste e carregado.

Daí a alguns dias ele se achava em Jaén. Chegando ao campo do infante seu irmão, adoecera gravemente; e por isso, deixando aí todos os seus, viera aforrado a Jaén, onde uma febre invencível o retinha no leito das dores.

Alcaudete brevemente caiu nas mãos dos castelhanos: os mouros foram exterminados; saldou-se mais uma dívida do oitavo século. Esta nova chegou a Jaén. Levada a el-rei, as únicas palavras que se lhe ouviram foram:

— Que me importa Alcaudete? Que me importa Castela?

Eram 7 de Setembro do ano do Senhor de 1312.

Pela sesta el-rei parecia dormitar. Havia trinta dias que à mesma hora um bando de corvos pairava e esvoaçava ao redor dos membros despedaçados de dois homens, que

tinham sido precipitados do alto de um rochedo, o qual se levanta à entrada da pequena povoação de Martos.

A esta mesma hora, em Jaén, soava na câmara em que D. Fernando jazia um som rouco de estertor; e este som surdia dentre as cortinas do leito real.

O som foi diminuindo, até acabar num silêncio profundo.

No outro dia umas andas, seguidas de homens a cavalo, cobertos de burel branco, conduziam para Córdova o cadáver de el-rei. O seu jazigo devia ser em Toledo ou em Sevilha; mas foi impossível levá-lo tão longe: a podridão e os vermes começavam a despedaçar-lhe os membros, com a mesma rapidez com que se tinham despedaçado os dos dois irmãos Carvajales no fundo do vale contíguo à povoação de Martos.

O MESTRE ASSASSINADO

Crónica dos Templários

(ANO DE 1320)

Na ponta de um promontório, que fica ao leste, na ilha de Mull, uma das Hébridas, campeavam ainda as paredes e tetos meio arruinados da gótica ermidinha de S. João. Os Sarracenos, pirateando até os mares do Norte, tinham-na acometido e roubado. Deserta desde então, só era frequentada pelos pescadores que junto ao cabo vinham às vezes lançar as suas redes, e que nela se abrigavam, quando alguma tempestade os salteava de improviso.

Era ao fim da tarde. Antes de tempo um bulcão negro e medonho tinha espalhado as trevas da noite: a tormenta soava nos mares com temeroso ruído e o vento assoviava pelas escadas da ermida; e pedaços de vidros quebrados tiniam caindo das frestas esguias.

Patrício, o jovem barqueiro, tinha-se abrigado debaixo da alpendrada da igreja com o pequeno David, seu companheiro: debalde havia batalhado por cortar, através das penedias, para o interior da ilha, onde habitava; em vão acendera um facho: o vento lho apagara logo. Esperava ali, portanto, que a tempestade se aquietasse. A sua barca,

presa por um forte cabo, jazia segura na enseada, posto que batida pela inquieta ressaca.

Pouco a pouco foi quebrando o vento: as nuvens se espalhavam para o ocidente, as vagas cruzadas que trepavam aos rochedos estoiravam com menos horroroso bramido. A Lua tinha surgido nos céus, e mandava seus raios suaves a consolar a Terra.

Era tempo de voltar a casa: o pobre David com instância o pedia ao barqueiro; mas este não o escutou. Atento aplicava o ouvido para o lado do eremitério. De repente, com voz sumida e trémula, disse, tapando a boca ao rapaz:

— Anjo da minha guarda! Que ouço! Vozes de homem neste ermo! Não vês o clarão frouxo que sai daquela janela que está ao rés do chão? Vai rapaz, manso, manso, examina o que é: porque dali sai o som. Mas toma sentido: olha não te pressintam. Mas vai; senão!

Posto que tremendo, assim o fez David. Manso, e manso, se foi chegando à janela; e com pasmo viu o que se passava dentro daquele recinto.

Um subterrâneo comprido se estendia ao longo do eremitério — esta janela ficava num dos topos: mas desde muitos anos que nenhum habitante de Mull passava por junto dela. Contavam-se muitas histórias a respeito daquela janela, e os crédulos pescadores, não tendo necessidade de examinar esse mistério, quando iam ao promontório procuravam sempre afastar-se dela.

Ao clarão de uma luz baça, grande número de homens desconhecidos ali estavam, e em linguagem ininteligível pareciam altercar uns com outros. Cobertos com mantos brancos, cada um tinha na mão uma espada reluzente. A débil claridade do subterrâneo e o terror do rapaz lhe tolheram o divisar mais nada.

Patrício sentiu correr-lhe pelos membros um suor frio, quando David lhe veio dizer o que vira, e fez o sinal-da-cruz.

— Santo Deus! São certamente aqueles fidalgos franceses que vieram há anos ter a esta ilha, e que em certos dias se juntam neste ou em outro sítio. Vamo-nos daqui embora não nos suceda alguma! Ai de nós se percebem que os

espreitámos. Um deles cegou Murray só porque lhe disse algumas palavras pesadas. Anda! Vamo-nos embora.

Dito isto agarrou na mão a David, e o foi quase a rastos levando atrás de si pelos fraguedos da serra. Os socos dos dois barqueiros ressoaram pelas pedras, e a sombra dos seus corpos se prolongava pelos penhascos, onde o luar batia de chapa: foram sentidos!

O grito de alto lá! que reboou por aquelas quebradas, os fez parar de repente. Um homem vestido de branco e com a espada nua na mão se lhes pôs diante: o seu ar era ameaçador. David se arrojou por terra, e Patrício, aterrado, deitou para trás o capuz do felpudo gibão, e clamou com voz truncada:

— Perdão! Perdão! Eu não o sabia! Foi o acaso e a tempestade quem me trouxe ao pé da ermida!

— Que é lá isso, irmão? — perguntou outro, que saiu da porta da ermida, também vestido de branco.

— Chove! — respondeu energicamente o primeiro.

— Tende mão nos profanos! — replicou o outro, recolhendo-se apressadamente para dentro.

Não era necessário usar de força para executar esta ordem; já o terror tinha tornado imóveis os dois miseráveis. Bem viam que o terrível estrangeiro não gracejava com eles.

Entretanto, de toda a parte, no dilatado firmamento, cintilavam as estrelas no fundo do azul espaço, e nem uma pinga só de chuva caía do céu, onde passava a Lua em toda a sua majestade. Patrício estava calado, resolvido a fazer uma confissão sincera de tudo o que sucedera, e resignado com a sua sorte.

Então saiu da porta da ermida um homem ricamente vestido, o qual começou com aspeto severo a fazer perguntas aos dois barqueiros. Patrício disse a verdade; David a confirmou: dos discursos de ambos concluiu o cavaleiro que eles nada importante tinham descoberto. Mandou, portanto, embora David, ordenando-lhe voltasse imediatamente para casa, e não revelasse uma só palavra das que tinha ouvido, uma só coisa das que vira.

— Silêncio! — disse-lhe o cavaleiro — se queres conservar a língua e os olhos; aliás uma e outros te serão arrancados!

Prometeu o pobre rapaz cumprir à risca tudo o que se lhe ordenava; e leve como um gamo, deitou a correr por aquelas fragas sem lhe importar o que sucederia ao amo, que ainda ficava em poder dos estrangeiros.

O cavaleiro voltou-se depois para Patrício, que estava meio morto de medo.

— Tu és barqueiro. — disse-lhe. — Não é assim?

— Há muitos anos que essa é a minha vida.

— Atreves-te a levar um homem, sem mala, sem criado, sozinho, até as costas de França, perto de Calais, e deitá-lo em terra junto de uma torre edificada em remotíssimos tempos, e enegrecida pelas tempestades e pelos séculos? Atreves-te a torná-lo a trazer aqui logo que ele quiser voltar?

— E porque não? — respondeu Patrício cobrando ânimo, depois de hesitar um pouco. — Forte é o meu barco, e eu teria vergonha de tornar a guiar um leme, se me não atrevesse a cruzar com ele o canal. Estou pronto a soltar a vela, uma vez que nisto não haja senão os perigos do mar, e que me pagueis o meu trabalho.

— Serás satisfeito — respondeu o venerando cavaleiro. — Vai preparar o barco. Daqui partirás para o teu destino.

— Já? — perguntou Patrício enleado. — Depressa estará prestes a barca: mas preciso levar para lá mantimento. Irei a casa buscar o meu pão de centeio e algum peixe escalado.

— Não, não é preciso! — interrompeu o cavaleiro, irado, e soltando uma praga em francês. — O teu companheiro cuidará do sustento. Confia nele!

Dizendo isto o velho voltou para a ermida; e o guarda, envolto no seu manto branco, acompanhou o barqueiro até a enseada. Patrício desamarrou o batel, onde colocou um banco para se sentar o passageiro. Bem pouco tardou este. Era um jovem vestido de preto. Entrou na barca, e sentou-se sem dar palavra. Pensativo, e encostando a cabeça sobre o punho da sua larga espada, deixou-se conduzir através das ondas escumosas, sem se despedir do outro, e nem sequer fazer caso das vagas que às vezes o rociavam batendo umas contra as outras na encontrada ressaca.

Ei-los ao largo! O tempo estava sereno; e a barça abria ao luar uma longa esteira no meio do mar sossegado.

Mudo parecia o estrangeiro, porque em todo o seguinte dia não proferiu uma sílaba. Sem dar palavra, entregou dinheiro a Patrício para ir comprar algum mantimento, quando passaram junto das costas da Escócia. Aproando em terra, ele ficou sentado na barca, enquanto, o barqueiro ia buscar provisões. Brevemente desfraldou Patrício outra vez a vela ao vento, e empunhou os remos, levando o rumo na direção de Calais.

Descia a noite; e o desconhecido ainda não tinha soltado uma só palavra: silencioso envolveu a cabeça no seu manto, e deitou-se a dormir. Patrício cansado sentou-se ao leme, amaldiçoando lá consigo o passageiro, que nenhum repouso lhe concedera.

Enfim o desconhecido dormia; e as larvas dos sonhos vieram desatar-lhe a língua. Palavras distintas lhe fugiam dos lábios; e a sua alma parecia grandemente agitada.

«Concluir-se-á, pois, o majestoso edifício! Eu triturarei a argamassa, que deve reunir as colunas. Oh mestre, mestre!, não podias tu livrar deste encargo o pobre companheiro?»

Foi isto o que o atento barqueiro pôde perceber-lhe: daí avante sons inarticulados, e gemidos dolorosos, que o desconhecido arrancava a custo do peito, foram o único ruído que se escutou na barca. Patrício não entendeu mais nada.

«Ora, eis aí — disse ele lá consigo — como a gente se engana. Eu tinha para mim que o passageiro era pessoa notável; e agora está claro, que não passa de algum pobre canteiro ou pedreiro, que os fidalgos franceses incumbiram, talvez, de reedificar a ermida de Mull. Nem admira que, por isso, eles façam tanto caso de um mestre-de-obras.»

Então o barqueiro deu com os olhos na espada, que o cavaleiro tinha à cinta.

«Mas, quem não diria — prosseguiu ele — que este homem é um cavaleiro? E que me importa a mim isso? Paga bem; e tanto me basta. Seja lá o que quiser!»

Fazendo esta reflexão, Patrício foi guiando a barca, sem se afligir com o silêncio do seu camarada, silêncio que durou todo o resto da viagem.

Era de noite quando atravessaram a parte mais estreita do canal, que divide a Inglaterra do território francês: pelo escuro avultava a hórrida torre, chamada dos Pagãos; o mar a banhava por três lados, e aquele vulto enorme negrejava por entre o débil fulgor das estrelas, como um fantasma noturno. Chegaram perto dela: então o jovem se pôs em pé, com os olhos fitos na sombra da terra, e disse:

— São estas as costas de França?

— Sim, senhor! — respondeu Patrício; e apontou-lhe com a mão para o lugar do desembarque, que era junto da torre.

O jovem parecia aflito; e em verdade o seu coração batia acelerado. Tinha-se turbado o céu, e um grosso chuveiro derramava torrentes de água sobre a barca; apesar disso ele tirou a sobreveste e a touca; o ar como que faltava aos seus pulmões comprimidos.

Patrício endireitou para a abra; e foi entestar com a praia. Saltaram em terra. Uma cabana de pescadores era a única habitação que naqueles sítios havia: bateram; e os moradores da cabana abriram imediatamente.

Mas o desconhecido não cruzou o limiar da porta.

— Daqui a três dias, ao mais tardar, terei voltado; espera-me neste lugar, e guarda silêncio acerca do passado.

Foram estas as únicas palavras que dirigiu ao barqueiro.

— Qual é — perguntou depois aos pescadores — o caminho mais curto para a aldeia da nossa Senhora dos Temporais?

Os habitantes da cabana lho ensinaram, rogando-lhe porém que esperasse ali até pela manhã: áspero e longo era o caminho.

Mas ele estava firme no seu propósito: embrulhado no manto, e encostando-se à espada, como a bordão de peregrino, seguiu avante, pelo húmido e escabroso atalho, para o lugar do seu destino.

Lá no meio da senda, como um sinal de esperança, estava levantada uma cruz de pedra, que a idade tinha coberto de musgo. Junto dela ajoelhou-se o cavaleiro, e abraçando-a, as lágrimas lhe rebentaram dos olhos.

— Oh terra da minha pátria! Solo onde tive o meu berço! — exclamou, soluçando. — Tornei a ver-te ainda! E como se fosse um assassino proíbem-me o viver no país da minha

infância? Para respirar este ar, para abraçar esta cruz, preciso fazê-lo pelas trevas da noite, preciso esconder no seu manto as ações do proscrito? Oh, desgraçado de mim!

E levantando-se caminhou à pressa, para a meio arruinada aldeia, onde ainda bruxuleavam algumas luzes, que refletiam ao longe pelas veigas encharcadas. A chuva era cada vez mais pesada, e o caminho mais incerto. Cansado de corpo e de espírito o jovem sentia-se desfalecer, quando chegou ao pé de uma ermidinha.

Parou debaixo de uma frondosa árvore, que sombreava o edifício, e procurou certificar-se de que não errara o caminho.

«Eis aqui a ermida de que o mestre me falou: acolá alveja o grande cruzeiro; ali soa o murmúrio da fonte e o ruído do ribeiro. Ânimo, pois! Lá diviso o edifício, que é o termo da minha viagem.»

Não se enganava: apenas dera mais alguns passos, achou-se diante do edifício, a que se dirigia. Uma cancela baixa, feita de vimes enlaçados, tapava a entrada de um pequeno terreiro, cercado de um murinho de pedra solta. O

jovem peregrino saltou por cima da cancela, e por entre utensílios de lavoura subiu ao portal da casa por alguns degraus meio arruinados. Pegando na aldraba deu apressadamente duas rijas pancadas, e depois de breve demora deu ainda outra; e repetiu-a três vezes.

Latiu dentro um cão: daí a pouco, ouviu-se uma voz de homem, que perguntava ao desconhecido o que pretendia.

— Um pobre peregrino extraviado, e morto de fome, pede hospitalidade! — respondeu o cavaleiro.

Passado um momento, pelas janelas se viu passar uma luz: soaram passos; correu-se o ferrolho, e a porta se abriu.

O desconhecido arrancara de um punhal: mas ao ver o rosto tranquilo do seu hóspede, que lhe estendia a mão, desfaleceu-lhe o ânimo: o punhal caiu na bainha; e aos lábios do cavaleiro fugiram estas palavras:

— És tu Gilberto, rico e livre proprietário? (*)

[(*) A maior parte das quintas e propriedades naquela época eram cultivadas por servos.]

— Sim! — respondeu o hóspede.

— Deus, pois, te salve; e na tua ajuda seja o bem-aventurado S. João, cuja cabeça veneramos!

Esta saudação encheu Gilberto de espanto e terror; mas o modo porque o estranho lhe apertou a mão o perturbou ainda mais.

— Porque não correspondes à minha saudação? Porque não repetes o toque? — disse em voz baixa o cavaleiro. — Irmão Perrail, isto não parece bem!

Gilberto recuou.

— Tu o sabes? — perguntou com voz trémula. Mas, uma desconfiança lhe passou pelo espírito:

— Vejamos — prosseguiu com firmeza —, vejamos se um malvado vem escarnecer de mim. Qual é a tua senha?

— Noturna — replicou o mancebo.

— Dá-me a palavra! — continuou Gilberto aterrado.

— Diz-me a primeira letra; dir-te-ei a segunda — respondeu com aspeto carregado o cavaleiro.

A palavra misteriosa foi dita letra por letra. Então Gilberto, erguendo as mãos, exclamou:

— Homem, a que vens a minha casa, para me salteares, como um ladrão que sai de improviso na estrada? Que pretendes de mim?

— Pão, sal, fogo e segurança — disse o desconhecido.

— E posso fiar-me de ti?

— Não nos liga o mesmo juramento?

— Ah, o meu juramento! — disse Gilberto. E a cabeça lhe pendeu para o peito.

— Sossega-te: também eu sou um perjuro; por isso te venho buscar.

Gilberto ficou por algum tempo calado: lá no fundo da sua alma passou uma ideia terrível. Tinha os olhos fitos no cavaleiro, e abanara a cabeça. Enfim fechou a porta; levou o desconhecido para um quarto; mostrou-lhe um leito que nele havia; pôs sobre a mesa pão e vinho; e atiçou o lume

do fogão, que estava amortecido, para perto dele pendurar o manto alagado do viajante.

— Gilberto, onde estás? Com quem é que falas?

Era uma voz de mulher que dizia estas palavras.

— Já vou! — respondeu Gilberto. E estendeu a mão para o cavaleiro.

— É tua mulher, irmão Perrail? — perguntou o desconhecido.

— É minha mulher — replicou Gilberto, com firmeza. E depois de breve silêncio, deu as boas-noites, e saiu.

O cavaleiro ficou pensativo e encostado ao fogão: tinha os olhos fitos, e apertava a mão ao peito como se quisesse tranquilizar o tumulto das paixões encontradas que dentro dele ferviam.

«Entornarei, pois, a morte — disse por fim, suspirando — nesta quieta morada! Riscarei do livro da vida o nome de um homem cujo rosto é tranquilo, apesar do perjúrio. Tio, cruel tio! porque preço me vendes o grau de mestre!»

Passeou então por alguns instantes de um para outro lado, e prosseguiu:

«Envergonha-te, Guido! Hesitas no momento da prova? Oh, porque tremeu o teu braço ao entrares nesta casa? Porque não derrubaste logo ali o perjuro proscrito, fazendo trovejar nos seus ouvidos as terríveis palavras que anunciam a vingança da Ordem: "Esta é a última saudação dos mestres e companheiros, refalsado mestre do Templo!"(*) Tudo estaria acabado! Destino incompreensível, tu retiveste o meu braço! Tu me constranges a pagar a hospitalidade com a ingratidão e com a morte. Se, ao menos, um génio benfazejo despertasse na mente do infeliz a ideia da fuga! Se ele se aproveitasse das sombras da noite! Teria eu assim cumprido o meu juramento, sem tingir as mãos em sangue. Oxalá, Deus, a Virgem e o Baptista lhe inspirassem esta resolução!»

[(*) Templo: Ordem Militar do Templo, ou Ordem dos Templários, instituída em Jerusalém em 1118, próximo do local onde existira o Templo de Salomão, rei dos Israelitas, filho de David e de Betsabé. A introdução da milícia na Península e especialmente em Portugal foi rápida: ocorriam circunstâncias que

justificavam e facilitavam a sua vinda — as guerras contra os infiéis. Acerca do predomínio que os templários exerciam no nosso país, escreve Herculano na sua História de Portugal: «Nas agrestes encostas que vêm descendo os montes Hermínios, ou serra da Estrela, até o Tejo, estendia-se ainda mais a preponderância dos templários.»]

Confiando aos Céus o futuro e os seus caminhos, o jovem cavaleiro adormeceu.

Os sonhos da madrugada eram terríveis para Guido! Imaginava o cavaleiro que via o seu hóspede, desvairado, e furioso diante de si, e que lhe ouvia pronunciar estas palavras terríveis: «Morre tu, primeiramente, assassino!»

Dando um retumbante grito, Guido saltou do leito, e lançou mão da espada. Acordara. Diante dele alguém estava; mas era uma linda mulher, que ria da fúria do cavaleiro. Ficou este confuso e largou a espada. Ela então com um modo angélico lhe disse:

— Sossegai, senhor! Um sonho terrível vos ofuscava o espírito! É o almoço que vos trazem; e quem o traz é uma fraca mulher.

Corando de vergonha pelas loucuras da sua imaginação, Guido ficou por algum tempo calado; depois erguendo os olhos perguntou:

— Onde está Perrail?

— Não sei, senhor! É nome que não conheço.

O cavaleiro correu a mão pela cara, e prosseguiu:

— Desculpai-me o engano. Onde está vosso marido?

— Gilberto saiu; foi ao lago de Santes pescar algum peixe. Hoje a nossa pobre mesa deve ser mais abundante.

Guido suspirou. «Deus louvado! — disse lá consigo.

— O desgraçado suspeitou ao que eu vinha, e fugiu. Minhas mãos não se tingirão de sangue.»

Sem dar palavra, almoçou. Depois, pondo a escudela vazia sobre a lareira da chaminé, disse à boa mulher, que estava em pé diante dele:

— Deus vos dará a recompensa da hospitalidade que haveis exercitado com um homem inteiramente estranho; porque vosso marido, não me conhecendo ontem, não vos podia dizer quem eu era.

— Eu não sei — respondeu Branca — se ele vos conhece, ou que negócio vos trouxe aqui. Não me importa indagar segredos alheios, para tratar bem um hóspede.

— Mas dizei-me, minha boa patroa: Perrail... não digo bem... Gilberto nunca vos contou as suas aventuras de juventude?

— Sem dúvida! — replicou Branca. — Nem há nelas coisa que se deva ocultar. Que aventuras pode haver na vida de um mestre pedreiro, a não serem algumas peregrinações e viagens? É a isto que se reduz a história do meu marido. Nascido na cidade de Aries, partiu muito novo para a Escócia, e lá trabalhou largos anos por oficial, até que chegou a mestre. Saudoso da pátria regressou à França: chegando a Calais, travou amizade com o meu pai, que já morava nesta morada, propriedade, outrora, dos templários, as ruínas de cujo castelo podeis ver desta janela. Gilberto estabeleceu-se na sua pátria, largou o avental de pedreiro, deu-se à lavoura, e casou comigo. O meu pai não gozou muito tempo do espetáculo da nossa felicidade: morreu; mas a sua morte foi tranquila, porque me deixava debaixo da proteção de Gilberto. Bom marido, e

bom cidadão, Gilberto é respeitado por todos estes arredores... Mas vós certamente o conheceis: escusado é que eu vos diga mais nada, e que por mais tempo vos seja importuna.

— À minha fé, que não o sois! — replicou Guido.

— Porém, porque tarda tanto vosso marido? Tão longe é o lago de que me falastes?

— Nem por isso. Também já a mim me admira tanta demora!

«Deus louvado! — repetiu Guido lá consigo. — Deus louvado! Ele fugiu e me desobrigou de praticar uma ação, cuja lembrança me seria dolorosa até a hora extrema. A minha missão está concluída: e para que algum novo acidente não me torne á lançar no abismo de que saí, voltarei para Mull imediatamente.»

Feita esta reflexão, cingiu a espada, lançou o manto nos ombros, e dirigiu-se para a chaminé, onde Branca já estava tratando dos preparativos do jantar.

— Adeus, boa mulher! — disse com voz trémula.

— Cumpre que eu parta já. Sinceramente agradeço a vossa hospitalidade.

Branca, cheia de espanto, cravou nele os olhos. Não podia compreender os motivos de tão súbita resolução.

— Já! — exclamou enfim. — Já quereis partir? Acaso vos ofendi?

— Não, desgraçada! — respondeu Guido. — Por piedade para contigo é que eu quero partir.

— Ide, senhor, com Deus: ninguém vos impedirá! Mas o meu homem... o pobre Gilberto!... Partir sem lhe dizer adeus! sem que vos possa encontrar!

— É o espetáculo desse encontro, que eu quero poupar aos teus olhos! — replicou Guido, com um modo de quem delirava. — Desventurada mulher! Esse instante cortaria para sempre o fio da tua felicidade!

Dizendo isto, apertou-lhe a mão, e foi para sair. Pálido e aterrado voltou atrás...

Gilberto estava em pé no limiar da porta.

— Assim vos ides embora? — perguntou Gilberto depois de um breve silêncio, e com o parecer demudado. — Aonde quereis ir, meu honrado hóspede? Não é isso de amizade. Frio o vento sopra do lado do mar; e parece que o Verão se vai já mudando em Inverno tempestuoso.

— O cavaleiro parte — atalhou Branca aflita —, ou porque eu o ofendi, ou porque lhe é incómoda a nossa habitação.

Gilberto cravou os olhos em Guido por alguns instantes, com aspeto carregado, mas tranquilo.

— Estimado senhor — disse por fim, ao mancebo, que estava diante dele como um criminoso colhido às mãos —, não me fareis esta afronta na presença dos meus vizinhos; nem saireis desta casa sem me descobrirdes a que viestes a ela. Excelente peixe temos para o jantar; e cozinhado pela minha Branca será delicioso. Ao menos jantareis connosco.

Ditas estas palavras, despejou o peixe num alguidar de água, e tratou de ajudar Branca a prepará-lo. Mas neste momento ocorreu a Guido uma nobre resolução. Apertando rapidamente a mão a Gilberto:

— Dai-me uma palavra — lhe disse agitado —, dai-ma imediatamente; cumpre que ninguém nos ouça!

— Estou pronto — respondeu sossegadamente Gilberto; e fazendo um sinal a Branca para que se deixasse ficar, guiou o seu hóspede para uma alpendrada, que dava sobre o jardim contíguo, e donde se via, a pouca distância, um edifício arruinado.

Aqui ninguém nos ouve — disse Gilberto ao seu companheiro, cujo aspeto se tinha tornado triste e carregado. — Podeis falar sem receio.

— Fá-lo-ei — atalhou Guido com voz trémula —, porque não ouso sentar-me à tua mesa, partir o teu pão, beber o teu vinho, e executar depois o que me foi ordenado. Tira a máscara, irmão Perrail, perjuro mestre do Templo; que o mesmo farei eu! O toque, senha e palavra te deram a conhecer: sabe, pois, também o meu nome: eu me chamo Guido de Monforte: sou sobrinho de Aumont, grão-mestre da Ordem dos Templários, cujo diminuto número, salvo do ferro de assassinos, jurou elevar outra vez o Templo de Salomão, apesar de todos os monstros do inferno. Adepto, e companheiro dos obreiros do Templo, mandou-me a

sociedade que viesse procurar-te, mestre atraiçoado de tão nobre e livre ofício. Adivinhas já qual seja a minha missão?

— Matar-me — respondeu Perrail tranquilamente.

— Não ignoro qual é entre nós o castigo do perjúrio.

— Não o ignoras, e atreveste-te a cometer o crime?

— Mancebo — atalhou Perrail com aspereza —, proíbe primeiro ao coração os sentimentos que Deus nele há plantado.

— E o teu juramento?

— Escuta-me, antes de me cravares o punhal no peito. A tua alma é generosa; e eu quisera que, cumprindo o teu horrível mandado, em vez de amaldiçoares a tua vítima, te compadecesses dela. Expulso da pátria pelo despotismo dos tiranos, arrastando uma vida miserável, dei à vela com Aumont, sucessor de Molay, do grão-mestre assassinado, para as Hébridas. Lá, no vigor da juventude, e sedento de vingança, jurei o misterioso pacto do dia de S. João. Bem como o sangue do Baptista, às mãos de Herodes, serviu de indestrutível fundamento ao cristianismo, assim o nosso devia servir para amassar o cimento do novo templo

levantado sobre as ruínas do de Salomão, onde a Ordem dos Templários tivera seu berço. Mas passaram os anos, e todas as nossas tentativas saíram baldadas. O rei e o papa, seguindo o trilho dos nossos destruidores, e ricos com os nossos despojos, nunca mais quiseram revogar o bando contra nós lançado; o povo não se doeu das desventuras da Ordem que se tinha tornado odiosa pelas rapinas e violências, que em tempos de prosperidade cometiam seus cavaleiros, e desprezível pela fraqueza que eles amostravam na desgraça. Das Hébridas fui eu mandado pelo grão-mestre a sondar a opinião pública ao nosso respeito. O resultado da minha missão foi a perda de toda a esperança e consolação: foi também nessa ocasião que o amor de Branca, e da terra natal, mudou o destino da minha vida. Via aniquilada a Ordem, e o meu débil braço não a podia salvar. Insofrível me era a ideia de ir fenecer sobre um penhasco do mar do Norte, longe da pátria, onde ainda podia ser cidadão útil, pai e esposo feliz. Resolvi-me a isso e casei com Branca. Por um velho sacerdote templário, que deixava o asilo de um claustro, onde se acolhera, e ia partir para a ilha de Mull, mandei pedir ao grão-mestre me absolvesse do meu juramento, e restituindo-lhe o distintivo

do meu grau, e dando-lhe uma notícia circunstanciada da minha viagem. Tudo isto recebeu Aumont; porém não me respondeu coisa alguma. Eis, em suma, qual foi o meu crime; nem me envergonho de o confessar. Leve, por certo, é ele aos olhos de Deus, posto que humanas leis o façam digno de morte. Em coisa nenhuma importante delinqui contra a Ordem; porque nenhum vivente soube da minha boca a sua situação, estatutos, toques, ou sinais: até minha mulher tudo ignora. Já vês, sobrinho de Aumont, qual é meu delito: não fujo à punição. Minha mulher ficará viúva, meu filho órfão de pai; mas eu não compro caro com o meu sangue cinco anos de felicidade — os únicos que posso dizer tais, em toda a minha desgraçada vida.

— Abalaste-me o ânimo — disse enfim Guido, depois de largo meditar. — Sei o que podem o amor, e o aferro à pátria: porém no teu discurso nada disseste acerca de um objeto, por cujo motivo há contra ti violentas suspeitas. O sacerdote referiu ao meu tio todas as circunstâncias, que mencionaste agora: mas acusou-te de teres roubado a Ordem. Ele era capelão daquela preceptoria de templários, cujas ruínas acolá estão clamando vingança contra os

nossos destruidores. Na época da perseguição, ajudado pelo bailio, enterrara, num subterrâneo do castelo, um valioso tesouro de pedras preciosas que um cavaleiro da Ordem trouxera do Oriente para as oferecer à Virgem. O destruidor da preceptoria não encontrou essas riquezas; porque nelas nunca se falou. Passados anos o fugitivo sacerdote voltou a este lugar, e achou-te possuindo-o. Por horas mortas foi examinar o esconderijo; mas o tesouro desaparecera. Quem, senão tu, o poderia ter tirado?

— Certo, que só eu: e ele pára no meu poder — respondeu Perrail sossegadamente.

— Tu o afirmas? — atalhou Guido. — Agora o remorso é quem to faz confessar: deves morrer a ferro, já que não morreste de pejo! E podes tu levantar os olhos para aquelas paredes derrocadas, tendo cometido tão negro crime contra seus verdadeiros donos? Mestre traidor!, tu rasgaste, qual víbora, o seio que te abrigou; insultaste o santuário; profanaste-o com o sacrilégio, e foste daqueles que assassinaram o mestre, e hipócritas lhe esconderam o cadáver! Ergue as tuas preces à Trindade divina, cuja

imagem sagrada fulge na casa capitular do Templo: exora o teu perdão, porque sem remissão morrerás.

Nos olhos de Perrail borbulharam algumas lágrimas, mas respondeu seguro:

— Pronto estou para a morte: todavia antes de me punires, segue-me. Restituir-te-ei esse tesouro que dizem roubei. Não vaciles, aliás ele ficará perdido para sempre. Nada receies! Que mal te posso eu fazer? Oxalá tu pudesses ler no fundo do meu coração.

Guido, abalado pelo sossego de Gilberto, o seguia em silêncio. Atravessando as ruínas, desceram por uma escada meia caída: no fundo dos subterrâneos estava uma pequena porção de ruínas amontoadas. Perrail começou a afastá-las, e Guido taciturno o observava. Apareceu debaixo uma laje negra: Perrail com uma alavanca a levantou; e dentro da cavidade se viu uma caixinha dourada.

— O sacerdote mentiu — disse Gilberto sorrindo-se — quando afirmou que atinara com o lugar em que ele e o bailio tinham enterrado o tesouro. Este é o mesmo sítio, e a caixinha não saiu do seu esconderijo. O bailio morreu nos

meus braços, nas praias da Escócia, e me descobriu o segredo; porque eu estava então a ponto de partir para França. O infeliz, que há muito tempo gemia nas garras da doença e da miséria, feneceu no momento em que tratava de embarcar para Mull. Comprei o derrubado castelo para salvar as riquezas da Ordem, e deitei aí esses derrocados restos para as encobrir inteiramente. Entreguei ao senhor de Craon, valente guerreiro, descendente de uma família que tem dado célebres membros à sociedade, e que pretendia ir reunir-se a Aumont, uma carta para este, em que lhe participava a existência do tesouro, rogando-lhe mandasse uma pessoa de confiança para o levar para Mull. Passados tempos, veio o sacerdote ter comigo; mas tive por escusado dizer a este respeito uma só palavra a um homem em quem me não fiava inteiramente. Desde então nunca mais me vieram notícias de Aumont, e as pedras preciosas têm jazido intactas até este momento.

— Tu me enches de pejo — interrompeu Guido.

— Provas o que dizes, bem que o meu tio não recebesse mensagem alguma tua; porque o navio, que devia conduzir a nossas praias o senhor de Craon, foi soçobrado por uma

furiosa tormenta, e apenas um marinheiro, que nos levou a notícia do infeliz sucesso, pôde salvar a vida.

— Bem está! — disse Perrail, saindo do subterrâneo.

— Perante ti estou justificado, e os meus irmãos virão a conhecer minha inocência. No mais cumpre tua missão: toma esta caixinha ao teu cuidado; arranca da espada, e desafronta a Ordem da ofensa feita por um dos seus membros, que não pôde resistir aos sentimentos da natureza; e depois de a desafrontar, foge!

— Homem! — gritou Guido admirado. — Crês acaso que tenho o instinto sanguinário de um tigre? Devo assassinar-te quando o meu coração te justifica do crime de apostasia, e a minha razão do de simonia? Que ente seria eu? Se te achasse criminoso cumpriria a minha comissão; porém não matarei o inocente, e desprezo o grau de mestre, se ele é a recompensa de uma ação sanguinária!

— Mancebo, digno de um melhor destino, vem aos meus braços — disse Perrail, e estreitou ao peito o valoroso templário. — Estas lágrimas, este coração, que bate com rapidez, te agradece a tua humanidade; mas onde clama a

letra da severa lei, não deve afrouxar o seu executor, se não quer sujeitar-se ao mesmo castigo. Não queiras por mim ser vítima dos irmãos que bradam sangue! Cumpre, cumpre o teu dever!

— Estás louco? — replicou o mancebo, afastando-se dele. — Na flor da idade, esposo, pai, cidadão, chamas desvairado sobre a tua cabeça o anjo da morte?

— Amigo, irmão! — interrompeu Perrail. — A minha carreira sobre a Terra está findada: certo pressentimento mo diz, e uma voz celeste mo tem dito três noites a fio. Em sonhos eu tenho visto descer sobre a minha cabeça a coroa do martírio. Espero a morte com o sorriso da inocência: com a constância de um homem a sofrerei agora: portanto, irmão terrível, irmão vingador, não vaciles! Aqui, na antiga sala capitular da minha Ordem, deixa-me perecer com a íntima consciência da minha felicidade, às mãos de um amigo, de um templário!

— Retira-te! — gritou Guido, fora de si. — Queres tu constranger-me a assassinar um justo? Não te importes com o meu destino, seja qual for: dissipa a negros

pensamentos. Vive para a tua mulher e para o teu filho: ergue por nós teus votos a Deus, e sê feliz!

Neste instante corre a eles Branca tresfolgando.

A palidez cobria suas faces, e a custo sustentava seu filho nos trémulos braços.

— Oh Deus! — exclamou aflita. — Gilberto, Gilberto! a aldeia está em alvoroto. Gente armada se dirige à nossa cabana. Algum templário se escondeu aqui. O alcaide de el-rei manda procurá-lo pelos camponeses, e apenas pôde o vizinho Remy vir avisar-te à pressa.

— Traição! — clamou Guido com voz de trovão. Uma horrível suspeita lhe passou pela mente. — Hipócrita! Com doces palavras, com o tom da sinceridade tu me colheste no laço. Agora percebo tudo! Eis o motivo da tua demora quando pela manhã saíste! Foi então que indicaste aos esbirros do rei a minha guarida? Treme miserável! Esta espada produz efeitos mais prontos do que a tua dobrez!

Guido arrancou da reluzente espada. Dando altos gritos, Branca se meteu de permeio. Quem resistiria às lágrimas da formosura, e aos vagidos da infância?! O ferro assassino

se baixou para o chão; e aqueles olhos chamejantes perderam parte do seu furor.

— Entrai em vós, meu irmão! — disse Perrail.

— Estou inocente: o inferno, não eu, descobriu vosso segredo. Eu trair-vos? Nunca! Salvar-vos-ei! Segui minha mulher. Aquela portinha dá para o carneiro deste castelo: um caminho subterrâneo que encontrareis no topo dele vos levará aos meus campos. O braço de Deus é poderoso: ele vos livrará dos vossos perseguidores; e dentro de meia hora vos achareis junto da torre dos Pagãos. Eu saberei demorar aqui os que vos buscam. Fugi sem demora, e chegareis a salvamento à vossa barca. Tomai sentido no cofrezinho; e saudai da minha parte os nossos irmãos!

Envergonhado Guido do seu arrebatado procedimento, ficou mudo; e depois de apertar Perrail entre os seus braços, fugiu pelo caminho da salvação.

Os camponeses, armados e furiosos, entravam de tropel em casa de Gilberto; ele olhou para eles sossegado, e perguntou-lhes:

— Que pretendeis vós outros? Porque entrais em tumulto dentro da minha casa?

— Entrega-nos o ímpio herege: o templário, que tens escondido — gritou a multidão.

— Que sei eu de templários? — respondeu Gilberto.

— Por certo vos enganaram.

— Mentes! — clamou Reinaldo, perverso camponês seu vizinho. — Eu mesmo te vi ir para aquelas ruínas com o cavaleiro, de cuja vinda soubemos pelo parvo dó barqueiro que o trouxe. Detrás do valado da minha horta, eu vos ouvi falar de um tesouro que ele devia levar.

— Um tesouro? — gritou de novo o tropel, e a ânsia de roubar fulgurava naqueles olhos esgazeados. — Onde está esse tesouro?

— Estais loucos? — atalhou Gilberto. — Lembrai-vos de que sois homens e cristãos.

— Bem nos lembramos disso — interromperam os cabeças do motim. — Somos homens; mas a raça dos templários é de demónios. Nós somos cristãos, mas os

templários são infiéis, que amaldiçoam Jesu-Cristo, que trazem ao pescoço imagens diabólicas, e que devem morrer queimados, segundo os decretos de el-rei e do santo padre.

— O mais importante não é o templário — dizia em voz baixa Reinaldo, que bem conhecia os seus sócios. — O tesouro é que é tudo! O tesouro é que devemos procurar.

— Sim, sim! — repetiram cem bocas. — Vamos, Gilberto, guia-nos, se não queres ainda morrer.

O seu mau grado, foi Gilberto arrastado, no meio de alguns amigos, que o pretendiam salvar, para o arruinado castelo. Na antiga casa capitular da Ordem, no sítio em que dele se despedira Guido, pararam os furiosos. Inabalável, Gilberto nada mais respondeu às suas perguntas, apesar de mil ameaças. Então eles se derramaram por aqueles subterrâneos, mas Reinaldo nunca deixou a sua vítima.

— Foge! — disseram a Gilberto em segredo alguns dos seus amigos. — Nós te protegeremos na fuga.

— Nunca! — disse o desgraçado. — Deus e a minha inocência são os meus protetores.

Neste momento um dos camponeses saiu dos subterrâneos: o lugar onde o tesouro estivera oculto se havia reconhecido, por estar revolto de fresco; mas coisa nenhuma se encontrara.

— Ainda o negarás? — disse Reinaldo com um sorriso infernal. — Confessa, malvado, onde param as riquezas que ali estavam; onde está o teu infame sócio?

Gilberto não respondeu.

— Essa averiguação pertence às justiças de el-rei! — interrompeu vim dos amigos de Gilberto.

— O que ousar erguer a voz a favor deste homem — prosseguiu Reinaldo — é um criminoso. Quem é ele? Donde veio? Eis o que ninguém sabe. Porventura é também um banido, um sócio dos malditos templários; desses monstros, que nos roubavam nossas mulheres, que nos constrangiam a servi-los gratuitamente, e que gozavam do nosso trabalho entregues ao luxo e à devassidão. Qual de nós não cobrirá de maldições esta Ordem execranda? A ti, Nicolau, tirou o bailio, por dez anos, o teu quintalzinho; os teus filhos, mestre Pedro, eram obrigados a bater com pás as águas da

lagoa para que as rãs não quebrassem com ç seu grasnido o sono dos cavaleiros. A tua Angelina, bom Gualter, foi cruelmente açoitada, porque deixou queimar uma ave que estava assando. Estas barbaridades, e mil outras, sofremos e vimos com os nossos olhos — e agora este monstro salva um membro dessa Ordem, amaldiçoada de Deus e do mundo, e escândalo das justiças de el-rei, para ser quinhoeiro das roubadas riquezas dessa sociedade de hereges. Vede-o, como sorri, com um sorriso diabólico! E sofreis vós esta afronta? Talvez ele mesmo seja um templário, e traga a insígnia da Ordem escondida no peito.

Acabando este violento discurso, Reinaldo ia a lançar as mãos a Gilberto; mas este o fez ir cair longe de si. Todavia as palavras do seu agressor tinham feito profunda impressão nas pessoas presentes. Dando gritos desentoados, os incendidos camponeses se arrojaram contra a sua vítima. Um ferreiro, cego de furor, lhe descarregou com o malho que trazia nas mãos um golpe mortal sobre a cabeça. Gilberto caiu por terra lavado em sangue, e recebeu a coroa do martírio no seu último sono.

— Hirão! (*) — clamou ele ao cerrar os olhos. Os seus lábios pareciam querer pronunciar ainda o nome, tão querido, de Branca. Debalde! A noite da morte os tinha gelado; e o alvazil de el-rei, que entrou poucos momentos depois, achou o tropel pálido e aterrado à roda do cadáver, que, com rios de lágrimas, regava a desditosa viúva, que nesse instante chegara.

[(*) Hirão (ou Hiram): Nome de vários reis de Tiro (Fenícia), o mais célebre dos quais foi o que é várias vezes citado na Sagrada Escritura, no Livro dos Reis, ao ser mencionada a ajuda que deu a Salomão para a construção do Templo. Este ficava na parte oriental de Jerusalém, no Monte Maria, colina isolada por três dos seus lados e ligada pelo norte às montanhas de Judá. O Templo de Salomão foi totalmente destruído por Tito, no ano 70 da nossa era.]

***

— Eis aqui a relação da minha viagem: eis o que fiz! — assim concluía Guido o seu discurso na assembleia dos templários, capela de S. João da ilha de Mull. — Atire-me a primeira pedra o que me julgar criminoso. Se para merecer

o grau de mestre cumpre tingir as mãos em sangue, eu não o quero, e declaro que detestarei uma Ordem onde debaixo do manto da virtude se esconde o ferro do assassino.

Calou-se. Todos os irmãos ficaram também em silêncio. O grão-mestre levantou os olhos para o triângulo misterioso, que estava sobre a sua cabeça. O velho parecia pedir a Deus uma inspiração celeste.

— Perrail — disse ele por fim — errou, mas não cometeu um crime: os bens da Ordem foram salvos; salvo foi por ele o nosso irmão Guido, e a sua boca nunca revelou os mistérios da Ordem. Exemplo nos seja ele para abolirmos o celibato dos nossos estatutos: vedes já que a língua do homem pode calar um segredo; porém não subjugar um amor violento. Perrail ficará sendo nosso irmão; vós jovens podereis amar; e as luvas brancas, que recebeis no momento da adoção, e que até agora vos deviam recordar perpetuamente os vossos votos de pureza, servirão para vos lembrardes que a vós cumpre ser bons esposos e bons pais. Vossas esposas serão filhas desta Ordem, vossos filhos esperança e futuro amparo dela. Eis o que eu, grão-mestre do Templo, ordeno, se a vós, meus irmãos, assim apraz.

— Ámen! — disseram todos os cavaleiros.

Guido pediu a palavra, que lhe foi concedida.

— Não, mestre e senhor! — disse ele. — Perrail já não será nosso irmão: ele caiu aos golpes dos seus inimigos, defendendo-me a mim e a Ordem. Retido na costa de França por ventos ponteiros, eu soube dessa horrorosa tragédia. Voltei pelas horas mortas à sua habitação e persuadi a sua mulher que me acompanhasse, prometendo-lhe amparo e abrigo. Guiei-a, e mandei trazer para bordo da barca o cadáver do nosso assassinado irmão. Poderei acaso conduzir à vossa presença essa pobre vítima do ódio popular contra nós?

— Remiu tão honrada morte os erros de Perrail — disse o venerando Aumont. — Cubra-se o símbolo da Trindade: dispamos as insígnias misteriosas, e entre a desventurada.

Branca, quase desmaiada, entrou acompanhada por Guido, e aproximou-se ao grão-mestre. Comovido, este a apertou nos seus braços, quando ela ia a arrojar-se-lhe aos pés; pôs-lhe as mãos sobre a cabeça, abençoou-a, e disse:

— Como tu, desventurada, clamamos nós ao Senhor, do abismo da nossa amargura, e esperamos uma nova Jerusalém, e o melhor porvir. Embora meus olhos o não vejam, ao menos até o sepulcro serás tu minha filha, e depois de eu morrer, Guido te servirá de pai.

Ditas estas palavras, Aumont levou Branca para fora do templo, e o corpo de Perrail foi para ali trazido, e colocado no meio dos seus irmãos, quase como ele silenciosos. Todas as espadas erguidas se inclinaram para o cadáver do morto, e junto dele foi Guido elevado ao grau de mestre pelos veneráveis, com o toque, palavra e senha, e com o beijo fraterno.

***

Perto da capela de S. João, se abriu a sepultura de Perrail, num terreno coberto de basto arvoredo. Um montão de pedras se erguia sobre a campa; um verde ramo de acácia, renovado cuidadosamente todos os dias, distinguiu, por muito tempo, este sepulcro de outros que ali

se iam abrindo; e ainda em épocas muito posteriores celebravam os membros da Ordem o dia do seu orago junto ao lugar do último repouso do Mestre assassinado.

ARRAS POR FORO DE ESPANHA

(ANO DE 1372)

CAPÍTULO I

A ARRAIA-MIÚDA

O sino das ave-marias ou da oração, tinha dado na torre da Sé a última badalada, e pelas frestas e portas dessa multidão de casas que, apinhadas à roda do castelo e como enfeixadas e comprimidas pela apertada cinta das muralhas primitivas de Lisboa, pareciam mal caberem nelas, viam-se fulgurar, aqui e acolá, as luzes interiores, enquanto as ruas, tortuosas e imundas, jaziam como baralhadas e confusas sob o manto das trevas. Era chegada a hora dos terrores; porque durante a noite, naqueles boas tempos, a estreita senda de bosque deserto não era mais triste, temerosa e arriscada do que a própria Rua Nova, a mais opulenta e formosa da capital. O que, porém, havia aí desacostumado e estranho eram o completo silêncio e a escuridão profunda em que jazia sepultado o Paço de a par S. Martinho, onde então residia el-rei D. Fernando, ao mesmo tempo que

pelos becos e encruzilhadas soava um tropear de passadas, um sussurro de vozes vagas, que indicavam terem sido agitadas as ondas populares pelo vento de Deus e que ainda esse mar revolto não tinha inteiramente caído na calmaria e sonolência que vem após a procela.

E assim era, com efeito, como o leitor poderá averiguar pelo seus próprios olhos e ouvidos, se, manso, manso e disfarçado quiser entrar connosco na muito afamada e antiga taberna do velho Folco Taca, que nos fica bem perto, logo ao sair da Sé, na rua que sobe para os Paços da Alcáçova, sete ou oito portas acima dos Paços do Concelho.

A taberna de micer Folco Taca, genovês que viera a Portugal ainda impúbere, como pajem de armas de famoso almirante Lançarote Peçanha, e que havia anos abandonara o serviço marítimo para se dar à mecânica, era a mais célebre entre todas as de Lisboa, não só pelo luxo do seu adereço, e pela bondade dos líquidos encerrados nas cubas monumentais que a pejavam, mas também porque, num aposento mais retirado e interior, uma vasta banca de pinho e muitos sentos rasos os bancos ofereciam todo o cómodo aos tavolageiros de profissão para perderem ou ganharam

aí, em noites de jogo infrene, os belos alfonsins e maravedis de ouro ou as estimadas dobras de D. Pedro I, o qual, ao contrário dos seus antecessores e sucessores, julgara ser mais rico e poderoso fazendo cunhar moeda de bom toque e peso do que roubando-lhe o valor intrínseco e aumentando-lhe o nominal, segundo o costume de todos os reis no começo do seu reinar.

Micer Folco soubera estender grossas névoas sobre os olhos do corregedor da Corte e de todos os saiões, algozes e mais família da nobre raça dos águazis sobre a ilegalidade de semelhante estabelecimento industrial. O elixir que ele empregara para produzir essa maravilhosa cegueira não sabemos nós qual fosse; mas é certo que não se perdeu com a alquimia, porque se vê que ele existe em mãos abençoadas, produzindo, ainda hoje, repetidos milagres, em tudo análogos a este.

Era, pois, na taberna-tavolagem da Porta do Ferro, conhecida vulgarmente por tal nome em consequência da vizinhança dessa porta da antiga cerca, onde os ruídos vagos e incertos que sussurravam pelas ruas da cidade soavam mais alta e distintamente, como em sorvedouro

marinho as ondas, remoinhando e precipitando-se, estrepitam no centro da voragem com mais soturno e retumbante fragor. A vasta quadra da taberna estava apinhada de gente, que trasbordava até o breve terreirinho da Sé, falando todos a um tempo, acesos, ao que parecia, em violentas disputas, que às vezes eram interrompidas pelo mais alto brado das pragas e blasfémias, indício evidente de que o sucesso que motivava aquela assuada ou tumulto era negócio que excitava vivamente a cólera popular.

Já no fim do século décimo quarto era o povo, assim como hoje, colérico. Então cóleras da puerícia; hoje aborrecimentos da velhice.

Se na rua o burburinho era tempestuoso e confuso, dentro da casa de micer Folco a bulha podia chamar-se infernal. Para um dos lados, no meio de uma espessa mó de populares, ouviam-se palavras ameaçadoras, sem que fosse possível perceber contra qual ou quais indivíduos se acumulava tanta sanha. ara outra parte, dentre o vozear de uma cerrada pinha de mulheres, cuja vida de perdição se revelava nos seus coromens de pano de arrás, nos cintos

escuros, nas camisas e véus desadornados e lisos, rompiam risadas discordes e esganiçadas, nas quais se manifestavam, profundamente impressos, o atrevimento e a insolência daquelas desgraçadas. Em cima dos vufetes viam-se pichéis e taças vazias, e debaixo de alguns deles corpos estirados, que simulariam cadáveres, se os assobios e roncos, que, às vezes, sobressaíam através do ruído daquele respeitável congresso, não provassem que esses honrados cidadãos, suavemente embalados pelos vapores do vinho e do entusiasmo, tinham adormecido na paz de uma boa consciência. Enfim, a composta e bem reputada taberna do antigo companheiro de glória de micer Lançarote estava visivelmente prostituída e nivelada com as mais imundas e vis baiucas de Lisboa. O gigante popular tinha aí sentado a sua cúria feroz, e pela primeira vez o vício e a corrupção tinham transposto aqueles umbrais sem a sua máscara de modéstia e gravidade. Sobre os farrapos do povo não têm cabida os adornos do ouropel. É a única diferença moral que há entre ele e as classes superiores que se creem melhores, porque no ginásio da civilização aprendem desde a infância as destrezas e os mornos de compostura hipócrita.

O astro que parecia iluminar com a sua luz, aquecer com o seu calor aquele turbilhão de planetas, o centro moral à roda do qual viravam todos aqueles espíritos, era um homem que dava mostras de ter bem quarenta anos, alto, magro, trigueiro, olhos encovados e cintilantes, cabelo negro e revolto, barba grisalha e espessa. Encostado a um dos muitos bufetes que adornavam o amplo aposento e rodeado de uma grossa pinha de populares de ambos os sexos que o escutavam em respeitoso silêncio, a sua voz forte e sonora sobressaía no ruído e só se confundia com alguma jura blasfema que se disparava do meio das outras pinhas de povo ou com as modulações das risadas que vibravam naquele ambiente denso e abafado, de certo modo semelhante a clarão afogueado que sulcasse rapidamente as trevas húmidas e profundas da cripta subterrânea de alguma igreja de sexto século.

De repente, dois cavaleiros, cuja graduação se conhecia pelos barretes de veludo preto adornados de pluma ao lado, pelas calças de seda golpeadas e pelos cintos de pele de gamo lavrados de prata, entraram na taberna e, rompendo por entre o povo, que lhe alargava a passagem, chegaram

ao pé do homem alto e trigueiro. Traziam os capeirotes puxados para a cara, de modo que nenhum dos homens presentes pôde conhecer quem eram. Bastantes desejos passaram por muitos daqueles cérebros vinolentos de o indagar; mas a mesma reflexão atou simultaneamente todas as mãos. Ao longo da coxa esquerda dos embuçados via-se reluzir a espada, e no lado direito e apertado no cinto, que a ponta erguida do capeirote deixava aparecer, escortinava-se o punhal. O passaporte para virem assim aforrados era digno de consideração, e ainda que entre a turba se achassem alguns homens de armas, principalmente besteiros, quase todos estavam desarmados. Tinha seus riscos, portanto, o pôr-lhe o visto popular.

Os dois desconhecidos falaram em segredo por alguns minutos ao homem alto e magro, que, de vez em quando, abanava a cabeça, fazendo um gesto de sentimento; depois romperam por entre a turba, que os examinava com uma espécie de receio misturado de respeito, e foram sentar-se em dois dos bancos enfileirados ao correr da parede. Encostando os cotovelos num bufete, com as cabeças

apertadas entre os punhos, ficaram imóveis e como alheios ao sussurro que começava a levantar-se de novo à roda deles.

Este durou breves instantes; um psiu do homem alto e magro fez voltar todos os olhos para aquele lado. Subindo a um banco, ele deu sinal com a mão de que pretendia falar.

— Ouvi, ouvi! — bradaram alguns que pareciam os maiores daquela multidão desordenada.

Todos os pescoços se alongaram a um tempo, e viram-se muitas mãos calosas erguerem-se encurvadas e formarem em volta das orelhas dos seus donos uma espécie de anel acústico. O orador começou:

— Arraia-miúda!(*), tendes vós já elegido, entre vós outros, cidadãos bem falantes e avisados para propor vossos embargos e razoados contra este maldito e descomunal casamento de el-rei com a mulher de João Lourenço da Cunha?

[(*) Fernão Lopes dá a entender (Crónicas de D. João I, parte 1ª, cap. 44) que a palavra "arraia-miúda" se começara a utilizar para denominar a população,

no principio da revolta, a favor do mestre de Avis, para os distinguir dos nobre, na sua maior parte a favor de D. Leonor e dos Castelhanos. Mas este título chocarreiro já o tinha tomado para si o povo "miúdo" com muita seriedade e orgulho. Num documento de 1305 (Chancel de D. Dinis, liv. 3º das Doações, f. 42 v.) diz-se que "outorgavam certas coisas os cavaleiros, juízes do concelho de Bragança e toda a arraia-miúda"]

— Todos à uma entendemos que deveis ser vós, mestre Fernão Vasques — respondeu um velho, cuja calva polida reverberava os raios de uma das lâmpadas pendentes do teto, e que parecia ser homem de conta entre os populares. — Quem há aí entre a arraia-miúda mais discreto e aposto para tais autos que vós? Quem com mais urgentes razões proporia nosso agravo e a desonra e vilta de el-rei do que vós o fizestes hoje na mostra que demos ao paço esta tarde?

— Alcácer, alcácer!, pelo nosso capitão Fernão Vasques — bradou uníssona a chusma.

— Fico-vos obrigado, mestre Bartolomeu Chambão! — replicou Fernão Vasques, sossegando o tumulto. — Pelo razoado de hoje terei em paga a forca, se a adúltera chega a ser rainha: pelo de amanhã terei as mãos decepadas em

vida, se el-rei com as suas palavras mansas e enganosas souber apaziguar o povo. E tende vós por averiguado, mestre Bartolomeu, que o carrasco sabe apertar melhor o nó da corda na garganta que eu o ponto em peitilho de saio ou em costura de redondel ou pelote, e que o cutelo do algoz entra mais rijo no gasnete de um cristão que a vossa enxó numa aduela de pipa!

— Nanja enquanto na minha aljava houver armazém, e a garrucha da besta me não estourar — exclamou um besteiro do conto, cambaleando e erguendo-se debaixo de um bufete, para onde o tinham derribado certas perturbações de entusiasmo político.

— *Amen, dico vobis*! — gritou um beguino, cujas faces vermelhas e voz de estertor brigavam com o hábito de grosseiro burel e com as desconformes camândulas que lhe pendiam da cinta.

— Olé, Frei Roy Zambrana, fala linguagem cristenga, se queres vir nesse bodo por nossa esteira — bradou um petintal de Alfama que, segundo parecia, capitaneava um grande troço de pescadores, barqueiros e baleotes daquele

bairro, então quase exclusivamente povoado de semelhante gente.

— Digo por linguagem — acudiu o beguino — que ninguém como mestre Fernão Vasques é homem de cordura e sages para amanhã falar a el-rei aguçadamente sobre o feito do casamento de Leonor Teles, do mesmo modo que ninguém leva vantagem ao petintal Airas Gil em ousadia para fugir às galés de Castela e para doestar os bons servos da igreja.

Era alusão pessoal. Uma risada ruidosa e longa correspondeu à mordente desforra de Frei Roy, que abaixou os olhos com certo modo hipocritamente contrito, semelhante ao gato que, depois de dar a unhada, vem roçar-se mansamente pela mão que ensanguentou.

Frei Roy era também, como Airas Gil, um ídolo popular, e a má vontade que parecia haver entre o beguino e o petintal nascera da emulação; de uma dúvida cruel sobre a altura relativa do trono de encruzilhada, do trono de lama e farrapos em que cada um deles se sentava.

Se, pois, aquela multidão não estivesse persuadida da superioridade intelectual do alfaiate Fernão Vasques, a opinião desses dois oráculos não lhe teria deixado a menor dúvida sobre isso. Todavia, nas palavras de ambos havia um pensamento escondido; pensamento de raízes que nascera num dia, e num dia lançara profundas raízes nos corações de ambos. O marinheiro e o eremita tinham pensado ao mesmo tempo que, lisonjeando esse homem mimoso do vulgo, tirariam juntamente dois resultados: o de ganharem mais crédito entre este e o de aplanarem a estrada da forca ao novo rei das turbas, erguido, havia poucas horas, sobre os broquéis populares.

Mas que auto era esse de que o povo falava? Sabê-lo-emos remontando um pouco mais alto.

O amor cego de el-rei D. Fernando pela mulher de João Lourenço da Cunha, Da Leonor Teles, havia muito que era o pasto saboroso da maledicência do povo, dos cálculos dos políticos e dos enredos dos fidalgos. Ligada por parentesco com muitos dos principais cavaleiros de Portugal, Da Leonor, ambiciosa dissimulada e corrompida, tinha empregado todas as artes do seu engenho pronto e agudo

em formar entre a nobreza uma parcialidade que lhe fosse favorável. Quanto a el-rei, a paixão violenta em que este ardia lhe assegurava a ela o completo domínio no seu coração. Mas as miras daquela mulher, cuja alma era um abismo de cobiça, de desenfreamento, de altivez e de ousadia, batiam mais alto do que na triste vanglória de ver aos seus pés um rei bom, generoso e gentil. Através do amor de D. Fernando ela só enxergava o refulgir da coroa, e o homem sumia-se nesse esplendor. O nome de rainha misturava-se nos seus sonhos; era o significado de todas as suas palavras de ternura, o resumo de todas as suas carícias, a ideia primordial de todas as suas ideias. Leonor Teles não amava el-rei, como o provou o tempo; mas D. Fernando cria no amor dela; e este príncipe, que seria um dos melhores monarcas portugueses, e que a muitos respeitos o foi, deixou na história, quase sempre superficial, um nome desonrado, por ter escrito esse nome na horrível crónica da nossa Lucrécia Bórgia. Uma dificuldade, quase insuperável para outra que não fosse D. Leonor, se interpunha entre ela e os seus ambiciosos desígnios. Era casada! Um processo de divórcio por parentesco, julgado por juízes afetos a D. Leonor ou que

sabiam até alcançava a sua vingança, a livrou desse tropeço. O seu marido, João Lourenço da Cunha, aterrado, fugiu para Castela, e D. Fernando, casado, segundo se dizia, a ocultas com ela, muito antes da época em que começa esta narrativa, viu enfim satisfeito o seu amor insensato.

Aqueles dentre os nobres que ainda conservavam puras as tradições severas dos antigos tempos indignavam-se pelo opróbrio da coroa e pelas consequências que devia ter o repúdio da infanta de Castela, cujo casamento com el-rei, ajustado e jurado, este desfizera com a leveza que se nota como defeito principal no caráter de D. Fernando. Entre os que altamente desaprovavam tais amores, o infante D. Dinis, o mais novo dos filhos de D. Inês de Castro, e o velho Diogo Lopes Pacheco eram, segundo parece, os cabeças da parcialidade contrária a D. Leonor: aquele pela altivez do seu ânimo; este por gratidão a D. Henrique de Castela, em quem achara amparo e abrigo no tempo dos seus infortúnios, e que o salvara da triste sorte de Álvaro Gonçalves Coutinho e de Pêro Coelho, seus companheiros no patriótico crime da morte de D. Inês.

O casamento de el-rei, ou verdadeiro ou falso, era ainda um rumor vago, uma suspeita. Os nobres, porém, que o desaprovavam souberam transmitir ao povo os próprios temores, e a agitação dos ânimos crescia à medida que os amores de el-rei se tornavam mais públicos. D. Fernando tinha já revelado aos seus conselheiros a resolução que tomara, e estes, posto que a princípio lhe falassem com a liberdade que então se usava nos paços dos reis, vendo as suas diligências baldadas, contentaram-se de condenar com o silêncio essa mal-aventurada resolução. O povo, porém, não se contentou com isso.

Conforme as ideias daquele tempo, além das considerações políticas, semelhante consórcio era monstruoso aos olhos do vulgo, por um motivo de religião, o qual ainda de maior peso seria hoje, como o será em todos os tempos em que a moral social for mais respeitada do que o era naquela época. Tal consórcio constituía um verdadeiro adultério, e os filhos que dele procedessem mal poderiam ser considerados como infantes de Portugal e, por consequência, como fiadores da sucessão da Coroa.

A irritação dos ânimos, assoprada pela nobreza, tinha chegado ao seu auge, e a cólera popular rebentara violenta na tarde que precedeu a noite em que começa esta história.

Três mil homens tinham-se dirigido tumultuariamente às portas do paço, dando apenas tempo a que as cerrassem. A vozearia e o estrépido que fazia aquela multidão desordenada assustou el-rei, que por um seu privado mandou perguntar o que "lhes prazia e para que estavam assim reunidos". Então o alfaiate Fernão Vasques, "capitão e procurador por eles", como lhe chama Fernão Lopes, afeiou em termos violentos as intenções de el-rei liberalizando a D. Leonor os títulos de má mulher e feiticeira e asseverando que o povo nunca havia de consentir no seu casamento adúltero. A arenga rude e veemente do alfaiate orador, acompanhada e vitoriada de gritas insolentes e ameaçadoras do tropel que o seguia, moveu el-rei a responder com agradecimento às injúrias, e a afirmar que nem D. Leonor era sua mulher, nem o seria nunca, prometendo ir à manhã seguinte aclarar com eles este negócio no Mosteiro de S. Domingos, para onde os emprazava. Com tais promessas, pouco a pouco se aquietou

o motim, e ao cair da noite o terreiro de a par S. Martinho estava em completo silêncio. Como se, na solidão, el-rei quisesse consultar consigo o que havia de dizer ao seu bom e fiel povo de Lisboa, as vidraças coradas das esguias janelas dos paços reais, que vertiam quase todas as noites o ruído e o esplendor dos saraus, cerradas nesta hora e caladas como sepulcro, contrastavam com o reluzir dos fachos, com o estrépido das ruas, com o rir das mulheres perdidas e dos homens embriagados, com o perpassar contínuo dos magotes e pinhas de gente que se encontravam, uniam, separavam, retrocediam, vacilavam, ficavam imóveis, aglomeravam-se para se desfazer, desfaziam-se para se aglomerar de novo, sem vontade e sem constrangimento, sem motivo e sem objeto, vulto inerte, movido ao acaso, como as vagas do mar, tempestuoso e irrefletido como elas. Feroz na sua cólera razoada, ferocíssimo no seu rir insensato, o vulgo passava, rei de um dia. Esse ruído, essa vertigem que o agitava era o seu baile, a sua festa de triunfo; e as estrelas de serena noite de Agosto, semelhantes a lâmpadas pendentes de abóbada profunda, iluminavam o serão popular, as salas do

seu descanso, a praça e a encruzilhada. Era conjuntamente truanesco e terrível.

Na taberna de micer Folco (onde deixamos as personagens principais desta história, para inserir, talvez fora de lugar, o prólogo ou introdução a ela) as aclamações frenéticas dos populares tinham tornado indubitável que o "propoedor" para o juntamento do dia seguinte devia ser o muito avisado e sages mestre Fernão Vasques. Frei Roy era de todos aqueles presentes o que mais parecia ter a peito esta escolha, e o petintal Airas Gil ajudava-o poderosamente com o ruído dos amplos pulmões dos galeotes de Alfama, contraídos como em voga arrancada, vitoriando o seu capitão. O alfaiate não pôde resistir, nem, porventura, tinha vontade disso, a tanta popularidade e, em pé sobre o banco, com a cabeça levemente inclinada para o peito, numa postura entre de resignação e de bem-aventurança, tremulava-lhe nos lábios semi-abertos um sorriso que revelava uma parte dos mistérios do seu coração. Enfim, quando a grita começou a serenar, Fernão Vasques ergueu a cabeça e com aspeto grave deu sinal de que ainda pretendia falar.

Fez-se de novo silêncio.

— Seja, pois, como quereis — disse o alfaiate —, mas vede o grão risco a que me ponho por vós outros. Falarei a el-rei com liberdade portuguesa; proporei vosso agravo e a desonra e feio pecado da sua real senhoria: mas é necessário que vós todos quantos aí sois estejais de alcateia e ao romper da alva no alpendre de São Domingos. Dizem que a adúltera é mulher de grande coração e ousados pensamentos; em Lisboa estão muitos cavaleiros seus parentes e parciais. Besteiros deste concelho, que não vos esqueçam em casa vossas bestas e aljavas! Peoada de Lisboa, levai vossas ascumas! Os tons e engenhosos do castelo — acrescentou o alfaiate em voz mais baixa e hesitante — não vos apoquentarão, ainda que el-rei o quisesse, porque o alcaide-mor João Lourenço Bubal não é dos afeiçoados a Dona Leonor Teles. Santa Maria e Santiago sejam convosco! Alcácer, alcácer pela arraia-miúda! A repousar, amigos!

— Alcácer, alcácer — respondeu a turbamulta.

— Morra a comborça! — gritou Airas Gil com voz de trovão.

— Morra a comborça! — repetiram os galeotes e as virtuosas matronas dos coromens de arrás e cintos pretos que assistiam aquele conclave.

— Olha, Airas, que São Martinho fica perto, e contam que D. Leonor tem ouvido subtil — disse Frei Roy ao petintal com um sorriso diabólico.

Dor de levadigas te consuma, echacorvos! — replicou o petintal. Quando eu quero que me ouçam é que falo alto. Alcácer pela sua senhoria o bom rei D. Fernando! Deus o livre de Castela e de feitiços!

O petintal emendava a mão como podia. E entre morras e alcáceres; entre risadas e pragas; entre ameaças vãs e insultos inúteis, aquela vaga de povo contida na taberna de micer Folco espraiou-se pelas ruas, derivou pelas quelhas, vielas e becos, e embebeu-se pelas casinhas e choupanas que nessa época jaziam, não raro, deitadas junto às raízes dos palácios na velha e opulenta Lisboa.

Com os braços cruzados, o alfaiate contemplava aquela multidão, que diminuía rapidamente, e cujo sussurro, alongando-se, era comparável ao gemido do tufão que

passa de noite pelas sarças da campina. Ainda ele tinha os olhos fitos no portal por onde saíra o vulto indelineável chamado povo, e já ninguém aí estava, salvo os dois cavaleiros, que se tinham conservado imóveis na mesma postura que tinham tomado, e Frei Roy, que se estirara sobre um dos bufetes e já roncava e assobiava, como em sono profundo.

Os dois cavaleiros ergueram-se e descobriram os rostos: a um ainda a barba de homem não pungia nas faces; o outro, na alvura das barbas brancas, que trazia caídas sobre os ombros à moda de Castela, e no rosto sulcado de rugas certificava ser já bem larga a história da sua peregrinação na Terra.

O jovem olhou para Fernão Vasques, que parecia absorto, e depois para o velho, com um gesto de impaciência. Este olhou também para ele e sorriu-se. Depois o ancião chamou o alfaiate em voz baixa, mas percetível.

Este, como se caísse em terra da altura dos seus pensamentos, estremeceu e, saltando do banco, onde ainda se conservava em pé, encaminhou-se rapidamente para os dois cavaleiros.

— Senhor infante, que a vossa mercê em perdoe e o senhor Diogo Lopes Pacheco! À fé que, no meio deste arruído, quase me esquecera de que éreis aqui. Estais desenganados pelos vossos olhos de que posso responder pelo povo, e de que amanhã não faltarão em São Domingos?

— Na verdade — respondeu o jovem — que tu governas mais nele que o meu irmão, com ser rei! Veremos se amanhã te obedecem, como te obedeceram hoje.

— És um notável capitão — acrescentou Diogo Lopes, rindo e batendo no ombro do alfaiate.

— Se fosses capaz de reger assim em hoste uma bandeira de homens de armas, merecerias a alcaidaria de um castelo.

— Que só entregaria, no alto e no baixo, irado e pagado, de noite ou de dia, àquele que de mim tivesse preito e menagem.

— Bem dito! — interrompeu o velho Pacheco, no mesmo tom em que começara. — Se te negarem, não será por não trazeres já bem estudadas as palavras do preito. Tem a

certeza de que hás de ir longe, Fernão Vasques; muito longe! Assim eu a tivera de que não me será preciso coser à ponta do punhal a boca de quem ousar dizer que o infante Dom Dinis e Diogo Lopes Pacheco cruzaram esta noite a porta da taberna do genovês Folco Taca.

Quando estas últimas palavras, proferidas lentamente, saíram dos lábios do que as proferia, os roncos e assobios do beguino que dormia foram mais rápidos e trémulos.

— Quem é aquele echacorvos? — prosseguiu Diogo Lopes, apontando para Frei Roy, com gesto de desconfiança.

— É um dos nossos — respondeu o alfaiate —, um dos que mais têm encarniçado a arraia-miúda contra a feiticeira adúltera. Na assuada desta tarde foi dos que mais gritaram em frente dos Paços de El-Rei. Por este respondo eu. Não ireis, senhor Diogo Lopes de lhe coser a boca à ponta do vosso punhal.

— Responde por ti, honrado capitão de arraia-miúda — replicou o velho cortesão. — Quem me responde por ele é o seu dormir profundo: quem me responderia por ele, se,

acordando, nos visse aqui, seria este ferro que trago na cinta. Agora o que importa. Enquanto amanhã el-rei se demorar em São Domingos, um troço da arraia-miúda e besteiros há de acometer o paço, e, ou do terreiro ou rompendo pelos aposentos interiores, é necessário que uma pedra perdida, um tiro nalgum corredor escuro nos assegure que el-rei não pode deixar de atender às súplicas dos seus leais vassalos e dos cidadãos de Lisboa.

— Morta! — exclamou o infante, com um gesto de horror. — Não, não, Diogo Lopes; não ensanguenteis os paços do meu irmão, como...

— Como ensanguentei os Paços de Santa Clara — atalhou Pacheco —, dizei-o francamente; porque nem remorsos me ficaram cá dentro. Senhor infante, vós esquecestes-vos disso, porque eu posso e valho com el-rei de Castela! Senhor infante, a ambição tem que saltar muitas vezes por cima dos vestígios de sangue! Vós passaste avante e não vistes os do sangue da vossa mãe! Porque hesitareis, ao galgar os do sangue de Leonor Teles? Senhor, infante, quem sobre por sendas íngremes e por despenhadeiros tem a certeza de precipitar-se no fogo, se covardemente recua.

D. Dinis tinha-se tornado pálido como cera. Não respondeu nada: mas dos olhos rebentaram-lhe duas lágrimas.

Fernão Vasques escutou a preleção política do velho matador de D. Inês de Castro com religiosa atenção. E resolveu lá consigo não se deixar cair no fojo.

— Far-se-á como apontais — disse ele, falando com Diogo Lopes —, mas, se os homens de armas e besteiros de João Lourenço Bubal descerem do castelo...

— Não te disse, ainda há pouco, que João Lourenço ficaria quieto no meio da revolta? Podes estar sossegado, que não te certifiquei disso para animares o povo. E a realidade. Agora trata de dispor as coisas para que não seja um dia inútil o dia de amanhã.

Pegando então na mão do infante, o feroz Pacheco saiu da taberna e tomou com ele o caminho da alcáçova. Fernão Vasques ficou um pouco pensativo: depois saiu, dirigindo-se para a Porta do Ferro e repetindo em voz baixa:

— Não me precipitarei no fojo!

Passados alguns instantes de silêncio, Frei Roy levantou devagarinho a cabeça, sentou-se no bufete e pôs-se a escutar: depois saltou para o chão, apagou a lâmpada que ardia no meio da casa, abandonada por Folco Taca, logo que o povo tumultuariamente a inundara, chegou à porta, escutou de novo alguns momentos, manso e manso encaminhou-se para a torre da Sé do lado do norte e, como um fantasma, desapareceu cosido com a negra e alta parede da catedral.

CAPÍTULO II

O BEGUINO

Quem hoje passa pela cadeia da cidade de Lisboa, edifício imundo, miserável, insalubre, que por si só bastara a servir de castigo a grandes crimes, ainda vê na extremidade dele umas ruínas, uns entulhos amontoados, que separa da rua uma parede de pouca altura, onde se abre uma janela gótica. Esta parede e esta janela são tudo o que resta dos antigos Paços de a par S. Martinho, igreja que também já desapareceu, sem deixar, sequer, por memória um pano de muro, uma fresta de outro tempo. O Limoeiro é um dos monumentos de Lisboa sobre que revoam mais tradições de remotas eras. Nenhuns paços dos nossos reis da primeira e da segunda dinastia foram mais vezes habitados por eles. Conhecidos sucessivamente pelos nomes de "Paços de El-Rei", "Paços dos Infantes", "Paços da Moeda", "Paços do Limoeiro", a sua história vai sumir-se nas trevas dos

tempos. São da era mourisca? Fundaram-nos os primeiros reis portugueses? Ignoramo-lo. E que muito, se a origem de Santa Maria Maior, da venerando catedral de Lisboa, é um mistério! Se, transfigurada pelos terramotos, pelos incêndios e pelos cónegos, nem no seu arquivo queimado, nem nas suas rugas caiadas e douradas pode achar a certidão do seu nascimento e dos anos da sua vida! Como as da igreja, as ruínas da monarquia dormem em silêncio à roda de nós, e, envolto nos seus eternos farrapos, o povo vive eterno em cima ou ao lado delas, e nem sequer indaga porque jazem aí!

Na memorável noite em que se passaram os sucessos narrados no capítulo antecedente, essa janela dos Paços de El-Rei era a única aberta em todo o vasto edifício, mas calada e escura, como todas as outras. Só, de vez em quando, quem para lá olhasse atento do meio do terreiro enxergaria o que quer que fosse, alvacento, que ora se chegava à janela, ora se retraía. Mas o silêncio que reinava naqueles sítios não era interrompido pelo menor ruído. De repente, um vulto chegou debaixo da janela e bateu devagarinho as palmas: a figura alvacenta chegou à janela,

debruçou-se, disse algumas palavras em voz baixa, retirou-se, voltou a voltar e pendurou uma escada de corda que segurou por dentro. O vulto que chegara subiu rapidamente, e ambos desapareceram através dos corredores e aposentos do paço.

Em um destes últimos, iluminado por tochas seguras por longos braços de ferro chumbados nas paredes, passeava um homem de meia idade e gentil presença. Os seus passos eram rápidos e incertos, e o seu aspeto carregado. De vez em quando, parava e escutava a uma porta, cujo reposteiro se abanava levemente; depois continuava a passear, parando, às vezes, com os braços cruzados e como entregue a pensamentos dolorosos.

Por fim, o reposteiro ondeou de alto a baixo e franziu-se no meio; mão alva de mulher o segurava. Esta entrou, e após ela um homem alto e robusto, vestido de burel e cingido de cinto de esparto, de onde pendiam umas grossas camândulas. A dama atravessou vagarosamente a sala e foi sentar-se num estrado de altura de palmo, que corria ao longo de uma das paredes do aposento. O homem que passeava sentou-se também, no único banco que ali havia.

Frei Roy, que o leitor já terá conhecido, ficou ao pé da porta por onde entrara, com a cabeça baixa e em postura abeatada.

— Aproxima-te, beguino! — disse com voz tremula el-rei; porque era el-rei D. Fernando o homem que se sentara.

— Frei Roy deu uns poucos passos para diante.

— Que há de novo? — perguntou el-rei.

— O povo cada vez está mais alvorotado e jura falar rijamente amanhã a vossa senhoria. Mas essa não é a pior notícia que eu trago!

— Fala, fala, beguino! — acudiu el-rei, estendendo a mão convulsa para o echacorvos.

— É que amanhã, enquanto vossa senhoria estiver em São Domingos, o áco será acometido. Pretendem matar...

— Mentes, beguino! — gritou a dama, erguendo-se do estrado de um salto, semelhante a tigre descoberto pelos caçadores nos matagais da Ásia. — Mentes! Podem não me querer rainha: mas assassinar-me! Isso é impossível. Amo muito o povo de Lisboa; tenho-lhe feito as mercês que

posso, não me há de odiar assim de morte. Os fidalgos podem persuadi-lo a opor-se ao nosso casamento; mas nunca a pôr mãos violentas na pobre Leonor Teles.

— Provera a Deus que eu mentisse hoje. Seria a primeira vez na minha vida — replicou o echacorvos, com ar contrito. — Mas ouvi com os meus ouvidos a ordem para o feito e a promessa da execução, haverá três credos, na taberna de Folco Taca.

— Miseráveis! — bradou, erguendo-se também, el-rei, a quem o risco da sua amante restituíra por um momento a energia. — Miseráveis! Querem sobre a cerviz o jugo de ferro do meu pai? Tê-lo-ão. Quem ousa ordenar tal coisa?

— Diogo Lopes Pacheco, do vosso conselho, o disse ao alfaiate Fernão Vasques, o coudel dos revoltosos, e o vosso irmão D. Diais estava, também, com eles — respondeu Frei Roy.

O beguino era o espia mais sincero e imperturbável de todo o mundo.

— Velho assassino! — exclamou D. Fernando —, cobriste de luto eterno o coração do pai: queres cobrir o do filho. E

tu, Dinis, que eu amei tanto, também entre os meus inimigos! Leonor, que faremos para te salvar?! Aconselha-me tu, que quase que enlouqueci!

O pobre e irresoluto monarca cobriu o rosto com as mãos, arquejando violentamente. D. Leonor, cujos olhos centelhantes, cujos lábios esbranquiçados revelavam mais ódio que terror, lançou-lhe um olhar de desprezo e, em tom de mofa, respondeu:

— Sim, senhor rei, na falta dos vossos leais conselheiros, posso eu, triste mulher, dar-vos um bom conselho. Acordai vossos pajens, que vão pregar um poste à porta destes paços, e mandai-me amarrar a ele, para que o vosso bom povo de Lisboa possa despedaçar-me tranquilamente amanhã, sem profanar os vossos aposentos reais. Será mais uma grande mercê que lhe fareis em recompensa do seu amor à vossa pessoa, da sua obediência aos vossos mandados.

— Leonor, Leonor, não me fales assim, que me matas! — gritou D. Fernando deitando-se aos pés de D. Leonor e abraçando-a pelos joelhos com um choro convulso. — Que te fiz eu para me tratares tão cruelmente?

— Dom Fernando, lembra-te bem do que te vou dizer! O povo ou se rege com a espada do cavaleiro, ou ele vem colocar a ascuma do peão sobre o trono real. Quem não sabe brandir o ferro cede; deixa-o reinar.

— Tens razão, Leonor! — disse D. Fernando, enxugando as lágrimas e alçando a cara nobre e formosa, onde se pintava a indignação. — Serei filho de Dom Pedro, o Cruel; serei sucessor do meu pai. Eu mesmo vou ao alcáçar examinar os engenhos mais valentes que cubram o terreiro de São Martinho de pedras, de virotões e de cadáveres: os montantes e as bestas dos homens de armas e besteiros do meu alcaide-mor de Lisboa farão o resto. João Lourenço Bubal será fiel ao seu rei. Se necessário for, com as minhas próprias mãos ajudarei a pôr fogo à cidade, para que nem um revoltoso escape. Adeus, Leonor: conta que serás vingada.

D. Fernando voltou-se rápido para a porte do aposento. Frei Roy estava imóvel diante dele.

— João Lourenço Bubal — disse o espia, sem mudar de tom nem de gesto — é dos revoltosos. Ouvi-o da boca do próprio Diogo Lopes, que o certificou a Fernão Vasques. Os

trons do alcácer estão desaparelhados, e a maior parte dos homens de armas e besteiros do alcaide-mor eram na taberna de Folco Taca os mais furiosos contra a que eles chamam...

— Cala-te, beguino — gritou el-rei, empurrando-o com força e procurando tapar-lhe a boca.

O echacorvos parou onde o impulso recebido o deixou parar e ficou outra fez imóvel diante de D. Fernando, a quem este último golpe lançava de novo na sua habitual perplexidade.

— ... a adúltera — prosseguiu Frei Roy acabando a frase, porque ainda a devia, e era escrupuloso e pontual no desempenho do seu ministério.

— Beguino! — atalhou D. Leonor, com voz trémula de raiva —, melhor fora que nunca essa palavra te tivesse passado pela boca; porque, talvez, um dia ela seja fatal para os que a tiverem proferido.

— Mas que faremos?! — murmurou el-rei com gesto de indizível agonia.

— Havia ainda há pouco três expedientes — respondeu D. Leonor, recobrando aparente serenidade —, combater, ceder, fugir. O primeiro é já impossível; o segundo! ... Porque não o aceitas, Fernando? Prestes estou para tudo. Não me verás mais, ainda que, longe de ti, por certo estalarei de dor. Cede à força: os teus vassalos o querem; quer o teu povo. Esquece-te para sempre de mim!

— Esquecer-me de ti? Não te ver mais? Nunca! Obedecer à força? Quem há aí que ouse dizer ao rei de Portugal: "Rei de Portugal, obedece à força"? Os peões de Lisboa?! Porque sou manso na paz, não creem que a minha espada no campo da batalha corte arneses, como a do melhor cavaleiro? Bons escudeiros e homens de armas da minha hoste, por onde andais derramados? Dormis por vossas honras e solares? O povo vos acordará, como me acordou a mim; bramirá, como os lobos da serra, ao redor das vossas moradas; saltar-vos-á no meio dos vossos banquetes, por entre o ruído dos vossos festejos. No ardor dos vossos amores, dir-vos-á: "Desamai!" Ele ousa já dizê-lo ao seu rei e senhor... Oh, desgraçado de mim, desgraçado de mim!

— Não queres, pois, deixar-me entregue à minha estrela? — disse D. Leonor, com voz entre de choro e de ternura, abraçando pelo pescoço o pobre monarca e chegando a sua cara suave e pálida às faces afogueadas de D. Fernando, que, numa espécie de delírio, olhava espantado para ela.

— Não, não! Viver contigo ou morrer contigo. Cairei do trono ou tu subirás a ele.

Um sorriso quase impercetível se espraiou pelo rosto de Leonor Teles, que, recuando e tomando uma postura resoluta e ao mesmo tempo de resignação, prosseguiu com voz lenta, mas firme:

— Então resta o fugir.

— Fugir! — exclamou el-rei. E só esta palavra era mais expressiva que narração bem extensa dos atrozes martírios que o mal-aventurado curtia no coração irresoluto, mas generoso, com a ideia de um feito, vil e covarde em qualquer escudeiro, vilíssimo num rei de Portugal, num neto de Afonso IV.

El-rei olhou para ela um momento. Era sereno o seu rosto angélico, semelhante ao de uma dessas virgens que se

encontram nas iluminuras de antigos códices, o segredo de cujos toques, perdido no fim do século décimo quinto, a arte moderna a muito custo pôde fazer ressurgir. O mais esperto fisionomista dificultosamente adivinharia a negrura de alma que se escondia debaixo das puras e cândidas feições de D. Leonor, se não uniam entre os sobrolhos, contraindo-se e deslizando-se rapidamente como as vesículas peçonhentas das fauces de uma víbora.

— Seja, pois, assim! Fujamos — murmurou D. Fernando com o tom e gesto com que o supliciado daria do alto do patíbulo o perdão ao algoz.

D. Leonor tirou do largo cinto com que apertava a airosa cintura uma bolsa de ouropel e atirou com ela aos pés do beguino, que, de mãos cruzadas sobre o peito e os olhos semi-abertos cravados na abóbada do aposento, parecia extático e engolfado nos pensamentos sublimes do céu.

— Vinte dobras de Dom Pedro pelo teu soldo, beguino: vinte pelo teu silêncio. O resto da recompensa tê-lo-ás um dia, se a adúltera atravessar triunfadora o portal por onde vai sair fugitiva.

O rir afável de que estas palavras foram acompanhadas disseram correr um calafrio pela medula espinal do echacorvos, cujas pernas vacilaram. Mas o contacto das quarenta dobras que uniu imediatamente ao peito debaixo do escapulário lhe restituiu o vigor natural.

El-rei havia-se sentado, quase desfalecido, no banco único do aposento, e o seu aspeto demudado infundia ao mesmo tempo terror e compaixão. Quando o beguino levantou a bolsa, D. Fernando fitou nele os olhos e estendeu a mão para o reposteiro, sem dizer palavra.

Frei Roy curvou a cabeça, cruzou de novo as mãos sobre o peito e, recuando até à porta, desapareceu no corredor escuro por onde entrara.

Apenas os passos lentos e pesados do echacorvos deixaram de soar, D. Leonor encaminhou-se para uma janela que dava para um vasto terrado e afastou a cortina que servia durante o dia de mitigar a excessível luz do sol. A noite ia no meio do seu curso, como o indicava o mortiço das tochas, que mal iluminavam o aposento, e a Lua, já no minguante, começava a subir na abóbada do firmamento, mergulhando no seu clarão sereno o brilho esplêndido das

estrelas. A janela estava aberta, e o banco de el-rei ficava próximo; o luar batia de chapa no rosto belo e triste de D. Fernando, que, embebido no seu amargurado pensar, parecia alheio ao que se passava à roda dele e esquecido de que lhe restavam poucas horas para poder levar a cabo a resolução que tomara. Leonor Teles, encostada ao mainel da janela, pôs-se a olhar atentamente. A cidade dormia, e apenas o ladro de algum cão cortava aquela espécie de zumbido que é como o respirar noturno de uma grande povoação que repousa. Lá em baixo, uma faixa tremula, semelhante a uma ponta de luz, cortava obliquamente o Tejo, de onde mais largo se curvava pela margem esquerda. Os mastros de milhares de navios, emparelhados com a cidade, desde Sacavém até o promontório onde campeava, fora dos arrabaldes, o Mosteiro de S. Francisco, formavam uma espécie de floresta lançada entre a cidade e a sua imensa baía. Desde o terrado para o qual dava a janela até o rio, o bairro dos judeus, pendurado pela encosta íngreme e fechado com traveses e cadeias nos topos das ruas, desenhava uma espécie de triângulo, cuja base sentava sobre o lanço oriental da muralha mourisca, e cujo vértice, voltado para ocidente, se coroava com a sinagoga, abrigada

à sombra do vulto disforme da catedral. Pouco distante do terrado, entre o palácio e a judiaria, a claridade da Lua batia de chapa num terreiro irregular, rodeado de mesquinhas e meio arruinadas casas, que pela maior parte pareciam desabitadas. No meio dele, o que quer que era se erguia semelhante ao arco de um portal romano. Parecia ser uma ruína, um fragmento de edifício da antiga Olisipo, que esquecera ali aos terramotos, às guerras e aos incêndios, e ao qual finalmente chegara a sua hora de desabafar, porque uma alta escada de mão estava encostada à verga que sentava sobre os dois pilares laterais e os unia, como se ali a tivessem porto para, em amanhecendo, os obreiros poderem subir acima e derribarem-no em terra.

Era para esse vulto que D. Leonor se pusera a olhar atentamente.

Depois voltou o rosto para el-rei, que, com a cabeça baixa, os braços estendidos e as mãos encurvadas sobre os joelhos, parecia vergar sobre o peso da sua amargura: contemplou-o com um gesto de compaixão por alguns momentos e, estendendo para ele os braços, exclamou:

— Fernando!

Havia no tom com que foi proferida esta única palavra um mundo de amor e voluptuosidade; mas, no meio da brandura da voz de Leonor Teles, havia também uma corda áspera; alguma coisa do rugir do tigre.

El-rei deu um estremeção, como se pelos membros lhe houvera coado uma faísca elétrica; ergueu-se, e atirou-se a chorar aos braços de Leonor Teles.

— Amanhã — disse ele com voz afogada — o rei mais desonrado da cristandade serei eu: o cavaleiro mais vil das Espanhas será Dom Fernando de Portugal. Que me resta? Só o teu amor; mais nada. Porque não me pedem antes a coroa real, que para mim tem sido coroa de espinhos? Dera-a de boa vontade. Oh, Leonor, Leonor!, serias a mulher mais perversa, se um dia me atraiçoasses.

Um beijo da adúltera cortou as lástimas de el-rei. A formosura desta mulher tinha um toque divino à claridade da lua. D. Fernando, embriagado de amor, esqueceu-se de que poucas horas lhe restavam para fugir do seu povo enganado e ludibriado por ele.

— Fernando! — prosseguiu D. Leonor —, jura-me ainda uma vez que serás sempre meu, como eu serei sempre tua.

Dizendo isto, afastou-o brandamente de si.

— Juro-to uma e mil vezes pela fé de leal cavaleiro que até hoje fui. Juro-to pelo céu que nos cobre. Juro-to pelos ossos do meu nobre e valente avô, que ali dorme junto do altar-mor da Sé, debaixo das bandeiras infiéis que conquistou no Salado. Juro-to por mais que tudo isso: juro-to pelo meu amor!

— Bem está, rei de Portugal! — atalhou D. Leonor. — Agora só uma coisa me resta para te pedir. Não é favor; é justiça.

— Não me peças Lisboa, que essa sabe Deus se tornará a ser minha, rica, povoada e feliz como eu a tornei, ou se repousarei ainda a cabeça nestes paços dos meus antepassados, passando por cima das ruínas dela! Não me peças Lisboa, que talvez amanhã deixe de um chamar seu rei: do resto de Portugal pede-me o que quiseres.

— Quero que me dês as minhas arras: quero o preço do meu corpo, conforme foro de Espanha.

— Vila Viçosa é alegre como um horto de flores, e Vila Viçosa dar-te-ei eu. O Castela de Óbidos é forte e roqueiro, são numerosos e prestes para defesa os seus engenhos, e o Castelo de Óbidos será teu. Sintra pendura-se pela montanha entre lençóis de águas vivas, e respira o cheiro das ervas e flores que crescem à sombra das penedias: podes ter pela tua a Sintra. Alenquer é rica no meio das suas vinhas e pomares, e Alenquer te chamará senhora.

— Guarda as tuas vilas, Dom Fernando, que eu não te peço em dote; quero, apenas, uma promessa de coisa de bem pouca valia.

— De muita ou de pouca, não me importa! Dar-te-ei o que me pedires.

D. Leonor estendeu a mão para a espécie de portada romana que se erguia solitária no meio do terreiro deserto.

— É ali que tu me darás o preço do meu copo, se um dia a cerviz da orgulhosa Lisboa se curvar debaixo do teu jogo real.

El-rei lançou um rápido volver de olhos para onde Leonor Teles tinha o braço estendido, mas recuou horrorizado. O

vulto que negrejava no meio do terreiro era o patíbulo popular e peão: era a forca, tétrica, temerosa, maldita!

— Leonor, Leonor! — disse el-rei com som de voz cavo e débil —, porque vens misturar pensamentos de sangue com pensamentos de amor? Porque interpões um instrumento de morte e de afronta entre mim e ti? Porque preferes o fruto do cadafalso às vilas e castelos de que te faço senhora? Porque trocas a estola do clérigo que há de unir-nos pelo baraço áspero do algoz?

— Rei de Portugal! — respondeu a mulher de João Lourenço da Cunha, com um brado de furor —, ainda me perguntas porque o faço? Tu nunca serás digno do cetro do teu pai! Queres saber porque junto pensamentos de sangue a pensamentos de amor? É porque esses de quem eu o peço pediram também o meu sangue. Queres saber porque interponho entre mim e ti um instrumento de morte e de afronta? É porque o teu bom povo de Lisboa quis também interpor entre nós a morte e saciar-me de afrontas. Queres que te diga porque prefiro o fruto do cadafalso às vilas e castelos que me ofereces? É porque para os ânimos generosos não há vender vinganças por ouro. Vingança, rei

de Portugal, te pede em dote a tua noiva! Jura-me que um dia os teus vassalos que me perseguem serão também perseguidos, e que essa vil plebe que cobre de injúrias e pragas o meu nome, porque te amo, o amaldiçoem porque levo os seus caudilhos ao patíbulo. Este é o preço do meu corpo. Sem esse preço, a neta de Dom Ordonho de Leão nunca será mulher de Dom Fernando de Portugal.

E com um braço estendido para o lugar sem nome do suplício e com o outro curvado, como quem afastava de si el-rei, esta mulher vingativa era sublime de atrocidade.

— Tens razão, Leonor — disse por fim D. Fernando, depois de largo silêncio, em que se afetos inconstantes do seu caráter volúvel mudaram gradualmente. — Tens razão. A futura rainha de Portugal terá o seu desagravo: as línguas que te ofenderam calar-se-ão para sempre; os corações que te desejaram a morte deixarão de bater. No meu trono, até aqui de mansidão e bondade, sentar-se-á a crueza. Com Judas, o traidor, seja eu sepultado no Inferno, se faltar ao juramento que te faço de lavar em sangue a tua e a minha injúria.

A estas palavras, o aspeto severo de D. Leonor Teles mudou-se num sorrir de inexplicável doçura.

— Ah, como te hei de amar sempre! — murmurou ela. E estas palavras caíam dos seus lábios meigos e suaves como o arrulhar de pomba amorosa. Um beijo ardente, que sussurrou levado nas asas da brisa fresca da noite, selou esse pacto de ódio e de extermínio.

CAPÍTULO III

UM BULHÃO E UMA AGULHA DE ALFAIATE

O Sol, que havia mais de meia hora subira do Oriente, cingido da sua auréola da vermelhidão, no meio da atmosfera turva e acinzentada de um dia dos fins de Agosto, dava de chapa no rossio ou praça onde avultava o Mosteiro de S. Domingos, rodeado de hortas oriente, e pelo de Valverde, ao norte. Já muitos besteiros e peões armados de ascumas se derramavam ao longo da parede dos paços de Lançarote Peçanha fronteiro ao mosteiro, descendo uns por entre as vinhas de Almafala(*1), outros do arrabalde da Pedreira ou bairro do Almirante(*2), outros do lado da alcáçova, outros, enfim, desembocando das ruas estreitas e irregulares que iam dar à opulente e célebre Rua Nova (*3).

[(*) 1 — Hoje o Monte da Garça; 2 — Hoje o bairro dentro da Rua Larga de S. Roque, Chiado, Rua do Ouro, Rossio e Calçada do Duque; 3 — Hoje Rua dos

Capelistas]

Homens e mulheres apinhavam-se, aos dez e aos doze, no meio da praça, e às bocas das ruas; falavam, riam, chamavam-se uns aos outros. Às vezes, aquela mó de gente, cujo vulto engrossava de minuto para minuto, agitava-se como a superfície de um pego, passando o tufão. Incerta, vacilante, informe, subitamente se configurava, alinhava-se e, semelhante a triângulo enorme, a quadrela gigante desfechada de tom monstruoso, vibrava-se contra a vasta alpendrada do mosteiro, cujas portas ainda estavam fechadas. Aí hesitava, ondeava e retraía-se, como ressaltaria a folha cortadora de uma acha de armas quando não pudesse romper as portas chapeadas de forte castelo. Então aquela multidão tomava a forma de meia-luz, cujas pontas se encurvavam pelos lados de Valverde e da Mouraria e vinham topar uma com outra por baixo do bairro ladeirento da Pedreira, de onde, confundindo-se e irradiando-se de novo, se espalhavam pela vastidão do terreiro. O povo, que dorme às vezes por séculos, fora acometido de uma das suas raras insónias e vivia essa

possante vida da praça pública, em que de ordinário é ridículo e feroz, mas em que não raro é sublime e terrível.

Era a manhã imediata à noite em que ocorreram os sucessos narrados antecedentemente. O povo preparava-se para uma luta moral com o seu rei; mas não se descuidara de vir prestes para uma luta física, se D. Fernando quisesse apelas para esse último argumento. Era a primeira vez neste reinado que a arraia-miúda dava mostras da sua força e reivindicava o direito de dizer armada "não quero!" O elemento democrático erguia-se para influir ativamente na monarquia; enxertava-se nela, como princípio político, a par da aristocracia, que com a manopla de ferro arrojava a plebe contra o trono, sem pensar que brevemente este, conhecendo assim a força popular, se valeria dela para esmagar aqueles que ora sopravam os ânimos para a revolta e davam nova existência ao vulgo.

A hora aprazada para a vinda de el-rei ainda não havia batido: mas o povo orgulhoso da importância que subitamente se lhe dera, embevecido na ideia de que obrigaria el-rei a quebrar os laços adulterinos que o uniam a Leonor Teles, não media o tempo pelo curso do Sol, mas

sim pelo fervor da sua impaciência. Duas vezes se espalhava a voz de que D. Fernando chegara, e duas vezes o povo correra para o alpendre do mosteiro. As portas da igreja estavam, porém, fechadas, bem como a portaria e as estreitas e agudas frestas do mosteiro gótico que, formado apenas de um pavimento térreo e humilde, contrastava com a magnificência do templo, em cujas portadas profundas, sobre os colunelos pontiagudos que sustinham os fechos e chaves da abóbada, os animais monstruosos e híbridos, os centauros, os sátiros e os demónios, avultados na pedra dos capitéis por entre as folhagens de carvalho e de lódão, pareciam, com as visagens truanescas que nas faces mortas lhes imprimira o escultor, escarnecerem da cólera popular, que, lenta como os estos do oceano, começava a crescer e a trasbordar. Apenas, lá dentro, se ouviam de vez em quando as harmonias saudosas do órgão e do cantochão monótono dos frades, que ofereciam a Deus as preces matutinas. Era então que o povo escutava: e retraía-se arrastado pelas blasfémias e pragas que saíam de mil bocas e que eram repelidas do santuário pelo sussurro dos cânticos que reboavam dentro da igreja, e que transudavam por todos os

poros do gigante de pedra um murmúrio de paz, de resignação e de confiança em Deus.

O povo, porém, era como os homens robustos do Gênesis: era ímpio, porque era robusto.

O dia crescia, e crescia com ele a desconfiança. As notícias corriam encontradas: ora se dizia que el-rei cedia aos desejos dos seus vassalos e dos peões, e que viria anunciar ao povo a sua separação de Leonor Teles; ora, pelo contrário, se asseverava que ele era firme em sustentar a resolução contrária. Havia, até, quem asseverasse que na alcáçova e no terreiro de S. Martinho se começavam a juntar homens de armas e besteiros. A cólera popular crescia, porque a atiçava já o temor.

No meio de uma pilha de galeotes, carniceiros, pescadores, moleiros, lagareiros e alfagemes, dois homens altercavam violentamente. Eram Airas Gil e Frei Roy: objeto da disputa Fernão Vasques; arguente o petintal; defendeste o beguino.

— Que não virá vos digo eu — gritava Airas Gil. — Disse-mo Garciordonez, o mercador de panos que mora ao cabo

da Rua Nova, aos açougues, em frente das taracenas de el-rei.

— Mentiu pela gorja, como um cão judeu — replicou Frei Roy. — Não era Fernão Vasques homem que faltasse a este auto, tendo-o a arraia-miúda elegido pelo seu propoedor.

— Medo ou dobras do paço podem tapar a boca aos mais ousados e fazê-los dormir até desoras — retrucou o petintal.

— Que fazem falar as dobras do paço, seu eu — disse o beguino com riso sardónico, lembrando-se do que nessa noite passara — : medo sabeis vós que faz fugir; inveja sabemos nós todos que faz imaginar...

— Descaro e gargantoíce que faz mendigar — interrompeu Airas Gil, vermelho de cólera, cerrando os punhos e descaindo para o echacorvos como galé que vai aferrar outra em combate naval.

— E comunicado vos — murmurou Frei Roy, fazendo-se prestes para resistir ao abalroar do petintal.

E o vulgacho que estava de roda ria e batia as palmas.

Nisto os gritos de alcácer!, alcácer!" reboaram para outro lado da praça: o povo correu para lá. Os dois campeadores voltaram-se: era o alfaiate.

Sem dizer palavra, o beguino olhou com gesto de profundo desprezo para Airas Gil e, tomando uma postura entre heroica e de inspirado, estendeu o braço e o índex para o lugar onde passava Fernão Vasques. Depois, partiu com a turbamulta que o rodeava, enquanto o petintal o seguia de longe lento e cabisbaixo.

O alfaiate, cercado de outros cabeças do tumulto da véspera, encaminhou-se para alpendrada de S. Domingos. Trazia vestida uma saia(*) de valencina reforçada, calças de bifa, sapatos de pele de gamo, chapeirão de inglês com fita de momperle e cinta de couro, tudo escuro, ao modo popular.

[(*) Muitos dos trajes civis do século décimo quarto eram comuns a ambos os sexos, ou pelo menos tinham ambos comuns, como se pode verificar na lei de D. Afonso IV acerca dos trajes.]

Com passos firmes subiu os degraus do alpendre. Dali, em pé, com os braços cruzados, correu com os olhos a praça, onde entre o povo apinhado se fizera repentino silêncio. Depois tirando o chapeirão, cortejou a turbamulta para um e outro lado; os seus gestos e ademanes eram já os de um tribuno.

— Alcácer, alcácer pela arraia-miúda! Alcácer por el-rei Dom Fernando de Portugal, se desfizer nosso torto e a sua vilta, senão!...

Esta exclamação de um alentado alfageme que estava pegado com a balaustrada do alpendre foi repetida em grita confusa por milhares de bocas.

De repente, do lado da Rua de Gileanes, sentiu-se um tropear de carruagens, que parecia correrem à rédea solta. Todos os olhos se voltaram para aquele lado: muitos rostos empalideceram.

Uma voz de terror girou pelo meio das turbas. "São homens de armas de el-rei!" Aquele oceano de cabeças humanas redemoinhou, a estas palavras, e começou a dividir-se como o mar Vermelho diante de Moisés. Num

momento viu-se uma larga faixa esbranquiçada cortar aquela superfície móvel e escura: era ampla estrada que se abria por entre ela, desde a Rua de Gileanes até S. Domingos. As paredes dessa estrada adelgaçavam-se rapidamente. Para os lados da Mouraria e da Pedreira, os becos e encruzilhadas apinhavam-se de gente, e os reflexos dos ferros das ascumas populares, que erguidas cintilavam ao sol, começaram a descer e a sumir-se, como as luzinhas das bruxas em sítio brejoso aos primeiros assomos do alvorecer. Fernão Vasques olhou em redor de si: estava só. Descorou, mas ficou imóvel.

Entretanto, o tropear aproximava-se cada vez com mais alto ruído. Os besteiros do concelho postados ao longo dos Paços do Almirante eram, talvez, os únicos em quem o terror não fizera profunda impressão: alguns já tinham estendido sobre o braço da besta os virotes ervados e, revolvendo a polé, faziam encurvar o arco para o tiro. Os besteiros de garrucha tinham já o dente desta embebido na corda, prontos a desfechar ao primeiro refulgir dos montantes nus dos cavaleiros e escudeiros reais. Do resto do povo, os ousados eram os que recuavam; porque o maior

número voltava as costas e internava-se pelas azinhagas dos hortos de Valverde e das vinhas de Almafala ou trepava pelas ruas escuras e malgradadas do bairro do Almirante.

Mas, no meio deste susto geral, aparecera um herói. Era Frei Roy. Ou fosse imprudente confiança no cargo oculto que lhe dera D. Leonor, ou fosse robustez de ânimo, ou fosse, finalmente, a persuasão de que o hábito de beguino lhe serviria de broquel, longe de recuar ou titubear, correu para a quina da rua de onde rompia o ruído e, mirando pela aresta do ângulo um breve espaço, voltou-se para o povo e, curvando-se com as mãos nas ilhargas, desatou em estrondosas gargalhadas.

Tudo ficou pasmado; mas, vendo e ouvindo o rir descompassado do echacorvos, o povo começou a refluir para a praça. Aquelas risadas produziam mais ânimo e entusiasmo que os "quarenta séculos vos contemplam" de Napoleão na batalha das Pirâmides. Os amotinados recobraram num instante toda a anterior energia.

Esta cera tinha sido rapidíssima: todavia, ainda grande parte dos populares hesitava entre o ficar e o fugir, quando se reconheceu claramente a causa daquele temor que

apertara por algum tempo todos os corações. Era a Corte que chegava.

Montados em mulas possantes, os oficiais da casa real, os ricos-homens, conselheiros e juízes do Desembargo vinham assistir ao auto solene em que da boca de el-rei a nação devia ouvir ou uma resolução conforme com os desejos tanto da arraia-miúda como dos senhores e cavaleiros, ou a confirmação de um casamento mal agourado por muitos nobres e por todos os burgueses, e condenado, de não duvidoso modo, por estes últimos. No meio das variadas cores dos trajos cortesões negrejavam as garnachas dos letrados e clérigos do paço, e entre o reduzir dos esplêndidos arreios das mulas alentadas e fogosas dos vassalos seculares, dos alcaides-mores e senhores viam-se rojar os gualdrapas dos mestres em leis e degredos, dos sabedores e letrados que constituíam o supremo tribunal da monarquia, a cúria ou desembargo de el-rei.

A numerosa cavalgada atravessou o terreiro por entre o povo apinhado. Em todos os rostos transluzia o receio acerca de qual seria o desfecho deste drama terrível e

imenso, em que entravam representantes de todas as classes sociais.

Entre os membros daquela lustrosa companhia distinguia-a pelo seu porte altivo o conde de Barcelos, D. João Afonso Telo, tio de D. Leonor, a quem nos diplomas dessa época se dá por excelência o nome de "fiel conselheiro". Quando os amores de el-rei com a sua sobrinha começaram, ele fizera, sincera ou simuladamente, grandes diligências para desviar o monarca de levar avante os seus intentos. D. Fernando persistia, todavia, neles, e então o conde, juntamente com a infanta D. Beatriz e com D. Maria Teles, irmã de D. Leonor, suscitara a ideia de a divorciar de João Lourenço da Cunha. O povo sabia isto e, posto que tivesse estendido a sua má vontade a todos os parentes de Leonor Teles, odiava principalmente o conde, como protetor daqueles adúlteros amores. Foi, portanto, nele que se cravaram os olhos dos populares, que, tendo-se em poucas horas elevado até à altura do trono, ousavam, também, dar testemunho público do seu ódio contra o mais distinto membro da fidalguia.

— Velha raposa, em que te pese, não será a adúltera rainha da boa terra de Portugal! — gritava um carniceiro,

voltando-se para uma velha que estava ao pé dele, mas olhando de través para o conde, que perpassava.

— Leal conselheiro de barriguices, por quanto vendeste a honra do compadre Lourenço? — perguntava um alfageme, fingindo falar com um vizinho, mas lançando também os olhos para D. João Afonso Telo.

— Que tendes vós com o lobo que empece ao lobo? — acudiu um lagareiro calvo e curvado debaixo do peso dos anos. — Deixai-os morder uns aos outros, que é sinal de Deys se amercear de nós.

— O que eles mereciam — interrompeu uma regateira — era serem atagantados (*açoitados*) com boas tiras de couro cru.

— E ela, tia Dordia? — acrescentou um ferreiro. — Conheceis vós a comborça? Às vezes a quisera eu: uma do alcaide no chumaço; outra do coitado nas costas dela! (*)

[(*) Segundo vários cadernos legais do nosso direito consuetudinário e municipal, em certos casos aplicava-se às mulheres casadas a pena que reza o discurso do ferreiro. O

alcaide vinha a casa da criminosa, punha no chão um travesseiro, pegava numa vara e começava a bater em cima dele, dando o compasso que o marido da culpada deveria coordenar enquanto batia nas costas desta, pena que, com menos aparato, se aplicava também aos homens por muitos e diferentes delitos.]

— É costume, ergo direita a pena — notou um procurador, que gravemente contemplava aquele espetáculo e que até ali guardara silêncio.

Estas injúrias, que, como o fogo de um pelotão, se disparavam ao longo das extensas e fundas fileiras dos populares, iam ferir os ouvidos do conde de Barcelos, que, fingindo não lhes dar atenção, empalidecia e corava sucessivamente e mordia os beiços de cólera.

De vez em quando, o vociferar afrontoso da gentalha era afogado no ruído de risadas descompostas, mais insolentes cem vezes que as injúrias; porque no rir do vulgo há o que quer que seja tão cruel e insultuoso, que faz dar em terra o maior coração e o ânimo mais robusto.

Entre os parciais de D. Leonor que vinham naquela comitiva viam-se, porém, muitos fidalgos e letrados que ou eram pessoalmente seus inimigos ou, pelo menos, desaprovavam alta e francamente a sua união com el-rei. Diogo Lopes Pacheco era o principal entre eles, e o povo, ao vê-lo passar, saudou-o com um murmúrio que foi como a recompensa do velho pelas desventuras da sua vida, desventuras que devera a um caso análogo, a morte de D. Inês de Castro.

Quando os fidalgos, cavaleiros e letrados da casa e conselho de el-rei se apearam junto aos degraus do alpendre do mosteiro, o alfaiate, que viera misturar-se com o povo logo que desembocaram na praça, subiu após eles e esperou que se sentassem no extenso banco de castanho que corria ao longo da alpendrada. Depois voltou-se para a multidão apinhada em redor:

— Se el-rei ainda não é presente — disse em voz inteligível e firme — aí tendes para ouvir vossos agravamentos os senhores do seu conselho: porventura que eles poderão dar-vos resposta em nome da sua senhoria, e ele virá depois confirmar o seu dito.

— Senhor Fernão Vasques, sois o nossos propoedor: a vós toca falar — replicou um do povo.

— Assim o queremos! Assim o queremos! — bradou a turbamulta.

O alfaiate voltou-se então para os cortesãos, conselheiros e letrados do Desembargo de el-rei e disse:

— Senhores, a mim deram carrego estas gentes que aqui estão juntas de dizer algumas coisas a el-rei nosso senhor que entendem pela sua honra e serviço; e porque é direito escrito que, sendo as partes principais presentes, o ofício de procurador deve cessar no que elas bem souberem dizer, vós outros que sois principais partes neste feito, e a que isto mais tange que a nós, devíeis dizer isto, e eu não: porém, não embargando que assim seja, eu direi aquilo de que me deram carrego, pois vós outros em elo não quereis pôr mão, mostrando que vos doeis pouco da honra e do serviço de el-rei...

— Cala-te, vilão! — bradou, erguendo-se, o conde de Barcelos, com voz afogada da cólera, que já não podia

conter —, se não queres que seja eu quem te faça resfolgar sangue, em vez de injúrias, por essa boca sandia.

O velho Pacheco pôs-se também em pé, exclamando:

— Conde de Barcelos, lembrai-vos de que os burgueses têm por costume antigo o direito de dizerem aos reis seus agravamentos, de se queixarem e de os repreenderem. Nós somos menos que os reis.

Fernão Vasques tinha-se entretanto voltado para o povo apinhado ao redor do alpendre, com o rosto enfiado, mas era de indignação, e tinha feito um sinal com a cabeça. No mesmo instante o povo abrira uma larga clareira, e quando os fidalgos e conselheiros, atentos para o conde e para Diogo Lopes, voltaram os olhos para o rossio, ao tropear da multidão, um semicírculo de mais de quinhentos besteiros e peões armados fazia uma grossa parede em frente dos populares.

Fernão Vasques encaminhou-se então para D. João Afonso Telo e, com a mão trémula de raiva, segurando-o por um braço, disse-lhe:

— Senhor conde, vós sois que doestais os honrados burgueses desta leal cidade na minha pessoas; porque eu nada fiz, senão repetir em voz alta o que cada um e todos me ordenaram repetisse. O que propus não é meu. Eis seus autores! Pelo que a mim toca, senhor conde, não receio vossas ameaças. Quando o nobre despe o gibão de ferro para vestir o de tela, não sei eu se este é mais forte que o do peão e se, também, a sua boca não pode golfar sangue, como a de um pobre vilão.

D. João forcejava por desasir-se do alfaiate, procurando levar a mão à cinta, onde tinha o punhal; mas Fernão Vasques era mais forçoso, e o conde já tinha entrado na idade em que costuma minguar a robustez do homem. Não pôde chegar com a mão ao cinto.

— Conde de Barcelos — prosseguiu o alfaiate, com um sorriso —, não recorrais a esse argumento; porque eu também estou habituado a lidar com ferros azerados, ainda que mais delgados e curtos que o vosso bulhão.

Estas últimas palavras, ditas em tom de escárnio, mal foram ouvidas: a grita na praça era já espantosa; ares,

produziam aquele rouco e grande brado da fúria abismando-se por cavernas imensas.

Os fidalgos e letrados tinham rodeado os dois contendores: os parciais de D. Leonor, o conde; os outros, cujo número era muito maior, o alfaiate. E tanto estes como aqueles trabalhavam em apaziguá-los, posto que todos os ânimos estivessem quase tão irritados como os dos dois contendores.

Finalmente, o conde cedeu. O aspeto da multidão, que se agitava furiosa, contribuiu, porventura, mais para isso que todas as razões e rogativas dos fidalgos e cavaleiros, atónitos com o espetáculos da ousadia popular: desta ousadia que, menoscabando as ameaças do primeiro entre os nobres, era mais incrível que a da véspera, a qual apenas se atrevera ao trono.

Que fazia, porém, o nosso beguino no meio destes prelúdios de uma eminente assuada? É o que o leitor verá no seguinte capítulo.

CAPÍTULO IV

MIL DOBRAS, PÉ-TERRA E TREZENTAS BARBUDAS

Mal Fernão Vasques travara do braço do conde de Barcelos, e a grita popular começara a atroar a praça, Frei Roy, escoando-se ao longo da parede do mosteiro, dobrara a quina que voltava para a Corredoura(*) e, seguindo seu caminho por vielas torcidas e desertas, chegara à Porta do Ferro, de onde, atravessando o contíguo e mal-assombrado terreirinho que os raios do sol apenas iluminavam poucas horas do dia, embargados, ao nascer, pelos agigantados campanários da catedral e, ao declinar, pelos panos e torres da muralha mourisca, chegara esbaforido a S. Martinho.

[(*) A Corredoura era uma rua que, passando ao sopé do Castelo e por detrás de S. Domingos, dava passagem do centro da cidade para a zona de Valverde, hoje Salitre]

A porta do paço estava fechada, mas a da igreja estava aberta. Entrou. Ao lado direito uma escada de caracol descia da tribuna real para a capela-mor, e a tribuna comunicava com o palácio por um passadiço que atravessava a rua. O beguino olhou ao redor de si e escutou um momento: ninguém estava na igreja. Subindo rapidamente a escada, Frei Roy atravessou o passadiço e encaminhou-se, sem hesitar no meio dos corredores e escadas interiores, para uma passagem escura. No fim dela havia uma porta fechada. O monge vagabundo parou e escutou de novo. Dentro altercavam três pessoas: Frei Roy bateu devagarinho três vezes, e pôs-se outra vez a escutar.

Ouviram-se uns passos lentos que se aproximavam da porta, e uma voz esganiçada e colérica perguntou:

— Quem está aí?

— Eu — respondeu o beguino.

— Quem é eu? — replicou a voz.

— Honrado Dom Judas, é Frei Roy Zambrana, indigno servo de Deus, que pretende falar a el-rei ou à muito

excelente senhora Dona Leonor, para negócio de vulto.

— Abre, Dom Judas, abre! — disse outra voz, que pelo metal parecia feminina e que soou do lado oposto do aposento.

A porta rodou nos gonzos, e o echacorvos entrou.

Era o lugar onde Frei Roy se achava uma quadra pequena, iluminada escassamente por uma fresta esguia e engradada de grossos varões de ferro, a qual dava para uma espécie de saguão, ainda mais acanhado que o aposento. A abóbada deste era de pedra; de pedra as paredes e o pavimento: ao redor viam-se por único adereço muitas arcas chapeadas de ferro. O monge entrara na casa das arcas da Coroa — do "recábedo do regno". As duas personagens que ali estavam, afora a que abrira a porta, eram D. Fernando e D. Leonor. El-rei, de pé, curvado sobre uma das arcas, com a cara firmada sobre o braço esquerdo, folheava um desconforme volume de folhas de pergaminho, cujas guardas eram duas alentadas tábuas de castanho, forradas exteriormente de couro cru de boi, ainda com pêlo. D. Leonor, também em pé por detrás de el-rei, olhava atentamente para as páginas do livro. O que abrira a porta

era o tesoureiro-mor, D. Judas, grande afeiçoado de D. Leonor e valido de el-rei. O judeu apenas voltara a ponderosa chave, sem volver sequer os olhos para o recém-chegado, tornara imediatamente para o pé da arca a que el-rei estava encostado e prosseguira a veemente conversa cujos últimos ecos Frei Roy ouvira ao aproximar-se...

— Mil dobras pé-terra e trezentas barbudas são todo o dinheiro que o vosso fiel tesoureiro vos pode apurar neste momento, respigando, como a pobre Rute, no campo do vosso tesouro, ceifado e bem ceifado (aqui o judeu suspirou) por aqueles que, talvez, menos leais vos sejam. Jurar-vos-ei sobre a toura, se o quereis, que não fica no meu poder uma pojeia.

El-rei não o escutava. Apenas Frei Roy entrara, D. Leonor havia-se encaminhado para o echacorvos e, lançando-lhe um olhar escrutador, perguntava com visível ansiedade:

— Beguino, a que voltaste aqui?

— A cumprir com a minha obrigação, apesar de vós me terdes dado ontem por quite e livre. Vim a dizer-vos que, a estas horas, talvez tenha já corrido sangue no rossio de

Lisboa, e que é espantoso o tumulto dos populares contra os do conselho e contra os senhores e fidalgos da casa e valia de el-rei.

Fora à palavra "sangue" que D. Fernando havia cessado de atender à voz esganiçada do tesoureiro-mor, que continuava em tom de lamentação:

— Bem sabeis, senhor, que tenho empobrecido no vosso serviço e que hoje sou um dos mais mesquinhos e miseráveis entre os filhos de Israel. Aonde irei eu buscar dois mil maravedis velhos de Além-Douro, que são, em moeda vossa, trezentos e noventa mil soldos?

— Sangue, dizes tu, beguino? — exclamou el-rei. — Oh, que é muito! A quem se atreveram assim esses populares malditos?

— Eu próprio vi o nobre conde de Barcelos travar-se com Fernão Vasques; muito grande número de besteiros e peões armados de ascumas rodeavam já o alpendre de São Domingos, e os clamores de "morram os traidores" atroavam a praça.

— Que me deem o meu arnês brunido, a minha capelina de camal e o meu estoque francês — gritou D. Fernando, escumando de cólera. — Eu irei a São Domingos e salvarei os ricos-homens de Portugal ou acabarei ao pé deles. Pajens!, onde está o meu donzel de armas?

— O teu donzel de armas, rei Dom Fernando — interrompeu com voz pausada e firme D. Leonor —, segue com os outros pajens caminho de Santarém, montado no teu cavalo de batalha. Aqui, só tens a mula do teu corpo para seguires jornada.

— Mas o conde de Barcelos! O meu leal conselheiro, deixá-lo-ei despedaçar pelos peões desta cidade abominável? Lembra-te de que é teu tio; que foi o teu protetor, quando o braço de Dom Fernando ainda se não erguera para te coroar rainha.

— Rei de Portugal, és tu que deves lembrar-te dele, quando o dia da vingança chegar. Então cumprirá que os traidores e vis te vejam montado no teu ginete de guerra. Hoje não podes senão deixar entregue à sua sorte o nobre Dom João Afonso e os senhores que são com ele; mas não te esqueça que, se o seu sangue correr, todo o sangue que

derramares para o vingar será pouco, como serão poucas todas as lágrimas que eu verterei sem consolação sobre os seus veneráveis restos. Combateres? Ajudado por quem, numa cidade revolta? Os homens de armas do teu castelo quebraram seu preito e tumultuam na praça: muitos dos teus ricos-homens estão conjurados contra ti: teu próprio irmão o está. Partir!, partir! Há quantas horas sabes tu que a última esperança está no partir breve? Porque, depois de tantas hesitações, ainda hesitar uma vez? Asseguremos ao menos a vingança, se não pudermos salvar aqueles que, leais ao seu senhor, se foram expor à fúria da vilanagem para esconder nossa fuga... fuga; que é o seu nome!

O furor e o despeito revelavam-se nas faces e nos lábios esbranquiçados da adúltera, e a aflição e o temor comprimidos atraiçoavam-se numa lágrima que lhe rolou insensivelmente dos olhos. Era uma das raríssimas que derramara na sua vida.

El-rei tinha escutado imóvel. Desacostumado de ter vontade própria, desde que (como dizia o povo) esta mulher o enfeitiçara, ainda mais uma vez cedeu da sua resolução,

se não de homem cordato, ao menos de valoroso, e respondeu em voz sumida:

— Partamos. E seja feita a vontade de Deus!

— Ámen! — murmurou o echacorvos.

— Beguino — interrompeu D. Leonor, voltando-se para Frei Roy —, corre já no rossio de São Domingos e diz em voz bem alta aos populares amotinados que me viste partir com el-rei caminho de Santarém. Talvez assim o conde seja salvo, porque a fúria desses vis sandeus se voltará contra mim. Dizei-lo, que dirás a verdade: quando lá houveres chegado o meu palafrém terá transposto as Portas da Cruz. Guardai-vos, mesquinhos, que ele a torne a passar com a sua dona. Echacorvos!, esse dia será aquele em que a "adúltera" pague todas as suas dívidas.

Frei Roy sentiu pela medula dorsal o mesmo calafrio que sentira na noite antecedente; porque o olhar que Leonor Teles cravou nele era diabólico, e a palavra "adúltera", proferida por ela, soava como um dobrar de campa e vinha como envolta num hálito de sepulcro: o beguino arrependeu-se, desta vez muito seriamente, de ter sido tão

miúdo e exato na "parte oficial", que apresentara na véspera. Calou-se, todavia, e saiu com o seu ademão do costume, cabeça baixa e mãos cruzadas no peito.

Os três ficaram outra vez sós.

— Dom Judas, meu bom Dom Judas — disse el-rei com gesto de aflição —, não entendo estas embrulhadas letras mouriscas da tua aritmética. Estou certo de que não deves ao tesouro real uma única mealha e de que nas arcas do haver não existe senão o que tu dizes: mas, decerto, não queres que um rei de Portugal caminhe pelo seu reino como romeiro mendigo. Ao menos os dois mil maravedis de ouro...

— Ai — suspirou o tesoureiro-mor —, juro a vossa real senhoria que me é impossível achar agora outra quantia maior que a de mil dobras pé-terra e trezentas barbudas.

— Fernando — atalhou Leonor Teles —, ordena aos jovens do monte que aí ficaram que enfreiem as mulas: devemos partir já. É tão meu afeiçoado Dom Judas que, com duas palavras, eu obterei o que tu não pudeste obter com tantas rogativas.

Ela sorriu alternativamente com um sorriso angélico para el-rei e para o tesoureiro-mor. D. Fernando obedeceu e, levantando o reposteiro que encobria uma porta em frente àquela por onde entrara o beguino, desapareceu. O tesoureiro ia a falar; mas ficou com a boca semi-aberta, o rosto pálido e como petrificado, vendo-se a sós com D. Leonor. Era que já a conhecia havia largos tempos.

— Dom Judas — disse esta em tom mavioso —, tu hás de fazer serviço a el-rei para esta jornada. Darás os dois mil maravedis velhos.

— Não posso! — respondeu D. Judas com voz tremula e afogada.

— Judeu! — replicou D. Leonor, apontando para um cofre pequeno que estava no canto mais escuro do aposento, coberto de três altos de pó —, o que está naquela arca?

O tesoureiro-mor, depois de hesitar por momentos, balbuciou estas palavras:

— Nada... ou, a falar verdade... quase nada. Bem sabeis que, dantes, guardava ali algumas mealhas que me

sobravam da minha quantia; mas há muito que nem essas poucas mealhas me restam.

— Vejamos, todavia — disse D. Leonor, cujo aspeto se carregava.

— Misericórdia! — bradou D. Judas com indizível agonia. Mas, reportando-se, por um destes arrojos que os grandes perigos inspiram, procurou disfarçar o seu susto, continuando com riso contrafeito:

— Misericórdia, digo; porque fora mais fácil achar entre os amotinados do rossio um homem leal ao seu rei, do que eu lembrar-me agora do lugar onde terei a chave de uma arca há tanto tempo inútil e vazia.

— Perro infiel! Eu te vou recordar quem pode dizer onde a havemos de achar.

— Estais hoje, muito excelente senhora, merencória e irosa — replicou o tesoureiro-mor, trabalhando por dar às suas palavras o tom da galantaria, mas, visivelmente, cada vez mais enfiado e trémulo. — Assim chamais cão infiel ao vosso leal servidor, por causa de uma chave inútil que se

perdeu? Todavia, dizei quem sabe dela, que eu a irei procurar.

— Generoso e leal tesoureiro! — interrompeu D. Leonor, imitando o tom das palavras do judeu, como quem gracejava —, não te dês a esse trabalho, pela tua vida. Quem pode fazê-la aparecer é um velho cão descrido que mora na comuna de Santarém. Eu sei de um remédio que lhe restituirá à língua a presteza de uma língua de jovem de vinte anos. O seu nome é Issachar. Conhece-lo?

— Alta e poderosa senhora, vós falais do meu pobre pai! — respondeu o tesoureiro-mor, redobrando-lhe a palidez. — Mas tratemos agora do que importa. Com mil e quinhentos dobras pé-terra e trezentas barbudas, que eu disse ao meu senhor el-rei estarem prestes...

D. Leonor lançou para o judeu um olhar de escárnio e prosseguiu:

— Do que importa é que eu trato. Sabes tu, meu querido Dom Judas, que, sejam as tuas dobras mil ou quinhentas, amanhã, a estas horas, eu Dona Leonor Teles, a rainha de Portugal. estarei em Santarém? Ouviste já dizer que, em

não sei qual das torres do alcácer, há um excelente potro, capaz de desconjuntar num instante os membros do mais robusto vilão? Veio-me agora à ideia de que o velho Issachar, amarrado a ele, deve ser gracioso; porque, tendo vivido muito, constrangido a falar, há de contar coisas incríveis, quanto mais dizer onde está uma chave cujo paradouro ele não pode ignorar. Não achas tu, também, que é alegria e desporto digno de qualquer rainha o ver como estouram os ossos carunchosos de um cão de noventa anos?

Um suor fio manou da cara de D. Judas, cujas pernas vacilantes se esquivavam a sustê-lo. Quando D. Leonor acabou de fazer as suas atrozes perguntas o judeu tinha caído de joelhos aos pés dela.

— Por mercê, senhora — exclamou ele, em transe horroroso de angústia —, mandai-me açoutar como o mais vil servo mouro: mandai-me rasgar as carnes com os mais atrozes tormentos; mas perdoai ao meu velho pai, que não tem culpa da pobreza do seu filho. Se eu tivera ou pudera alcançar mais que as duas mil dobras e as quinhentas barbudas que ofereci ao meu senhor el-rei...

— Judeu atalhou D. Leonor —, tu deves saber três coisas: a primeira é que os tratos do potro são intoleráveis; a segunda é que eu costumo cumprir as minhas promessas; a terceira é que, se, neste momento de aperto, eu teu pudesse aplicar o remédio, não o guardaria para a ossada bolorenta de um lebréu desdentado.

— Vendido cem vezes — prosseguiu o tesoureiro-mor, lavado em lágrimas e procurando abraçá-la pelos joelhos — eu não poderia apresentar neste momento mais que a soma já dita de duas mil e quinhentas dobras e quinhentas barbudas, ainda que a vossa mercê me mandasse assar vivo.

— És um louco, Dom Judas! — interrompeu D. Leonor, afastando de si o judeu, com um gesto de brandura. — Por uma miséria de pouco mais de quinhentos pés — terras, consentirás que Issachar, que o teu pai, honrado velho!, pragueje, nas ânsias do potro, contra o Deus de Abraão, de Jacob e de Moisés?

O tesoureiro-mor conservou-se por alguns momentos calado e na postura em que estava. Depois, passando o braço de revés pelos olhos, enxugou as lágrimas e ergueu-

se. A resolução que tomara era a de um desesperado que vai suicidar-se.

— Aqui estarão, senhora — murmurou ele —, os dois mil maravedis quando os quiserdes. Procurarei obtê-los; mas ficarei perdido. Agora podeis dar ordem à vossa partida.

— Adeus, meu muito honrado Dom Judas — disse D. Leonor, sorrindo. — Não perderás nada em ter cedido aos meus rogos.

Dito isto, saiu pela mesma porta por onde saída el-rei.

O judeu estendeu os braços, com os punhos cerrados, para o reposteiro, que ainda ondeava, e levou-os depois à cabeça, de onde trouxe uma boa porção de barbas grisalhas. Feito isto, tirou da aljubeta uma chave, abriu o cofre pequeno e pulverulento, sacou para fora um saquitel pesado, selado e numerado, e os dois mil maravedis rolaram sobre o grande livro, que ainda estava aberto sobre uma das arcas. Contou-os quatro vezes, empilhou-os aos centos e, como se as forças se lhe tivessem exaurido no espantoso combate que se passava na sua alma, atirou-se

de bruços sobre a pequena arca e, abraçado com ela, desatou a chorar.

Meu pobre tesouro, junto com tanto trabalho! — exclamou por fim, entre soluços. — Guardei-te neste cofre com medo de te ver roubado, e os salteadores vim encontrá-los aqui! Mas que se livrem de eu tornar a receber os direitos reais das mãos dos mordomos. Os meus ricos dois mil maravedis de bom ouro, não voltareis sozinhos quando vos tornardes a juntar com os vossos abandonados companheiros!

Esta ideia pareceu consolar de alguma modo D. Judas. Levantou-se, voltou a contar os dois mil maravedis: desconfiou de que havia engano, e que eram dois mil e um: voltou-os a contar, e, quando el-rei entrou no aposento, já prestes para cavalgar, tinha o bom do judeu obtido a certeza de que não dava uma pojeia de mais da soma que lhe fora requerida em nome do potro da torre de Santarém.

— Oh — exclamou el-rei, lançando os olhos para cima do desalmado fólio, sobre cujas páginas amareladas estava empilhado o dinheiro —, temos os dois mil maravedis?!

— Saiba vossa real senhoria que, felizmente, tinha no meu poder uma soma pertencente a Jeroboão Abarbanel, o mercador da Porta do Mar, soma de que não me lembrava: ao vasculhar as arcas, dei com ela; a quantia está completa, e o honrado mercador não levará, por certo, mais de cinco por cento ao mês, enquanto os avençais da vossa senhoria não vierem entregar no tesouro o produto dos direitos reais vencidos. Então pagar-lhe-ei, até à última mealha, a quantia e os seus lucros, se a vossa senhoria não ordena o contrário.

— Faz o que entenderes, Dom Judas — respondeu el-rei, que não o ouvira, atento a meter numa ampla bolsa de argempel, que trazia pendente do cinto, os dois mil maravedis. — Tudo fio de ti, honrado e leal servidor.

E, recolhendo os maravedis, saiu. O judeu ficou só.

— No Inferno ardas tu, com Datã, Coré e Abirão, maldito nazareno!... — murmurou ele. — Porém não antes de eu haver colhido os dois... quero dizer, os três mil e duzentos maravedis que me tiraste com tanta consciência quanta pode ter a alma tisnada de um cristão.

Feita esta jaculatória ao Deus de Israel, D. Judas aferrolhou interiormente a porta do reposteiro, atravessou o aposento, saiu pela porta em frente, que também aferrolhou, e a bulha dos seus passos, que se alongavam, soou através dos corredores por onde passara Frei Roy, até que, por aquela parte do palácio, tudo caiu em completo silêncio.

CAPÍTULO V

MESTRE BARTOLOMEU CHAMBÃO

Frei Roy, saindo da casa das arcas, atravessara os corredores vizinhos: mas, em vez de seguir o que dava para o passadiço de S. Martinho, tomara por uma escadinha escura aberta no topo da estreita passagem anterior a esse passadiço. Esta escadinha descia para o átrio do paço. O beguino, habituado, pelo seu ministério, a entrar na morada real às horas mortas e a sair nas menos frequentadas, sabia por diuturna experiência que a porta principal devia estar aberta, mas ainda erma, ao mesmo tempo que a igreja, por onde entrara, já começaria a povoar-se de fiéis, porque, como é fácil de supor, as igrejas eram naquela época mais frequentadas do que hoje. Desceu, pois, com passo firme, resolvido a encaminhar-se ao rossio e a espalhar entre os amotinados a notícia da partida de el-rei.

Mas embargou-lhe os passos dificuldade imprevista. Ou fosse que os acontecimentos da véspera obrigassem a maiores cautelas, não havendo ainda então exército permanente, nem guardas pagas para defensão da pessoa real, cuja melhor proteção estava na própria espada, ou fosse por qualquer outro motivo, a porta ainda se não abrira. O beguino hesitou sobre se devia retroceder para sair pela igreja, se esperar. As considerações que o tinham movido a seguir este caminho obrigaram-no a ficar. Metido no estreito e escuro vão da escada, o echacorvos assemelhava-se, envolto nas suas roupas de burel e reluzindo-lhe os olhos à meia luz que dava o pátio interior, a um moderno funcionário, que hoje, nesses mesmos paços e em desvão igual, talvez no mesmo sítio, mostra aos que entram o rosto banhado na hediondez da sua alma, esperando que a vindicta pública o convide a algum banquete de carne humana, e, no esperar atroz, rodeia com as garras os ferros do seu covil, como o tigre cativo. O espia era ali, por assim dizer, uma "preexistência", uma "harmonia preestabelecida" do algoz.

Passara obra de meia hora, e o beguino começava a impacientar-se muito seriamente quando sentiu pés de carruagem no pátio interior do edifício. Daí a pouco, um donzel, trazendo na mão uma desconforme chave e as rédeas de valente mula enfiadas no braço, chegou à porta e começou a abri-la. Era um dos donzéis de el-rei. Costumado a disfarçar a sua frequente entrada no paço sob a capa da mendicidade, e habituado a estender a mão à espera de alguns soldos que devotadamente lhe atiravam senhores, cavaleiros e escudeiros, ao que ele retribuía com alonga lenda das suas orações em aleijado latim. Frei Roy era aceito a quase todos os moradores da casa de el-rei, que respeitavam a sua aparente santidade. Por isso, saindo do seu desvão, encaminhou-se para a porta.

A madre Santa Maria vos guarde de mau olhado, de feitiços e de ligamentos — disse ele, chegando-se ao donzel e fazendo sobressair esta última palavra.

— Vós aqui, Frei Rou, por estas horas? — replicou o donzel, voltando-se admirado.

— Que quereis! — disse o beguino. — Quando ontem os malditos burgueses acometeram os paços reais com a sua

grita e revolta, estava eu aqui. Ai que medo tive! Escondi-me naquela desvão, e quando se fecharam as portas achei-me encurralado cá dentro, como um emparedado no seu nicho. A minha profissão de paz e de religião não me consentia passar por meio de homens possuídos do espírito de cólera e inspirados por Belzebu, nem o susto me deixava ânimo desafogado para ir roçar o burel do meu santo hábito pelos trajos empestados dos filhos de Belial. Também a humildade e mortificação cristã se opunham a que eu subisse a pedir gasalhado a algum de vós outros, os moradores da casa do nosso senhor el-rei. Assim, louvando a Deus por me conceder uma noite de padecimento, ali me deixei ficar sobre as lajes húmidas, sobre as duras e agudas arestas dos degraus daquela escada. Agora, que a revolta é finda, consolado com as dores que me traspassam os ossos e confiado na providência de Jesus Cristo, vou-me ao meu passeio diário, para ver se obtenho da caridade dos devotos a pitança usual com que possa matar a fome de vinte e quatro horas, pela qual dou louvores ao justo juiz, que reina eternamente nos altos céus.

O beguino revirou benignamente os olhos e fez uma visagem entre aflita e resignada, levando ao mesmo tempo a mão ao joelho, como se ali sentisse dor agudíssima.

— Venerável Frei Roy! — atalhou o donzel, com as lágrimas nos olhos —, se tivésseis procurado o aposento dos donzéis, nós vos daríamos, ao menos, um almadraque para repousar e repartiríamos convosco da nossa ceia. Mas o mal está feito, e o pior é que para hoje não vos posso oferecer abrigo. Vós credes, santo homem que a revolta é finda, e nunca ela esteve mais acesa. A sua senhoria vai partir já da cidade...

— Santa Maria vale! Santo nome de Jesus! Acorrei-nos, Virgem bendita! — interrompeu Frei Roy. — Pois os populares teimam na sua assuada, e el-rei deixa-nos aos coitados de nós, humildes religiosos e cidadãos pacíficos, entregues ao furor dos peões?

— E que remédio, bom Frei Roy?! — replicou tristemente o donzel. — Sem cavaleiros, escudeiros e besteiros não se faz guerra, nem se desfazem assuadas, e nada disto tem el-rei. Agora vou eu ao rossio de São Domingos avisar os senhores do conselho, os privados e fidalgos que lá estão,

que sigam caminho de Santarém, sob pena de incorrerem em caso de traição, se ficarem em Lisboa: por sinal que el-rei me recomendou procurasse avisar primeiro que ninguém sua mercê o infante Dom Dinis.

— No rossio de São Domingos, dizeis vós? — disse o beguino, arregalando os olhos. — Confesso que vos não entendo.

Durante este diálogo o donzel tinha acabado de destrancar a porta do paço, cavalgado na mula que trazia a rédea e saído ao terreiro seguido de Frei Roy, que coxeava, estorcia-se e suspirava dolorosamente de vez em quando. Passo a passo e sofreando a mula, caminho da Sé, o pajem narrou ao beguino todas as particularidades sucedidas aquela manhã, as quais Frei Roy sabia melhor do que ele. Chegados em frente dos Paços do Concelho, o pajem tomou pelo sopé da alcáçova e Frei Roy pela Porta do Ferro não sem terem primeiro saído da bolsa do donzel para a manga do beguino alguns pilares, e da boca deste para os ouvidos daquele alguns latinórios pios devidamente escorchados.

Apenas passara o largo da Sé e transpusera a velha e soturna Porta do Ferro, Frei Roy tinha-se achado

perfeitamente são do seu violento reumatismo. Ligeiro como galgo, desceu por entre as antigas tercenas reais, e em menos de três credos estava no pelourinho. Aí viu coisa que o fez parar.

Um homem vestido de valencina, e coberta a cabeça com um grande feltro, arengava a um troço de besteiros e peões armados de lanças ou ascumas, de almarcovas ou cutelos: tinha nas mãos um desconforme montante e na cinta uma espada curta. A turba ora o escutava atentamente, ora prorrompia em gritos confusos e estrondosos. Frei Roy chegou-se. O homem do feltro amplo era o mestre tanoeiro Bartolomeu Chambão, que, entusiasmado, prosseguia o seu veemente discurso, sem reparar no beguino:

— Já vos disse: daqui ninguém bole pé antes de el-rei nosso senhor sair para São Domingos. Nada de bulha fora de sazão, que lá estão os esculcas. Daremos mostra ao poço quando aí for só a adúltera. Se, como ontem, nos fecharem as portas, isso é outro caso. É preciso que isto se desfaça. A cobra peçonhenta deve sair da toca. Não digo que então não seja possível esmagar-se-lhe a cabeça... Num brandir de ascuma... Mas cautela, não haja sangue!... Pelo menos

de inocentes... Leais e esforçados cidadãos desta muito leal cida... Safa, bruto!

Esta peroração inesperada com que mestre Bartolomeu interrompera o seu discurso, que se ia elevar ao ápice da eloquência, procedera de lhe ter descido a grossa e espaçosa mão do echacorvos sobre o ombro, que lhe vergara, como se tivessem descarregado em cima dele uma aduela de cuba. A Frei Roy ocorrera uma ideia abençoada, a de comunicar a mestre Bartolomeu a notícia que D. Leonor lhe recomendara espalhasse entre os amotinados; a notícia da sua partida de Lisboa com el-rei. O mendicante sabia que o tanoeiro era de bofes lavados, e que, dentro de meia hora não só a ser visto no rossio pelo donzel, de quem naquele instante se afastara, mas também a achar-se envolvido em qualquer desordem que semelhante notícia pudesse produzir, atenta a irritação dos ânimos. Além disso, a lembrança do arrepio dorsal que as últimas palavras de D. Leonor lhe tinham causado fazia-lhe quase desejar que o tanoeiro, encarregado (segundo percebera do fim da sua arenga) da comissão que, na taberna de Folco Taca, Diogo Lopes incumbira a Fernão Vasques, pudesse

ainda desempenhá-la, atalhando a fuga de D. Leonor. Estas considerações, que lhe tinham passado rapidamente pelo espírito, e o ver que mestre Bartolomeu não levava jeito de concluir moveram-no a falar ao tanoeiro, que só o sentira quando ele lhe descarregara sobre o ombro a ponderosa, mas amigável, palmada.

— Com mil e quinhentos satanases! — exclamou mestre Bartolomeu, voltando-se e vendo ao pé de si o beguino. — Sabia que a mão da Santa Madre Igreja era pesada; mas não pensava que o fosse tanto! Que me quereis, Frei Roy?

— Dizer-vos que podeis mandar sair vossos esculcas da sua atalaia; porque poderiam chegar a curtir o Inverno aí, antes de verem el-rei chegar e passar para São Domingos.

— Frei Roy — replicou o tanoeiro, fazendo-se vermelho de cólera —, para interromper-me com uma das vossas bufonarias, não valia a pena de me aleijardes este ombro!

— Tomai como quiserdes as minhas palavras; chamai-me o que vos aprouver, bufão ou mentiroso, mas a verdade é que não será hoje que os populares falarão com el-rei.

— Pois quê, morreu dos feitiços da adúltera ou tornou-o invisível algum encantador seu amigo?!

— Nem uma coisa, nem outra: mas, com estes olhos de grande pecador (aqui o echacorvos fez o gesto habitual de cruzar as mãos sobre o peito) eu o vi sair para o lado da Porta da Cruz...

— Frei Roy, olhai que estes honrados cidadãos vos escutam e que o auto é muito grave para gastar truanices.

— Já disse, mestre Bartolomeu, que falo verdade. Pelo bento cercilho do santo padre vos juro que, hoje, el-rei não dormirá em Lisboa, segundo o jeito que lhe vejo. Ele cavalgava uma possante mula de caminho; noutra ia uma dona coberta com um longo véu: seguiam-no donzéis, falcoeiros e jovens de monte. Ao passar, ainda lhe ouvi estas palavras: Olhai aqueles vilãos traidores como se juntavam: certamente prender-me quiseram, se lá fora!" Não pude perceber mais nada. Que mais, porém, é preciso? Deixastes fugir a preia: agora catai-lhe o rasto.

— Traidor é ele, que nos há mentido, como um pagão! — bradou o tanoeiro, sopesando o montante. — Mas que se

guarde de outra vez trazer a Lisboa a adúltera! Rainha ou barregã, arrancar-lhe-emos os olhos. A arraia-miúda foi escarnida; mas não o será em vão. Que dizeis vós outros, honrados burgueses?

— Escarnidos, escarnidos! — respondeu com grande grito o tropel. — Mas, à fé, que nunca a adúltera será rainha de Portugal. Morra a comborça!

E no meio do alarido, as pontas das lanças e os largos ferros das almarcovas agitadas nos ares cintilavam aos raios do sol oriental, como vasto brasido.

— A São Domingos! — gritou mestre Bartolomeu. — Vamos, rapazes: já que não fazemos aqui nada, ao menos que o povo não seja por mais tempo burlado!

E, pondo o montante às costas, mestre Bartolomeu tomou por uma das ruas que davam para o lado de Frei Roy, que procurava retê-lo, ponderando que ainda poderia alcançar el-rei e fazê-lo retroceder. O tanoeiro, porém, não tinha valor para afrontar-se face a face com D. Fernando, e por isso fingiu não ouvir o beguino, que dentro de alguns minutos se achou só no meio do terreiro calado e deserto.

Entretanto, junto a S. Domingos, se bem que a rixa começada entre os nobres partidários de D. Leonor e Fernão Vasques se tivesse desvanecido, a agitação dos populares, cujo número crescia continuamente, não tinha diminuído. Encostado a um dos pilares do alpendre, o alfaiate, ora lançava os olhos de revés para os senhores da Corte e conselho, que, esperando por el-rei, passeavam de um para outro lado, ora os espraiava por aquele mar de vultos humanos, que ele sabia poder agitar ou tornar imóveis com uma palavra ou com um simples aceno. Semelhante à hora que precede a procela, em que apenas se veem correr na atmosfera abafada os castelos encontrados de nuvens densas e negras, e se ouve o estourar dos trovões roufenhos e prolongados, aquela hora que então passava era espantosa e ameaçadora de estragos, sobretudo quando, após um rugido terrível do tigre popular, se fazia na praça, apinhada de gente, um silêncio ainda mais temeroso e tétrico.

Foi numa destas interrupções do motim que um pajem, saindo ao galope do lado da Corredora, veio apear-se junto

do alpendre e, tirando da cinta um pergaminho aberto, o entregou ao infante D. Dinis.

Este fitou os olhos na escritura, descorou subitamente e passou o pergaminho a Diogo Lopes, dizendo-lhe ao mesmo tempo em voz baixa:

— Estamos perdidos!

Diogo Lopes leu o conteúdo daquele escrito fatal e, no mesmo tom, respondeu ao infante:

— O caminho de salvação que nos resta é o de Santarém. Obediência e circunspeção!

O pergaminho passou rapidamente de mão em mão: os fidalgos, letrados e cavaleiros fizeram um círculo no meio do alpendre: e, depois de o terem lido, fitaram uns nos outros olhos desassossegados. Todos receavam falar. O manhoso Pacheco foi o primeiro que se atreveu a isso, aproveitando habilmente a hesitação dos outros fidalgos e conselheiros.

— Vistes a ordem de el-rei. Como um dos mais velhos entre vós, direi meu parecer. Embora o risco seja grande,

achando-nos cercados de povo armado e furioso, o nosso dever é pôr a vida por obedecer ao nosso senhor el-rei.

— Mas — atalhou o doutor Gil de Ocem, que por muito letrado e prudente, era ouvido como oráculo pelos cortesãos —, o caso é grave: o povo, se nos vir retirar, enviar-se-á a nós; se lhe dizemos o motivo da nossa partida, é capaz de desconcertos maiores que os já cometidos. A sua senhoria não devera ter-nos emprazado para este auto, se a sua intenção era não dar resposta aos populares.

Visivelmente, o doutor em leis e degredos" estava tomado de medo, no que não levava vantagem à maior parte dos outros membros do conselho real.

O conde de Barcelos guardava silêncio. Não podia conceber como D. Leonor o não avisara a tempo, e por isso preocupava-o a indignação, ignorando que a resolução da fuga fora tomada muito tarde. Na véspera ela aconselhara a el-rei que cedesse a tudo quanto o povo quisesse; porque, dissolvido o tumulto, fácil era chamar à Corte os senhores e cavaleiros de mais confiança, acompanhados de gente de guerra, com que seria sopitado qualquer motim, se os populares ousassem opor-se aceitara o conselho, que, se

não era o mais leal, era, ao menos, o mais seguro; mas as revelações do echacorvos, que o conde ignorava, tinham mudado, como o leitor viu, a situação do negócio.

A reflexão de Gil de Ocem estava em todas as cabeças e por isso os cortesãos ficaram outra vez em silêncio, como buscando um expediente para sair daquele dificultoso passo. A incerteza, o despeito, o receito pintavam-se nos rostos demudados de muitos.

E as vagas do oceano que ameaçava tragá-los encapelavam-se aos pés deles: o povo, vendo os fidalgos erguidos, calados e em círculo, apinhava-se, cada vez mais basto, ao redor da alpendrada. Isto fazia crescer o temor, e o temor perturbara demasiados ânimos para não poderem achar um expediente acertado.

Era por isso que esperava o astuto Pacheco.

— De um lado a cólera do povo: do outro os mandados de el-rei — disse, apertando com a mão a cara, o velho conselheiro de Afonso IV. — Resta-nos só um arbítrio.

— Dizei, dizei! — clamaram a um tempo todos, à exceção do conde de Barcelos, que fitou nele os olhos desconfiados.

— É necessário que anunciemos a notícia da partida de el-rei e que sejamos os primeiros a afear este procedimento: é necessário que vamos adiante da indignação dos peões. Depois, dir-lhes-emos que, burlando como eles, nada fazemos aqui. Então afastar-nos-emos sem custo e sairemos da cidade como pudermos, na certeza de que não serei eu o último, apesar de velho, que cruze as portas da Alcáçova de Santarém.

— Mas quem há de falar no nosso nome? — perguntou Gil de Ocem.

— No vosso, mestre Gil das Leis! — interrompeu o conde de Barcelos. — Nem o receito das afrontas de alguns milhares de sandeus nem o da própria morte me obrigariam a cuspir maldições sobre o nome daquele a quem uma vez jurei preito e leal menagem.

— Vitam impendere vero nemo tenetur replicou Gil de Ocem —, ou, como quem o dissesse por linguagem, ninguém é obrigado a deixar-se matar por amor da verdade ou do seu preito. Vós fazei o que vos aprouver.

À autoridade de um texto latino, trazido assim a ponto por tão insigne doutor, não havia resistir. Os fidalgos e conselheiros aprovaram, unanimemente, o alvitre de Diogo Lopes.

— Mas quem há de falar ao povo? — insistiu o mestre em leis, que não parecia excessivamente inclinado a incumbir-se dessa gloriosa tarefa.

— Eu, se assim o quiserdes — replicou imediatamente Diogo Lopes.

O manhoso cortesão vira claramente que a partida de el-rei transtornava todos os seus desenhos: todavia calculara num momento como, sem suscitar a indignação de Fernão Vasques, e por consequência alguma revelação perigosa, podia salvar-se e ao infante. Logo que el-rei se esquivara à influência do povo, de cuja ousadia o velho esperava tudo, o casamento de D. Leonor era inevitável, e ainda supondo, o que não era de esperar, que o tumulto fosse avante, e que Lisboa se rebelasse claramente contra D. Fernando, o resultado favorável a el-rei, senhor do resto de Portugal, que ao povo, desprovido naquela conjuntura dos principais meios com que poderia sustentar uma luta intestina. Assim,

o alvitre que oferecera para a salvação dos cortesãos era só para se haver se salvar a si, conservando ao mesmo tempo a afeição dos cabeças da revolta, sem que o meio que para isso devia empregar o fizesse decair da graça de D. Fernando.

Para os cálculos de Diogo Lopes faltara, porém, um elemento: era a delação do beguino, e era justamente esta falta que os destruía todos. Assim é a política.

O "sacrifício" de Diogo Lopes foi geralmente recebido com aprovação e agradecimento. Então ele, saindo do círculo, aproximou-se de Fernão Vasques, que, de vez em quando, volvia os olhos inquietos para a pinha dos fidalgos e cavaleiros.

— Falhou a traça — disse o velho cortesão em voz sumida ao alfaiate. — El-rei acaba de sair da cidade.

Fernão Vasques recuou, e pôs-se a olhar espantado para Diogo Lopes, como quem não acreditava o que ouvia.

— O que vos digo é a verdade — continuou Pacheco. — Mas não afrouxar! El-rei de Castela é por nós, e bom número de fidalgos portugueses o são também. Mas: são

por nós a maior parte dos que ora aqui vedes presentes. Conservai o bom ânimo do povo, fiai o resto de mim e... de quem vós sabeis.

Ao pronunciar estas palavras, Diogo Lopes lançou de relance os olhos para D. Dinis.

— Mas el-rei tomará por mulher, Dona Leonor — acudiu o alfaiate aterrado —, voltará a Lisboa com os seus cavaleiros e homens de armas, e, então, coitados de nós!

— Não temais: o matrimónio adúltero será condenado pelo papa. Vós já tereis ouvido contar o que sucedeu a el-rei Dom Sancho: a Dom Fernando pode suceder o mesmo. Também os fidalgos de Portugal têm homens de armas. Podeis estar certos de que não vos abandonaremos. Agora resta uma coisa. Coube-me a mim dar esta triste notícia aos bons e leais burgueses, que tão ousadamente se opuseram à desonra da sua terra e do seu rei, e eu devo ser ouvido por eles. Mandai-lhes que façam silêncio.

Fernão Vasques obedeceu: o ruído dos populares, que não descontinuara durante esta cena, acalmou a um aceno do alfaiate.

Diogo Lopes fez então um largo discurso, com o qual não cansaremos os leitores, e cujo assunto fácil é de adivinhar. Misturando amargas repreensões contra D. Fernando com lisonjas aos populares, procurou persuadi-los, posto que indiretamente, de que toda a fidalguia estava cheia de indignação. Aludiu à resistência por armas que el-rei podia encontrar entre os ricos-homens de Portugal contra o seu casamento, e, no caso de vir este a cabo, a probabilidade de ser anulado pelas censuras da Igreja. Enfim, sem nunca lhes dizer claramente que insistissem na revolta e tratassem, se fosse preciso, de defender a cidade contra o poder real, suscitou todas as ideias que podiam levar os populares a este excesso. Faltava o ponto dificultoso: o da partida dos fidalgos. Pacheco soube com a mesma ambiguidade dar esperança aos peões de que se encaminhavam para as suas alcaidarias e honras, com o louvável intento de se aperceberem em socorro dos burgueses de Lisboa, e com tal arte o fez que os senhores e cavaleiros que se achavam em S. Domingos, sem excetuar o próprio conde de Barcelos, não viram nas suas palavras senão uma feliz inspiração para os salvar da cólera da arraia-miúda.

Durante aquela larga arenga, esta guardara silêncio, interrompido a espaços por um desses burburinhos que são como os anúncios das erupções do vulcão popular. Pacheco, enfim, concluiu: mas o espetáculo que tinha diante de si fê-lo ficar imóvel por alguns momentos, e estes foram terríveis. Aqueles centenares de olhos avermelhados, cintilantes de furor, cravados nele e nos outros fidalgos; aquelas bocas semi-abertas, prestes a prorromper em brados de morte, eram como um pesadelo diabólico, como uma vertigem de loucura. Os populares pareciam ainda escutá-lo, e não puderam acreditar a deslealdade de D. Fernando de Portugal.

Os fidalgos aproveitaram esse instante de torpor moral que precedia a procela. Desceram da alpendrada e, montando nas suas possantes mulas, encaminharam-se vagarosamente para o lado da Corredora. No meio da cavalgada, e rodeado dos cavaleiros mais benquistos do povo, ia o conde de Barcelos, e Diogo Lopes com os seus pajens fechava o séquito. Se tivessem atravessado a praça, o conde teria corrido grande risco; porque, ao dobrar o ângulo do mosteiro, já os doestos grosseiros e violentos

voavam contra ele do meio do povo apinhado, e, até, dois virotes de besta pareceu sibilarem por cima da sua cabeça. Mas, apertando os acicates, os cavaleiros seguiram ao longo da Corredora, enquanto Diogo Lopes, vitoriado pelas turbas, a quem com sorrisos retribuía aquelas mostras de afeto, obstava a que as ondas populares rodeassem o diminuto número de cortesãos, alguns dos quais tinham fundados motivos para recear a irritação desses animais ferozes, exaltados pela fuga de el-rei.

A cavalgada havia desaparecido, quando um troço de besteiros e peões desembocou do lado da Rua Nova. Eram mestre Bartolomeu e a sua gente, que vinham confirmar a notícia dada por Diogo Lopes Pacheco.

Mas as palavras que Frei Roy dissera ter ouvido proferir a el-rei, lançadas entre os amotinados como um facho sobre montão de lenha por onde lavra há muito fogo oculto, levaram o tumulto a ponto medonho. As afrontas, que até aí quase só se encaminhavam contra Leonor Teles e os seus parentes, voltaram-se contra D. Fernando. As maldições, as pragas, os nomes de traidor e covarde juntavam-se às mais violentas ameaças. Uns juravam que nunca mais ele

entraria em Lisboa; outros propunham que se lançasse fogo aos paços reais. Debalde Fernão Vasques trabalhava por aquietá-los; nem já escutavam o seu ídolo. Furiosos, espalhavam-se pelas ruas, que atroavam com gritos, brandindo as armas; e por certo que, se neste momento D. Fernando lhes tivesse aparecido, não teriam, talvez, respeitado a vida do filho do seu tão querido D. Pedro I, o mais popular de todos os nossos reis, chamados da primeira dinastia.

Este motim sem objeto, sem resistência, e sem resultado, acalmou nesse mesmo dia. Ao anoitecer, a cidade tinha caído no seu habitual silêncio, e, pouco a pouco, os fidalgos e cavaleiros, atravessando as Portas da Cruz, seguiam caminho de Santarém. O sistema militar dos antigos partos dera a vitória a el-rei: ele vencera fugindo!

O povo adormeceu: os cabeças da revolta estavam irremediavelmente perdidos.

CAPÍTULO VI

UMA BARREGÃ RAINHA

O Douro é bem carregado e triste! A sua corrente rápida, como que angustiada pelos agudos e escarpados rochedos que a comprimem, volve águas turvas e mal-assombradas. Nas suas encostas fragosas raras vezes podeis saudar um sol puro ao romper da alvorada, porque o rio cobre-se durante a noite com o seu manto de névoas, e, através desse manto, a atmosfera embaciada faz cair sobre a vossa cabeça os raios do sol semimortos, quase como um frio reflexo de lua ou como a luz sem calor de tocha distante. É depois de alto dia que esse ambiente, semelhante ao que rodeava os guerreiros de Ossian, vos desoprime os pulmões, onde muitas vezes tem depositado já os germes da morte. Então, se, trepando a um pináculo das encostas, espraiais os olhos para o lado do sertão, lá vedes uma como serpente imensa e alvacenta, que se enrosca por entre as

montanhas, e cujo colo está por baixo dos vossos pés. É o nevoeiro que se acama e dissolve sobre as águas que o geraram. O horizonte, até aí turvo, limitado, indistinto, expande-se ao longe: recortam-nos os cimos franjados das montanhas, que parecem engastadas na cortina azul do céu, e a terra, a perder de vista, afigura-se-nos como um mar de verdura violentamente agitado; porque em desenhar as paisagens do Douro a natureza empregou um pincel semelhante ao de Miguel Ângelo: foi robusta, solene e profunda.

Como sobre um circo convertido em naumaquia, o Porto ergue-se em anfiteatro sobre o esteiro do Douro e reclina-se no seu leito de granito. Guardador de três províncias e tendo nas mãos as chaves dos haveres delas, o seu aspeto é severo e altivo, como o de mordomo de casa abastada. Mas não o julgueis antes de o tratar familiarmente. Não façais cabedal de certo modo áspero e rude que lhe haveis de notar; trazei-o à prova, e achar-lhe-eis um coração bom, generoso e leal. Rudeza e virtude são muitas vezes companheiras; e entre nós, degenerados netos do velho Portugal, talvez seja ele quem guarda ainda maior porção

da desbaratada herança do antigo caráter português no que tinha bom, que era muito, e no que tinha mau, que não passava de algumas demasias de orgulho.

Nos fins do século décimo quarto, o Porto ia ainda longe da sorte que o aguardava. O fermento da sua futura grandeza estava no caráter dos seus filhos, na sua situação e nas mudanças políticas e industriais que depois sobrevieram em Portugal. Posto que nobre e lembrado como origem do nome desta linhagem portuguesa, os seus destinos eram humildes, comparados com os da teocrática Braga, com os da cavaleirosa Coimbra, com os de Santarém, a cortesã, com os de Évora, a romana e monumental, com os de Lisboa, a mercadora, guerreira e turbulenta. Quem o visse, coroado da sua catedral, semiárabe, semigótica, em vez de alcácer ameiado; sotoposto, em vez de o ser a uma torre de menagem, aos dois campanários lisos, quadrangulares e maciços, tão diferentes dos campanários dos outros povos cristãos, talvez porque entre nós os arquitetos árabes quiseram deixar as almádenas das mesquitas estampadas, como ferrete da antiga servidão, na face do templo dos

nazarenos; quem assim visse o "burgo" episcopal do Porto, pendurado à roda da igreja e defendido, antes por anátemas sacerdotais que por engenhos de guerra, mal pensaria que desse burgo submisso nasceria um empório de comércio, onde, dentro de cinco séculos, mais que em nenhuma outra povoação do Reino, a classe, então fraca e não definida, a que chamavam burgueses, teria a consciência da sua força e dos seus direitos e daria a Portugal exemplos singulares de amor tenaz de independência e de liberdade.

A populosa e vasta cidade do Porto, que hoje se estende por mais de uma légua, desde o Seminário até além de Miragaia ou, antes, até à Foz, pela margem direita do rio, entranhando-se amplamente para o sertão, mostrava ainda nos fins do século décimo quarto os elementos distintos de que se compôs. Ao oriente, o "burgo do bispo", edificado pelo pendor do monte da Sé, vinha morre nas hortas que cobriam todo o vale onde hoje estão lançadas a Praça de D. Pedro e as Ruas das Flores e de S. João e que o separavam dos Mosteiros de S. Domingos e de S. Francisco. Do poente, a povoação de Miragaia, sentada ao redor da Ermida de S.

Pedro, trepava já para o lado do Olival e vinha entestar pelo norte com o couto de Cedofeita e pelo oriente com a vila ou burgo episcopal. A Igreja, o Município e a Monarquia, entre esses limites lutaram por séculos as suas batalhas de predomínio, até que triunfou a Coroa. Então a linha que dividia as três povoações desapareceu rapidamente debaixo dos fundamentos dos templos e dos palácios. O Porto constituiu-se a exemplo da unidade monárquica.

Era neste burgo eclesiástico, nesta cidade nascente, que por formoso dia de Janeiro da era de César de 1410 (1372) se viam varridas e cobertas de espadanas e flores as estreitas e tortuosas ruas que pela encosta do monte guiavam ao burgo primitivo fundado ou restaurado pelos Gascões, se não mentem memórias remotas. Na Rua do Souto, já assim chamada, talvez pela vizinhança de algum bosque de castanheiros, como principal entrada da povoação, andavam as danças judengas e folias mouriscas com músicas e trebelhos ou ogos, por entre o povo vestido de festa, o que era indício evidente de que se esperava el-rei, cuja vinda a qualquer povoação era o único motivo legal para fazer dançar e foliar judeus e mouros, que,

decerto, não gostavam nada com estes forçados e dispendiosos sinais de contentamento público.

Com efeito, uma numerosa e esplêndida cavalgada vinha do bailado de Leça. El-rei D. Fernando juntara em Santarém os seus ricos-homens e conselheiros e, amestrado por Leonor Teles na arte de dissimular, recebera com todas as mostras de boa-vontade o infante D. Dinis e Diogo Lopes Pacheco, ao qual, para maior disfarce, não escasseara mercês. Depois, em caçadas vagueara pelo Reino com D. Leonor, até que em Eixo fizera um como manifesto da resolução que tomara de a receber por mulher, o que neste dia cumprira na antiga igreja daquela célebre comenda dos Hospitaleiros. Era, pois, para celebrar esse matrimónio adúltero, agourado pelas maldições populares, que o bispo D. Afonso, menos escrupuloso que o povo de Lisboa acerca de adultérios, vestia de festa o seu muito canónico burgo. (*)

[(*) Este bispo D. Afonso era ainda o mesmo a quem el-rei D. Pedro, dizem, quisera açoitar pela sua própria mão em consequência dele ter cometido adultério (acto trivialíssimo no clero daquele tempo) com a mulher de um honrado cidadão. Uma história miudamente narrada por Fernão Lopes na crónica daquele rei.]

A cavalgada que se vira descer ao longo do vale já atravessava o rio da vila pela ponte do Souto e encaminhava-se para uma antiga porta da povoação primitiva, porta conhecida ainda hoje, como então, pelo nome de Vandoma. Ao lado direito de el-rei ia D. Leonor, a rainha de Portugal: ele montando num cavalo de guerra; ela num palafrém branco, levado de rédea desde a entrada da ponte pelo infante D. João, que familiarmente falava e ria com a formosa cavaleira. Do lado esquerdo, o bispo D. Afonso, curvado e enfraquecido pela velhice, oscilava e fazia cortesias involuntárias a cada passada da mansíssima e veneranda mula episcopal. Junto ao velho prelado, o infante D. Dinis caminhava em silêncio, e no aspeto melancólico do jovem divisava-se quão profunda tristeza lhe consumia o coração, vendo-se como atado ao carro triunfal da mulher que pouco a pouco se convertera na sua irreconciliável inimiga. Após estas principais personagens, via-se uma grande multidão de cavaleiros, clérigos, cortesãos, conselheiros, juízes da Corte; companhia esplêndida, por entre a qual brilhava o ouro, a prata e as

variadas cores dos trajos de festa, que sobressaíam no chão negro das vestiduras roçagantes dos magistrados e clérigos. Adiante de el-rei, as danças dos mouros e judeus volteavam rápidas, ao som da viola ou alaúde árabe, das trombetas e das soalhas. Segundo o antigo uso, seguiam-se às danças coros de donzelas burguesas, que celebravam com os seus cantos o amor e ventura dos noivos.

Mas esse canto tinha o quer que era triste na toada. Triste era, também, o aspeto dos populares, que, sem um só grito de regozijo, se apinhavam para ver passar aquele préstito real. Mil olhos se cravavam no infante D. Dinis, cujo rosto melancólico revelava que os seus pensamentos eram acordes com os do povo, que por toda a parte não via neste consórcio senão um crime e uma fonte de desventuras. Os cortesãos, porém, fingiam não perceber o que se passava à roda deles e pareciam trasbordar de alegria. Muitos eram daqueles que mais contrários tinham sido aos amores de el-rei, mas, que, vendo, enfim, D. Leonor rainha, voltavam-se para o sol que nascia e calculavam já quantas terras e que soma de direitos reais

lhes poderia render da parte de um rei pródigo a sua mudança de opinião.

Entre estes não se via o tenaz e astuto Pacheco. Habituado ao trato da Corte por largos anos, experimentado em todos os enredos dos paços, hábil em traduzir sorrisos e gestos, palavras avulsas e discursos fingidos, não tardara em perceber que as mercês e agrados de el-rei e de D. Leonor encobriam intentos de irrevogável vingança. Conhecendo que a sedição popular fora inútil e que, ainda renovada com mais fúria, não poderia resistir às armas de D. Fernando, havia-se afastado da Corte e, posto que só nos fins desse ano ele passasse a servir o seu antigo protetor e amigo, D. Henrique de Castela, buscara entretanto esquivar-se ao ódio da nova rainha, conservando ao mesmo tempo a boa opinião entre o vulgo.

Abandonado assim do seu guia, o infante D. Dinis sofrera resignado um sucesso que não podia embargar; mas, digno filho de D. Pedro, conservara intacta a sua má vontade a D. Leonor. Desamparado dos seus parciais, vendo, se não traída, ao menos quase morta e inativa a aliança de Pacheco, e, para maior desalento, seu irmão mais velho, o

infante D. João, ligado com essa mulher, da qual este príncipe mal pensava então lhe viria a última ruína; no meio de tantos desenganos, o infante, a princípio tímido e irresoluto, sentira crescer a ousadia com os perigos; sentira girar-lhe nas veias o sangue paterno. Obrigado a seguir a Corte, nunca D. Leonor achara um sorriso nos seus lábios; nunca o vira conter diante dela um só sinal de desprezo. Assim, a cólera de el-rei contra seu irmão havia chegado ao maior auge, e os cálculos de fria e paciente vingança estavam resolvidos no ânimo de Leonor Teles.

A cavalgada tinha subido a encosta, atravessado a Porta de Vandoma, que em parte ainda subsiste, e passado em frente da Sé, junto da qual se dilatavam os paços episcopais. Aí as danças e folias pararam e fizeram por um momento silêncio. Então o infante D. João, tomando nos braços a formosa rainha, apeou-se do palafrém, e, após ela, el-rei saltou ligeiro do seu fogoso e agigantando ginete. Dentro em pouco toda a comitiva tinha desaparecido no profundo portal dos paços, e os donzéis conduziam os elegantes cavalos, as mulas inquietas e os mansos palafréns para as vastas e bem providas cavalariças do

muito devoto e poderoso prelado da antiga Festabole. (*o Porto, nome segundo a divisão dos bispados atribuída ao rei Godo Vamba*)

O aposento principal dos paços, quadra vasta e grandiosa, estava de antemão ornado para receber os hóspedes reais do velho bispo D. Afonso. Um trono com dois sentos de espaldas indicava que a ele ia subir, também, uma rainha. D. Leonor entrou seguida das cuvilheiras e donzelas da sua câmara; el-rei de todos os principais cavaleiros. Viam-se entre estes o alferes-mor Airas Gomes da Silva, ancião venerável, que fora aio do rei, quando infante, o orgulhoso mordomo-mor D. João Afonso Telo, Gil Vasques de Resende, aio do infante D. Dinis, o prior da Ordem do Hospital, Álvaro Gonçalves Pereira, e muitos outros fidalgos que ou seguiam a Corte ou tinham vindo assistir às bodas reais.

Guiada por D. Fernando, Leonor Teles subiu com passo firme os degraus do trono. Como o navegante, que, afrontando temporais desfeitos por mares incógnitos e aprocelados e chegando ao porto longínquo, quase que não crê pisar a terra dos seus desejos, assim esta mulher

ambiciosa e audaz parecia duvidar da realidade da sua elevação. A alma sorria-lhe a mil esperanças; a vida trasbordava nela. ao seu lado um rei, aos seus pés um reino! Era mais que embriaguez; era delírio. Ela sentia um novo afeto, um como desejo de perdão aos seus inimigos! Tremeu de si mesma e, convocando todas as forças do coração, salvou a sua ferocidade hipócrita, que parecia querer abandoná-la. Era severo o seu aspeto quando esses pensamentos estranhos lhe passaram pelo espírito; mas o sorriso voltou a espraiar-se-lhe no rosto quando o instinto de tigre pôde fazê-la triunfar desse momento em que a generosidade costuma acometer com violência as almas vingativas e ferozes, o momento em que se realiza a suma ventura por muito tempo sonhada.

Do alto do trono e em pé, D. Fernando estendeu a mão: o tropel de cortesãos e cavaleiros, de donas e donzelas formaram aos lados da espaçosa sala fileiras esplêndidas, imóveis e silenciosas: e el-rei volveu olhar lentos para um e outro lado e disse:

— Ricos-homens, infanções e cavaleiros de Portugal, um dos mais nobres sacramentos que Deus neste mundo

ordenou foi o matrimónio: como para os outros homens, para os reis se instituiu ele; porque por ele as coroas se perpetuam na linhagem real. É por isso que eu desposei hoje a muito ilustre Dona Leonor, filha de Dom Afonso Telo, descendente dos antigos reis e ligada com os mais nobres de entre vós pelo divido do sangue. Assim, a rainha de Portugal será mais um laço que vos una a mim como parentes, que de hoje avante sois meus. Leais, como tendes sido ao vosso rei pelo preito que lhe fizestes, muito mais o sereis por este novo título. Em que pês a traidores, Dona Leonor Teles é minha mulher! Fidalgos portugueses, beijai a mão à vossa rainha.

O velho alferes-mor, Airas Gomes, aproximou-se então do trono, à voz do seu jovem pupilo; ajoelhou e beijou à mão a D. Leonor; mas o olhar que lançou para el-rei era como o de pedagogo que de mau humor se acomoda ao capricho infantil de um príncipe. Ao volver de olhos do ancião, D. Fernando corou e voltou o rosto.

O infante D. João, porém, dobrando o joelho aos pés da formosa rainha, parecia trasbordar de alegria. Contemplando-o, Leonor Teles deixou assomar aos lábios

um daqueles ambíguos e quase impercetíveis sorrisos que, vindos dela, sempre tinham uma significação profunda. Porventura que no infante D. João ela já não via mais que o precursor da humilhação de D. Dinis, do seu capital inimigo.

Após o infante, os fidalgos vieram sucessivamente curvar-se perante D. Leonor. Boa parte deles era como capitães vencidos seguindo ao capitólio um triunfador romano. Podia com efeito dizer-se que, mau grado desses que se rojavam aos seus pés, ela conquistara o trono.

Toda a comprida fileira de nobres oficiais da Coroa tinha passado e ajoelhado no estrado real. Faltava um; e era este, que, menosprezando tantas caras ilustres por valor ou ciência, por fidalguia ou riqueza, inclinadas perante ela, a mulher orgulhosa e implacável esperava pensando no momento em que o jovem ainda impúbere, sem renome, sem poderio, célebre só pelo seu berço e pelo desgraçado drama da morte de D. Inês, viesse tributar homenagem à que representava uma papel análogo ao daquela desventurada, salvo na sinceridade do amor e na inocência da vida.

Mas esse para quem D. Leonor mais de uma vez volvera rapidamente os olhos considerava com os braços cruzados aquele espetáculo em perfeita imobilidade, de que unicamente saíra quando Gil Vasques de Resende, que estava ao seu lado, se afastara, caminhando para os degraus do estrado. O jovem apertara a mão do idoso aio, trémula da idade, com a mão ainda mais trémula de cólera. Na conta de pai o tinha; venerava-o como filho, e a ideia de o ver prostituir os seus cabelos brancos aos pés de uma adúltera o levara a esse movimento involuntário; involuntário, porque ele naquela postura e naquela hora não fazia senão coligir todas as forças da alma para salvar a honra do nome dos seus avós, do nome dos reis portugueses, esquecida por um dos seus irmãos e, talvez, mercadejada por outro em troco de valimento infame. O velho entendeu o que significava este convulso apertar de mão: duas lágrimas lhe caíram pelas faces; mas obedeceu a el-rei.

Só faltava D. Dinis, que continuara a ficar imóvel. Houve um momento de silêncio sepulcral na vasta sala, e este silêncio era para todos indefinido, mas terrível.

D. Fernando pôs-se a olhar fito para seu irmão, enleado, ao que parecia, em pensar profundo.

Dentro de pouco, poder-se-ia crer que todos os fidalgos que povoavam aquela vasta quadra estavam convertidos em pedra semelhante à das colunas góticas que sustinham as voltas pontiagudas do teto, se não fosse o respirar ansiado e rápido que lhes fazia ranger sobre os peitos e ombros os seus ricos briais.(*)

[(*) O brial era uma espécie de camisola que os cavaleiros vestiam sobre as armas e por cima da qual apertavam o cinto da espada.]

Os lábios de el-rei tremeram, como a superfície do mar encrespada pela leve e repentina aragem que precede imediatamente o tufão. Depois, entreabrindo-os, com os dentes cerrados, murmurou:

— Infante Dom Dinis, beijai a mão à vossa rainha.

Foi um só o volver de todos os olhos para o jovem infante: o sussurro das respirações cessara.

D. Dinis não respondeu; encaminhou-se para o meio do aposento: parou em frente do trono e, olhando em redor de si, perguntou com sorriso de amargo escárnio:

— Onde está aqui a rainha de Portugal?

— Infante Dom Dinis! — disse el-rei, cujo rosto o furor mal reprimido demudara. — Sofredor e bom irmão tenho sido por muito tempo: não queirais que seja hoje só juiz inflexível do filho querido daquele que também me gerou! Infante Dom Dinis!, beijai a mão da muito nobre e virtuosa Dona Leonor Teles, como fez vosso irmãos mais velho, de quem deveríeis haver vergonha.

— Nunca um neto de Dom Afonso do Salado — replicou o infante, com aparente tranquilidade — beijará a mão da que el-rei seu irmão e senhor que chamar rainha. Nunca Dom Dinis de Portugal beijará a mão da mulher de João Lourenço da Cunha. Primeiro ela descerá desse trono e virá ajoelhar aos meus pés; que de reis venho eu, não ela.

— De joelhos, dom traidor! — gritou D. Fernando, pondo-se em pé e descendo dois degraus do estrado. — De joelhos, vil parceiro de revés sandeus! Se a taberna de

Folco Taca vos ouviu fazer preito infame aos peões de Lisboa, quebrar-lo-eis diante do vosso rei: quebra-lo-eis, que vos digo eu!

D. Dinis viu então que todos os seus passos estavam descobertos: achava-se, por isso, à borda de um abismo. Hesitou um momento; mas lembrou-se de que era neto do herói do Salado e precipitou-se na voragem.

— Vil é a mulher barregã e adúltera, e essa é ambas as coisas. Traidor seria um rei de Portugal que sentasse o adultério no trono, e vós o fizestes, rei desonrado e maldito do vosso Deus e do vosso povo! Quem neste lugar é o vil e o traidor?

O infante, acabando de proferir estas palavras, abaixou a cabeça e deixou descair os braços. Ele bem sabia que se seguia o morrer.

Apenas el-rei se levantara, D. Leonor, cujas faces se tinham tingido da amarelidão da morte, tinha-se erguido também. Naquele rosto, semelhante ao de uma estátua de sepulcro, apenas se conhecia o viver no profundar, cada vez

maior, das duas rugas frontais que se lhe vinham juntar entre os sobrolhos.

Ouvindo as derradeiras e fulminantes palavras de D. Dinis, el-rei soltara um destes rugidos de desesperação e cólera humanas que nem o rugido da mais brava fera pode igualar; grito de ventríloquo, que é como o estridor de todas as fibras do coração que se despedaçam a um tempo; gemido como o do rodado ao primeiro giro do instrumento do suplício: rugido, grito, gemido, conglobados num só hiato, fundidos num som único pela raiva, pelo ódio, pela angústia — brado que só terá eco pleno no bramido que há de soltar o réprobo quando no derradeiro juízo o julgador dos mundos lhe disser: "Para ti as penas eternas."

O brado de D. Fernando fizera tremer os mais esforçados cavaleiros que se achavam presentes: o movimento que o seguiu fez gelar o sangue em todas as veias.

Como um relâmpago ele tinha arrancado da cinta o agudo bulhão e, com os olhos desvairados, encaminhava-se para o meio da sala, onde seu irmão o esperava imóvel, com a mão sobre o peito, como se dissesse: "Aqui!"

Mas D. Fernando não pôde oferecer nas aras do adultério um fratricídio; uma barreira tinha-se levantado aos seus pés. Era um velho de cara calva e de longas barbas brancas e desbastadas pelos anos: era aquele que lhe fora mais que pai e que ele respeitava mais que a memória deste; era o seu alferes-mor, o venerável Airas Gomes, que, ajoelhado, lhe clamava com vozes truncadas de soluços e lágrimas:

— Senhor!, que é vosso irmão!

— É um covarde traidor, que deve morrer! Irmão!? Mentes, velho! Ele já o não é!

À palavra "mentes!" um relâmpado de vermelhidão passou pelas faces cavadas do antigo cavaleiro: abaixou os olhos e correu-os pela espada. Fora esta a primeira vez que ela ficara na bainha depois de tão funda afronta. Mas aquele era o momento dos grandes sacrifícios. Airas Gomes replicou, limpando as lágrimas:

— Nunca vos menti, senhor, nem quando éreis na puerícia, nem depois que sois meu rei. Sabei-lo. Criminoso ou inocente, Dom Dinis é filho do meu bom senhor Dom Pedro ao vosso pai servi com lealdade; por vós já me andou

arriscada a vida. Hoje tendes por defensores todos os cavaleiros de Portugal, ele é que não tem, talvez, um só. Senhor rei, ficai certo de que, para assassinar vosso irmão, é-vos preciso passar por cima do cadáver do vosso segundo pai.

Atalhado assim o primeiro ímpeto, o caráter do jovem monarca revelou-se inteiro neste momento. Comoveu-o a postura do venerando ancião, que pela primeira vez via aos seus pés, e, com a irresolução pintada nos olhos, fitou-os em Leonor Teles.

Por uma reflexão instantânea, a hiena previra que o sangue derramado pelo fratricida não cairia somente sobre a cabeça deste, mas também sobre a dela. Naquele rosto, então semelhante ao de uma estátua, D. Fernando não pôde ler a sentença do infante, bem que lá no fundo do coração ela estivesse escrita com sangue.

Entretanto os cortesãos, que no furor rompente de el-rei tinham ficado estupefactos e quietos, vendo-o vacilar, rodearam o infante. O velho Gil Vasques de Resende, que ia interpor-se, também, entre D. Dinis e el-rei, quando este arrancara o punhal, parara ao ver a heroica resolução do

alferes-mor; mas, ao hesitar de D. Fernando, correra a abraçar-se com o seu pupilo, que, no meio de tantos ânimos agitados por paixões diversas, era quem unicamente parecia tranquilo e alheio ao terror que se pintava em todos os rostos.

Finalmente, el-rei meteu vagarosamente o punhal no cinto e, com voz pausada, mas tremula e presa, disse:

— Que esse mal-aventurado sai diante mim.

O tom em que estas poucas palavras foram proferidas fez vergar o ânimo de D. Dinis, cujo coração, antes disso, parecera de bronze. Os olhos arrasaram-se-lhe de água. Sentira que, até então, era uma cólera cega, repentina, insensata, que o ameaçava: agora, porém, no modo e na expressão de D. Fernando vira claramente que era um amor de irmão que expirava.

Com a cabeça pendida em cima do ombro de Gil Vasques de Resende, saiu do aposento.

Era, talvez, o velho o único amigo que lhe restava no mundo.

D. Leonor levou ambas as mãos ao rosto, e via-se-lhe arquejar o colo formoso, agitado por mal contido suspiro.

"Coração compadecido e generoso!", pensou lá consigo o alferes-mor, que havia pouco a tratara de perto pela primeira vez.

"Hora maldita e negra, em que perdi metade da minha tão espera vingança", pensava Leonor Teles, e o choro rebentou-lhe com violência.

— Não te aflijas, Leonor — disse D. Fernando, apertando-a ao peito. — Que nunca mais eu o veja, e viva, se puder, em paz!

Mas as lágrimas correram ainda com mais abundância e amargura.

O resto daquele dia foi triste: triste o banquete e o sarau. A atmosfera em que respirava a nova rainha tinha o que quer que fosse pesado e mortal, que resfriava todos os corações.

À meia-noite, por um claro luar de céu limpo de Inverno, uma barca subia com dificuldade a corrente rápida do Douro: à popa viam-se reluzir, nas toucas e mantos negros

de dois cavaleiros que aí iam sentados, as orlas e bordaduras de ouro e prata: um dos remeiros cantava uma cantiga melancólica, a que respondia o companheiro, e dizia assim:

"Mortos me são padre e madre:

Eu tamanho fiquei.

Irmãos meus mal me quiseram.

Eu mal não lhes quererei.

Vou-me correr esse mundo;

Sabe Deus se o correrei!

A alma deixo-a cá presa;

O corpo só levarei.

De meus avós nos solares

Nasci: dois dias passei:

Meus irmãos, nada vos tenho

Senão o nome que herdei."

Esta cantiga, cuja toada monótona repercutia nos rochedos aprumados das margens, foi interrompida por doloroso suspiro. Um dos cavaleiros o dera.

Os remeiros calaram-se: arrancaram da voga com mais ânsia e, depois, continuaram:

"Se fui rico, ora sou pobre;

Choro hoje, se já folguei;

Vilas troquei por desvios;

Muito fui: nada serei.

Sem padre, madre ou irmãos

A quem me socorrerei?

A ti, meu Senhor Jesus:

Senhor Jesus, me acorrei!"

Um gemido mais angustiado, que saiu envolto em soluços, cortou de novo a cantiga: era do mesmo que já a interrompera. O seu companheiro bradou aos barqueiros, com a voz tremula e cansada de um ancião:

— Calai-vos aí com as vossas trovas malditas!

Os remeiros vogaram em silêncio; mas pensaram lá consigo que muito danadas deviam ser as almas de cavaleiros que assim maldiziam tão devoto trovar.

Repararam, porém, que, dos dois desconhecidos, o que suspirava e gemera lançara os braços ao pescoço do que falara, e que este, afagando-o, lhe dizia:

— Quando todos, senhor, vos abandonarem não vos abandonarei eu; que o devo ao amor com que vos criei e à esclarecida e santa memória do vosso virtuoso pai.

Então os barqueiros, bem que rudes, desconfiaram de que podia muito bem ser que não fossem duas almas danadas aquelas, mas sim mal-aventuradas.

CAPÍTULO VII

JURAMENTO, PAGAMENTO

Passara mais de um ano depois do casamento de el-rei. Este casamento, que explicava o repúdio da infanta de Castela, não bastara, em verdade, para acender a guerra entre D. Henrique e D. Fernando, estando já de algum modo previsto nos capítulos adicionais do Tratado de Alcoutim. Mas, como se o desgosto que semelhante ofensa devia gerar no ânimo do rei castelhano não fosse assaz forte para servir de fermente a futuras guerras, D. Fernando suscitara novos motivos de sérias desavenças, que não particularizaremos aqui, por não virem ao nosso intento. Baste saber-se que, depois de inúteis mensagens e queixas, D. Henrique de Castela, entrando subitamente em Portugal e tomando muitas terras fortificadas, atravessara rapidamente a Beira, passara junto aos muros de Coimbra, onde se achava D. Leonor Teles, e, vindo oferecer batalha a

el-rei D. Fernando, que estava em Santarém e que não aceitou o combate, se encaminhara para Lisboa, cujos habitantes desapercebidos apenas tivera tempo de se acolherem aos antigos muros do tempo de D. Afonso III, de cujas torres e adarves viram os Castelhanos saquearem e queimarem o bairro mais povoado e rico da cidade, o Arrabalde, sem lhes poderem pôr obstáculo. No meio deste apertado cerco, desamparados de el-rei, que apenas lhes enviara alguns dos seus cavaleiros, os moradores de Lisboa não tinham desanimado. Com vária fortuna, tinham resistido aos cometimentos dos Castelhanos e, o que mais duro era de sofrer, à fome, à sede e, até, ao receio de traições dos seus naturais. Finalmente, D. Fernando fizera uma paz vergonhosa, depois de ter suscitado uma injusta guerra, e Lisboa viu afastar dos seus muros o exército de el-rei de Castela, que a tivera sitiada durante quase dois meses.

Era nos fins de Mio de 1373, pela volta da tarde de um formoso dia de Primavera. O ar estava tépido e o céu limpo. Pelos campos e vales via-se verdejar a relva; a madressilva e as rosas bravias, enredadas pelos valados,

embalsamavam a atmosfera. Mas estes eram os únicos sinais que, nos arredores de Lisboa, revelavam aquela estação suave no seu clima suavíssimo. Tudo o mais contrastava horrivelmente com eles. Os extensos e bastos olivedos e azinhais que nessas eras a rodeavam jaziam aqui e ali por terra, como se por lá tivesse passado fouce gigante manejada por braços de ferro. Pelos outeirinhos, coroados pouco havia de vinhas frondosas, viam-se espalhadas as videiras cobertas de folhas ressecadas antes de tempo ou enegrecidas pelo fogo, assemelhando-se a gândara coberta de urzes que foi desbravada por fins do Outono. As vastas hortas que se derramavam por Valverde, trilhadas pelos pés dos cavalos, estavam incultas e abandonadas. Mas, sobre este mal-assombrado e triste chão do painel, mais melancólica e aflitiva avultava ainda a figura principal, a cidade.

O populoso bairro chamado o Arrabalde, onde, dantes, era contínuo o ruído discorde de trato imenso, achava-se convertido em montão de ruínas. Para os lados do sul e poente, não se viam, desde os antigos muros (cujo perímetro pouco mais abrangia do que o castelo e o bairro

a que hoje damos geralmente o nome de Alfama), senão edifícios queimados, ruas entulhadas, praças desfeitas, vestígios de sangue, peças de armadura aboladas ou falsadas, hastilhas e ferros partidos de virotes, de lanças e de espadas, e, aqui e acolá, cadáveres fétidos, não só de cavalos, mas também de homens, cujas carnes, meio devoradas pelos cães ou pelo tempo, lhes deixavam branquejar as ossadas. Sobre os entulhos apareciam como fantasmas os servos mouros, revolvendo as pedras derrocadas, em busca de alguma preciosidade que tivesse escapado às chamas e ao inimigo; e junto às paredes negras da sinagoga os mercadores judeus, olhando para o seu bairro assolado, depenavam as barbas à roda dos rabis, que recitavam em tom de choro os versículos hebraicos dos trenos.

Por meio deste vasto quadro de assolação rompia uma numerosa companhia de cavaleiros e damas, de donas e escudeiros, de donzelas e pajens brilhante cavalgada que descia do lado de Santo Antão para S. Domingos e tomava pela Corredoura para a Porta do Ferro. A formosura e o luxo das mulheres, as figuras atléticas e os rostos varonis

dos cavaleiros, o brunido das armas, o loução dos trajos, o rico dos arreios, tudo, enfim, dava clara mostra de que naquela cavalgada vinha a mais nobre gente de Portugal. Os risos das damas, os ditos galantes e agudos dos fidalgos, o rinchar alegre dos corcéis briosos e dos delicados palafréns, as doudices dos donzéis, que, ora correndo à rédea solta, ora sofreando os cavalos, ao perpassar pelas mulas pacíficas dos cortesãos letrados, os faziam vacilar e debruçar sobre os arções, o bater das asas dos nebris e gerifaltes empoleirados nos punhos dos falcoeiros, o latir dos galgos e alãos, que, atrelados, forcejavam por se atirarem acima daqueles centenares de habitações derrocadas, de onde saía de vez em quando uma exalação de carniça: esse rir, este ruído de contentamento, este matiz de reflexos metálicos, de cores variegadas, passando, como turbilhão, através daquele silêncio sepulcral, parecia rasgar o véu de tristeza que cobria a vasta área da cidade destruída e revocá-la a uma nova existência.

Mas o povo, apesar disso, continuava a estar triste.

A cavalgada chegou ao terreiro da Sé. Um engenho de arremessar pedras estava sentado no meio dele, e os

grossos madeiros de que era construído viam-se ainda manchados de rastos de sangue. Uma dama que vinha na frente da comitiva parou: um cavaleiro de boa idade e gentil-homem, que caminhava ao seu lado, parou também. A dama apontou para o engenho, disse algumas palavras ao cavaleiro e, depois, desatou a rir.

Era ela a muito nobre e virtuosa rainha D Leonor: ele o muito excelente e esclarecido rei D. Fernando de Portugal.

D. Leonor tinha razão para rir.

Durante o cerco de Lisboa, uma voz, verdadeira ou falsa, se espalhara de que vários moradores da cidade estavam preitejados com el-rei de Castela para lhe abrirem uma das portas. Dava força a tais suspeitas o acharem-se no campo castelhano Diogo Lopes Pacheco e D. Dinis, que com ele se tinham juntado na sua entrada em Portugal, e as desconfianças recaíam naturalmente sobre aqueles que, dois anos antes, tinham seguido o partido contrário a D. Leonor, de que o infante e o velho privado de D. Afonso IV eram cabeças. Assim a popularidade dos parciais de D. Dinis tinha diminuído consideravelmente, porque o povo, em vez de atribuir a sua ruína a causas remotas, às paixões

insensatas de D. Leonor e à imprudência de el-rei, só nas sugestões de Diogo Lopes e do infante via agora a origem de todos os males presentes, e o ódio que contra os dois havia concebido se estendera a todos os que cria seremlhes afeiçoados.

Apenas, portanto, se divulgou a notícia da intentada traição, o povo furioso correu às moradas daqueles que, como fica dito, lhe eram mais suspeitos. Seguiu-se uma festa de canibais, festa de vulgacho em qualquer tempo e lugar que ele reine. Aqueles que não puderam provar de modo inegável a sua inocência foram metidos aos mais cruéis tormentos, onde nenhum se confessou culpado. Um desgraçado, contra o qual eram mais veementes as desconfianças, foi arrastado pelas ruas e feito depois em pedaços: "outro — diz o cronista — *tomaram e prozaram na funda de um engenho, que estava armado diante a porte da sé; e quando desfechou lançou-o em cima dessa igreja entre duas torres dos sinos que há, e quando caiu acharam-no vivo; e tomaram-no outra vez e puseram-no no fundo do engenho, e deitaram-no ao mar, e assim acabou a sua vida".*

Era por isso que Da Leonor olhava para o engenho e se rira. O próprio povo tinha pagado uma parte das arras do seu casamento.

A noite descera entretanto. A cavalgada parou no terreiro de S. Martinho, e à luz de muitas tochas parte daquela multidão escoou-se, pouco a pouco, por diversas ruas, enquanto outra parte subia à sala principal ou se derramava pelos aposentos dos paços, cujo silêncio de quase dois anos, depois da fuga de el-rei com Da Leonor Teles, era a primeira vez interrompido pelo ruído de uma corte numerosa, mas bem diferente da antiga. A rainha havia quase exclusivamente chamado a ela os seus parentes ou aqueles fidalgos que lhe tinham dado provas não equívocas de sincera afeição e substituíra à severidade antiga do paço todo o brilho de luxo insensato e, o que mais era, a dissolução dos costumes, que quase sempre acompanha esse luxo. Depois de uma ceia esplêndida como o devia ser nesta corte voluntária, apenas ficara na câmara real D. Fernando e a sua mulher, o conde de Barcelos, D. João, D. Gonçalo Teles, irmão de D. Leonor, e um donzel da rinha, filho bastardo de outro bastardo, do prior do

Hospital Álvaro Gonçalves Pereira, donzel que ela mais que nenhum estimava. Estas personagens achavam-se reunidas no mesmo aposento onde, dois anos antes, o beguino Frei Roy viera revelar à então amante de D. Fernando os intentos dos seus inimigos. Era deste aposento que ela saíra fugitiva e amaldiçoada do povo. Mas era aí, também, que D. Leonor vinha depois de tantos sustos, de tantas dificuldades vencidas, de tanto sangue derramado pela sua causa, repousar triunfadora, segura já na cara a coroa real. Tudo estava do mesmo modo, salvo as personagens, que, em parte, eram diversas e em diversa situação.

El-rei, habitualmente alegre, sentara-se triste na cadeira de espaldas, único móvel do aposento, e encostara a cabeça sobre o punho cerrado: D. Leonor, posto que naturalmente loquaz (*ousada e faladora*), sentada no estrado em frente de D. Fernando, conservava-se, também, em silêncio: em pé, um pouco atrás da cadeira de el-rei, o donzel querido de D. Leonor, com os olhos fitos nela, esperava atento as determinações da sua senhora: ao longo da sala o conde de Barcelos e D. Gonçalo Teles passeavam lentamente, conversando em voz submissa e pausada.

Mas a taciturnidade de cada uma das duas personagens principais tinha bem diferentes motivos.

A imagem da sua capital destruída havia-se embebido na alma de el-rei, como remorso cruel. Pelas sugestões do seu tio adotivo, consentira que D. Henrique viesse livremente destruir a opulenta Lisboa. Ele, neto de Afonso IV, rejeitara os socorros dos seus valorosos vassalos, que, ao esvoaçar dos pendões inimigos, de toda a parte tinham corrido, lança em punho, para combaterem debaixo da signa real: ele, cavaleiro, fora vil instrumento de vingança covarde: ele, rei de Portugal, fora o destruidor do seu povo: ele, português, recebera o nome de fraco de um castelhano, sem que ousasse desmentir a afronta! Estas ideias, que o tinham assaltado ao atravessar as ruínas dos arrabaldes, tomavam vulto e força na solidão e no silêncio. O pobre monarca, bom, mas excessivamente brando e irresoluto, tinha sobra razão de estar triste. A Lua, que começava a subir, dava de chapa, através da janela oriental do aposento, no rosto de D. Fernando, como dois anos antes, quase a essa hora, lhe iluminara, também, as faces demudadas de aflição. Este lugar, esta luz e esta hora eram para ele funestos!

Nesse momento, passos mais rápidos e mais pesados que os dos dois fidalgos começaram a soar na sala contígua: quem quer que era passeava também.

Dos olhos de D. Fernando saíam dois ténues reflexos; eram os raios da luz que os espelhavam em duas lágrimas.

A rainha, levantando-se então, disse ao donzel:

— Nuno Álvares Pereira, vede quem está nessa sala.

Nuno Álvares abriu a porta e, alongando a cabeça, voltou imediatamente e disse:

— O corregedor da Corte.

Os dois fidalgos pararam na extremidade do aposento, calaram-se e conservaram-se imóveis.

A rainha fez sinal com a mão a Nuno Álvares para que esperasse: o donzel ficou à porte sem pestanejar.

D. Leonor encaminhou-se então para el-rei, que, embebido no seu profundo pensar, não vira, nem ouvira o que se fazia ou dizia. Curvando-se e firmando o cotovelo no braço da cadeira de el-rei, encostou a cabeça sobre o ombro dele, com a face unida à sua.

— Que tens tu, Fernando? — perguntou ela, com essa inflexão de voz meiga que só sabem lábios de esposa que muito ama, mas com que também soubera atinar esta mulher sublime de hipocrisia.

— Nada! ... nada! — respondeu el-rei, lançando-lhe o braço em redor do pescoço e apertando a face incendiada àquele rosto de anjo, que dissimulava um coração de demónio.

Os dois ténues reflexos da lua tinham esmorecido nos olhos de D. Fernando: o hálito de Leonor Teles queimara as lágrimas da compaixão e do remorso.

— Enganas-me ou enganas-te a ti próprio, Fernando! — replicou a rainha. — Tu és infeliz, e eu sei porque o és. Aborreces já a pobre Leonor Teles.

O tom com que estas palavras foram proferidas era capaz de partir um coração de mármore.

— Enlouqueceste, Leonor? — exclamou el-rei. — Aborrecer-te? Sem ti, este mundo fora para mim saudade, a coroa martírio, a vida maldição de Deus. Como nos primeiros dias dos nossos amores, no leito da morte amar-

te-ei ainda. Glória, riqueza, poderio, tudo te sacrifiquei; não me pesa. Mil vezes que tu o queiras to sacrificarei de novo.

— Ah, provera a Deus que o teu amor fosse metade do que dizes: fosse metade do meu!

— Busca, inventa, aponta-me algum modo de provar o que te digo, e verás se as minhas palavras são sinceras!

— Há um, rei de Portugal! — replicou Leonor Teles, em cujos olhos cintilava o contentamento.

Dizendo isto, ela se afastara de el-rei. O seu aspeto tomou subitamente a expressão grave e severa de uma rainha. A um gesto que fez, Nuno Álvares ergueu o reposteiro, e o corregedor da Corte entrou. Trazia na mão um pergaminho aberto. Chegou ao pé de Leonor Teles, ajoelhou e entregou-lho.

A rainha pegou nele e apresentou-o a el-rei: o donzel trouxe uma das tochas que estavam nos ângulos do aposento e colocou-se à esquerda da cadeira de D. Fernando.

— A prova do que dissestes, rei de Portugal, está em estampardes no fim desse pergaminho o vosso selo de

puridade.

D. Fernando recebeu o pergaminho e começou a ler: a cada uma das extensas linhas, que o obrigavam a descrever com a cara uma curva, o tremor das mãos tornava-se-lhe mais violento e as contrações do rosto mais profundas. Antes de acabar de ler, atirou o pergaminho ao chão e, com voz terrível, exclamou, cravando os olhos reluzentes em Leonor Teles:

— Mulher, que me pedes tu?

— Justiça e as minhas arras.

Era a primeira vez que el-rei ousava resistir à vontade de Leonor Teles. Ela ainda não o cria. Habituada a ser obedecida pelo pobre monarca, estas últimas palavras foram proferidas com a insolência de uma resolução incontrastável.

— Justiça? Contra quem a pedes? Contra cadáveres e moribundos. As tuas arras? Tiveste em dote as mais formosas vilas dos meus senhorios: tiveste o que mais desejavas, as arras de sangue e ruínas. Para te contentar, deixei Lisboa entregue ao furor de inimigos; para te

contentar, fui vil e fraco; para te contentar, dos patíbulos já têm pendido sobejos cadáveres.(*) E, ainda não satisfeita, pretendes que, antes de dormir uma única noite na minha capital assolada, confirme uma sentença de morte! Leonor!, tu eras digna de seres filha do meu implacável pai!

[(*)Os tumultos contra o casamento de D. Fernando não se limitaram a Lisboa. Pelas doações dos bens dos credores mortos ou decepados, conhece-se que houve confrontos e depois vinganças em Santarém, Leiria, Abrantes e outras partes.]

D. Leonor repelira o olhar, entre colérico e tímido de D. Fernando, que mal acreditava a própria audácia, com um olhar em que se misturava a indignação e o desprezo. Ela ouviu as suas palavras sem mudar de aspeto; mas, apenas el-rei acabou, encaminhou-se para a janela onde batia o luar e estendeu a mão para o céu:

— Há dois anos, senhor rei, que neste aposento, a estas mesmas horas, um cavaleiro jurava a uma dama, de quem

pretendia quanto mulher pode ceder a desejos de homem, que a amaria sempre; jurava-o pelo céu, pelos ossos dos seus avós, pela sua fé de cavaleiro — e o cavaleiro mentiu. As bocas de homens vis vomitavam contra essa mulher e a essa mesma hora os nomes de adúltera, de barregã, de prostituta; e pediam a sua morte. O cavaleiro sabia que tais afrontas escrevem-se para sempre na cara de quem as recebe, se o sangue de quem as proferiu não as lava um dia. O cavaleiro ofereceu a sua alma aos demónios, se não as lavasse com sangue — e esse cavaleiro blasfemou e mentiu. Senhor rei, diante do céu que ele invocou, perto dos ossos dos seus avós, pelos quais jurou, à luz da lua, que o iluminava, dir-vos-ei: aquele cavaleiro foi perjuro, blasfemo, desleal e covarde, e eu a sua vítima. É contra ele que ora vos peço justiça. Rei de Portugal, justiça!

Esta última palavra restrugiu horrivelmente pelo aposento. El rei, que, durante o discurso de D. Leonor, se erguera pouco a pouco, fascinado pelo seu gesto diabólico e pelo seu olhar fulminante, caiu outra vez, arquejando, sobre a cadeira. O desgraçado cobriu a cada com ambas as mãos e, depois de um momento de silêncio, murmurou:

— Mas como punir aqueles que, talvez, são cadáveres? A guerra e a fúria popular os puniram!

D. Leonor triunfara.

— Nem todos! — prosseguiu a astuta e sanguinária pantera, acometendo o último entrincheiramento em que D. Fernando, já debalde, procurava defender-se. — Os seus mais vis inimigos ainda respiram e, porventura, ainda sonham vingança. Corregedor da Corte, lede os nomes escritos na vossa sentença.

O corregedor da Corte levantou o pergaminho, afastando-o dos olhos e interpondo a mão aberta entre estes e a tocha que Nuno Álvares segurava; tossiu duas vezes, inclinou para trás a cabeça e, com o tom cheio e solene de um mestre em degredos, leu:

— Item: Fernão Vasques, peou, alfaiate, cabeça e provedor dos susoditos revéis.

Aqui abriu o peitilho da garnacha, tirou a sua ementa particular e leu a seguinte cota:

— Vivo: *muy malferido dhuua ffrechada com herva(*) no ffecto do meirinho-moor, quando hos da çidade llevarom os*

castellãos de vencida até mêa rrua nova.

[(*) Naquele século o uso de ervas para envenenar as armas de tiro ou de arremesso era vulgaríssimo nos combates.]

Lida esta observação, o corregedor continuou a ler sucessivamente os nomes dos réus e as respetivas cotas.

— Item: *Stevom Martins Bexigosso, mercador, peom, capitão dhuu corpo dos ssusodictos rreveis. — Fizia a ementa: — Morto de ssua door naturall.*

"Item: *Bertholameu Martijs, ourives, peom, dizidor de pallavras de desacatamento contra ssua rreal ssenhoria e de grão ssamdiçe e desavergonhamento. — Dizia a ementa: — Morto dhuua pedrada dhuu engenho dos imiguos.*

"Item: *Joham Lobeira, escudeiro, homem darmas, acostado do alcayde moor que ffoy do castello desta lyal cidade, capitão dos beesteiros que fforam a Ssam domingos. — Dizia a cota: — Foi cativo dhos castellãos: dado em reendiçom e a boõ rrequado na pryssom Dalcaçova.*

"Item: *Bertholameu Chambão, peom, tanoeiro, cabeça da beesteria do concelho, deputado pera ffazer vilta e affronta a ssua rreal ssenhoria ha muy excellente e muy vertuosa de gramdes vertudes, rrainha dona llyanor. — Rezava a ementa: — Morto dhuua lançada aa porta dho fferro.*

"Item: *Ayras Gil, petintal, capitão dos rreveis, gualiotes, arraizes e pesquadores Dalfama. — Dizia a cota: — Ffogido com os castellãos.*

"Item: *Fr. Roy, dalcunha Zambrana, biguino, ffolliom, jograll de sseu officio, bevedo, assoalhador de pallavras e dictos devedados, scuita dhos rreveis. — Notava a ementa: — Enssandeçeu na pryssom ao lleer da sentença.*

Pobre Frei Roy! Vendo-se condenado à morte, desesperado, revelara o que tinha sido na sedição — um espia de Leonor Teles. A cota da ementa fora tudo o que tirara das suas revelações. O corregedor, homem agudo, como o melhor mestre em leis ou em degredos, deduzira das suas palavras que o beguino endoudecera, Frei Roy trocara as ideias. Tinha sido espia, mas dos sediciosos.

Levantado o cerco de Lisboa, o corregedor da Corte fora o primeiro presente que a nova rainha enviara à cidade. Àquele perspicaz e diligente magistrado poucos dias tinham bastado para preparar um sarau digno dela, uma sentença de morte. A prova da sua perspicácia e diligência estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real. Numa execução noturna não havia a recear tumultos populares, e a brevidade que a rainha lhe recomendara neste negócio lhe fazia crer que não seria desagradável a sua real senhoria a imediata execução dos réus.

Quando acabou a leitura, el-rei tirou da bolsa que trazia no cinto o selo de camafeu e, sem dizer palavra, entregou-o ao corregedor. Este pegou na tocha de Nuno Álvares, deixou cair alguns pingos de cera no fundo do pergaminho, sentou-lhe em cima um fragmento de papel que tirara da ementa e cravou neste o selo. As armas de el-rei ficaram aí estampadas. O corregedor fizera isto com a prontidão e asseio com que o mais hábil algoz enforcaria o seu próximo.

Depois o honesto magistrado entregou o selo a el-rei, cujo tremor nervoso se renovara durante a fatal cerimónia. Ao

pegar-lhe, o pobre monarca deixou-o cair no chão. O selo foi rolando e parou aos pés de D. Leonor Teles. Ela empalideceu. Porquê? Talvez se lhe figurou uma cabeça humana que rolava diante dela.

O corregedor fez uma profunda vénia e perguntou em voz sumida à rainha:

— Quando, senhora?

No mesmo tom, D. Leonor respondeu:

— Já.

O destro e ativo corregedor tinha dado no vinte. O "já" da rainha seria mais "já" do que ela própria pensava.

O corregedor saiu.

A um aceno de D. Leonor, o donzel meteu a tocha no anel de ferro embebido na parede de onde a tinha tirado e encaminhou-se para junto da porta. Ali ficou de braços cruzados, olhos no chão, e imóvel como estátua. Desde este dia, o formoso donzel odiou do fundo da alma a sua muito nobre senhora, aquela que lhe cingira a espada. O generoso

Nuno Álvares conhecera que debaixo desse rosto suave se escondia um instinto de besta-fera.

Os dois fidalgos continuaram a passear de um para outro lado, conversando em voz baixa, e como alheios à cena que ali se passava.

El-rei tomara a primeira postura em que estava, com o cotovelo firmado no braço da cadeira, e a cabeça encostada no punho; mas os seus olhos, revolvendo-se-lhe nas órbitas, incertos e espantados, exprimiam a dolorosa alienação daquela alma tímida, atormentada por mil afetos opostos.

Ouvia-se apenas o cicio dos dois que conversavam. E, por largo espaço, aquele murmúrio e o respirar alto e convulso de D. Fernando foram o único ruído que interrompeu o silêncio do vasto aposento.

El-rei, com a mão esquerda pendente sobre os joelhos, deixava-se ir ao som das ideias tenebrosas que lhe ofuscavam o espírito e que, protraídas, o levariam bem próximo das raias de completa loucura. A imagem de Leonor Teles aparecia-lhe como composto monstruoso de vulto de anjo e de olhar de demónio. Um amor infinito

arrastava-o para essa imagem; o horror afastava-o dela. Via-a como um simulacro das virgens que, na infância, imaginava, ao ouvir ler ao bom do seu aio Airas Gomes as lendas dos mártires; mas logo pensava ouvi-la dar risada infernal, passando por cima das ruínas da cidade deserta. O patíbulo e os delírios amorosos; o cheiro do sangue e o hálito dos banquetes, misturavam-se-lhe no senso íntimo: e o pobre monarca, nos seus desvarios, perdera a consciência do lugar, da hora e da situação em que se achava naquele terrível momento.

Mas um beijo ardente, dado nessa mão que tinha estendida, e lágrimas ainda mais ardentes, que a regavam, foram como faísca elétrica, revocando-o à razão e à realidade da vida.

A comoção indizível e misteriosa que sentira fez-lhe abaixar os olhos: a rainha estava aos seus pés; era ela quem lhe cobria a mão de beijos e lha regava de lágrimas.

D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela levantou o rosto celeste orvalhado de lágrimas; era, de facto, a imagem de uma das mártires que ele via no seu imaginar de infância. D. Leonor ergueu as mãos suplicantes, com um

gesto de profunda angústia: então, era mais formosa que elas.

— Ah! — murmurou el-rei —, porque é o teu coração implacável, ou porque te amei eu tanto?!

— Desgraçada de mim! — acudiu D. Leonor entre soluços. 0 O teu amor era como o íris do céu: era a minha paz, a minha alegria, a minha esperança; mas desvaneceu-se e passou; a vida de Leonor Teles desvanecer-se-á e passará com ele!

— É porque sabes que esse amor não pode perecer; que esse amor é como um fado escrito lá em cima — interrompeu D. Fernando —, que tu me fazes tingir as mãos de sangue, para satisfazer as tuas cruéis vinganças: é porque sabes que esgoto sempre o cálix das ignomínias quando as tuas mãos mo apresentam, que me sacias de desonra. Terás, acaso, algum dia piedade daquele que fizeste teu servo, e que não pode esquivar-se a ser tua vítima?

— Aí, quanto és injusto, Fernando, e quão mal me conheces! — exclamou Leonor Teles, limpando as lágrimas.

— Foi a tua dignidade real, e a tua justiça, o teu nome que eu quis salvar da tua própria brandura. Aos mesquinhos que me ofenderam perdoei de todo o coração; mas tu, que eras rei e juiz, não o podias fazer.

Se o nome do teu virtuoso pai ainda hoje lembra a todos com veneração e amor, é porque teu pai foi implacável contra os criminosos, e aquilo em que pões a desonra e a ignomínia é a coroa de glória imortal que cera o seu nome. Se as minhas palavras te constrangeram a escolher entre a confirmação dessa fatal sentença e a deslealdade e a blasfémia, que não cabem em coração e lábios de cavaleiro, foi por te salvar de ti mesmo. Se crês que nisto fui culpada, diz-me só "Leonor, já te não amo!", e eu ficarei punida; porque nessas palavras estará escrita a minha sentença de morte! Possas tu depois perdoar-me e proferir sobre a campa da pobre Leonor uma expressão de piedade!

As lágrimas e os soluços parecia não a deixarem prosseguir. Reclinou a cabeça sobre os joelhos de el-rei, apertando-lhe a mão entre as suas com um movimento convulso.

Formosa, querida, humilhada aos seus pés, como resistiria o pobre monarca? Unindo a face àquela cara divina, só lhe disse: "Oh, Leonor, Leonor!", e as suas lágrimas misturavam-se com as dela.

Durante esta luta da dor e da hipocrisia, em que como sempre acontece, a última triunfava, o conde de Barcelos e D. Gonçalo Teles tinham-se encostado à janela fatal que dava para o rio e que, também, dominava grande porção do arrabalde ocidental da cidade. O espetáculo da noite era de melancólica magnificência.

A Lua caminhava nos céus limpos de nuvens, e pela face da terra nem suspirava uma aragem. A claridade do luar refrangia-se nas águas, mas esmorecia batendo na povoação, na qual não achava, além dos antigos muros, uma parede branqueada, uma pedra alva, onde espelhar-se, ou um sussurro de festa acorde com as suas harmonias. O incêndio e o ferro tinham passado por lá, e Lisboa era um caos de ruínas, um cemitério sem lápides. Apenas, no extremo do seu, dantes, mais rico e povoado arrabalde, amarelejava, polido pelo tempo, o gótico Mosteiro de S. Francisco, junto da sua irmã mais velha, a Igreja dos

Mártires. No vale que ficava no meio a luz de cima embebia-se inutilmente na povoação que jazia extinta. A bela Lua de Maio, tão fagueira para esta cidade querida, assemelhava-se à leoa que, voltando ao antro, acha o seu cachorrinho morto. A pobre fera ameiga-o como se fosse vivo, e vendo-o quieto, indiferente e frio, não crê, e vai e volta muitas vezes, renovando os seus inúteis afagos. Lisboa era um cadáver, e a Lua passava e sorria-lhe ainda!

Mas, no meio daquele chão irregular, negro, calado, viam-se, aqui e acolá, luzinhas que se agitavam de um para outro lado, ao que parecia, sem rumo certo. Era que os frades de S. Francisco e de S. Domingos faziam procurar por entre os entulhos as relíquias dos mortos, para lhes darem sepultura cristã. Neste piedoso trabalho, que seguiam sem descontinuar havia muito tempo, eram acompanhados por alguns do povo, que, para se esforçarem, cantavam uma cantiga pia, cujas coplas, bem que interrompidas, vinham, com triste som, bater de vez em quando nos ouvidos dos dois cavaleiros. Rezavam as coplas:

"De amigos e inimigos,

Que aí são deitados,

Levemos os ossos

Ao chão dos finados.

Ave Maria!

Santa Maria!

Madre gloriosa,

Dessa alta ventura

Demovei os olhos

À nossa tristura.

Ave Maria!

Santa Maria!

Ao bento Jesus,

E ao padre eternal

Pedi que perdoe

A quem morreu mal.

Ave Maria!

Santa Maria!"

Esta longínqua toada perdeu-se no som de outra bem diversa, que se levantou mais perto dos dois cavaleiros. Uma voz esganiçada dava o seguinte pregão:

— ... Justiça que manda fazer el-rei em Fernão Vasques, João Lobeira e Frei Roy: que morram na forca, sendo ao primeiro as mãos decepadas em vida.

Os cavaleiros abaixaram os olhos para o lugar de onde subira a voz: era no terreiro próximo: os três padecentes e o algoz, cercados de alguns besteiros, aproximavam-se do cadafalso: vários vultos negros fechavam o préstito: daquela pinha partira a voz do pregoeiro.

Este pregão, dado a horas mortas e numa praça deserta, parecia um escárnio. Mas o corregedor da Corte era afamado jurisconsulto, e nós temos ouvido a alguns que na

execução das leis as formas são tudo. Assim piamente o cremos.

Duas tinham-se, porém, esquecido: os desgraçados morriam, como aqueles que o salteador assassina na estrada, pela alta noite, e sem um sacerdote que os consolasse na extrema agonia.

O algoz empurrou brutalmente um dos padecentes para uma espécie de marco escuro que estava ao pé do patíbulo. Daí a nada, os cavaleiros viram reluzir duas vezes um ferro: ouviram sucessivamente dois golpes, dados como em vão, seguindo-se a cada um deles um grito de terrível angústia.

O conde de Barcelos quis rir-se, mas a risada gelou-se-lhe na garganta, e, como Gonçalo Teles, recuou involuntariamente.

O grito que restrugira chegara aos ouvidos de el-rei.

— Que bradar de homem que matam é este? — perguntou ele.

— Justiça da sua senhoria que se executa — respondeu o conde, que neste momento retrocedia da janela.

— Oh, desgraçados!, tão breve! — disse el-rei, passando a mão pela cara, de onde manava o suor da aflição e do terror. Olhando então para Leonor Teles, acrescentou:

— Até à derradeira mealha estão pagas vossas arras, rainha de Portugal! Que mais pretendeis de mim?

E deixou pender a cabeça sobre o peito.

D. Leonor não respondeu.

D. Gonçalo Teles aproximou-se então da cadeira de D. Fernando e curvou um joelho em terra.

El-rei levantou os olhos e perguntou-lhe:

— Que me quereis?

— Senhor — respondeu o honrado e nobre cavaleiro —, se a vossa senhoria consentisse neste momento em ouvir a súplica de um dos seus mais leais vassalos! ... — Falai — replicou D. Fernando.

— João de Lobeira acaba de receber o prémio da sua traição — prosseguiu D. Gonçalo. — O desleal escudeiro possuía avultados bens, que ficam pertencendo à coroa real. Por vossa muita piedade, podeis fazer mercê deles ao

seu filho Vasco de Lobeira; mas o pobre rapaz enlouqueceu há tempos! Tresleu com livros de cavalarias, e tão varrido está que não fala em al, senão num que anda imaginando e a que pós o nome Amadis. Para um mesquinho parvo e sandeu pouco basta, e a vossa real senhoria bem sabe que a minha escassa quantia mal chega...

— Calai-vos, calai-vos; que isso é negro e vil — bradou el-rei, redobrando-lhe o horror que tinha pintado no rosto. — Deixai ao menos que a sua alma chegue perante o trono de Deus!

— Apenas cinquenta maravedis! — murmurou D. Gonçalo, erguendo-se, e abaixando os olhos, aflito com a lembrança da sua extrema pobreza.

Seis de Junho da era de César de 1411 (1373), num dos andares da torre do castelo, o veador da chancelaria, Álvaro Pires, passeando de um para outro lado, ditava a um jovem, vestido de garnacha preta, o qual tinha diante de si tinteiro, penas e folhas avulsas de pergaminho, a seguinte nota:

Item. Pera se spreuer a ffolhas cento e vinte-oyto do llivro prymeyro da Cançelaria Delrrey nosso senhor: — Doaçom dos bees de rraiz e moviis de Joham Lobeira, confisquado e morto por treedor contra ho serviço de ssua real senhoria, ao muy nobre D. Gonçalo Tellez, per ho muyto divedo que cõ elrrey ha, e polos muytos serviços que del tee reeçebido e ao deante espera de rreçeber.

E o povo? ... Oh, este, sim! Nitrava-se agradecido e bom no meio de tantas infâmias e crimes.

Os populares que, na manhã imediata àquela horrível noite dos fins de Maio, passavam pelo terreiro maldito onde pendiam da forca os três cadáveres, abanavam a cabeça e seguindo avante, diziam:

"Boa e prestes foi a justiça de el-rei nos traidores. Alcácer pela sua senhoria."

D. Fernando guardou até à Primavera de 73 a vingança contra os populares de Lisboa e de outras terras que no ano de 71 se tinham amotinado por causa do seu casamento. Vê-se isto dos documentos registados na sua chancelaria e citados por Frei Manuel dos Santos. Quem

atentamente tiver estudado o caráter atroz e dissimulado de Leonor Teles, tão bem pintado por Fernão Lopes, e os fatos que provam a sua influência sem limites no ânimo daquele príncipe, não poderá esquivar-se a veementes suspeitas sobre os motivos que, num romance, nós danos como reais, porque aí é lícito fazê-lo, da, aliás inexplicável, inação com que D. Fernando não quis opor-se à vinda de el-rei de Castela sobre Lisboa, vinda que reduziu os seus moradores aos mais espantosos apuros e que converteu a cidade, por assim dizer, num montão de ruínas. Daqueles documentos resulta que, depois de tirada toda a força aos habitantes de Lisboa pela guerra de Castela, em que se viram quase sós e abandonados, el-rei viera, sobre as ruínas da maior e melhor parte dela, satisfazer os ódios de D. Leonor; porque, levantando o cerco em Março de 73, achamos el-rei em Lisboa (aonde não volta desde a sua fuga no Outono de 71) durante alguns dias de Maio, e em Santarém e outros lugares nos meses seguintes, fazendo mercês dos bens dos cidadãos mortos, decepados ou fugidos, do que se pode concluir que então foram executados ou banidos, não sendo de crer que a cobiça cortesã tivesse esperado muitos dias sem prear estes

sanguinolentos despojos. O casamento de Leonor Teles e as consequências dele são o primeiro acto do drama terrível, da Ilíada scelerum da sua vida política. Foi este primeiro acto que nós procuramos dispor na tela do romance histórico. Todo o drama daria, nessa forma da arte, uma terrível "crónica". Desde esta conjuntura até ser arrastada em ferros para Castela, por aqueles mesmos que chamara a assolar o seu país, a Lucrécia Bórgia portuguesa é, na história dessa época, uma espécie de fantasma diabólico, que aparece onde quer que haja um feito de traições, de sangue ou de atrocidade.

O CASTELO DE FARIA

(ANO DE 1373)

A breve distância da vila de Barcelos, nas faldas do Franqueira, alveja ao longe um convento de Franciscanos. Aprazível é o sítio, sombreado de velhas árvores. Sentem-se ali o murmurar das águas e a bafagem suave do vento, harmonia da natureza, que quebra o silêncio daquela solidão, a qual, para nos servirmos de uma expressão de Fr. Bernardo de Brito, com a saudade dos seus horizontes parece encaminhar e chamar o espírito à contemplação das coisas celestes.

O monte que se ergue ao pé do humilde convento é formoso, mas áspero e severo, como quase todos os montes do Minho. Da sua coroa descobre-se ao longe o mar, semelhante a mancha azul entornada na face da terra. O espectador colocado no cimo daquela eminência volta-se para um e outro lado, e as povoações e os rios, os prados e as fragas, os soutos e os pinhais apresentam-lhe o

panorama variadíssimo que se descobre de qualquer ponto elevado da província de Entre-Douro-e-Minho.

Este monte, ora ermo, silencioso e esquecido, já se viu regado de sangue: já sobre ele se ouviram gritos de combatentes, ânsias de moribundos, estridor de habitações incendiadas, sibilar de setas e estrondo de máquinas de guerra. Claros sinais de que ali viveram homens: porque é com estas balizas que eles costumam deixar assinalados os sítios que escolheram para habitar na terra.

O castelo de Faria, com as suas torres e ameias, com a sua barbacã e fosso, com os seus postigos e alçapões ferrados, campeou aí como dominador dos vales vizinhos. Castelo real da Idade Média, a sua origem some-se nas trevas dos tempos que já lá vão há muito: mas a febre lenta que costuma devorar os gigantes de mármore e de granito, o tempo, coou-lhe pelos membros, e o antigo alcácer das eras dos reis de Leão desmoronou-se e caiu. Ainda no século dezassete parte da sua ossada estava dispersa por aquelas encostas: no século seguinte já nenhuns vestígios dele restavam, segundo o testemunho de um historiador nosso. Um eremitério, fundado pelo célebre Egas Moniz,

era o único eco do passado que aí restava. Na ermida servia de altar uma pedra trazida de Ceuta pelo primeiro Duque de Bragança, D. Afonso. Era esta lájea a mesa em que costumava comer Salat-ibn-Salat, último senhor de Ceuta. D. Afonso, que seguira seu pai D. João I na conquista daquela cidade, trouxe esta pedra entre os despojos que lhe pertenceram, levando-a consigo para a vila de Barcelos, cujo conde era. De mesa de banquetes mouriscos converteu-se essa pedra em ara do cristianismo. Se ainda existe, quem sabe qual será o seu futuro destino?

Serviram os fragmentos do castelo de Faria para se construir o convento edificado ao sopé do monte. Assim se converteram em dormitórios as salas de armas, as ameias das torres em bordas de sepulturas, os umbrais das balhesteiras e postigos em janelas claustrais. O ruído dos combates calou no alto do monte, e nas faldas dele levantaram-se a harmonia dos salmos e o sussurro das orações.

Este antigo castelo tinha recordações de glória. Os nossos maiores, porém, curavam mais de praticar façanhas do que de conservar os monumentos delas. Deixaram, por

isso, sem remorsos, sumir nas paredes de um claustro pedras que foram testemunhas de um dos mais heroicos feitos de corações portugueses.

Reinava entre nós D. Fernando. Este príncipe, que tanto degenerava dos seus antepassados em valor e prudência, fora obrigado a fazer paz com os castelhanos, depois de uma guerra infeliz, intentada sem justificados motivos, e em que se esgotaram inteiramente os tesouros do Estado. A condição principal, com que se pôs termo a esta luta desastrosa, foi que D. Fernando casasse com a filha de el-rei de Castela: mas, brevemente, a guerra se acendeu de novo; porque D. Fernando, namorado de D. Leonor Teles, sem lhe importar o contrato de que dependia o repouso dos seus vassalos, a recebeu por mulher, com afronta da princesa castelhana. Resolveu-se o pai a tomar vingança da injúria, ao que o aconselhavam ainda outros motivos. Entrou em Portugal com um exército e, recusando D. Fernando aceitar-lhe batalha, veio sobre Lisboa e cercou-a. Não sendo o nosso propósito narrar os sucessos deste sítio, volveremos o fio do discurso para o que sucedeu no Minho.

O Adiantado de Galiza, Pedro Rodriguez Sarmento, entrou pela província de Entre-Douro-e-Minho com um grosso corpo de gente de pé e de cavalo, enquanto a maior parte do pequeno exército português trabalhava inutilmente ou por defender ou por descercar Lisboa. Prendendo, matando e saqueando, veio o Adiantado até as imediações de Barcelos, sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porém, saiu-lhe ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Ceia e tio de el-rei D. Fernando, com a gente que pôde juntar. Foi terrível o conflito; mas, por fim, foram desbaratados os portugueses, caindo alguns nas mãos dos adversários.

Entre os prisioneiros contava-se o alcaide-mor do castelo de Faria, Nuno Gonçalves. Saíra este com alguns soldados para socorrer o conde de Ceia, vindo, assim, a ser companheiro na comum desgraça. Cativo, o valoroso alcaide pensava em como salvaria o castelo de el-rei seu senhor das mãos dos inimigos. Governava-o na sua ausência, um seu filho, e era de crer que, vendo o pai em ferros, de bom grado desse a fortaleza para o libertar, muito mais quando os meios de defensão escasseavam.

Estas considerações sugeriram um ardil a Nuno Gonçalves. Pediu ao Adiantado que o mandasse conduzir ao pé dos muros do castelo, porque ele, com as suas exortações, faria com que o filho o entregasse, sem derramamento de sangue.

Um troço de besteiros e de homens de armas subiu a encosta do monte da Franqueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Gonçalves. O Adiantado de Galiza seguia atrás com o grosso da hoste, e a costaneira ou ala direita, capitaneada por João Rodrigues de Viedma, estendia-se, rodeando os muros pelo outro lado. O exército vitorioso ia tomar posse do castelo de Faria, que lhe prometera dar nas mãos o seu cativo alcaide.

De roda da barbacã alvejavam as casinhas da pequena povoação de Faria: mas silenciosas e ermas. Os seus habitantes, apenas enxergaram ao longe as bandeiras castelhanas, que esvoaçavam soltas ao vento, e viram o refulgir cintilante das armas inimigas, abandonando os seus lares, foram acolher-se no terreiro que se estendia entre os muros negros do castelo e a cerca exterior ou barbacã.

Nas torres, os atalaias vigiavam atentamente a campanha, e os almocadens corriam com a rolda(*) pelas quadrelas do muro e subiam aos cubelos colocados nos ângulos das muralhas.

[(*) Roldas e sobrerroldas eram os soldados e oficiais encarregados de rondarem os postos e atalaias.]

O terreiro onde se tinham acolhido os habitantes da povoação estava coberto de choupanas colmadas, nas quais se abrigava a turba dos velhos, das mulheres e das crianças, que ali se julgavam seguros da violência de inimigos desapiedados.

Quando o troço dos homens de armas que levavam preso Nuno Gonçalves vinha já a pouca distância da barbacã, os besteiros que coroavam as ameias encurvaram as bestas, e os homens dos engenhos prepararam-se para arrojar sobre os contrários as suas quadrelas e virotões, enquanto o clamor e o choro levantavam-se no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado.

Um arauto saiu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacã, todas as bestas se inclinaram para o chão, e o ranger das máquinas converteu-se num silêncio profundo.

— "Moço alcaide, jovem alcaide! — bradou o arauto — teu pai, cativo do muito nobre Pedro Rodriguez Sarmento, Adiantado de Galiza pelo muito excelente e temido D. Henrique de Castela, deseja falar contigo, de fora do teu castelo."

Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro e, chegando à barbacã, disse ao arauto — "A Virgem proteja meu pai: dizei-lhe que eu o espero."

O arauto voltou ao grosso de soldados que rodeavam Nuno Gonçalves, e depois de breve demora, o tropel aproximou-se da barbacã. Chegados ao pé dela, o velho guerreiro saiu dentre os seus guardadores, e falou com o filho:

"Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é esse castelo, que, segundo o regimento de guerra, entreguei à tua guarda

quando vim em socorro e ajuda do esforçado conde de Ceia?"

— "É — respondeu Gonçalo Nunes — do nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por ele fizeste preito e menagem." — "Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castelo a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruínas dele?"

— "Sei, oh meu pai! — prosseguiu Gonçalo Nunes em voz baixa, para não ser ouvido dos castelhanos, que começavam a murmurar. — Mas não vês que a tua morte é certa, se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistência?"

Nuno Gonçalves, como se não tivera ouvido as reflexões do filho, clamou então: — "Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castelo de Faria! Maldito por mim, sepultado sejas tu no inferno, como Judas o traidor, na hora em que os que me cercam entrarem nesse castelo, sem tropeçarem no teu cadáver."

— "Morra! — gritou o almocadem castelhano — morra o que nos atraiçoou." — E Nuno Gonçalves caiu no chão atravessado de muitas espadas e lanças.

— "Defende-te, alcaide!" — foram as últimas palavras que ele murmurou.

Gonçalo Nunes corria como louco ao redor da barbacã, clamando vingança. Uma nuvem de frechas partiu do alto dos muros; grande porção dos assassinos de Nuno Gonçalves misturaram o próprio sangue com o sangue do homem leal ao seu juramento.

Os castelhanos acometeram o castelo; no primeiro dia de combate o terreiro da barbacã ficou alastrado de cadáveres tisnados e de colmos e ramos reduzidos a cinzas. Um soldado de Pedro Rodriguez Sarmento tinha sacudido com a ponta da sua longa chuça um colmeiro incendiado para dentro da cerca; o vento suão soprava nesse dia com violência, e em breve os habitantes da povoação, que tinham buscado o amparo do castelo, pereceram juntamente com as suas frágeis moradas.

Mas Gonçalo Nunes lembrava-se da maldição do seu pai: lembrava-se de que o vira moribundo no meio dos seus matadores, e ouvia a todos os momentos o último grito do bom Nuno Gonçalves — "Defende-te, alcaide!"

O orgulhoso Sarmento viu a sua soberba abatida diante dos torvos muros do castelo de Faria. O jovem alcaide defendia-se como um leão, e o exército castelhano foi constrangido a levantar o cerco.

Gonçalo Nunes, acabada a guerra, era altamente louvado pelo seu honroso procedimento e pelas façanhas que obrara na defensão da fortaleza cuja guarda lhe fora encomendada pelo seu pai no último trance da vida. Mas a lembrança do horrível sucesso estava sempre presente no espírito do jovem alcaide. Pedindo a el-rei o desonerasse do cargo que tão bem desempenhara, foi depor ao pé dos altares a cervilheira e o saio de cavaleiro, para se cobrir com as vestes pacíficas do sacerdócio. Ministro do santuário, era com lágrimas e preces que ele podia pagar ao seu pai o ter coberto de perpétua glória o nome dos alcaides de Faria.

Mas esta glória, não há hoje ai uma única pedra que a ateste. As relações dos historiadores foram mais duradouras que o mármore.

A ABÓBADA

(ANO DE 1401)

CAPÍTULO I

O CEGO

O dia 6 de Janeiro do ano da Redenção 1401 tinha amanhecido puro e sem nuvens. Os campos, cobertos aqui de relva, acolá de searas, que cresciam a olhos vistos com o calor benéfico do Sol, verdejavam ao longe, ricos de futuro para o pegureiro e para o lavrador. Era um destes formosíssimos dias de Inverno mais gratos que os do Estio, porque são de esperança, e a esperança vale mais do que a realidade; destes dias, que Deus só concedeu aos países do Ocidente, em que os raios do Sol, que começa a subir na eclíptica, estirando-se vívidos e trémulos por cima da terra enegrecida pela humidade, e errando por entre os troncos pardos dos arvoredos despidos pelas geadas, se assemelham a um bando de crianças, no primeiro viço da vida, a festejar e a rolar-se por cima da campa, sobre a qual há muito sussurrou o último ai da saudade, e que invadiram

os musgos e abrolhos do esquecimento. Era um destes dias antipáticos aos poetas ossiânico-regelo-nevoentos, que querem fazer-nos aceitar como coisa muito poética

Esses gelos do Norte, esses brilhantes

*Caramelos dos topes das montanhas; s*em se lembrarem de que

Do sol do Meio-Dia aos raios vívidos,

Parvos! — se lhes derretem: a brancura

Perdem coa nitidez, e se convertem

*De lúcidos cristais em água chilre; d*estes dias, enfim, em que a Natureza sorri como a furto, rasgando o denso véu da estação das tempestades.

No adro do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, vulgarmente chamado da Batalha, fervia o povo, entrando para a nova igreja, que de muito pouco tempo servia para as solenidades religiosas. Os frades dominicanos, a quem el-rei D. João I tinha doado esse magnífico mosteiro, cantavam a missa do dia debaixo daquelas altas abóbadas,

onde repercutiam os sons do órgão e os ecos das vozes do celebrante, que entoava os quíries.

Mas não era para ouvir a missa conventual que o povo se escoava pelo profundo portal do templo para dentro do recinto sonoro daquela maravilhosa fábrica; era para assistir ao auto da adoração dos reis, que com grande pompa se havia de celebrar nessa tarde dentro da igreja e diante do rico presépio que os frades tinham levantado junto do arco da Capela do Fundador, então apenas começada. A concorrência era grande, porque os habitantes da Canoeira, de Aljubarrota, de Porto de Mós e dos mais lugares vizinhos, desejosos de ver tão curioso espetáculo, tinham deixado desertas as povoações para vir povoar por algumas horas o ermo do mosteiro. Aprazível coisa era o ver, descendo dos outeiros para o vale por sendas torcidas, aquelas multidões, vestidas de cores alegres e semelhantes, no seu complexo, a serpentes imensas, que, transpondo as assomadas, se rolassem pelas encostas abaixo, refletindo ao longe as cores variegadas da pele luzidia e lúbrica. Atravessando a pequena planície onde avultava o mosteiro, passava o rio Lena, cuja corrente

tinham tornado caudal as chuvas da primeira metade da estação invernosa.

No campo contíguo ao edifício, aqui e acolá, levantavam-se casarias irregulares, algumas fechadas com as suas portas, outras apenas cobertas de madeira e abertas para todos os lados, à maneira de simples telheiros. As casas fechadas e reparadas contra as injúrias do tempo eram as moradas dos mestres e artífices que trabalhavam no edifício: debaixo dos telheiros viam-se nuns pedras só desbastadas, noutros algumas onde se começavam a divisar lavores, noutros, enfim, pedaços de cantaria, em que os mais hábeis escultores e entalhadores já tinham estampado os primores dos seus delicados cinzéis. Mas o que punha espanto era a inumerável porção de pedras, lavradas, polidas e prontas para serem colocadas nos seus lugares, que jaziam espalhadas pelo terreiro que, ao redor do edifício, se alargava por todos os lados: mainéis rendados, peças dos fustes, capitéis góticos, laçarias de bandeiras, cordões de arcadas, aí estavam tombados sobre grossas zorras ou ainda no chão, endurecido pelo contínuo perpassar de trabalhadores, oficiais e mais obreiros desta

maravilhosa fábrica. Quem de longe olhasse para aquele extenso campo, alastrado de tantos primores de escultura, julgara ver o sento de uma cidade antiquíssima, arrasada pela mão dos homens ou dos séculos, de que só restava em pé um monumento, o mosteiro. E todavia, esses que pareciam restos de uma antiga Balbek não eram senão algumas pedras que faltavam para o acabamento de um convento de frades dominicanos, o Convento de Santa Maria da Vitória, vulgarmente chamado a Batalha!

Um quadrante de pedra, sentado num canto do adro, apontava meio-dia. A igreja tinha sorvido dentro do seu seio desmesurado os habitantes das próximas povoações, e de todo o ruído e algazarra que poucas horas antes soava por aqueles contornos, apenas traspassavam pelas frestas e portas do templo os sons do órgão, soltando a espaços as suas melodias, que sussurravam e morriam ao longe, suaves como pensamento do Céu.

Não estava, porém, inteiramente ermo o terreiro da frontaria do edifício. Assentado sobre um troço de fuste, com os pés ao sol e o resto do corpo resguardado dos seus ardentes raios pela sombra de um telheiro, a qual se

começava a prolongar para o lado do oriente, via-se um velho, venerável de aspeto, que parecia embrenhado em profundas meditações. Pendia-lhe sobre o peito uma comprida barba branca: tinha na cabeça uma touca foteada, um gibão escuro vestido, e sobre ele uma capa curta ao modo antigo. A luz dos olhos tinha-lha de todo apagado a velhice; mas as suas feições revelavam que dentro daqueles membros trémulos e enrugados morava um ânimo rico de alto imaginar. As faces do velho eram fundas, as maçãs do rosto elevadas, a cara espaçosa e curva e o perfil do rosto quase perpendicular. Tinha a testa enrugada, como quem vivera vida de contínuo pensar, e, correndo com a mão os lavores da pedra sobre que estava sentado, ora carregando o sobrolho, ora deslizando as rugas da cara, repreendia ou aprovava com eloquência muda os primores ou as imperfeições do artífice que copiara à ponta de cinzel aquela página do imenso livro de pedra a que os espíritos vulgares chamam simplesmente o Mosteiro da Batalha.

Enquanto o velho pensava sozinho e palpava o canto, subtilmente lavrado, sobre que repousava os membros

entorpecidos, à portaria do mosteiro, que perto dali ficava, outras figuras e outra cena se viam. Dois frades estavam em pé no limiar da porta e altercavam em voz alta: de vez em quando, pondo-se nos bicos dos pés e estendendo os pescoços, parecia quererem descobrir no horizonte, que as cumeadas dos montes fechavam, algum objeto; depois de assim olharem um pedaço, encolhiam os pescoços e, voltando-se um para o outro, travavam de novo renhida disputa, que levava seus visos de não acabar.

— Oh homem! — dizia um dos dois frades, a quem a tez macilenta e as barbas e cabelos grisalhos davam certo ar de autoridade sobre o outro, que mostrava nas faces coradas e cheias e na cor negra da barba povoada e revolta mais vigor de juventude. — Já disse a vossa reverência que el-rei me escreveu, do seu próprio punho, que viria assistir ao auto da adoração dos reis e, de caminho, veria a Casa do Capítulo, a que ontem mestre Ouguet mandou tirar os simples que sustentavam a abóbada.

— E nego eu isso? — replicou o outro frade. — O que digo é que me parece impossível que el-rei venha, de facto, conforme a vossa paternidade prometeu na sua carta. Há

muito que lá vai o meio-dia: daqui a pouco tocará a vésperas, e às duas por três é noite. Não vedes, padre-mestre, a que horas virá a acabar o auto? E este povo, este devoto povo que aí está, que aí vem, há de ir com o escuro por esses descampados e serras, com mulheres, com raparigas...

— Tá, tá — interrompeu o prior. — Temos luar agora, e vão de consum. O caso não é esse, padre-procurador, o caso é se está tudo aviado para agasalharmos el-rei e os da sua companha.

— Oh lá, quanto a isso, nada falta. Desde ontem que tenho tido tanto descanso como hoste ou cavalgada de castelhanos diante das lanças do Condestável; o pior é que, segundo me parece, e dizei o que quiserdes, opus et oleum perdidi(*).

[(*) «Perdi o azeite e o trabalho», expressão proverbial.]

— Não falta quem tarda: el-rei não quebrará a palavra ao seu antigo confessor. O que quero é que todos os noviços e

coristas que têm de fazer suas representações no auto estejam a ponto e vestidos, para ele começar logo que a sua senhoria chegue.

— Nada receeis, que tudo está preparado; do que duvido é de que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar.

O frade mais velho fez, a estas palavras, um gesto de impaciência e, sem dar resposta ao seu pirrónico interlocutor, estendeu outra vez o gasnate para o lado da estrada, fazendo com a extremidade do hábito uma espécie de sobrecéu para resguardar os olhos dos raios do Sol, que, já muito inclinado para o ocidente, batia de chapa no portal onde os dois reverendos estavam altercando.

Porém, meio descoroçoado, o dominicano logo abaixou os olhos: nem o mínimo vulto se enxergava no horizonte; e neste abaixar de olhos viu o cego, que estava ainda sentado sobre o fuste da coluna.

Para escapar, talvez, às reflexões do seu confrade, o reverendo bradou ao velho:

— Oh lá, mestre Afonso Domingues, bem aproveitais o soalheiro! Não vos quero eu mal por isso; que um bom sol

de Inverno vale, na idade grave, mais que todos os remédios de longa vida que nos seus alforges trazem por aí os físicos.

Dizendo e fazendo, o reverendo desceu os degraus do portal e encaminhou-se para o cego.

— Quem é que me fala? — perguntou este, alçando a cabeça.

— Frei Lourenço Lampreia, vosso amigo e servidor, honrado mestre Afonso. Tão esquecida anda já minha voz nas vossas orelhas, que me não conheceis pela toada?

— Perdoai-me, muito devoto padre-prior — atalhou o velho, tenteando com os pés o chão para erguer-se, no momento em que Frei Lourenço Lampreia chegava junto dele, seguido do seu confrade Frei Joane, procurador do mosteiro. — Perdoai-me! Foi-se o ver, vai-se o ouvir. Em distância, já não acerto a distinguir as falas.

— Estai quieto; estai quieto, mestre Afonso — disse Frei Lourenço, segurando o cego pelo braço. — O indigno prior do Mosteiro da Vitória não consentirá que o muito sabedor arquiteto e imaginador Afonso Domingues, o criador da

oitava maravilha do Mundo, o que traçou este edifício, doado pelo virtuoso de grandes virtudes rei D. João à nossa Ordem, se levante para estar em pé diante do pobre frade...

— Mas esse religioso — interrompeu o cego — é o mais abalizado teólogo de Portugal, o amigo do muito excelente doutor João das Regras e do grande Nuno Álvares, e privado e confessor de el-rei; Afonso Domingues é apenas uma sombra de homem, um troço de capitel partido e abandonado no pó das encruzilhadas, um velho tonto, de quem já ninguém faz caso. se a vossa caridade e humildosa condição vos movem a doer-vos de mim e a lembrar-vos de que fui vivo, não achareis nisso muitos da vossa igualha.

— De merencório humor estais hoje — disse o prior, sorrindo. — Não só eu vos amo e venero: el-rei me fala sempre de vós nas suas cartas. Não sois cavaleiro da sua casa? E a avultada tença que vos concedeu em paga da obra que traçastes e dirigistes, enquanto Deus vos concedeu vista, não prova que não foi ingrato?

— Cavaleiro!? — bradou o velho. — Com sangue comprei essa honra! Comigo trago a escritura. — Aqui, mestre Afonso, puxando com a mão trémula as atacas do gibão,

abriu-o e mostrou duas largas cicatrizes no peito. — Em Aljubarrota foi escrito o documento à ponta de lança por mão castelhana: a essa mão devo meu foro, que não ao Mestre de Avis. Já lá vão quinze anos! Então ainda estes olhos viam claro, e ainda para este braço a acha de armas era brinco. El-rei não foi ingrato, dizeis vós, venerável prior, porque me concedeu uma tença!? Que a guarde no seu tesouro; porque ainda às portas dos mosteiros e dos castelos dos nobres se reparte pão por cegos e por aleijados.

Proferindo estas palavras, o velho não pôde continuar: a voz tinha-lhe ficado presa na garganta, e dos olhos embaciados caíam-lhe pelas faces encovadas duas lágrimas como punhos. A Frei Lourenço também se arrasaram os olhos de água. Frei Joane, esse olhou fito para o cego durante algum tempo, com o olhar vago de quem não o compreendia. Depois, a ideia da tardança de el-rei e da tardança do auto, que, entrando pelas horas de cear e dormir, iria fazer uma brecha horrorosa na disciplina monástica, veio despertá-lo como espinho pungente. Começou a bufar e a bater o pé, semelhante ao corredor

brioso do Livro de Job e da Eneida. Entretanto, o arquiteto havia-se posto em pé: um pensamento profundamente doloroso parecia reverberar-lhe pela cara nobre e turbada, e houve um momento de silêncio. Por fim, segurando com força a manga do hábito de Frei Lourenço, disse-lhe:

— Sois letrado, reverendo padre: deveis ter visto algum traslado da Divina Comédia do florentino Dante.

— Li já, e mais de uma vez — respondeu o prior. — É obra-prima, daquelas a que os Gregos chamavam epos, id est, enarratio et actio, segundo Aristóteles; e se não houvesse nessa escritura algumas ousadias contra o papa...

— Pois sabei, reverendo padre — prosseguiu o arquiteto, atalhando o ímpeto erudito do prior —, que este mosteiro que se ergue diante de nós era a minha Divina Comédia, o cântico da minha alma: concebi-o eu; viveu comigo largos anos, em sonhos e em vigília: cada coluna, cada mainel, cada fresta, cada arco, era uma página de canção imensa; mas canção que cumpria se escrevesse em mármore, porque só o mármore era digno dela. Os milhares de favores que tracei no meu desenho eram milhares de versos; e porque ceguei arrancaram-me das mãos o livro, e

nas páginas em branco mandaram escrever um estrangeiro! Loucos! Se os olhos corporais estavam mortos, não o estavam os do espírito. O estranho a quem deram meu cargo não me entendia, e ainda hoje estes dedos descobriram nessa pedra que o meu alento não a bafejara. Que direito tinha o Mestre de Avis para sulcar com um golpe do seu montante a face de um arcanjo que eu criara? Que direito tinha para me espremer o coração debaixo dos seus sapatos de ferro? Dava lho o ouro que tem despendido? O ouro!... Não! O Mestre de Avis sabe que o ouro é vil; só é nobre e puro o génio do homem. Enganaram no: vassalos houve em Portugal que enganaram seu rei! Este edifício era meu; porque o gerei; porque o alimentei com a substância da minha alma; porque necessitava de me converter todo nestas pedras, pouco a pouco, e de deixar, morrendo, o meu nome a sussurrar perpetuamente por essas colunas e por baixo dessas arcarias. E roubaram me o filho da minha imaginação, dando me uma tença!... Com uma tença paga se a glória e a imortalidade? Agradeço vos, senhor rei, a mercê!... Sois em verdade generoso... mas o nome de mestre Ouguet enredar se á no meu ou, talvez, sumirá este no brilho da sua fama mentida...

O cego tremia de todos os membros: a veemência com que falara exaurira lhe as forças: os joelhos vergaram lhe, e sentou se outra vez em cima do fuste. Os dois frades estavam em pé diante dele.

— Estais muito perturbado pela paixão, mestre Afonso — disse Frei Lourenço, depois de larga pausa —, por isso menoscabais mestre Ouguet, que era, talvez, o único homem que aí havia capaz de vos substituir. Quanto a vós, pensaram os do conselho de el rei que deviam propor lhe vos desse repouso e honrado sustentamento para os cansados dias. Ninguém teve em mente ofender o mais sabedor e experto arquiteto de Portugal, cuja memória será eterna e nunca ofuscada.

— Obrigado — atalhou o velho — aos conselheiros de el rei pelos bons desejos que no meu prol têm. São políticos, almas de lodo, que não compreendem senão proveitos materiais. Dão me o repouso do corpo e assassinam me o da alma! Acerca de mestre Ouguet, não serei eu quem negue suas boas manhas e ciência de edificar: mas que ponha ele por obra suas traças, e deixem me a mim dar vulto às minhas. E mais: para entender o pensamento do

Mosteiro de Santa Maria da Vitória, cumpre ser português; cumpre ter vivido com a revolução que pôs no trono o Mestre de Avis; ter tumultuado com o povo em frente dos paços da adúltera (*D. Leonor Teles, mulher de el rei D. Fernando*); ter lutado nos muros de Lisboa; ter vencido em Aljubarrota. Não é este edifício obra de reis, ainda que por um rei me fosse encomendado seu desenho e edificação, mas nacional, mas popular, mas da gente portuguesa, que disse: não seremos servos do estrangeiro e que provou seu dito. Mestre Ouguet, escolar na sociedade dos irmãos obreiros(*), trabalhou nas sés de Inglaterra, de França e de Alemanha, e aí subiu ao grau de mestre; mas a sua alma não é aquecida à luz do amor da pátria; nem, que o fosse, é para ele pátria esta terra portuguesa.

[(*) Arquitetos sarracenos que se espalharam pela Grécia, Itália, Sicília e outros países, durante certo tempo: um avultado número de artífices cristãos, principalmente gregos, juntaram-se com eles e formaram todos uma corporação, que tinha as suas leis e estatutos secretos, e cujos membros se reconheciam por sinais. Essa foi a origem da Maçonaria.]

Por engenho e mãos de portugueses devia ser concebido e executado, até seu final remate, o monumento da glória dos nossos; e eis aí que ele chamou de longes terras oficiais estranhos, e os naturais lá foram mandados adornar de primorosos lavores a igreja de Guimarães. Sei que não seriam nem eles nem eu quem pusesse esse remate; mas nós deixaríamos sucessores que conservassem puras as tradições da arte. Perder se á tudo; e, porventura, tempo virá em que, nesta obra dos séculos, não haja mãos vigorosas que prossigam os lavores que mãos cansadas não puderam levar a cabo. Então o livro de pedra, o meu cântico de vitória, ficará truncado. Mas Afonso Domingues tem uma pensão de el rei...

Em uma das casas que ficavam mais próximas, daquelas de que fizemos menção no princípio deste capítulo, ergueu se a adufa de uma janela no momento em que o cego proferia as últimas palavras, e uma velha, em cuja cabeça alvejava uma toalha muito branca, gritou da janela:

— Mestre Afonso, quereis recolher-vos? Está pronta a ceia, e começa a cair a orvalhada, que a tarde vai nevoenta.

— Vamos lá, vamos lá, Ana Margarida; vinde guiar-me.

E Ana Margarida, ama de mestre Afonso Domingues, saiu da porta com a roca ainda na cinta, e o fuso espetado entre o linho e o ourelo que o apertava. Chegando ao pé do velho, tocou-lhe com o braço, em que ele se firmou, tornando a erguer-se.

— Boas tardes, padre-prior — disse a ama, fazendo sua mesura, seguida de um lamber de dedos e de dois puxões nas barbas da estriga quase fiada.

— Vá na graça do Senhor, filha — respondeu Frei Lourenço, e acrescentou, dirigindo-se ao cego:

— Meu irmão, Deus aceita só ao homem, em desconto da grande dívida, a dor calada e sofrida. Resignai-vos na sua divina vontade.

— Na dele estou eu resignado há muito: na dos homens é que nunca me resignarei.

E Ana Margarida, que tinha a ceia ainda no lume, foi puxando o cego para a porta de casa.

— Ai, Afonso Domingues, Afonso Domingues! Vai-se-te após a vista o siso. Aborrecida coisa é a velhice. Não vos parece, Frei Joane?

Isto dizia o prior, voltando-se para o outro frade, que supunha estaria atrás dele; mas Frei Joane tinha desaparecido dali manso e manso. Alongando os olhos ao redor de si, Frei Lourenço viu-o em pé sobre uma pedra a alguma distância.

O prior ia a perguntar-lhe o que fazia ali, quando o reverendo procurador saltou a correr, bradando:

— Ganhastes, padre-prior; ganhastes!... Eis el-rei que chega.

E, com efeito, Frei Lourenço, volvendo os olhos para o cimo de um outeiro, viu uma lustrosa companhia de cavaleiros, que, com grande açodamento, descia para o vale do mosteiro.

CAPÍTULO II

MESTRE OUGUET

Uma das inumeráveis questões que, no nosso entender, eternamente ficarão por decidir, é a que versa sobre qual dos dois ditados Voz do povo é voz de Deus ou Voz do povo é voz do Diabo seja o que exprima a verdade. É indubitável que o povo tem uma espécie de presciência inata, de instinto divinatório. Quantas vezes, sem que se saiba como ou porquê, corre voz entre o povo que tal navio saído do porto, tão rico de mercadorias como de esperanças, se perdeu em tal dia e a tal hora em praias estranhas. Passa o tempo, e a voz popular realiza-se com exação espantosa. Assim de batalhas; assim de mil factos. Quem dá estas notícias? Quem as trouxe? Como se derramaram? Mistério é esse que ainda ninguém soube explicar. Foi um anjo? Foi um demónio? Foi algum feiticeiro? Mistério. Não há, nem haverá, talvez, nunca, filósofo que o explique; salvo se tal

fenómeno é uma das maravilhas do magnetismo animal. Esse meio ininteligível de dar solução a tudo o que se não entende é acaso a única via de resolver a dúvida. Se o é, os sábios explicarão o que nesse momento ocorria na Igreja de Santa Maria da Vitória.

Foi o caso: quando a cavalgada de que fizemos menção no fim do antecedente capítulo vinha descendo a encosta sobranceira à planície do mosteiro, entre o povo que estava dentro da igreja, impaciente já pela demora do auto, começou-se a espalhar um sussurro, que cada vez crescia mais. O motivo dele, não era fácil sabê-lo: nenhuma novidade ocorrera; ninguém tinha entrado ou saído. De repente, toda aquela multidão se agitou, remoinhou pela igreja e começou a borbulhar pelo portal fora, como por bico de funil o líquido deitado de alto. Tinham sabido que el-rei chegava, e todos queriam vê-lo descavalgar, porque D. João I, plebeu por herança materna, nobre por ser filho de D. Pedro, rei eleito por uma revolução e confirmado por cinquenta vitórias, era o mais popular, o mais amado e o mais acatado de todos os reis da Europa. Vinha montado numa possante mula, e, assim mesmo, em outras os

fidalgos e cavaleiros da sua casa. Trazia vestida sobre o brial uma jórnea de veludo carmesim, monteira preta, e nebri em punho, em maneira de caçada. Chegando à porta do mosteiro, onde o esperava já Frei Lourenço com parte da comunidade, apeou-se de um salto e, com rosto risonho e a mão no barrete, agradeceu sua cortesia e aquelas mostras de amor aos populares, que gritavam, apinhados à roda dele: «Viva D. João I de Portugal; morram os Castelhanos!», grito absurdo, mas semelhante aos vivas de todos os tempos; porque o povo, bem como o tigre, mistura sempre com o rugido de amor o bramido que revela a sua índole sanguinária.

Por baixo daquelas soberbas arcadas desapareceu brevemente el-rei da vista da multidão, que voltou a sumir-se no templo para ver o auto, que não podia tardar.

— Muito receoso estava de que a vossa real senhoria nos não honrasse nosso auto; porque o Sol não tarda a sumir-se no poente — dizia Frei Lourenço a el-rei, a cujo lado ia para o guiar ao seu aposento.

— Bofé, muito devoto padre-prior, que, por pouco, estive a ponto de ter que levar aos vossos pés mais uma mentira,

com os outros pecados, que me não falecem, se amanhã me quisesse confessar ao meu antigo confessor — disse-lhe el-rei, sorrindo-se.

— E certo estou de que, entre todos os pecados de que teríeis de vos acusar, este não fora o menos grave, e de que eu a muito custo absolveria vossa mercê — retrucou o prior, que tinha aprendido ainda mais depressa as manhas cortesãs no paço, do que a teologia no noviciado da sua Ordem.

— Mas, para onde me guiais, reverendíssimo prior? — disse el-rei, parando antes de subir uma escada, para a qual Frei Lourenço o encaminhava.

— Ao vosso aposento, real senhor; porque tomeis alguma refeição e repouseis um pouco do trabalho do caminho.

— Não foi grande o feito, para tomar repouso — acudiu el-rei —, que de Santarém aqui é uma corrida de cavalo; muito mais para quem, em vez de cota de malha, arnês e braçais, traz vestidos de seda. Despi-los-ei bem depressa, já que el-rei de Castela quer jogar mais lançadas, e não vieram a conclusão de tréguas o Mestre de Santiago com o

Condestável. Mas vamos, meu doutíssimo padre; mostrai-me a Casa do Capítulo, a que mestre Ouguet acabou de pôr seu fecho e remate. Onde está ele? Quero agradecer-lhe a boa diligência.

— Beijo-vos as mãos pela mercê — disse mestre Ouguet, que, sabendo da chegada de el-rei, e certo de que ele desejaria ver aquela grande obra, tinha corrido ao mosteiro, e estava entre os da comitiva. — Se quereis ver a Casa do Capítulo, vamos para o lado da crasta.

Dizendo isto, sem cerimónia tomou a dianteira e encaminhou-se ao longo de um dos cobertos do claustro.

David Ouguet era um irlandês, homem mediano em quase tudo; em idade, em estatura, em capacidade e em gordura, salvo na barriga, cujos tegumentos tinham sofrido grande distensão em consequência da dura vida que a tirania do filho de Erin lhe fazia padecer havia bem vinte anos. Desde muito novo que começara a produzir grande impressão no seu espírito a invetiva do apóstolo contra os escravos do próprio ventre, e, para evitar essa condenável fraqueza, resolvera trazê-lo sempre sopeado. Não lhe dava tréguas; se em Inglaterra o fizera muitos anos vergar sob o peso de

dez atmosferas de cerveja, em Portugal submetia-o ao mais fadigoso trabalho de canjirão permanente. Mortificava-o assim, para que não lhe acudissem soberbas e veleidades de senhorio e dominação. De resto, David Ouguet era bom homem, excelente homem: não fazia aos seus semelhantes senão o mal absolutamente indispensável ao próprio interesse; nunca matara ninguém, e pagava com pontualidade exemplar ao alfaiate e ao merceeiro. Prudente, positivo, e prático do mundo, não o havia mais: seria capaz de se empoleirar sobre o cadáver do seu pai para tocar a meta de qualquer desígnio ambicioso. Com três lições de frases ocas, dava pano para se engenharem dele dois grandes homens de estado. Tendo vindo a Portugal como um dos cavaleiros do duque de Lencastre, procurou obter e alcançou a proteção da rainha D. Filipa, que, havendo Afonso Domingues cegado, o fez nomear mestre das obras do Mosteiro da Batalha, mostrando ele por documentos autênticos ter na sua juventude subido ao grau de mestre na sociedade secreta dos obreiros edificadores.

Esta é, em breve resumo, a história de David Ouguet, tirada de uma velha crónica, que, em tempos antigos, esteve em Alcobaça encadernada num volume juntamente com os traslados autênticos das Cortes de Lamego, do Juramento de Afonso Henriques sobre a aparição de Cristo, da Carta de feudo a Claraval, das Histórias de Laimundo e Beroso, e mais alguns papéis de igual veracidade e importância que, por pirraça às nossas glórias, provavelmente os Castelhanos nos levaram durante a dominação dos Filipes.

O lanço da crasta, em frente ao coberto por onde ia el-rei, estava ainda por acabar. Apenas D. João I entrou naquele magnífico recinto, olhou para lá e, voltando-se para mestre Ouguet, disse:

— Parece-me que não vão tão aprimorados os lavores daquelas arcarias como os destas. Que me dizeis, mestre Ouguet?

— Seguiu-se à risca nesta parte — disse o arquiteto — o desenho geral do edifício, feito por mestre Afonso Domingues; porque seria grave erro destruir a harmonia desta peça: mas se a vossa mercê mo permite, antes de

entrardes no Capítulo tenho alguma coisa que vos dizer acerca do que ides presenciar.

— Falai desassombradamente — respondeu el-rei —, que eu vos escuto.

— Tomei a ousadia — prosseguiu mestre Ouguet — de seguir outro desenho no fechar da imensa abóbada que cobre o Capítulo. O que achei na planta geral contrastava as regras da arte que aprendi com os melhores mestres de pedraria. Era, até, impossível que se fizesse uma abóbada tão achatada, como na primitiva traça se delineou: eu, pelo menos, assim o julgo.

— E consultastes o arquiteto Afonso Domingues, antes de fazer essa mudança no que ele havia traçado? — interrompeu el-rei.

— Por escusado o tive — replicou David Ouguet. — Cego, e por isso inabilitado para levar a cabo a edificação, porfiaria que o seu desenho se pode executar, visto que hoje ninguém o obriga a prová-lo por obras. Sobra-lhe orgulho: orgulho de imaginador engenhoso. Mas que vale isso sem a ciência, como dizia o venerável mestre Vilhelmo

de Wykeham? Menos engenho e mais estudo, eis do que precisamos.

Dizendo isto, o arquiteto metera ambas as mãos no cinto, estendera a perna direita excessivamente empertigada e, com a cara ereta, volvera os olhos solene e lentamente para os homens presentes.

— Mestre Ouguet — acudiu el-rei, com aspeto severo —, lembrai-vos de que Afonso Domingues é o maior arquiteto português. Não entendo das vossas distinções de ciência e de engenho: sei só que o desenho de Santa Maria da Vitória causa assombro aos vossos próprios naturais, que se gabam de ter no seu país os mais afamados edifícios do Mundo: e esse mestre Afonso, de quem vós falais com pouco respeito, foi o primeiro arquiteto da obra que ao vosso cargo está hoje.

— Vossa mercê me perdoe — disse o mestre Ouguet, adocicando o tom orgulhoso com que falara. — Longe de mim menoscabar mestre Domingues: ninguém o venera mais do que eu; mas queria dar a razão do que fiz, seguindo as regras do muito excelente mestre Vilhelmo de Wykeham,

a quem devo o pouco que sei, e cuja obra da Catedral de Winchestria tamanho ruído tem feito no Mundo.

Com este diálogo chegou aquela comitiva ao portal que dava para a Casa do Capítulo. Frei Lourenço Lampreia, como dono da casa, correu o ferrolho com certo ar de autoridade, e encostado ao umbral cortejou a el-rei no momento de entrar e aos mais fidalgos e cavaleiros que o acompanhavam. Mestre Ouguet, como pessoa também principalíssima naquele lugar, colocou-se junto do umbral fronteiro, repetindo com aspeto sobranceiro-risonho as mesuras do muito devoto padre-prior.

Quando el-rei entrou dentro daquela espantosa casa, apenas através da grande janela que a ilumina entrava uma luz frouxa, porque o Sol estava no fim da sua carreira, e o teto profundo mal se divisava sem se afirmar muito a vista. Mestre Ouguet ficara à porta, mas Frei Lourenço tinha entrado.

— Reverendo prior — disse el-rei, voltando-se para Frei Lourenço —, vim tarde para gozar desta maravilhosa vista: vamos ao auto da adoração, e amanhã voltaremos aqui a horas de sol.

E seguiu para o lada da sacristia, cuja porta lhe foi abrir o prior.

Mestre Ouguet entrou na Casa do Capítulo, quando já os últimos cavaleiros do séquito real iam saindo pelo lado oposto, caminho da igreja. Com as mãos metidas no cinto de couro preto que trazia, e o passo mesurado, o arquiteto caminhou até o meio daquela desconforme quadra. O som dos passos dos cavaleiros tinha-se desvanecido, e mestre Ouguet dizia consigo, olhando para a porta por onde eles tinham passado:

— Pobres ignorantes! Que seria o vosso Portugal sem estrangeiros, senão um país sáfaro e inculto? Sois vós, homens brigosos, capazes dos primores das artes ou, sequer, de entendê-los?... Lá vão, lá vão os frades celebrar um auto! Não serei eu que assista a ele: eu que vi os mistérios de Covêntria e de Widkirk! Miseráveis selvagens, antes de tentardes representar mistérios, fora melhor que mandásseis vir alguns irmãos da Sociedade dos Escrivães de Paróquia de Londres(*), que vos ensinassem os verdadeiros mornos, ademanes e trejeitos usados em semelhantes autos.

[(*) Pelas crónicas de Stow vê-se que, no princípio do século XV, os mistérios eram representados em Londres pelos escrivães da paróquia, incorporados na sociedade por Henrique III, em 1409.]

Mestre Ouguet estava embebido neste mudo solilóquio em louvor da nação que lhe dava de comer, e, o que deveria pesar-lhe ainda mais na consciência, da nação que lhe dava de beber, quando, erguendo casualmente os olhos para a maciça abóbada que sobre ele se arqueava, fez um gesto de indizível horror e, como doido, correu a bom correr pela crasta solitária, apertando a cabeça entre as mãos, e gritando a espaços:

— Oh, mal-aventurado de mim!

CAPÍTULO III

O AUTO

Junto a uma das colunas da Igreja de Santa Maria da Vitória estava levantado um estrado, sobre o qual se via uma grande e maciça cadeira de espaldas, feita de castanho e lavrada de curiosos bestiães e lavores. Era este o lugar onde el-rei devia assistir ao auto da adoração dos reis. No mesmo estrado havia vários sentos rasos, para neles se sentarem os fidalgos e cavaleiros que o acompanhavam. em frente do estrado e colocado ao pé do arco da Capela do Fundador, corria para um e outro lado da parede um devoto presépio, meio erguido do chão e representando serranias agrestes, ao sopé das quais estava armada uma espécie de choça, onde, sobre a tradicional manjedoura, se via reclinado o Menino Jesus e, de joelhos junto dele, a Virgem e S. José, acompanhados de vários anjos, em acto de adoração. Diante da cabana e no mesmo

nível, corria um largo e grosseiro cadafalso de muitas tábuas, para o qual, por um dos lados, davam serventia duas grossas e compridas pranchas de pinho, por onde deviam subir as personagens do auto.

Tanto que el-rei saiu da porta do cruzeiro que dá para a sacristia, encaminhou-se pela igreja abaixo e veio sentar-se na cadeira de espaldas, conduzido por Frei Lourenço, que, com todos os modos de homem cortesão, ofereceu os sentos rasos aos restantes cavaleiros e fidalgos.

Pela mesma porta da sacristia saíram logo as primeiras figuras do auto, as quais, descendo ao longo da nave, subiram ao cadafalso pelas pranchas de que fizemos menção.

Estas primeiras figuras eram seis, formando uma espécie de prólogo ao auto. Três que vinham adiante representavam a Fé, a Esperança e a Caridade; após elas, vinham a Idolatria, o Diabo e a Soberba; todas com as suas insígnias muito expressivas e a ponto; mas o que enlevava os olhos da grande multidão dos espectadores era o Diabo, vestido de peles de cabra, com um rabo que lhe arrastava

pelo tablado e o seu forcado na mão, muito vistoso e bem-posto.

Feitas as vénias a el-rei, a Idolatria começou seu arrazoado contra a Fé, queixando-se de que ela a pretendia esbulhar da antiga posse em que estava de receber cultos de todo o género humano, ao que a Fé acudia com dizer que, ab initio, estava apontado o dia em que o império dos ídolos devia acabar, e que ela Fé não era culpada de ter chegado tão asinha esse dia. Então o Diabo vinha, lamentando-se de que a Esperança começasse de entrar nos corações dos homens; que ele Diabo tinha jus antiquíssimo de desesperar toda a gente; que se dava ao demo por ver as perrarias que a Esperança lhe fazia; e, com isto, careteava, com tais momos e trejeitos, que o povo ria a rebentar, o mais devotamente que era possível. Ainda que o Diabo fizesse de truão da festa, nem por isso a sua contendora, a Esperança, dava descargo de si com menos compostura do que a tão honrada virtude cumpria, dizendo que ela obedecia ao Senhor de todas as coisas, e que este, vendo e considerando os grandes desvairos que pelo mundo iam, e como os homens se arremessavam

desacordadamente no Inferno, a mandara para lhes apontar o direito caminho do Céu; e por aqui seguia com razões muito devotas e discretas, que moveriam a devotíssimas lágrimas os ouvintes, se a devoto riso os não movesse o Diabo com os seus trejeitos e esgares, como, com bastante agudeza, reflete o autor da antiga crónica de que fielmente vamos transcrevendo esta verídica história. A Soberba, que estava impando, ouvidas as razões da Esperança, travou dela muito rijo e, com voz torvada e rosto aceso, começou de bradar que esta dona era sandia, porque entendera enganar os homens com vaidades de incertos futuros e sustentá-los com fumo; que pretendia, contra toda a ordem de boa razão, que a gente vil tivesse igual quinhão no Céu com os senhores e cavaleiros, o que era descomunal ousadia e fora da geral opinião e direito, indo por aqui discursando com remoques muito orgulhosos, como a Soberba que era. Não sofreu, porém, o ânimo da Caridade tão descomposto razoar da sua figadal inimiga, e lho atalhou com tomar a mão naquele ponto e notar que os filhos de Adão eram todos uns aos olhos do Todo-Poderoso; que a Soberba inventara as vãs distinções entre os homens, e que à vida eternal mais amorosamente eram os pequenos

e humildosos chamados, do que os potentes, o que provou claramente à sua contrária com bastos textos das santas escrituras, de que a Soberba ficou muito corrida, por não ter contra tão grande autoridade resposta cabal. E acabado o dizer da Caridade, um anjo subiu ao cadafalso, para dar sua sentença, que foi mandar recolher ao abismo a Idolatria, o Diabo e a Soberba, e anunciar às três virtudes que as ia elevar ao Céu, onde reinariam em glória perdurável. Então o Diabo, fazendo horribilíssimos biocos, pegou pela mão às suas companheiras e fugiu pela igreja fora, com grandes apupos e doestos dos espectadores. Guiando as três virtudes, o anjo (por uma daquelas liberdades cénicas que ainda hoje se admitem, quando, nas vistas de marinha, o ator que vem embarcado desce dois ou três degraus das ondas de papelão para a terra de soalho), em vez de subir ao Céu, como anunciara, desceu pelas pranchas que davam para o pavimento da igreja, e, caminhando ao longo da nave, se recolheu à sacristia, acompanhado da Fé, Esperança e Caridade, tão vitoriadas pelos espectadores, como apupados tinham sido o Diabo e as suas infernais companheiras.

Ainda bem não eram recolhidas estas figuras, quando, pela mesma porta do cruzeiro, saíram os três reis magos, ricamente vestidos ao antigo, com roupas talares de fina tela, mantos reais, e coroas na cabeça. Adiante vinha Baltasar, homem já velho, mas bem-disposto da sua pessoa, com aspeto grave e autorizado e com umas barbas, posto que brancas, bem povoadas; logo após ele, vinha o rei Belchior, e a este seguia-se Gaspar. Traziam todos suas bocetas, em que eram guardados os preciosos dons que ao recém-nascido vinham de longes terras ofertar. Subindo ao cadafalso, disseram como uma estrela os guiara até Jerusalém e como desta cidade, depois de muito trabalhado e duvidoso caminho, tinham acertado em vir a Belém e, com grande alegria, encontravam aí o presepe, para fazer seu ofertório, o que, em verdade, era coisa muito piedosa de ouvir. O rei Baltasar, como mais velho e sisudo, foi o primeiro que ajoelhou junto do presepe e, com voz muito entoada e depondo diante o Menino os seus presentes, disse:

Santo filho de David,

Divinal

Salvador da triste raça

Humanal,

Que descestes lá do sento

Celestial,

Vós da glória imperador

Eternal,

Aceitai este ofertório

Não real,

Pobre si. É quanto posso:

Não hei al.

O que fora compridoiro

De auto tal

Bem o sei. Andei más vias, pelo meu mal;

Que dez dias chorei tendas

De arraial

Nas soidões fundas de Arabia: muito fatal.

Os meus camelos há tisnado

Sol mortal;

E um, de vento do deserto,

Vendaval.

O presente que aí vedes

Pouco val;

É somente algum incenso

Oriental;

Que o tesouro que eu trazia, muito cabal

Soterrou-mo a tempestade

No areal.

E com isto, o venerável rei Baltasar, depois de fazer sua oração em voz baixa, ergueu-se, e o rei Belchior, ajoelhando e depondo a urna que trazia nas mãos perante o presepe, disse:

Vindo sou lá do Cataio

A adorar-vos, alto infante,

Redentor:

Não me pôs na alma desmaio

Ser de terra tão distante

Rei, senhor!

É bem torva a minha face:

Minhas mãos tingidas são

De negrura;

Mas na terra onde o Sol nasce

Mais se cobre o coração

De tristura;

Porque o torpe Mafamede

A sua crença muito sandia

Mandou lá,

E não há quem dela arrede

Essa gente, que aperfia

Em ser má.

Real tronco de Jessé, muito fermoso, se eu pudera,

Vos levara,

E, convosco, à vossa fé

Os incréus eu convertera,

E os salvara.

Ora quero ver se peito

São José, que é vosso padre...

Um sussurro, que começara no momento em que o rei preto ajoelhou e que mal deixara ouvir a precedente loa (obra muito prima de certo leigo, afamado jogral daquele tempo), cresceu neste momento a tal ponto, que o corista que fazia o papel de Belchior não pôde continuar, com grande dissabor do poeta, que via murchar a coroa de louros que neste auto esperava obter. O povo agitava-se, e do meio dele saíam gritos descompostos, que aumentavam o tumulto. El-rei tinha-se erguido, e juntamente os restantes cavaleiros e fidalgos: todos indagavam a origem do motim; mas não havia acertar com ela. Enfim, um homem, rompendo por entre a multidão, sem touca na

cabeça, cabelos desgrenhados, boca torcida e coberta de escuma, olhos esgazeados, saltou para dentro da teia, que fazia um claro em roda do tablado. Apenas se viu dentro daquele recinto, ficou imóvel, com os braços estendidos para o teto, as palmas das mãos voltadas para cima, e a cabeça encolhida entre os ombros, como quem, cheio de horror, via sobre si desabar aquelas altíssimas e maciças arcarias.

— Mestre Ouguet! — exclamou el-rei espantado.

— Mestre Ouguet! — gritou Frei Lourenço, com todos os sinais de assombro.

— Mestre Ouguet! — repetiram os cavaleiros e fidalgos, para também dizerem alguma coisa.

— Quem fala aqui no meu nome? — rosnou David Ouguet, com voz comprimida e sepulcral. — Malvados! Querem assassinar-me?! Querem arrojar sobre mim esse montão de pedras, como se eu fora um cão judeu, que merecesse ser apedrejado?! Oh meu Deus, salvai a minha alma! — E depois de breve silêncio, em que pareceu tomar fôlego: — Não vos chegueis aí! — bradou ele. — Não vedes essas

fendas, profundas como o caminho do Inferno? São escuras: mas, através delas, lá enxergo eu o luar! Vós não, porque vossos olhos estão cegos... porque o vosso bom nome não se escoa por lá!... Cegos?... Não vós!... mas ele! Ele é que se ri na sua orgulhosa soberba! Vede como escancara aquela boca hedionda; como revolve, debaixo das pálpebras cobertas de vermelhidão, aqueles olhos embaciados!... Maldito velho, foge diante de mim!... Maldito, maldito!... Curvada já no centro... senti-a escaliçar e ranger... Estavas tu sentado em cima dela? Feiticeiro!... Anda, que eu bem ouço as tuas gargalhadas!... Não há um raio que te confunda?... Não!

Dizendo isto, mestre Ouguet cobriu a cara com as mãos e ficou outra vez imóvel.

El-rei, os cavaleiros, os padres mais dignos que estavam de roda do estrado real, os reis magos, os populares, todos olhavam pasmados para o arquiteto, que assim interrompera a solenidade do auto. Silêncio profundo sucedera ao ruído que a aparição daquele homem desvairado excitara. Milhares de olhos estavam fitos nesse vulto, que semelhava uma larva de condenado saída das

profundezas para turbar a festa religiosa. Por mais de um cérebro passou este pensamento; em mais de uma cabeça os cabelos se eriçaram de horror; mas, dos que conheciam mestre Ouguet, nenhum duvidou de que fosse ele em corpo e alma. Que proveito tiraria o demónio de tomar a figura do arquiteto para fazer uma das suas irreverentes diabruras? Só uma suposição havia que não era inteiramente desarrazoada: David Ouguet podia estar possesso, em consequência de algum grave pecado; pecado que, talvez, tivesse omitido na última confissão, que fizera na véspera de Natal. Isto era possível e, até, natural; que não vivia ele a mais justificada vida. Supor que endoidecera parecia grande despropósito; porque nenhum motivo havia para tal lhe acontecer, quando merecera os gabos de el-rei e de todos, por ter levado a cabo a grandiosa obra que lhe estava encomendada. Estes e outros raciocínios, hoje ridículos, mas, segundo as ideias daquela época, bem fundados e correntes, fazia o reverendo padre-procurador Frei Joane, que tinha vindo assistir ao auto e estava em pé atrás do estrado, perto de Frei Lourenço Lampreia. Revolvendo tais pensamentos, no meio daquele silêncio ansioso em que todos estavam, não pôde ter-se que, pé

ante pé, se não chegasse ao prior e lhos comunicasse em voz baixa, ao ouvido.

— Não vou fora disso — respondeu o prior, que, enquanto o outro frade lhe falara, estivera dando à cabeça, em sinal de aprovação. — O olhar espantado, o escumar, o estorcer os membros e o falar não sei de que feiticeiro, tudo me induz a crer que o demónio se chantou naquele miserável corpo, como vós aventais. Se assim é, pouco juízo mostrou desta vez o diabo em vir com os seus esgares e tropelias atalhar o muito devoto auto da adoração. Examinemos se assim é, e eu vos darei bem castigado.

Dizendo isto, Frei Lourenço chegou-se a el-rei e disse-lhe o que quer que fosse. Ele escutou-o atentamente e, tanto que o prior acabou, sentou-se outra vez na sua cadeira de espaldas e fez sinal com a mão aos fidalgos e cavaleiros para que também se sentassem.

Frei Lourenço, acompanhado mais alguns frades, subiu pela igreja acima e entrou na sacristia. Todos ficaram esperando, silenciosos e imóveis como mestre Ouguet, o desfecho desta cena, que se encaixava no meio das cenas do auto.

Tinham passado obra de três credos, quando, saindo outra vez da porta da sacristia, Frei Lourenço voltou pela igreja abaixo, revestido com as vestes sacerdotais, chegou à teia, abriu-a e encaminhou-se para mestre Ouguet. Depois, olhando de roda e fazendo um aceno de autoridade, disse:

— Ajoelhai, cristãos, e orai ao Padre Eterno por este nosso irmão, tomado de espírito imundo.

A estas palavras, rei, cavaleiros, frades, povo, tudo se pôs de joelhos. E ouvia-se ao longo das naves o sussurro das orações.

Só mestre Ouguet ficou sem se bulir, com o rosto metido entre as mãos.

O prior lançou a estola à roda do pescoço do possesso e queria atar os três nós do ritual; mas o paciente deu um estremeção e, tirando as mãos da cara, fez um gesto de horror e gritou:

— Frade abominável, também tu és conluiado com o cego?

— Não há dúvida! — disse por entre os dentes o prior. — Mestre Ouguet está endemoninhado.

Tirando então da manga um pergaminho, em que estavam escritas várias coisas de doutrina, pô-lo sobre a cabeça do mestre, fazendo sobre ele três vezes o sinal-da-cruz.

David Ouguet soltou então uma destas risadas nervosas que horrorizam e que tão frequentes são, quando o padecimento moral sobrepuja as forças da natureza.

— Cão tinhoso — bradou Frei Lourenço —, espírito das trevas, enganador, maldito, luxurioso, insipiente, ébrio, serpe, víbora, vil e refece demónio; enfim, castelhano(*). Em nome do Criador e senhor de todas as coisas, te mando que repitas o credo ou saias deste miserável corpo.

[(*) O inquisidor Sprenger, no livro intitulado Malleus Malleficarum, recomenda aos exorcistas que, antes de tudo, descomponham e injuriem quanto puderem os possessos, advertindo que não são propriamente estes que recebem as afrontas, mas sim o Diabo que têm no corpo. A conveniência de tais doestos é que para o Demónio, pai da Soberba, não pode haver maior pirraça do que ser descomposto na sua cara, sem que ele se possa desagravar. Veja-se o livro citado, edição de Lião de 1604 — Tomo 2.0, pág. 83. Assim, o prior devia

guardar para o fim daquele rol de injúrias a que, no ardor do fanatismo político da época, se reputava a máxima afronta.]

Mestre Ouguet ficou imóvel e calado.

— Não cedes?! — prosseguiu o prior. — Recorrerei ao sétimo, ao mais terrível exorcismo. Veremos se poderás ao teu salvo escarnecer das criaturas feitas à imagem e semelhança de Deus.

Depois de várias cerimónias e orações, Frei Lourenço chegou-se ao pobre irlandês e começou a repetir o conjuro, fazendo-lhe uma cruz sobre a testa, a cada uma das seguintes palavras, que proferia lentamente:

— Hel — Heloym — Heloa — Sabaoth — Helyon — Esereheye — Adonay — Iehova — Ya — Thetagrammaton — Saday — Messias — Hagios — Ischiros — Otheos — Athanatos — Sother — Emanuel — Agla...

— Jesus! — bradou a uma voz toda a gente que estava na igreja.

— Diabo! — gritou mestre Ouguet; e caiu no chão como morto.

E houve um momento de angústia e terror, em que todos os corações deixaram de bater, e em que todos os olhos, braços e pernas ficaram fixos, como se fossem de bronze.

Um ruído, semelhante ao de cem bombardas que se tivessem disparado dentro do mosteiro e que soara do lado da sacristia, tinha arrancado aquele grito de mil bocas e convertido em estátuas essa multidão de povo.

Há situações tão violentas que, se durassem, a morte se lhes seguiria em breve; mas a providente Natureza parece restaurar com dobrada energia o vigor físico e espiritual do homem depois destes abalos espantosos. Então, melhor que nunca, ele sente em si que, posto que despenhado, não perdeu a sublimidade da sua origem divina. A reação segue a ação; e quanto mais tímido o indivíduo se mostrou, mais viva é a consciência da própria força, que, depois disso, renasce com o destemor e ousadia.

Foi o que sucedeu a D. João I, aos cavaleiros do seu séquito e ao povo que estava na Igreja de Santa Maria, passado aquele instante de sobrenatural pavor. A terribilidade da cerimónia que Frei Lourenço executava, o ruído inesperado que rompera o exorcismo, o grito

blasfemo do arquiteto, no momento de cair por terra, o lugar, a hora, eram coisas que, reunidas, fariam pedir confissão a uma grande manada de enciclopedistas e que, por isso, não é de admirar fizessem impressão vivíssima em homens de um século, não só crente, mas também supersticioso. Todavia, o ânimo indomável do Mestre de Avis brevemente fez cobrar alento a todos os que aí estavam.

— É, em verdade, descomunal maravilha o que temos visto e ouvido — disse ele com voz firme, voltando-se para os que o rodeavam —; mas cumpre indagar donde procede o ruído que veio interromper o muito devoto padre-prior no exercício do seu ministério tremendo. Soou esse medonho estampido do lado do claustro; vamos examinar o que seja: se diabólico, estamos na casa de Deus, e a Cruz é nosso amparo; se natural, que haverá no mundo capaz de pôr espanto em cavaleiros portugueses?

Dizendo isto, el-rei desceu do estrado e encaminhou-se para a sacristia. Os cavaleiros da comitiva, os frades, os três reis magos (que ainda estavam em pé sobre o tablado) e grande parte do povo tomaram o mesmo caminho.

El-rei ia adiante, e o prior era o que mais de perto o seguia. Cruzaram o arco gótico que dava comunicação para a sacristia: aí tudo estava em silêncio; uma lâmpada que pendia do teto dava luz frouxa e mortiça, e, a esta luz incerta e baça, encaminharam-se para a porta do Capítulo. Ao chegar a ela, todos recuaram de espanto, e um segundo grito soou e veio morrer sussurrando pelas naves da igreja quase deserta:

— Jesus!

As portas tinham estoirado nos seus grossíssimos gonzos, e muito cimento solto e pedras quebradas tinham rolado pelo portal fora, entulhando-lhe quase um terço da altura. Olhando para o interior daquela imensa quadra, não se viam senão enormes fragmentos de cantos lavrados, de laçarias, de cornijas, de voltas e de relevos: a Lua, que passava tranquila nos céus, refletia o seu clarão pálido sobre este montão de ruínas, semelhantes aos monumentos irregulares de um cemitério cristão; e, por cima daquele temeroso silêncio, passava o frio leste da noite e vinha bater nas faces turbadas dos que, apinhados na sacristia, contemplavam este lastimoso espetáculo.

Dos olhos de el-rei e de Frei Lourenço caíram algumas lágrimas, que eles debalde tentavam reprimir.

A abóbada do Capítulo, acabada havia vinte e quatro horas, tinha desabado em terra!

CAPÍTULO IV

UM REI CAVALEIRO

Em uma quadra das que serviam de aposentos reais no Mosteiro da Batalha, à roda de um bufete de carvalho de lavor antigo, cujos pés, torneados em linha espiral, eram travados por uma espécie de banco, que pelos topos se embebia neles, estavam sentadas várias personagens daquelas com quem o leitor já tratou nos antecedentes capítulos. Eram estas D. João I, Frei Lourenço Lampreia e o procurador Frei Joane. El-rei estava à cabeceira da mesa, e no topo fronteiro o prior, tendo à sua esquerda Frei Joane. Além destes, outros indivíduos aí estavam, que as pessoas lidas nas crónicas deste reino também conhecerão: tais eram os doutores João das Regras e Martim de Océm, do conselho de el-rei, cavaleiros muito graves e autorizados, e, afora eles, mais alguns fidalgos que D. João I particularmente estimavam. Atrás da cadeira de el-rei, um

pajem esperava, em pé, as ordens do seu real senhor. O quadrante do terrado contíguo apontava meio-dia.

Em cima do bufete estava estendido um grande rolo de pergaminho, no qual todos os olhos dos homens presentes se fitavam: era a traça ou desenho do mosteiro que delineara mestre Afonso Domingues, onde, além dos prospetos gerais do edifício, iluminados primorosamente, se viam todos os cortes e alçados de cada uma das partes dessa complicada e maravilhosa fábrica. El-rei tinha a mão estendida e os dedos sobre o risco da casa capitular, ao passo que falava com o prior:

— Parece impossível isso; porque natural desejo é de todos os homens alcançarem repouso e pão na velhice, e não vejo razão para mestre Afonso se doer da mercê que lhe fiz.

— Pois a conversa que vos relatei, tive-a com ele ainda ontem, pouco antes da vossa mercê aqui chegar.

— E como vai David Ouguet? — perguntou el-rei.

— Com grande melhoria — respondeu o prior. — Dormiu bom espaço e acordou no seu juízo. Contou-me que,

entrando ontem após nós na Casa do Capítulo e afirmando a vista na abóbada, conhecera que tinha gemido e estava a ponto de desabar; que sentira apertar-se-lhe o coração e que, com a sua aflição, correra pela crasta fora, como doido; que no céu se lhe afigurava um relampaguear incessante e medonho; que via... nem ele sabe o que via, o pobre homem. Depois disso, diz que perdera o tino, e de nada mais se recorda.

— Nem dos exorcismos? — perguntou em meia voz Martim de Océm, com um sorriso malicioso.

— Nem dos exorcismos — retrucou Frei Lourenço no mesmo tom, mas subindo-lhe ao rosto a vermelhidão da cólera. — A propósito, doutor. Dizem-me que Anequim(*) está morto, e que el-rei proveu o cargo num dos do seu conselho. Seria verdadeira esta mercê singular?

[(*)Anequim era o bobo do paço no tempo de D. Fernando, a quem sobreviveu.]

E o frade media o letrado de alto a baixo, com os olhos irritados. Este preparava-se para vibrar ao prior uma nova injúria indireta, naquele jogo de alusões que era as delícias do tempo, quando el-rei acenou ao pajem, dizendo-lhe:

— Álvaro Vaz de Almada, ide depressa à morada de Afonso Domingues, dizei-lhe que eu quero falar-lhe e guiai-o para aqui. Fazei isso com tento: lembrai-vos de que ele é um antigo cavaleiro, que militou com o vosso muito esforçado pai.

O pajem saiu a cumprir o mandado de el-rei.

— Dizeis vós — prosseguiu este, dirigindo-se a João das Regras e a Martim de Océm — que talvez Afonso Domingues se enganasse em supor que era possível fazer uma abóbada tão pouco erguida, como é a que ele traçou para o Capítulo. Não creio eu que tão entendido arquiteto assim se enganasse: mais inclinado estou a persuadir-me de que o lastimoso sucesso de ontem à noite procedesse da grave falta cometida por mestre Ouguet nesta edificação.

— E que falta foi essa, se a vossa mercê apraz dizer-mo? — replicou João das Regras.

— A de não seguir de todo o ponto o desenho de mestre Afonso — disse el-rei.

— E se a execução da sua traça fosse impossível? — acudiu o doutor.

— Impossível?! — atalhou el-rei. — E não contava ele com levá-la a efeito, se Deus o não tolhesse dos olhos?

— E é disso que mais se dói mestre Afonso — interrompeu o prior. — A sua grande canseira é que ninguém saberá continuar a edificação do mosteiro ou, como ele diz, prosseguir a escritura do seu livro de pedra, porque ninguém é capaz de entender o pensamento que o dirigiu na conceção dele.

— Roncarias e feros são esses próprios de quem foi homem de armas de Nuno Álvares — disse o chanceler João das Regras. — Todos os da sua bandeira são como ele. Porque sabem jogar boas lançadas, têm-se em conta de príncipes dos discretos; e o cego não se esqueceu ainda de que comeu da caldeira do Condestável.

João das Regras, émulo de Nuno Álvares, não perdeu esta oportunidade de lhe pôr pecha; mas D. João I, que conhecia

serem esses dois homens as pedras angulares do seu trono, escutava-os sempre com respeito, salvo quando falavam um do outro; posto que o Condestável, homem mais de obras que de palavras, raras vezes menoscabava os méritos do chanceler, contentando-se com lançar na balança em que João das Regras mostrava o grande peso da sua pena o montante com que ele Nuno Álvares tinha, em cem combates, salvado a pátria do domínio estranho e a cabeça do chanceler das mãos do carrasco, de que não o livrariam nem os graus de doutor de Bolonha, nem os textos das leis romanas.

— Deixai lá o Condestável, que não vem ao intento — disse el-rei —; o que me importa é ouvir mestre Afonso sobre este caso. Quisera antes perder um recontro com castelhanos do que pensar que o Capítulo de Santa Maria da Vitória ficará em ruínas. Mestre Ouguet com a sua arte deixou-lhe vir ao chão a abóbada: se Afonso Domingues for capaz de a tornar a erguer e deixá-la firme, concluirei daí que vale mais o cego que o limpo de vista: e digo-vos que o restituirei ao antigo cargo, ainda que esteja, além de cego, coxo e mouco.

Neste momento entrava o velho arquiteto, agarrado ao braço de Álvaro Vaz de Almada, que o veio guiando para o topo da desmesurada banca de carvalho, à roda da qual se travara o diálogo que acima transcrevemos.

— Dom donzel, onde é que está el-rei? — dizia Afonso Domingues ao pajem, caminhando com passos incertos ao longo do vasto aposento.

D. João I, que ouvira a pergunta, respondeu em vez do pajem:

— Agora nenhum rei está aqui, mas sim o Mestre de Avis, o vosso antigo capitão, nobre cavaleiro de Aljubarrota.

— Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos lembrardes ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje. Vede o que de mim mandais; porque, da vossa ordem, aqui me trouxe este bom donzel.

— Queria ver-vos e falar-vos; que do coração vos estimo, honrado e sabedor arquiteto do Mosteiro de Santa Maria.

— Arquiteto do Mosteiro de Santa Maria, já o não sou: vossa mercê me tirou esse encargo; sabedor, nunca o fui, pelo menos muitos assim o creem, e alguns o dizem. Dos

títulos que me dais só me cabe hoje o de honrado; que esse, mercê de Deus, é meu, e fora infâmia roubá-lo a quem já não pode pegar em montante para defendê-lo.

— Sei, meu bom cavaleiro, que estais muito torvado comigo por dar a outrem o cargo de mestre das obras do mosteiro: nisso cria eu fazer-vos assinalada mercê. Mas, venhamos ao ponto: sabeis que a abóbada do Capítulo desabou ontem à noite?

— Sabia-o, senhor, antes do caso suceder.

— Como é isso possível?

— Porque todos os dias perguntava a alguns desses poucos obreiros portugueses que aí restam como ia a feitura da casa capitular. No desenho dela pusera eu todo o cabedal do meu fraco engenho, e este aposento era a obra-prima da minha imaginação. Por eles soube que a traça primitiva fora alterada e que a juntura das pedras era feita por modo diverso do que eu tinha apontado. Profetizei-lhes então o que havia de acontecer. E — acrescentou o velho, com um sorriso amargo — muito fez já o meu sucessor em

por tal arte lhe pôr o remate que não desabasse antes das vinte e quatro horas.

— E tínheis vós por certo que, se a vossa traça se houvera seguido, essa desmesurada abóbada não viria a terra?

— Se estes olhos não tivessem feito com que eu fosse posto de lado como uma carta de testamento antiga, que se atira, por inútil, para o fundo de uma arca, a pedra de fecho dessa abóbada não teria de vir esmigalhar-se no pavimento antes de sobre ela pesarem muito séculos; mas os do vosso conselho julgaram que um cego para nada podia prestar.

— Pois, se ousais levar a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais, e desde já vos nomeio de novo mestre das obras do mosteiro, e David Ouguet vos obedecerá.

— Senhor rei — disse o cego, erguendo a cara, que até ali tivera curvada —, vós tendes um cetro e uma espada; tendes cavaleiros e besteiros; tendes ouro e poder: Portugal é vosso, e tudo quanto ele contém, salvo a liberdade dos vossos vassalos: nesta nada mandais. Não!... vos digo eu: não serei quem torne a erguer essa derrocada abóbada! Os

vossos conselheiros julgaram-me incapaz disso: agora eles que a alevantem.

As faces de D. João I tingiram-se do rubor do despeito.

— Lembrai-vos, cavaleiro — disse-lhe —, de que falais com D. João I.

— Cuja coroa — acudiu o cego — lhe foi posta na cabeça por lanças, entre as quais reluzia o ferro da que eu brandia. D. João I é assaz nobre e generoso, para não se esquecer de que nessas lanças estava escrito: os vassalos portugueses são livres.

— Mas — disse el-rei — os vassalos que desobedecem aos mandados daquele em cuja casa têm acostamento, podem ser privados da sua moradia...

— Se dizeis isso pela que me destes, tirai-ma; que não vo-la pedi eu. Não morrerei de fome; que um velho soldado de Aljubarrota achará sempre quem lhe esmole uma mealha; e quando haja de morrer à míngua de todo humano socorro, bem pouco importa isso a quem vê arrancarem-lhe, nas bordas da sepultura, aquilo porque trabalhou toda a vida: um nome honrado e glorioso.

Dizendo isto, o velho levou a manga do gibão aos olhos baços e embebeu nela uma lágrima mal sustida. El-rei sentiu a piedade coar-lhe no coração comprimido de despeito e dilatar-lho suavemente. Umas das dores de alma que, em vez de a lacerar, a consolam, é sem dúvida a compaixão.

— Vamos, bom cavaleiro — disse el-rei pondo-se em pé —, não haja entre nós doestos. O arquiteto do Mosteiro de Santa Maria vale bem o seu fundador! Houve um dia em que nós ambos fomos guerreiros: eu tornei célebre o meu nome, a consciência mo diz, entre os príncipes do Mundo, porque segui avante por campos de batalha; ela vos dirá, também, que a vossa fama será perpétua, havendo trocado a espada pela pena com que traçastes o desenho do grande monumento da independência e da glória desta terra. Rei dos homens do aceso imaginar, não desprezeis o rei dos melhores cavaleiros, os cavaleiros portugueses! Também vós fostes um deles; e negar-vos-ei a prosseguir na edificação desta memória, desta tradição de mármore, que há de recordar aos vindouros a história dos nossos feitos? Mestre Afonso Domingues, escutai os ossos de tantos

valentes que vos acusam de trairdes a boa e antiga amizade. Vem de todos os vales e montanhas de Portugal o soído desse queixume de mortos; porque, nas contendas da liberdade, por toda a parte se verteu sangue e foram semeados cadáveres de cavaleiros! Eis, pois: se não perdoais a D. João I uma suposta afronta, perdoai-a ao Mestre de Avis, ao vosso antigo capitão, que, em nome da gente portuguesa, vos cita para o tribunal da posteridade, se refusais consagrar outra vez à pátria vosso maravilhoso engenho, e que vos abraça, como antigo irmão nos combates, porque, certo, crê que não querereis perder na vossa velhice o nome de bom e honrado português.

El-rei parecia grandemente comovido, e, talvez involuntariamente, lançou um braço ao redor do pescoço do cego, que soluçava e tremia sem soltar uma só palavra.

Houve uma longa pausa. Todos se tinham posto em pé quando el-rei se erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho. Finalmente este rompeu o silêncio.

— Vencestes, senhor rei, vencestes!… A abóbada da casa capitular não ficará por terra. Oh meu Mosteiro da Batalha, sonho querido de quinze anos de vida entregues a

pensamentos, a mais formosa das tuas imagens será realizada, será duradoura, como a pedra em que vou estampá-la! Senhor rei, as nossas almas entendem-se: as únicas palavras harmoniosas e inteiramente suaves que tenho ouvido há muitos anos, são as que vos saíram da boca: só D. João I compreende Afonso Domingues; porque só ele compreende a valia destas duas palavras formosíssimas, palavras de anjos: pátria e glória. A passada injúria, aos vossos conselheiros a atribuí sempre, que não a vós, posto que de vós, que éreis rei, me queixasse; varrê-la-ei da memória, como o entalhador varre as lascas e a pedra moída pelo cinzel de cima do vulto que entalhou em gárgula de cimalha rendada. Que me restituam os meus oficiais e obreiros portugueses; que português sou eu, portuguesa a minha obra! De hoje a quatro meses podeis voltar aqui, senhor rei, e ou eu morrerei ou a casa capitular da Batalha estará firme, como é firme a minha crença na imortalidade e na glória.

El-rei apertou então entre os braços o bom do cego, que procurava ajoelhar aos seus pés. Era a atração de duas

almas sublimes, que voavam uma para a outra. Por fim, D. João I fez um sinal ao pajem, que se aproximou:

— Álvaro Vaz, acompanhai este nobre cavaleiro a sua pousada. E vós, mestre muito sabedor, ide repousar: dentro de quinze dias vossos antigos oficiais terão voltado de Guimarães para cumprirem o que mandardes. muito devoto padre-prior — continuou el-rei, voltando-se para Frei Lourenço —, entendei que de ora avante Afonso Domingues, cavaleiro da minha casa, torna a ser mestre das obras do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, enquanto assim lhe aprouver.

O prior fez uma profunda reverência.

A alegria tinha tolhido a voz do arquiteto: diante de toda a corte el-rei o havia desafrontado, e já, sem desdouro, podia aceitar o encargo de que o tinham despojado. Com passos incertos, e seguro ao braço do pajem, saiu do aposento, feita vénia a el-rei.

Este deu imediatamente ordem para a partida. Quando todos iam saindo, o prior chegou-se ao velho chanceler e disse-lhe em tom submisso:

— Doutor Johannes a Regulis, espero que narreis fielmente à rainha o que sucedeu e a certifiqueis de quanto me custa ver tirada a régua magistral a mestre Ouguet...

— Foi — disse o político discípulo de Bártolo — mais uma façanha de D. João I: começou por brigar com um louco, e acabou abraçando-o, por lhe ver derramar uma lágrima. Bem trabalho por fazer do Mestre de Avis um rei; mas sai-me sempre cavaleiro andante. Não lhe sucedera isto, se, em vez de passar a juventude em batalhas, a tivesse passado a estudar em Bolonha. Tenho-lhe dito mil vezes que é preciso lisonjear os ingleses porque carecemos deles: a tudo me responde com dizer que, com Deus e o próprio montante, tem em nada Castela; todavia a gente inglesa ufanava-se de ser David Ouguet o mestre desta edificação. E que importava que ela fosse mais ou menos primorosa, a troco de contentarmos os que connosco estão liados? Quanto a vós, reverendo prior, ficai descansado; tudo fia a rainha da vossa prudência, que é muita, posto que não vistes Bolonha. Vamos, reverendíssimo.

A Corte já tinha saído: os dois velhos seguiram-na ao longo daquelas arcadas, conversando um com o outro em

voz baixa.

CAPÍTULO V

O VOTO FATAL

Rica de galas, a Primavera tinha vestido os campos da Estremadura do viço das suas flores: a madressilva, a rosa agreste, o rosmaninho e toda a casta de boninas teciam um tapete odorífero e imenso, por charnecas, cômoros e sapais e pelo chão das matas e florestas, que agitavam as caras sonolentas com a brisa de manhã puríssima, mostrando aos olhos um baloiçar de verdura compassado com o das searas rasteiras, que, mais longe, pelas veigas e outeiros, ondeavam suavemente. Eram 7 de Maio da era de 1439 ou, como os letrados diziam, do ano da Redenção 1401. Quatro meses certos se contavam nesse dia, depois daquele em que, numa das quadras do aposento real no Mosteiro da Batalha, se passara a cena que no antecedente capítulo narrámos e que extraímos do famoso manuscrito mencionado no capítulo II, com aquela pontualidade e

verdade com que o grande cronista Frei Bernardo de Brito citava só documentos inegáveis e autores certíssimos, e com aquela imparcialidade e exação com que o filósofo de Ferney referia e avaliava os factos em que podia interessar a religião cristã.

Assistiu o leitor à promessa que mestre Afonso Domingues fez a D. João I de que dentro de quatro meses lhe daria posto o remate na abóbada da casa capitular de Santa Maria da Vitória, e lembrado estará de como el-rei lhe prometera, também, mandar ir de Guimarães todos os oficiais portugueses que, despedidos da Batalha por mestre Ouguet, como menos habilidosos que os estrangeiros, tinham sido mandados para a obra, posto que grandiosa, menos importante, de Santa Maria da Oliveira, hoje desaportuguesada e caiada e dourada e mutilada pelo mais bárbaro abuso da riqueza e da ignorância clerical. A palavra do Mestre de Avis não voltara atrás, não por ser palavra de rei, mas por ser palavra de cavaleiro daqueles tempos, em que tão nobres afetos e instintos havia nos corações dos nossos avós que de bom grado lhes devemos perdoar a rudeza. Tendo partido de Alcobaça para

Guimarães, onde nesse ano se juntavam cortes, apenas aí chegara tinha mandado partir para Santa Maria da Vitória os oficiais e obreiros mais entendidos, que vieram apresentar-se a mestre Afonso.

Este, resolvido, também, a cumprir o prometido, metera mãos à obra. O Capítulo foi desentulhado: aproveitaram-se as pedras da primeira edificação que era possível aproveitar, lavraram-se outras de novo, armaram-se os simples e, muito antes do dia aprazado, o fecho ou remate da abóbada repousava no seu lugar.

Durante estes quatro meses os sucessos políticos tinham trazido D. João I a Santarém, onde se fizera prestes com bom número de lanças, besteiras e peões para ir juntar-se com o Condestável, e entrarem ambos por Castela, cuja guerra tinha recomeçado, por se terem acabado as tréguas. Para esta entrada se aparelhara el-rei com uma lustrosa companhia dos seus cavaleiros e, caminhando pela margem direita do Tejo, acampara junto a Tancos, onde se havia de construir uma ponte de barcas, para passar o exército e seguir avante até o Crato, que era o lugar aprazado com o Condestável, para juntos irem dar sobre Alcântara.

Em Vale de Tancos estava sentado o arraial da hoste de el-rei: os petintais que tinham vindo de Lisboa trabalhavam na ponte de barcas que se devia lançar sobre o Tejo; os besteiros limpavam as suas bestas e alegravam-se em lutas e jogos; os cavaleiros corriam pontas, atiravam ao tavolado, monteavam ou matavam o tempo em banquetes e beberronias. Tinham chegado àquele sítio a 5 de Maio, e no dia seguinte el-rei partira aferradamente para a Batalha, porque não se esquecera de que os quatro meses que pedira Afonso Domingues para levantar a abóbada eram passados, e fora avisado por Frei Lourenço de que a obra estava acabada, mas que o arquiteto não quisera tirar os simples senão na presença de el-rei.

Antes de partir de Lisboa, D. João I mandara sair dos cárceres em que jaziam bom número de criminosos e de cativos castelhanos, que, com grande pasmo dos povos, e rodeados por uma grossa manga de besteiros, tomaram o caminho da Batalha, sem que ninguém aventasse o motivo disto. Todavia, ele era óbvio: el-rei pensou que, assim como a abóbada do Capítulo desabara, da primeira vez, passadas vinte e quatro horas depois de desamparada, assim podia

agora derrocar-se em cima dos obreiros, no momento de lhe tirarem os prumos e traveses sobre que fora edificada. Solícito pela vida dos seus vassalos, parente do povo pela sua mãe, e crendo por isso que a morte de um popular também tinha seu trance de agonia e que lágrimas de órfãos pobres eram tão amargas ou, porventura, mais que as de infantes e senhores, não quis que se arriscassem senão vidas condenadas, ou pela guerra ou pelos tribunais, e que, naquela, se tinham remido pela covardia e, nestes, pela piedade ou, antes, pelo esquecimento dos juízes. E se da primeira vez lhe não acorrera esta ideia, fora porque, também, na memória de obreiros portugueses não havia lembrança de ter desabado uma abóbada apenas construída.

Seguido só por dois pajens, D. João I atravessou a vila de Ourém pelas horas mortas do quarto de modorra, e antes do meio-dia apeou-se à portaria do mosteiro.

Os oficiais que trabalhavam em vários lavores, pelos telheiros e casas ao redor do edifício, viram passar aquele cavaleiro e os dois pajens, mas não o conheceram: D. João I

vinha coberto de todas as peças e, ao galgar o ginete pelo outeiro abaixo, tinha descido a viseira.

— Benedicite! — dizia el-rei, batendo devagarinho à porta da cela de Frei Lourenço.

— Pax vobis, domine! — respondeu o prior, que logo reconheceu el-rei e veio abrir a porta.

— Não vos incomodeis, reverendíssimo — disse D. João, entrando na cela e sentando-se num tamborete —, deixai-me resfolegar um pouco e dai-me uma vez de vinho.

— Não vos esperava tão de salto — disse Frei Lourenço; e, abrindo um armário, tirou dele uma borracha e um canjirão de madeira, que encheu de vinho e, pegando com a esquerda numa escudela de barro de Estremoz(*) , cheia de uma espécie de bolo feito de mel, ovos e flor de farinha, apresentou a el-rei aquela colação.

[(*) A louça de Estremoz é antiquíssima no nosso país. No tempo de Francisco I de França, mandavam-se buscar os púcaros desta loiça a Portugal, para beber a água, que então, bem como hoje, torna-se neles excessivamente fria.]

— Excelente almoço — dizia el-rei, descalçando o guante ferrado e cravando a espaços os dedos dentro da escudela, donde tirava bocados do bolo, que ajudava com alentados beijos dados no canjirão. Depois que cessou de comer, limpando a mão ao forro do tonelete, pôs-se em pé, enquanto Frei Lourenço guardava os despojos daquela batalha.

— Bofé — disse D. João I, rindo — que não ando ao meu talante, senão com o arnês às costas! Cada vez que o visto, parece-me que volto à juventude e que sou o Mestre de Avis ou, antes, o simples cavaleiro que, confiado só em Deus, corria solto pelo mundo, monteando edomas (Semanas) inteiras, e tendo sobre a consciência só os pecados de homem e não os escrúpulos de rei.

— E então — atalhou o prior — o vosso confessor Frei Lourenço era um pobre frade, cujos únicas funções consistiam em saber as horas do coro e em ler as sagradas escrituras, porém que hoje tem de velar muitas noites, pensando no modo de não deixar afrouxar a disciplina e boa governança de tão alteroso mosteiro. Mas, segundo

vosso recado, que ontem recebi, vindes para assistir ao tirar dos simples da muito famosa abóbada, o que mestre Domingues aporfia em só fazer perante vós?

— A isso vim, porém de espaço; que não será nestes cinco dias que esteja pronta a ponte de barcas que mandei lançar no Tejo, para passar minha hoste. Durante eles, com os vossos muito religiosos frades me aparelharei para a guerra, entesourando orações e recebendo absolvição dos meus erros.

— Os príncipes pios — acudiu o prior, com gesto de compunção — são sempre ajudados de Deus, principalmente contra hereges e loucos, como os cães dos Castelhanos, que a Virgem Maria da Vitória confunda nos infernos.

— Ámen! — respondeu devotamente el-rei.

— Avisarei, pois, mestre Afonso da vossa vinda, para que ponha tudo em ordenança de se tirarem os simples. Pediu-me que o mandasse chamar apenas fôsseis chegado.

Frei Lourenço saiu e, daí a pouco, voltou acompanhado do arquiteto, que um rapaz guiava pela mão.

— Guarde-vos Deus, mestre Afonso Domingues! — disse el-rei, vendo entrar o cego. — Aqui me tendes para ver acabada a feitura da mirífica abóbada do Capítulo de Santa Maria, cujos simples não quisestes tirar senão na minha presença.

— Beijo-vo-las, senhor rei, pela mercê: dois votos fiz, se levasse a cabo esta feitura; era esse um deles...

— E o outro? — atalhou el-rei.

— O outro, dir-vos-ei em breve; mas, por ora, permiti que para mim o guarde.

— São negócios de consciência — acudiu o prior. — El-rei não quer, por certo, fazer-vos quebrar vosso segredo.

D. João I fez um sinal de sentimento ao parecer do seu antigo padre espiritual.

El-rei, o prior e o arquiteto ainda se demoraram um pedaço, falando acerca da obra e do que cumpria fazer no prosseguimento dela; mas o cego dissera o que quer que fora, em voz baixa, ao rapaz que o acompanhava, o qual saíra imediatamente, e que só voltou quando os três acabavam a conversa.

— Fernão de Évora — disse o cego, sentindo-o outra vez ao pé de si —, fizeste o que te ordenei, e deste ao teu tio Martim Vasques o meu recado?

— Senhor, sim! Envia-vos ele a dizer que tudo está prestes.

— Então vamos a ver se desta feita temos mais perdurável abóbada.

Isto dizia el-rei, saindo da cela de Frei Lourenço e seguindo ao longo do claustro. Já nesse tempo se tinha espalhado no mosteiro a notícia da sua chegada, e os frades começavam de juntar-se para o cortejarem. Do mosteiro rompera a notícia, espalhando-se pela povoação, aonde concorrera muita gente dos arredores, principalmente de Aljubarrota, por ser dia de mercado: de modo que, quando el-rei desceu à crasta, já ali se achavam apinhados homens e mulheres que queriam vê-lo e, ainda mais, saber se desta vez a abóbada vinha ao chão, para terem que contar aos vizinhos e vizinhas da sua terra.

As portas da Casa do Capítulo estavam abertas: via-se dentro dela tal máquina de prumos, traveses, andaimes,

cabrestantes, escadas, que bem se pudera comparar a composição daqueles simples à fábrica do mais delicado relógio. À porta que dava para a crasta estava um homem em pé, que desbarretou apenas viu el-rei, a cuja direita vinha o arquiteto, seguido por Frei Lourenço e por outros frades.

O pequeno Fernão de Évora disse algumas palavras a Afonso Domingues, o qual lhe respondeu em voz baixa. Então o rapaz acenou ao homem desbarretado, que se chegou timidamente ao cego. Era um jovem, que mostrava ter de idade, ao mais, vinte e cinco anos; de rosto comprido, tez queimada, nariz aquilino, olhos pequenos e vivos. Chegando-se ao cego, este o tomou pela mão e, voltando-se para el-rei, disse:

— Aqui tendes, senhor, a Martim Vasques, o melhor oficial de pedraria que eu conheço; o homem que, com mais alguns anos de experiência, será capaz de continuar dignamente a série dos arquitetos portugueses.

— E debaixo do meu especial amparo estará Martim Vasques — respondeu el-rei —, que por honrado me tenho com haver nos meus senhorios homens que vos imitem.

Ainda bem não eram acabadas estas palavras, sentiu-se um sussurro entre o povo, que girava livremente pela crasta e que se enfileirou aos lados: chegava a gente que devia tirar os simples.

Entre duas alas de besteiros, vinha um bom número de homens, magros, pálidos, rotos e descalços; o porte de alguns era altivo, e nos seus farrapos se divisava a razão disso: eram besteiros castelhanos que em diversos recontros e batalhas tinham caído nas mãos dos portugueses. As guerras entre Portugal e Castela assemelhavam-se às guerras civis de hoje: para vencidos não havia nem caridade, nem justiça, nem humanidade: ser metido em ferros era então uma ventura para o pobre prisioneiro; porque os mais deles morriam assassinados pelo povo desenfreado, em vingança dos maus tratos que em Castela padeciam os cativos portugueses. Com os castelhanos vinham de envolta vários criminosos condenados à morte pelas suas malfeitorias.

— Misericórdia! — bradou toda aquela multidão, ao passar por el-rei: e caíram de bruços sobre as lajes do pavimento.

— Convosco a tenho, mesquinha gente — disse el-rei comovido. — Se tirardes os simples, que vedes acolá, e a abóbada não desabar sobre vós, soltos e livres sereis. Erguei-vos, e confiai na ciência do grande arquiteto que fez essa mirífica obra. Mandar-vos comprar vossa soltura a custo de tão leve risco, quase que é o mesmo que perdoar-vos.

Os presos ergueram-se; mas a tristeza lhes ficou embebida no coração e espalhada nas faces; o terror fazia-lhes crer que já sentiam ranger e estalar as vigas dos simples e que, às primeiras pancadas, as pedras desconformes da abóbada, desatando-se da imensa volta, os esmagariam, como o pé do quinteiro esmaga a lagarta enrascada na planta viçosa do horto.

Neste momento quatro forçosos obreiros chegaram à porta do Capítulo, trazendo sobre uma paviola uma grande pedra quadrada. Martim Vasques, que já lá estava, gritou ao cego arquiteto:

— muito sabedor mestre Afonso, que quereis se faça do canto que para aqui mandastes trazer?

— Assentai-o bem debaixo do fecho da abóbada, no meio desse claro, que deixam os prumos centrais dos simples.

Os obreiros fizeram o que o arquiteto mandara; este então voltou-se para el-rei e disse:

— Senhor rei, é chegado o momento de vos declarar meu segundo voto. Pelo corpo e sangue do Redentor jurei que, sentado sobre a dura pedra, debaixo do fecho da abóbada, estaria sem comer nem beber durante três dias, desde o instante em que se tirassem os simples. De cumprir meu voto ninguém poderá mover-me. Se essa abóbada desabar, sepultar-me-á nas suas ruínas: nem eu quisera encetar, depois de velho, uma vida desonrada e vergonhosa. Esta é a minha firme resolução.

Dizendo isto, o cego travou com força do braço de Fernão de Évora, e encaminhou-se para a porta do Capítulo.

— Esperai, esperai! — bradou el-rei. — Estais louco, dom cavaleiro? Quem, se vós morrerdes, continuará esta fábrica, tão formosa filha do vosso engenho?

— Mestre Ouguet — disse o cego, parando. — Não sou tão vil que negue seu saber e habilidade. Se a abóbada

desabar segunda vez, ninguém no mundo é capaz de a fechar com uma só volta, e para a firmar sobre uma coluna erguida ao centro, mestre Ouguet o fará. Quanto ao resto do edifício, fazei senhor rei que se prossiga meu desenho: é o que ora vos peço tão-somente.

E o velho e o seu guia sumiram-se por entre as bastas vigas que sustinham as traves dos simples: el-rei, Frei Lourenço e os mais frades ficaram atónitos e calados.

— Que tão honrado mestre corra parelhas no risco com esses cães castelhanos, coisa é que não pode sofrer-se; mas o voto é voto, senão...

Estas palavras partiam da boca de uma gorda velha, cuja tez avermelhada dava indícios de compleição sanguínea e irritável, e que de mãos metidas nas algibeiras, na frente de uma das alas do povo, presenciava o caso.

— Tendes razão, tia Brites de Almeida; e por ser voto me calo eu — acudiu el-rei, voltando-se para a velha. Mas juro a Cristo, que estou espantado de só agora vos ver! Porque me não viestes falar?

— Perdoe-me vossa mercê — replicou a velha. — Eu vim trazer pão à feira, e aí soube da chegada da vossa real senhoria. Corri... se eu correria para vos falar! Mas estes bocas-abertas não me deixaram passar. Abrenúncio! Depois estive a olhar... Parecíeis-me carregado de rosto. Que é isso? Temos novas voltas com os excomungados Castelhanos? Se assim é, tosquiai-mos outra vez por Aljubarrota, que a pá não se quebrou nos sete que mandei de presente ao diabo, e ainda lá está para o que der e vier.

Soltando estas palavras, a velha tirou as mãos das algibeiras e, cerrando os punhos, ergueu os braços ao ar, com os trejeitos de quem já brandia a tremebunda e patriótica pá de forno que hoje é glória e brasão da gótica vila de Aljubarrota.

— Podeis dormir descansada, tia Brites — respondeu el-rei, sorrindo-se. — Bem sabeis que sou português e cavaleiro, e a gente da nossa terra é cortês; el-rei de Castela veio visitar-nos várias vezes: agora ando eu na demanda de lhe pagar com usura suas visitações.

Enquanto este diálogo se passava entre o herói de Aljubarrota e a sua poderosa aliada, Martim Vasques tinha

posto tudo a ponto; e, dando as suas ordens da porta, as primeiras pancadas de martelo, batendo nos simples, ressoaram pelo âmbito da casa capitular. Fez-se um grande silêncio, e todos os olhos se cravaram em Martim Vasques.

Passada uma hora, aquele montão de vigas, barrotes, tábuas, cambotas, cabrestantes, réguas e travessas tinha passado pela crasta fora em colos de homens, e os presos tinham sido postos em liberdade, com grande raiva da tia Brites, ao ver ir soltos os besteiros castelhanos. Apenas no centro da ampla quadra se via uma pedra, sobre a qual, mudo e com a cabeça pendida para o peito, estava sentado um velho.

A este velho rogava el-rei, rogavam frades, rogava o povo, sem todavia se atreverem a entrar, que saísse dali; mas ele não lhes respondia nada. Desenganados, enfim, foram-se, pouco a pouco, retirando da crasta, onde, ao pôr do Sol, começou a bater o luar de uma formosa noite de Maio.

Três dias se passaram assim. Mestre Afonso, sentado sobre a pedra fria, nem sequer cedera às rogativas de Ana Margarida, que, obrigada pela boa amizade que tinha ao seu amo, se atrevera a cruzar os perigosos umbrais do

Capítulo, para ver se o movia a tomar alguma refeição. Tudo recusou o cego: a sua resolução era inabalável. Também a abóbada estava firme, como se fora de bronze. No terceiro dia à tarde, el-rei, que tinha passado o tempo em aparelhar-se para a guerra com actos de piedade, desceu à crasta, acompanhado de Frei Lourenço e de outros frades, e, chegando à porta do Capítulo, viu Martim Vasques e Ana Margarida junto à pedra fria de Afonso Domingues, e este, pálido e com as pálpebras cerradas, encostado nos braços deles.

O jovem e a velha choravam e soluçavam, sem dizerem palavra.

— Que temos de novo? — perguntou el-rei, chegando à porta e vendo aqueles dois estafermos. — Completam-se ora os três dias de voto: ainda mestre Afonso teimará em estar aqui mais tempo?

— Não senhor — respondeu Martim Vasques, com palavras mal articuladas —, não estará aqui mais tempo; porque o seu corpo é herança da terra; a sua alma repousa com Deus.

— Morto!? — bradaram a uma voz el-rei e Frei Lourenço, e correram para o cadáver do arquiteto, olhando, todavia, primeiro para a abóbada com um gesto de receio.

— Nada temais, senhores — disse Martim Vasques. — As últimas palavras do mestre foram estas: «A abóbada não caiu... a abóbada não cairá!»

O arquiteto, gasto da velhice, não pôde resistir ao jejum absoluto a que se condenara. No momento em que, ajudado por Martim Vasques e Ana Margarida, se quis erguer, pendeu moribundo nos braços deles, e aquele génio de luz mergulhou-se nas trevas do passado.

El-rei derramou algumas lágrimas sobre os restos do bom cavaleiro, e Frei Lourenço rezou em voz baixa uma oração fervente pela alma generosa que, até ao último arranco, escrevera sobre o mármore o hino dos valentes de Aljubarrota.

Na pedra sobre a qual mestre Afonso expirara ordenou el-rei se tirasse, parecido quanto fosse possível retratando-se um cadáver, o vulto do honrado arquiteto, e que esta imagem fosse colocada num dos ângulos da casa capitular,

onde, durante mais de quatro séculos, como as esfinges monumentais do Egipto, tem dado origem às mais desvairadas hipóteses e conjeturas. À pobre Ana Margarida, que ficava sem arrimo, doou D. João I, também, as casas em que o mestre morava, fazendo-lhe, além disso, assinaladas mercês.

Mestre Ouguet, pelo que o cego dissera a el-rei acerca da sua capacidade para o substituir, e porque, enfim, era estrangeiro, foi logo restituído ao cargo que ocupara, e quando, nos serões do mosteiro, alguém falava nos méritos de Afonso Domingues e na sua desastrada morte, cortava o irlandês a conversa, dizendo com riso amarelo:

— Olhem que foi grande perda!

MESTRE GIL

(Século XV — 1481-84)

CAPÍTULO I

OS DOIS PROCURADORES DE CORTES

— Não!, que el-rei lhes quebrará as ousadias. D. João II não é D. Afonso V.

— A paz do Senhor seja com o filho de D. Duarte; que em boas nos meteu. Ele tinha mais jeito para cavaleiro andante do que para rei. Lá repousa, enfim, das suas lidas, no Mosteiro da Batalha, onde esperará quieto pela ressurreição universal.

Isto diziam dois procuradores, um por certa cidade, outro por certa vila do reino, numa casa baixa, em Évora, morada de mestre Gil, barbeiro da Corte, onde o esperavam, para lhes ele trosquiar os cabelos e rapar as barbas. O mestre andava fora: e tanto era o afã, que ele e dois aprendizes (a que hoje chamaríamos oficiais) tinham abalado da loja deixando a cargo de uma velha escrava moura o tomar conta dela, e o demorar os fregueses que aparecessem.

A boa da velha fiava a tarefa de lã que a sua ama, a veneranda esposa de mestre Gil, lhe talhara, e procurava por todos os modos que os fregueses se não fossem. Este zelo nascia de ponderosos motivos: havia muito tempo que nem um bocado de cabrito — comida vulgar daquele tempo — tinha atravessado por entre as suas queixadas solitárias. A proibição que havia tempos el-rei fizera de que se rapassem as barbas ou se tosquiassem os cabelos, tinha posto in extremis a nobre arte de mestre Gil; e este fatal sucesso quase ia convertendo a pobre velha numa estátua da morte.

— Mestre Gil não pode tardar; e quando ele não venha, virá Vicente, ou Ambrósio: e não sei se vos diga que qualquer deles é mais acabado oficial que o meu senhor.

Falando assim, a moura olhava para dentro, e puxava com ânsia as barbas à roca. Os dois procuradores, hóspedes em Évora, tendo já entrado em outra loja de barbeiro, donde saíram fartos de esperar, resolveram demorar-se nesta até que mestre Gil, ou algum dos seus rapazes, chegasse; e para matar o tempo tinham travado a conversa que acima transcrevemos.

— Esperemos pois — prosseguiu um dos procuradores —, já que é força esperar.

— Sim — disse o outro. — Mouro que não o podes haver, dá-o pelo amor de Deus.

— Assim é o mundo — replicou o primeiro —; ainda não há muito, vimos nós o atual rei descer do trono, e passar de rei a príncipe, quando seu pai D. Afonso V, vindo de França, aportou em Cascais.

— É verdade; e por sinal que o cardeal D. Jorge da Costa partiu logo para Roma.

— Ouvi dizer isso: mas não atino com o motivo de semelhante partida; salvo se o cardeal tinha de requerer algumas bulas do santo padre.

— Quais bulas! Nada. D. Jorge da Costa é finório e ladino, e, como diz o adágio, não quis haver-se com justiças novas. O caso foi outro. Andava passeando à borda do Tejo com o príncipe D. João já intitulado rei, e agora tal de facto, e com o duque de Bragança. Veio a eles correndo um mensageiro anunciar a chegada de el-rei D. Afonso V; perguntou D. João: «Agora que havemos de fazer?» O duque atalhou:

«Procurar el-rei vosso senhor e pai, e entregar-lhe o governo destes seus reinos.» «Nada», disse D. João; mas, pegando num seixo da praia, atirou com ele ao mar: foi o seixo dando saltos por cima da água até que se afundou.

— Mas que tem essa história com o cardeal? — interrompeu impaciente o outro interlocutor.

— Dir-vos-ei. Apenas viu o que el-rei fizera, virando-se para o duque e mais senhores que cerca dele estavam, disse-lhes: «À fé que me não dará ela na cabeça», e sem mais esperar, foi-se caminho de Roma.

Nisto estavam, quando mestre Gil entrou pela porta dentro. Era um homem baixo, gordo, quase redondo, nariz pequeno, olhos vivos e chamejantes, pernas arqueadas, e pés de prodigioso comprimento. Trazia vestido um gibão de cor duvidosa; não que, não a tivesse tido muito fixa; mas o tempo a fizera de cambiantes; porque em consciência se não podia dizer já que cor tinha. O barrete era de veludo raso, os borzeguins pretos, e as calças de pano amarelo, golpeadas, e com forros de tela vermelha.

— Boas tardes vos dê Deus, senhores — disse mestre Gil, fazendo uma barretada. — Desculpai se esperastes alguns credos. Venho do paço, onde rapei a barba e tosquiei o cabelo a Antão de Faria, e...

— O camareiro de el-rei? — atalhou um dos procuradores.

— e o seu privado — disse o barbeiro, em tom de segredo; mas com tal voz, que poderia bem ser ouvida a cinquenta passos. — Sim senhores: privado de el-rei. Ele é cá do povo: é cá dos nossos. Com D. João iremos melhor do que com D. Afonso: este tinha grandes por validos; o povo servia só para ser calcado e sofrer, sem que lhe fosse dado queixar-se. Até depois de morto os empeceu Sua Alteza, que Deus haja; seis meses estiveram a enferrujar-se as minhas navalhas e tesouras. Ainda bem, que el-rei mandou se pudessem trosquiar as cabeças e rapar as barbas para a celebração das cortes.

Dizendo isto, preparava as navalhas para começar a exercer o seu mister. Mas cortou-lhe o discurso, que levava jeito de não acabar, um vulto de homem rebuçado, que, entrando pela porta dentro, se foi sentar na cadeira destinada para os padecentes que tinham de cair nas mãos

de mestre Gil. Depois de se desembuçar, o que de novo chegara disse ao barbeiro com voz de autoridade:

— Mestre Gil, rapai-me as barbas já, e cortai-me os cabelos; que tenho negócios, e pouca vontade e costume de esperar pelas coisas.

O mestre olhou para ele, e viu, no seu aspeto e ademanes, que era homem daqueles que estavam habituados a não escutar réplicas de peões: era um cavaleiro. Encolheu os ombros fazendo uma visagem aos dois procuradores; e neste encolher de ombros e nesta visagem fez um discurso que eles bem entenderam, e ao qual pela mesma forma responderam.

Era o intruso freguês um homem de trinta e dois a trinta e três anos, de estatura alta, bem fornido de membros musculosos, que denotavam força descomunal. Trazia enfiado um pelote, e por debaixo dele via-se um gibão, por cuja abertura lá se lhe enxergava um arnês, como quem andava precatado contra qualquer súbito cometimento. Pendia-lhe do lado uma comprida espada, e do cinto um punhal.

Mestre Gil, ansioso por se ver livre de tão inesperado e cabeçudo hóspede, fazia quanto podia por aviá-lo; mas um mau jeito de navalha — disséramos antes da mão que a movia — arrancou de repente um grito ao cavaleiro.

— pela minha espada!, se outro gilvaz me dais, juro-vos que um tal vos farei, que vos ensine a terdes menos pesada a mão.

O mestre barbeiro quis responder, desculpando-se com o tamanho das barbas: mas o cavaleiro, sem consentir na resposta, lhe acenou com a mão, que tratasse de acabar a obra, e isto bastou para o mestre continuar no seu mister, sem tornar a abrir a boca.

Os dois procuradores olharam um para o outro: e nesse olhar fizeram um discurso, muito mais longo e eloquente, do que o primeiro que o barbeiro lhes fizera, encolhendo os ombros e torcendo o nariz.

Mestre Gil acabou, enfim, a sua tarefa. Árdua fora ela: a ameaça do cavaleiro tivera o poder maravilhoso de lhe livrar a cara de segundo gilvaz, que o mestre teria, porventura, tenção de lhe pregar para tirar alguma

desforra da ousadia com que ele lhe entrara em casa. O medo guarda a vinha; e tal guardador salvou a cara do cavaleiro, talvez melhor, do que lha guardaria bem temperada viseira de Milão em cavalgada contra mouros.

— Ainda bem que se foi — exclamou o barbeiro, apenas o viu pelas costas, e fora do limiar da porta. Não acabava mestre Gil de entrar em si, e sem reparar em que casta de moeda lhe pagara o cavaleiro, a meteu na algibeira.

— Agora vós, senhores...

E começou de barbear um dos que esperavam pela sua vez de rasoura.

— Quem é este Gonçalo Mendes da Maia Lidador, que tão descortês entrou e saiu? — perguntou um dos procuradores.

— Quem? — disse o mestre. — É um cavaleiro da casa do conde de Faram (*), irmão do duque de Bragança. Como este são todos os do seu serviço e casa. Afeitos à privança que o seu amo e os irmãos tinham com o defunto rei, hão-se connosco por esta guisa, a nós os do povo, como se fôramos mouros e judeus.

[(*) Forma antiga do nome da cidade de Faro.]

— Mas aí vive quem lhes há de quebrar a soberba — disse o que fizera a pergunta — com a fórmula do juramento de preito e menagem. Esses senhores saberão se D. João II é D. Afonso V.

— Assim ouvi — atalhou mestre Gil —, mas também ouvi que os grandes, prelados e senhores, não estão para aí voltados.

— E que remédio têm eles? Não sabeis do rifão: com o teu amo não jogues as peras?...

— Sim! Que come as maduras, e dá-te as verdes — disse o que estava nas mãos do mestre, e que já lhe custava a sofrer as arranhaduras que lhe fazia a navalha, quase convertida em serra, pelas muitas bocas que lhe fizera a barba hirsuta do cavaleiro.

— Mestre Gil não será o barbeiro da Corte — interrompeu mestre Gil — se dentro de pouco não há nela grandes

novas. Diz-se por aí e no paço o ouvi — prosseguiu ele em voz muito baixa, contra o seu costume que era falar em segredo de modo que todos o ouviam —, diz-se que um dos capítulos das cidades e vilas do reino consiste em pedir a el-rei corregedores que vão às terras dos donatários da Coroa inquirir das violências que os senhores cometem contra os vassalos, e corrigi-las.

— E que mais ouvistes? Será despachado esse capítulo? — perguntou um dos procuradores.

— À fé que sim! — respondeu o barbeiro, tomando certo ar de gravidade, que contrastava ridiculamente com a sua figura. — Antão de Faria o jurou: ele humilhará os grandes. O privado não é homem que dê ponto sem nó: os desprezos e feros dos fidalgos não caem em saco roto. Temos muito que ver.

E mestre Gil falava verdade. Uma luta de morte estava a rebentar entre o rei e os nobres — entre o absolutismo e o feudalismo.

D. João II pretendia, como o seu contemporâneo Luís XI de França, dar o último golpe no poder carcomido e

abalado dos grandes vassalos da Coroa. O povo, cansado de sofrer opressões de pequenos tiranos, rodeava o trono real de toda a sua força, que ele já começava a conhecer. O resultado do combate não podia ser duvidoso. Era esse resultado que tinha previsto o cardeal D. Jorge da Costa, retirando-se para Roma.

Aos nobres restava a mais bela de todas as heranças que tinham recebido dos seus antepassados — as ideias generosas da cavalaria. Era esta herança que os devia perder. Batalhava-se no campo da política, não na estacada dos duelos; e as armas desta batalha consistiam, não no escudo e na lança, mas na astúcia e na dissimulação. D. João II e os seus conselheiros deviam, neste estado de coisas, contar com a melhoria, e com recolher o preço ensanguentado do combate.

CAPÍTULO II

A APOSENTADORIA

Começava o dia 20 de Junho do ano do Senhor de 1483 — e já antes de amanhecer se viam discorrer pelas ruas da cidade de Évora muitas pessoas, que se encaminhavam para o palácio do conde de Olivença, onde então pousava el-rei D. João II, e dali tomavam para a praça pública. Eram peões e cavaleiros os que tão cedo madrugavam. Soava um burburinho de vozes confusas, semelhante ao ruído que se ouve às vezes no meio da calma do oceano, e que pressagia o rebentar de horrorosa procela. O ar estava grosso e húmido; e o clarão afogueado da aurora rompia a custo por entre a névoa espessa, que toldava os ares.

— Abri, mestre Gil; abri! — dizia em altos brados um homem, que com o cabo de um machado batia rijo à porta do barbeiro da Corte.

Mestre Gil dormia descansado o tão aprazível sono matutino, ao lado da sua muito respeitável consorte, Brásia Fernandes, roncando e assobiando, os dois de concerto, certas harmonias, que, se Meyerbeer as tivesse escutado, não deixaria de as introduzir nalguma cena do seu Roberto do Diabo-, tão bravias, destemperadas, horríveis, e por consequência românticas, lhe pareceriam. Foi Brásia Fernandes a primeira que despertou com o ruído que faziam à porta, e ao segundo reclamo, abanando o corpo globoso do seu marido, lhe gritou aos ouvidos:

— Acordai, Gil, que rompe o dia, e vozes ouvi à porta, que vos chamam. Algum pajem que quer os cabelos cortados, para...

— Má peste os mate! Que vão ao diabo, que os corte — disse mestre Gil, voltando-se para o outro lado.

Mas ainda bem não acabara de pronunciar estas palavras, novas pancadas, e vozes repetidas, chamavam mestre Gil. Aumentavam a infernalidade do ruído os gritos de Brásia Fernandes, com que ela procurava despertar o marido. Mestre Gil, afeito a eles, fazia orelhas de mercador; mas por fim, temendo as vias de facto, não teve outro

remédio senão saltar do catre em que jazia. Às apalpadelas, e meio a dormir, enfiou as calças e o gibão, e, não achando os borzeguins, correu descalço à porta, que parecia vir dentro com os coices e contoadas que nela pregavam.

— São isto modos de acordar um cristão? — gritou ele de dentro. — A estas horas em que apenas começa a divisar-se o arrebol da manhã? Que quereis vós outros tão cedo? Esperai que nasça o Sol: então vos cortarei.

— Nada; não é isso. Abri a vossa porta, que vimos com pressa.

— Seja camanha quiserdes. Se fosse para sangrar alguém, vá; mas para aturar vossas madrugadas não é mestre Gil. Ide a Pêro, que mais abaixo pousa, que esse, decerto, não deixará de vos fazer o cabelo.

Dizendo isto, examinou se a porta estava bem fechada; correu de todo o ferrolho, e voltou para a alcova. Infelizmente a senhora Brásia se havia então erguido em anágua para vir meter na disputa a sua voz de virago: a meio caminho, os dois consortes toparam em cheio, como dois cavaleiros na liça, e mestre Gil foi ao chão.

Por fortuna sua a queda não foi de perigo: tinha recebido o encontro junto da cama da escrava moura, que dormia ao pé da alcova, e que aproveitava, sem lhe importar o ruído, as poucas horas de descanso e liberdade, que os seus senhores lhe deixavam. Caindo sobre a enxerga da escrava, mestre Gil acabou de acordar; e levantando-se a custo, fez o sinal-da-cruz, e, depois de rezar ao anjo da guarda, exclamou:

— Bom prol me traga o dia; mas os começos são de danado agouro.

Passaram alguns momentos em que tudo esteve em silêncio. Brásia Fernandes começava a fazer o cálculo das perdas que lhe proviriam do mau modo do seu sonolento marido, quando outra voz, bem diversa da que primeiro se escutara, gritou do lado de fora:

— Da parte de el-rei abri vossa porta, que se o não fizerdes prestes, irá dentro a golpe de machado, e vós da cadeia aprendereis a obedecer aos mandados da justiça.

Calçava mestre Gil os borzeguins quando tais palavras soaram; e Brásia, que mais prestes se atacara, ouvindo a

fórmula, e a voz do aguazil da Corte, que tantas vezes fora rapar as barbas a casa do mestre Gil, abriu logo a porta, e fazendo mil mesuras, procurou desculpar seu marido, a quem o sono, e o não saber o que queriam, fizera descortês.

— Compadre, se eu soubesse que éreis vós, certo que vos não fizera esperar — atalhou mestre Gil que chegava —, mas tanto sono tinha, que vos não conheci a voz.

Atrás do aguazil entrava de roldão um grande tropel de populares, que pelas ferramentas que traziam nas mãos pareciam carpinteiros: era este o préstito do aguazil.

O barbeiro começou a procurar os instrumentos de que se servia para alindar as caras, que nas mãos do mestre iam buscar novo alinho: mas o aguazil lhe disse, rindo-se:

— Compadre, não pensei em tesouras, nem em navalhas: trabalho para vós temos para outra coisa.

— Então para quê? — perguntou assustado o bom do dono da casa.

— Para nos dardes hoje aposentadoria, a nós, e a um hóspede que daqui deve fazer víspere para melhor vida.

— Vós zombais!!... Esta casa está ao vosso dispor: mas não queira Deus, que nela faça alguém seu passamento.

— Certo, que não será nela; mas dela, à fé que sim!

O Sol ia rompendo, e uma carruagem parou à porta da casa onde esta cena se passava, que era na Praça de Évora, e pertencia a Gonçalo Vaz dos Baraços, cujo inquilino era mestre Gil.

— São novos hóspedes — disse o aguazil ao barbeiro, escancarando a boca com um riso hediondo — e tais como nunca vós os tivestes. Bem vos amanheceu.

— Não dizia ele isso ainda há pouco — atalhou a faladora tia Brásia, que só ouvira a última parte do diálogo, e que, vendo atulhar-se a loja de gente, andava pondo em resguardo todas as coisas que por estarem mais à mão podiam levar descaminho.

Muitas alas de besteiros vinham postar-se à porta, e por entre elas caminhava uma possante mula, toda acobertada de dó, tal, que as gualdrapas lhe rojavam pelo chão: dela descavalgou um cavaleiro, que pelo seus meneios parecia pessoa nobre, mas que vinha rebuçado num comprido

ferragoulo: logo se apeou outro que vinha com ele de ancas; e ambos entraram em casa de mestre Gil.

Fez-se em todos os presentes um silêncio sepulcral.

— Dai-nos, mestre, a chave do sobrado, que por cima da vossa loja está, ou antes abri essa casa.

— Senhor Rui Teles (tal era o nome do que nas ancas da mula cavalgava), nessa casa estão os trastes e armazém de baraços de Gonçalo Vaz; que bem sabeis ser o único mercador que, em Évora, tem dessa mercadoria. Ele não está agora na cidade...

— E que me importa? — atalhou Rui Teles. — Abri, que da parte da sua Alteza vos mando, e não queirais que usemos da força.

Mestre Gil calou-se: saiu para o lado da escadaria; abriu a porta, e o cavaleiro desconhecido subiu, acompanhado por vários outros e por Frei Paulo, um dos bons homens de Vilar * que naquele tempo viera à Corte. O barbeiro desceu depois para a loja; e lançou os olhos para o terreiro, onde já estava muito povo apinhado.

Carros de traves e tabuados começavam de encher a praça: vários homens abriam covas diante da porta do mestre, onde cravaram esteios, com os quais formaram dois renques de estacaria: sobre estas estacarias pregaram barrotes atravessados, e por cima lançaram tábuas, formando, assim, uma espécie de passadiço, que do balcão da casa de Gonçalo Vaz ia dar a um tablado, que, no meio do terreiro, primeiramente tinham levantado.

Toda esta máquina que parecia obra de muitos dias fora edificada dentro de algumas horas.

Mestre Gil estava de boca aberta, e não podia acreditar o que via, e o que mais é, nem entendê-lo. O povo agitava-se em ondas no meio do terreiro: balcões, telhados, chaminés, tudo negrejava com gente: mas parecia toda aquela multidão um congresso de sombras, porque nem um grito, nem uma risada, nem um lamento se ouvia. Os besteiros e espingardeiros, ainda então em diminuto número, estavam postados em alas, cobertos de armas escuras, aos lados da praça, e pelo meio dela, passavam de vez em quando alguns cavaleiros com as suas cotas de cores, debaixo das quais se viam reluzir, pelas aberturas das cotas, os polidos

arneses; o passo dos ginetes era pausado: havia em tudo isto um aspeto terrível, e misterioso.

O barbeiro estava curioso de saber o que significavam todos estes aprestos: havia três dias que não fora ao paço... Uma ideia lhe passou pelo espírito, mas repeliu-a como abominável e impossível: e todavia se a tivesse admitido, acertara com a verdade!

Farto de parafusar, saiu da loja: chegou-se a duas ou três pessoas a perguntar para que eram aqueles aparatos: nenhuma lho soube dizer; vendo assim baldadas suas diligências, mestre Gil voltou outra vez para casa, gritando da porta à mulher.

— Brásia: não está pronto esse almoço?

CAPÍTULO III

CASO INCRÍVEL

— Bem teimava eu que o dia tinha começado aziago — dizia mestre Gil com a boca meia cheia de açorda, de que o ajudava a despejar uma escudela a senhora Brásia. — Não posso atinar com o motivo porque se levantou esta máquina diante da nossa porta, com um passadiço para casa de Gonçalo Vaz!... Se fosse... — dizendo isto olhava para sua mulher, a ver se ela acabava a frase; mas a tia Brásia estava com a alma enlevada no almoço, e nada lhe disse em resposta; então mestre Gil prosseguiu: — Nada: não pode ser!... Tanto não ousara el-rei: preso num castelo, ainda: é o que se diz pelo paço... mas justiçado?....

Isso fora impossível!

— E que te importa? — disse por fim a tia Brásia, depois de acabar de comer. — Que te importa o para que servirá essa armadilha? Que seja para ver jogar canas e correr

touros, ou para dar garrote ou degolar alguém, que tens tu com isso? Come a tua açorda, e depois dá graças a Deus.

Neste momento mestre Gil lançou os olhos para a praça e involuntariamente deu um grito de horror.

— Santo Deus!

Brásia olhou para lá. Vários homens começavam a forrar de tela preta o cadafalso misterioso, e o corredor que para ele dizia. Era evidente que um justiçado devia subir a ele.

E com efeito por um dos ângulos da praça começavam a desembocar os desembargadores da suplicação com as suas opas roçagantes, os corregedores da Corte, os alcaides dela, e todas as restantes justiças, com os oficiais da casa de el-rei.

Mestre Gil estava imóvel e espantado como se algum corisco tivesse caído aos seus pés.

Tinir de esporas soava pelos degraus da escada: um cavaleiro descia, e entrava apressado na loja do barbeiro.

— Mestre Gil, podereis vós haver-me alguns figos lampos?

— Senhor, si! Hei de os ir colher à figueira do cerrado, que ontem lhe vi alguns maduros.

— Pois colhei-os, e levai-os lá acima, sem que muito vos detenha: levai também um pichei com vinho.

Dito isto o cavaleiro saiu: montou num ginete, e partiu à rédea solta através da praça.

O barbeiro obedeceu: lutava na sua alma o terror e a curiosidade. Quase que estimou que houvesse um motivo invencível para superar aquele e satisfazer esta. Ligeiro correu ao cerrado, colheu os figos, e subiu a casa de Gonçalo Vaz, levando-os numa das mãos, e na outra um pichei de vinho.

Olhou: e um estremeção involuntário lhe agitou os membros: um cavaleiro que não podia ser senão o que entrara envolto no ferragoulo, estava sentado numa cadeira. Era ele!... Era quem mestre Gil imaginara. Via-o; mas não o cria!

— Vinde cá, Gil; dai-me isso que trazeis — disse Rui Teles, que estava em pé ao lado do cavaleiro.

O barbeiro obedeceu.

— Quisera poder pagar-vos — disse o cavaleiro —, porém não posso. Hoje sou mais pobre do que o mais pobre dos meus vassalos: os meus haveres consistem apenas nalgumas horas de vida. Deus vos recompensará.

Isto foi dito com voz firme e serena. Depois o cavaleiro, escolhendo os figos mais formosos e maduros, os comeu, e bebeu uma vez de vinho.

Frei Paulo, que estava do outro lado, disse com voz solene:

— Não vos chameis pobre, senhor. A bem-aventurança vos espera, e a bem-aventurança de um mártir não é pobreza. Deixais mulher, filhos, riquezas e vassalos; porém, mais do que tudo isto vale o reino de Deus.

O cavaleiro volveu os olhos para a janela, e cravou-os no cadafalso.

— Nosso primo gosta das coisas à guisa de el-rei Luís de França. Ainda há pouco tempo que, encostado comigo a uma janela do paço, me descreveu a forma do cadafalso, em que ele mandara degolar um dos seus duques, e não lhe esqueceu a traça para o auto presente!

Rui Teles, vede como vem loução Francisco da Silveira, com as insígnias de meirinho-mor.

Rui Teles olhou, e viu Francisco da Silveira entrar na praça, sopeando o seu fogoso cavalo: a vergonha lhe fez subir a cor ao rosto: ele aceitara o cargo de conduzir o mísero cavaleiro ao lugar do suplício; e o marquês de Marialva tinha recusado preencher as funções do seu, para não assistir aos últimos instantes de um desventurado amigo; fizera mais: ele e muitos fidalgos ofereceram a el-rei o darem-lhe suas fortalezas em arreféns pelo sentenciado; mas nada abrandara o ânimo de el-rei, nem do seu valido Antão de Faria. Decretada estava a morte do cavaleiro; e o julgamento e sentença que o levavam ao patíbulo, não eram mais do que fórmulas vãs que deviam dar aparências de justiça ao que só era obra de vingança e porventura da política.

O cavaleiro que falara em baixo com mestre Gil entrou. O seu rosto era pálido: parou em frente do sentenciado.

— Que notícias trazeis, senhor? — perguntou Frei Paulo.

— Não há nenhuma esperança. Nada pode dobrar a vontade férrea de el-rei.

— Deus lhe perdoe — disse em voz baixa o sentenciado. — e os meus filhos?

— Estão seguros. Fernão Rodrigues Pereira os levou para Castela. A rainha D. Isabel lhes servirá de amparo.

— Seja o Senhor louvado! Morrerei tranquilo.

Estas foram as últimas palavras do mísero cavaleiro.

Frei Paulo lhe falou ao ouvido: ele se pôs em pé, e o monge tomou o lugar que ele deixara: era a confissão extrema.

Mestre Gil estava imóvel no topo da casa, junto à porta, com os olhos espantados, e com a boca semiaberta. Rui Teles lhe acenou que descesse.

E o barbeiro desceu.

CAPÍTULO IV

Quando eu saía á porta da cidade aparelharam-me cadeira na praça.

«Viam-me os jovens, e escondiam-se; e os velhos levantavam-se, e estavam.

«Os príncipes paravam de falar, e ponham o dedo sobre a boca.

«A bênção vinha sobre mim, e vestido era de justiça.

«E eu era padre dos pobres, e britava os dentes do mau, e dos dentes dele tirava a prea.

«Aqueles que me ouviam esguardavam a minha sentença.

«Mas agora escarnecem de mim os que som mais jovens que eu, aqueles cujos padres eu desdenhava poer com os meus cães.

«E hão me avorrido, e fogem longe de mi, e nom hão vergonha de cuspir na minha face.

«E som tornado em nada; e agora seca-se a minha alma em mi mesmo, e os dias da aflição me possuem.

«E som semelhável ao lobo, á faísca e á cinza.

«Bradarei a ti, senhor Deus, e nom me ouves; e estou, e nom me olhas.

***

Estas magoadas endechas do velho Job soavam na Praça de Évora, entoadas sobre o longo corredor que da casa de Gonçalo Vaz dizia para o cadafalso, erguido como um espectro no meio daquela multidão, que para ele olhava muda. Por esse estreito passadiço, a que um gongorista ou romântico arrevesado chamara ponte da morte em pélago de vidas, caminhava o cavaleiro condenado ao suplício, e junto dele o venerável Frei Paulo e mais dois sacerdotes, que com fúnebre melodia repetiam as passagens do Livro de Job que acima deixamos transcritas, e vários outros cantos extraídos do tesouro inesgotável de consolações, chamado a Bíblia. Após o padecente ia um vulto de homem

todo coberto de dó: um saio comprido lhe pendia até os pés, um grande capelo lhe escondia a cabeça, e uma corda de esparto o cingia: era o algoz.

Chegaram enfim ao teatro onde se havia de representar aquele drama terrível: então soou a voz do pregoeiro que dizia: «Justiça que manda fazer el-rei D. João na pessoa de D. Fernando, duque de Bragança, por crime de alta traição.» Três vezes soaram estas palavras, a que o duque respondeu em voz baixa: «Digam o que quiserem.»

O sentenciado parou no meio do cadafalso, onde havia uma espécie de tabuleiro: o executor lhe disse que se deitasse ali: ele obedeceu, depois de tirar do pescoço um relicário, que deu a Frei Paulo, dizendo-lhe:

— Dai isto à senhora duquesa. Não vos esqueçais do que vos encomendei. Que vá pela minha alma um romeiro a Santa Maria de Guadalupe, e outro ao santo sepulcro de Jerusalém. Deus tenha piedade de mim!

— Ámen! — responderam os três sacerdotes.

— Jesus! — foi o grito que soou depois de um momento de silêncio mortal. Este grito partiu de todos os ângulos da

praça ao mesmo tempo: a cabeça do duque de Bragança D. Fernando II tinha sido separada do seu corpo: vira-se reluzir no ar o ferro do algoz, como o fulgurar de um relâmpago.

O executor, sem descobrir o rosto, voltou para a casa de Gonçalo Vaz. Quem ele era, ninguém o soube: houve pessoas entre o povo que afirmavam lhes parecera pelo vulto o próprio D. João II; mas não as acreditaram; eram destas imaginações, que gostam demasiado do maravilhoso. Alguém se atreveu a fazer perguntas acerca disto a mestre Gil, o qual, sorrindo-se, mudava sempre de conversa... provavelmente porque achava ridícula e extravagante tão horrorosa ideia. Mas o que muitas vezes lembrava a mestre Gil, assim como a toda a gente, era a história da pedrada que el-rei atirara na borda do Tejo, e o dito do cardeal da Costa, antes de partir para Roma.

A primeira cabeça em que batera a pedra despedida da mão de el-rei fora a do duque de Bragança. Julgado camarariamente, por juízes não seus pares; acusado de tratar traição, a favor de Castela e contra seu rei, por testemunhas vis, e pelo seus inimigos mortais,

condenaram-no sem o ouvirem; e o cavaleiro que fora o amigo de Afonso V, o senhor feudal que podia tirar das suas terras duas mil lanças e dez mil peões armados, não teve uma lança que se abaixasse por ele, nem uma besta que se encurvasse na sua defesa. Como um assassino ou um salteador, convertido em fábula das gentes, entregou a vida nas mãos do algoz, no meio de uma praça pública. Os seus filhos, pobres e proscritos, foram procurar asilo num país estrangeiro, e a sua mulher, a irmã da rainha de Portugal, pôde chamar qualquer homem da plebe a mulher do justiçado!

Naquele mesmo dia os cónegos da Sé de Évora conduziam, sem pompa, à Igreja de S. Domingos, entoando as orações dos finados, o cadáver truncado do duque de Bragança, e lançavam alguns punhados de terra sobre os restos do homem, que fora nobre, poderoso e rico.

CAPÍTULO V

SETÚBAL

No Verão do ano de 1484 foi el-rei D. João residir em Setúbal, terra em que muito gostava de habitar. Os populares da vila fizeram grandes festas, indo-o receber com tourinhas e guinolas. Nenhum rei houve, por certo, mais estimado do povo; porque nenhum, nem antes nem depois, guerreou tanto os grandes, nem tanto favoreceu os pequenos. Ousado, e cioso do mando supremo, D. João II era semelhante ao furacão do deserto, que revolve e quebra os pinheiros e carvalhos da encosta, e agita apenas a erva rasteira, que cresce no fundo do vale. Passaram-se, pois, aquele dia e noite em folias e tangeres, com grande aprazimento de el-rei.

Mestre Gil, barbeiro da Corte, tinha andado sempre com ela, desde que se acabara o luto por D. Afonso V. Era o mestre muito aceito a Antão de Faria, camareiro e valido de

el-rei, e por isso todos o tratavam com cortesia: muito diferente, todavia, de Oliveiros le Dain, barbeiro e privado de Luís XI de França, nunca havia trepado ao valimento de D. João II, nem a sua ambição punha a risca tão alto: contentava-se com ser bem olhado pelo camareiro, e porventura isto o livrou de dançar na forca à maneira do rapador francês: tão certo é que os validos são como os repuxos: tamanho é o tombo, como a altura a que da terra subiram.

Mestre Gil dera, pois, com os ossos em Setúbal. A tia Brásia Fernandes ficara em Évora; e ele, livre dela, gozava da vida; da vida, que, segundo dizem os casados, se renova inteira (quando há destas separações) para aqueles maridos cujas caríssimas consortes são meigas pelo teor da tia Brásia; isto é, afagam com bofetadas, sorriem com carrancas, pedem com berros, consolam com descomposturas e acariciam com bofetões e dentadas.

Achava-se mestre Gil à solta, e aproveitou a ocasião; desocupado e contente, tinha-se fartado de dormir, e já havia alguns dias que estava em Setúbal quando saiu a ver as coisas notáveis da vila, e encaminhou os passos para a

praia do Esteiro, que recebe o tributo das águas do Sado. A brisa do mar quebrava o ardor dos raios do Sol, tão ardente nos nossos climas meridionais.

Fernão Martins Mascarenhas, capitão da guarda e dos ginetes de el-rei, passeava também por lá, à sombra de uns bastos arvoredos, que então por aquelas praias se estendiam. Viu-o mestre Gil, e ia direito a ele para travar conversa, quando chegou um besteiro da guarda, e falou ao ouvido de Fernão Martins. Este partiu imediatamente para o lado dos paços onde pousava D. João II.

«Não se pode ser morador da casa de el-rei — rosnou o barbeiro —; não há um momento de folga: lá vai Fernão Martins, chamado à pressa; agora que ele talvez bem desejara conversar comigo um pedaço! Mas, enfim, amanhã é a procissão de corpus: tudo anda em barafunda; depois de amanhã poderemos ao menos conversar com os amigos.»

Dito isto, mestre Gil deu volta para o interior da vila: chegou ao rossio, chamado de Jesus, correu a Rua da Anunciada (hoje Rua do Tróino) e a Travessa das Amoreiras: estavam já as janelas cobertas de ricas

tapeçarias de sedas, e as paredes forradas de rasos de maravilhosas invenções e lavores: nuns estavam pintados vários cavaleiros com as suas divisas e cores, e com letras por baixo que diziam: *Como o cavaleiro Auselom (*) caiu em caso de traição contra o seu pai e emperador David e o guerreou.* Mais adiante via-se Absalão preso pelos cabelos ao tronco de uma árvore, e por detrás dele um cavaleiro que o atravessava com uma lança, tendo por baixo a lenda: *Como o cavaleiro Auselom foi morto miseravelmente*.

[(*) Auselom (Absalão): De acordo com a bíblia, filho de David que, no decurso de um banquete, mandou matar seu irmão Ámon.]

Noutros estavam bordados os desposórios da Virgem com S. José, e por cima lia-se em letras alemãs maiúsculas: *De como o bispo de Jerusalém deu a bênção de conjugal união á Virgem Maria*. Pegados com estes corriam outros rasos, que forravam muitas moradas de casas, e em que se representavam diversos passos da Caroniqua de Amadis de Gaula e da do emperador Vespasiano e das suas altas cavalarias. Mestre Gil andava embebido nestas pinturas,

que eram os jornais populares daqueles séculos, em que os factos históricos, sagrados e profanos, se misturavam e confundiam debaixo de uma única forma, a cavalaria.

As ruas pulverulentas, e ainda naquela época não calçadas, tinham sido limpas das imundícies de um ano, ali amontoadas, e estavam juncadas de espadanas, de canas verdes, de ramos de pinho e de alecrim e rosmaninho. Por algumas frestas e janelas, cujas adufas meio levantadas formavam como cobertas ao longo dos muros, viam-se as mulheres entretidas em dar ceradas nos púcaros e talhas de Estremoz, que punham em boa ordem na cantareira, já de novo caiada, e com os seus mandis ou cortinas listradas: outras acabavam de bordar suas gorjeiras muito alvas, lavradas de linha preta e vermelha, ou seus panos brancos, para com donaire envolverem as tranças no dia seguinte. Nas lojas dos alfagemes, ou espadeiros, poliam-se e lustravam-se espadas; nas dos armeiros se douravam elmos, e se azulavam arneses: não se viam nos balcões dos alfaiates senão calças de cores, talhadas ao viés, cintos de seda, gibões de panos custosos, comprados na feira de Lamego, pelotes à guisa de Espanha; enfim toda a casta de

trajos louções e escusados. Ninguém suponha que os peralvilhos são de recente instituto; porque não há aí ordem monástica (onde as há), nem fidalgo de casta goda e sangue azul, que possa disputar com os alindados acerca de antiguidade de instituição, ou de raça.

Mestre Gil andava como pasmado; não que este espetáculo fosse para ele novo, mas porque supunha, como toda a gente, que a sua terra era a mais nobre povoação, do mundo, e que, fora de Évora, não era humanamente possível haver riquezas, louçainhas e bom gosto. Enganava-se: Setúbal era muito mais rica: o comércio florescia ali em sumo grau: os seus habitantes, marinheiros ativos, cobriam os mares com os seus navios, que demandavam os portos de mais trato no Mediterrâneo, e no mar Oceano: ali foi que D. João II, muito inclinado às coisas do mar, artilhou as primeiras caravelas, que em Portugal se viram armadas de bombardas. Enfim Setúbal era naquela época uma das mais abastadas vilas que no reino havia: e era isso que mestre Gil, que nada entendia de comércios, não podia compreender.

Ao cair da noite o mestre se recolheu a sua pousada, que era no paço, e deitou-se. Os seus sonhos foram dourados, mas extravagantes, como as variadas cenas que vira durante o dia. Auselom, o bispo de Jerusalém, Vespasiano, o rei Garinter, Amadis, Lisuarte, Fernão Martins, cavaleiros, besteiros, espingardeiros, donas, donzelas passavam diante dos olhos da sua alma, em diversas posturas, fazendo-lhe biocos, visagens e ademanes, ora de escárnio, ora de amizade: via festas, torneios, justas, momos, combates, e tudo isto o fazia rir, falar, bracejar, gemer, e gritar no meio dos seus muito roncados e assobiados sonos, até que despertou, e esfregando os olhos viu que era alto dia. Ergueu-se à pressa; e ainda bem não tinha enfiado o pelote, sentiu levantar a aldrava: era um pajem que entrava, e que vinha chamá-lo da parte de Antão de Faria.

O barbeiro pegou nas ferramentas do ofício, e foi após o pajem, até o quarto do camareiro, que já o esperava sentado numa ampla poltrona de couro, com a sua chaparia dourada: o pajem saiu, e mestre Gil ficou a sós com o valido de el-rei.

Começou a barbeá-lo, rebentando por falar; mas Antão de Faria estava taciturno, e parecia envolto em profundas meditações: para o tirar a terreiro, o barbeiro tossia, escarrava, largava a navalha para se assoar; mas o descortês valido fazia orelhas de mercador ao estrepitoso catarro de mestre Gil, que em verdade não podia atinar com a causa da mudez de Antão de Faria, que para mestre Gil, e talvez só para ele, era o homem mais conversável de todo o mundo.

Por fim não pôde conter-se: tossiu, e disse em voz pausada:

— Maldita tosse!

O valido volveu os olhos para ele, e, como que acordando de um letargo, exclamou:

— Ah, sois vós, mestre Gil!

Custou muito ao barbeiro o não pregar uma gargalhada. «Ora esta! — disse lá consigo. — O privado parece que perdeu o tino: nem sequer sentiu a navalha na cara! Pois ela não está das mais macias; que há dias que não é afiada!»

E as provas sangrentas, de que a reflexão do barbeiro era exata, estavam gravadas nas faces e queixos de Antão de Faria.

— Senhor, si — prosseguiu o barbeiro em voz alta —, que ao vosso mandado aqui vim exercitar meu ofício.

— Tendes razão... mas que novas, mestre Gil?

— Nenhumas: salvo os grandes aparatos que por essa vila vão para a procissão. À fé que nunca na minha vida vi primar tanto no dia de hoje em galas e louçainhas: de mais de trinta corpus christus me lembro, e de todos posso dar relação: o primeiro era eu muito novo, em tempo do infante D. Pedro...

— Mas dizei-me, mestre Gil: não ouvistes nenhum rumor por aí, acerca de alguma coisa, que deva suceder hoje!

— Nada: absolutamente nada.

— Não corre entre o povo que hoje querem os fidalgos dar morte a Sua Alteza que Deus guarde?

O barbeiro largou a navalha no chão, e recuou obra de uma vara, cheio de indizível horror.

Antão de Faria cravou nele os olhos.

— Não ouvistes dizer isto?

— Juro por esta (aqui beijou os dedos índices de ambas as mãos, encruzando-os sobre a boca): juro pela minha alma, que nada disso ouvi.

— Dor de reira (*) os consuma! — gritou Antão de Faria, batendo o pé na casa, cheio de cólera. — Só sabem ir espalhar pelo povo aquilo que ele não deve saber, e o que convém se lhe revele, guardam-no muito bem guardado. Pois saiba, mestre Gil, que muito desvairado modo de conjuração trataram os nobres contra a pessoa de el-rei, e que já por vezes têm tentado pôr-lhe ferro ou matá-lo com peçonha, e que vendo até agora baldadas suas abomináveis traças resolveram acabar com ele no meio da procissão. Mas os traidores enganam-se! El-rei irá; que os não teme. Um espingardeiro escondido numa casa deve atirar a Sua Alteza, quando os fidalgos se abaixarem para apanharem seus bastões, que terão deixado cair no chão: é este o sinal ajustado: mas quando eles se abaixarem el-rei se abaixará também, e além disso o traidor espingardeiro já a esse tempo não estará neste mundo. Os fidalgos crerão que

ficam seguros; mas daqui a três meses a cabeça dos conjurados terá já descido ao inferno, e os outros o seguirão em breve.

[(*) Dor de reira: Dor de rins.]

Antão de Faria pronunciou estas palavras com um furor comprimido, e o barbeiro, imóvel diante dele, o escutava com os olhos espantados, e a boca meia aberta. O valido prosseguiu.

— Acabai de me rapar as barbas, e ide-vos. Podeis dizer a todos que hoje querem assassinar el-rei; mas silêncio! acerca de quem vos disse, e de estarem atalhados os intentos dos traidores: se vos apraz a luz do Sol tende tento com a língua.

Mestre Gil continuou com a sua tarefa: tinha-lhe passado a vontade de falar. Acabada a obra, despediu-se em voz submissa de Antão de Faria, e desceu para o seu aposento.

Daí a duas horas corria em Setúbal um sussurro vago, entre o povo, de que se queria tentar contra a vida de el-rei, no solene auto da procissão de cor pus. Ninguém sabia como este rumor se espalhara: porém mestre Gil tinha saído do paço, obra de três horas antes de começar a festa!

CAPÍTULO VI

A PROCISSÃO DE CORPUS

Eram mais de oito horas quando mestre Gil saiu do acanhado alvergue, que lhe tinham dado no átrio do paço, onde também tinham seu quartel os besteiros, espingardeiros, e ginetes da guarda real, de que a pocilga do barbeiro apenas estava separada por um tapume de tábuas, grosseiramente afeiçoadas, e mal unidas. Tanto no quartel, como no átrio, ia grande revolta e matinada; porque os soldados se acabavam de armar à pressa, para entrarem em ordenança; visto que el-rei tinha mandado dizer que estivessem prestes; porque ele não tardaria em descer para acompanhar a procissão. Eram, dizemos, mais de oito horas, quando mestre Gil saiu para a rua; e, como também dissemos no capítulo antecedente, daí a duas horas já entre o povo miúdo de Setúbal corria uma voz de

terror acerca da vida de el-rei; mas esta notícia era vaga e incerta.

Sem saberem bem porquê, os populares acusavam os fidalgos de traições horríveis: que traições estas eram ninguém o sabia; mas todos esperavam com ansiedade que se desvanecessem ou verificassem os boatos que encontrados corriam.

O relógio de sol colocado num dos ângulos da praça da vila apontava quase onze horas, quando a procissão começou a sair da igreja matriz, aonde el-rei tinha acabado de chegar, acompanhado de todos os nobres que se achavam na Corte; eram estes, além dos oficiais da sua casa, o bispo de Évora, D. Fernando de Meneses irmão deste, o duque de Viseu cunhado de el-rei, Pedro de Albuquerque, o conde de Penamacor, D. Guterres Coutinho, D. Álvaro de Ataíde e o seu filho D. Pedro, Fernão da Silveira, e muitos outros fidalgos e cavaleiros, que el-rei sempre consigo trazia nos contínuos giros em que andava pelas províncias, principalmente da Estremadura e Alentejo.

A chegada de el-rei fez logo entrar em boa ordem toda aquela multidão de gente que devia ir incorporada na procissão, e que, reunida em vários grupos, formava à porta, e ainda pelas naves da igreja, um como caos indizível de pendões, bandeiras, dançarinos, apóstolos, reis, foliões, imperadores, músicos, cavaleiros, profetas, diabos, santos, bugios, mulheres lascivas e rabis veneráveis; cada qual vestido com os trajos, e fazendo os ademanes próprios do papel que representava. As tabernas da vizinhança tinham-se já àquelas horas esgotado; mas o divino licor transluzia nas faces rubicundas dos alegres foliões e jograis, que dançando, e fazendo momices e visagens, se ensaiavam com todo o esmero para bem cumprirem seus deveres no muito devoto e angelical auto da procissão de corpus.

Os ginetes da guarda começaram a afastar o tropel de espectadores com aquela cortesia própria de soldados de um príncipe pai do seu povo: choviam as pranchadas sobre os amplos costados dos fiéis vassalos de el-rei: aqui um cavaleiro dando sofreadas ao seu cavalo o fazia recuar sobre um enxame de mulheres enfileiradas ao longo das paredes, e uma ou outra lá ficava pisada debaixo das patas

do pobre animal, que suava com o peso da sua cobertura de ferro: lá um besteiro sentava a manopla sobre os focinhos de algum basbaque, que metendo a cabeça por entre a ala, o empurrava e fazia sair da ordenança em que o pusera seu coudel: aqui um velho atropelado gemia lançado por terra: lá chorava uma criança perdida. Para outra parte um bando de cães travados em briga, vinham aos tombos, ladrando, ganindo e rosnando, cair entre as diminutas fileiras dos espingardeiros, que os serviam de coronhadas, arrebentando aquele em cujo lombo caía, pesado, como desconto de rebatedor de ordenados em 1838, o coice do arcabuz. Corria então o dono do animal assassinado, e travava-se com o espingardeiro, que brevemente terminava a disputa, fazendo com a sua terrível arma um movimento de rotação, até que ela parava nos peitos do honrado cidadão, que, lançando pela boca golfadas de sangue, ia sentar-se tranquilamente em terra. Enfim via-se a olho, que o povo estava desapressado das tiranias dos fidalgos, e que, visto haver já corregedores pelas terras dos donatários da Coroa, a nação era livre, respeitada e feliz.

Asserenou pouco a pouco a revolta, e a procissão começou. Mas onde estava mestre Gil? Mestre Gil estava empoleirado no degrau de uma porta na Rua da Anunciada, ou do Tróino, como hoje lhe chamam, e já lhe chamava o muito sincero e imparcial historiador Garcia de Resende. Esta porta pertencia a uma casa de quina, cujas janelas, com grande espanto do barbeiro, estavam fechadas, assim como a porta. Calculou ele, e calculou bem, que estando tudo fechado, ninguém o incomodaria se se empoleirasse no limiar da entrada. Ali, pois, a pé firme esperou que chegasse a procissão. Ela com efeito, depois de larga demora, desembocou ao cabo da rua. Aproximou-se; e mestre Gil viu, com mágoa interior, que em pompa, invenções, e grandeza, o corpus de Setúbal ficava muito acima do de Évora.

Na frente daquele numeroso concurso vinha uma judenga, ou dança de judeus, acompanhada por um, que fazia de rabi, com a toura, ou livro da lei, na mão. Como nos governos representativos são os primeiros cargos, que aparecem vagos, para os membros da oposição, e para os que mais alto bradam contra o ministério, assim na

procissão de corpus tinham a dianteira os que blasfemavam de Cristo.

Talvez ninguém imaginasse que no cerimonial de uma procissão do século XV estava o ovo de um princípio político do XIX? Pois, agora, o ficarão entendendo.

À judenga seguiam-se em corporação os ferreiros, com a sua bandeira; e neste lugar sê via um homem vestido de cores, fitas, européis, e guizos, fazendo visagens e momices, com arco e frechas na mão: era o segitório ou sugistório (do latim sagitarius, frecheiro). Fazia este um grande terreiro, ora fingindo, com ademanes e gestos, de medroso, ora parando e voltando-se com a postura e modos ameaçadores do capitão Horriblicribrifax(*) da velha comédia alemã. Corria adiante, quando ele corria, e recuava quando ele dava volta, uma serpe gigante, sarapintada horrivelmente, por baixo de cuja barriga se viam os pés dos homens que a levavam, e que um silvado, em que a serpente ia metida, não podia encobrir inteiramente. Esta parte da procissão tocava aos carpinteiros, que também levavam uma dança de ciganas.

[(*) Horriblicribrifax: Personagem e título de uma comédia alemã de Andreas Gryphius (1616-1664).]

Atrás deles iam os hortelões com um auto ou entremez em que se figurava uma caçada: via-se um rei e um imperador, um urso e monteiros; um carro e homens armados de chuços e lanças, tudo ao antíguo, conforme rezava o regimento da procissão.

Arrais, espadeleiros, petintais, galeotes (*), e mais gente de marinhagem de naus, caravelas, e fustalha miúda, salvo barqueiros, iam após a caçada, levando uma nau sobre rodas, muito para ver, com o seu cordoame, enxárcias, bailéus e gáveas, muito bem obradas, e adiante caminhava. S. Pedro com as suas barbas alvas, e as suas chaves na mão.

[(*) Os espadeleiros eram uma espécie de pilotos que guiavam certas embarcações pequenas com uma espadela, ou grande remo em vez de leme; os petintais eram, segundo parece, carpinteiros de naus; os galeotes eram aqueles que estavam arrolados para servirem como marinheiros nas galés reais.]

Seguia-se um bando de foliões e jograis vestidos de desvairadas maneiras, fazendo momices e indecências, com que a devoção popular crescia, como é de crer: logo atrás destes vinham os pedreiros e alvenéus muito sisudos, com castelos nas mãos, de delicado lavor, e a competente bandeira. As regateiras, peixeiras e fruteiras os acompanhavam rodeando duas raparigas desenvoltas, dançando uma em pé sobre os ombros da outra, que também ia dançando, coisa admirável, e a que o povo embasbacado dava grandíssima atenção: a estas dançarinas se dava o nome de péla, ou porque mostravam leveza e agilidade como uma péla, ou por lhe darmos uma significação mais natural e justa, derivando aquela denominação da palavra latina pellex. As mulheres que rodeavam as duas dançarinas corriam como bacantes de um para outro lado, saltando, e tocando adufes e pandeiros. Isto lhes era ordenado pelo regimento do auto.

Chegava o turno dos barqueiros, que vinham rodeando uma horrenda e agigantada figura, que representava S. Cristóvão, o qual levava pendente ao colo um Menino Jesus.

Uma das coisas mais maravilhosas que no auto havia era uma figura que representava S. João o Precursor, com o seu surrão e cajado, muito bem posto, o qual davam os sapateiros. Adiante vinham doze pastores, e doze macacos com rabos muito compridos, tanto ao natural, que enganavam os olhos.

Seguia-se a dança dos anciãos: era um bando de velhos e velhas, com rosários de bugalhos nas mãos, e que faziam trejeitos, dançando com mais desenvoltura do que prometia, ao primeiro aspeto, a muita idade que representavam.

Após estes vinha o draguo: era um dragão espantoso, com duas asas de desmesurada grandeza, e ventas e boca pintadas de vermelhão, imitando sangue: a dama do draguo dançava diante dele com um folião, fazendo trejeitos e requebros à fera, que conservava toda a sua seriedade, como coisa morta que era.

Aqui, por um grande espaço, se estendia a procissão com corpos de danças, umas formadas de mouros escravos, outras em que os bailadores lutavam armados de espadas, outras finalmente em que as figuras representavam sátiros

e ninfas em competências amorosas, sumamente edificativas e morais, como é fácil de maginar; tudo para maior honra de Deus e exalçamento da fé. Era depois disto que se via o bem-aventurado S. Jorge, santo imaginário, que os Ingleses trouxeram para o nosso calendário em tempo de el-rei D. Fernando, e que, invocado daí avante nas batalhas, tirou muitas vezes a Santiago a honra de servir o seu nome para grito de arremeter (*).

[(*) S. Jacob ou Sant'Iago ou S. lago, segundo as antigas lendas, foi o apóstolo que veio pregar o Evangelho em Hispânia, e daí tirou o seu direito de padroado, como era de justiça. Nas guerras com os mouros, os Cristãos davam sinal de acometer bradando Santiago. Quando os Ingleses vieram a Portugal, em ajuda de D. Fernando, era S. Jorge o seu grito de guerra. Deles o tomaram os Portugueses, talvez para se distinguirem dos seus inimigos Castelhanos, que também bradavam por S. lago. Continuaram todavia os nossos a servir-se do grito Santiago, nas guerras da África e da índia, más S. Jorge ficou padroeiro do reino, com grave detrimento do apóstolo, que tinha jus mais antigo e fundado.]

Vinha o padroeiro do reino, coberto de uma armadura completa, azul e dourada, sobre um possante ginete acobertado, com os seus escudeiros, pajens, e cavalos à

dextra, tão loução e bem posto, que se de pau não fora, e além disso santo, mais de uma donzela se enamorara dele. Era esta uma das representações da procissão de corpus, que mais dava no goto ao respeitável público, ou público ilustrado (que de ambos os modos se costuma designar em cartazes e anúncios) do que muitos se ufanavam os cerieiros, conteiros e douradores, a cujo cargo estavam os adornos e acompanhamento do bem-aventurado santo.

Devemos, antes de passar adiante, notar neste ponto, a que podemos chamar centro, alma, ápice ou força da procissão, que por brevidade omitimos as bandeiras, danças, folias, reis e imperadores, que cada ofício, ou dois, três, e quatro unidos, levavam, semeados aqui e acolá; porque fora tão miúda descrição um não acabar. Basta dizer, que só de reis havia aí bastantes para abastecer todos os tronos da Europa, e de arrazoada porção da Ásia.

De S. Jorge saltava a procissão (que ainda naquele tempo se não tinham inventado as três unidades) ao sacrifício de Isaac. Um alentado Abraão, de roupas talares, barba revolta, e cutelo na mão, caminhava com passo grave, levando adiante o filho, que, para confessarmos a verdade

inteira, abaixando-se de vez em quando, para atirar sua pedrada aos rapazes conhecidos, e com a cara enlambuzada de açúcar e confeitos, estragava o seu papel, como ainda hoje fazem por esse mundo (já se sabe que não falamos de Portugal) muitos atores que sem piedade esfolam a linguagem, o tom, e a gesticulação de qualquer drama, nas barbas do seu autor, que em cada representação tem três ou quatro horas de aposentadoria nas penas do inferno, enquanto o respeitável público (aquele de que acima falamos) se exta sia, e palmeia os histriões, em vez de lhes cuspir nas faces.

Após Abraão vinha Judite, com a sua aia, trazendo um alfange, e um saco ensanguentado, dentro do qual era de crer estivesse a cabeça do ímpio e desalmado Holofernes (*). Logo em seguida via-se o rei David, dançando com os seus pajens, e atrás de tudo isto foliões, e outra péla, acompanhada de regateiras, e de homens com as cabeças cobertas de uns barretes pontiagudos de volante, com as caras tapadas ao modo dos modernos olhandilhas das procissões de Quaresma (que os bons costumes ainda os

não perdemos de todo): estes biocos, tocava aos tendeiros e merceeiros o dá-los para aquela solenidade.

[(*) Holofernes: General de Nabucodonosor, rei da Assíria. Foi chefe dos sitiadores de Betúlia, cidade da Terra Santa que foi berço de Judite, personagem da bíblia. Judite livrou os habitantes da cidade de morrerem de fome, cortando a cabeça de Holofernes e mostrando-a depois do alto dos muros de Betúlia aos sitiadores, que finalmente levantaram o cerco.]

Que classe seria a que viesse na procissão logo em cola dos tendeiros? É visível a todas as luzes, que deviam ser os taberneiros. Eram, pois os taberneiros que aí vinham. Um Baco gordo e vermelho, sentado numa pipa, e acompanhado de cantores, e foliões, aí atraía a atenção dos devotos, e fazia um dos mais belos ornamentos da procissão, onde faltava a deusa Vénus, que tão distinto lugar tinha nos corpus de outras terras do reino, mas que em Setúbal faltava. Não passou isso por alto a mestre Gil, que por um sentimento patriótico, se regozijou de tal quebra do cerimonial, que, nessa parte, se executava à risca em Évora, por postura da Câmara.

A folia dos taberneiros servia como de transição entre as personagens da lei velha e da lei nova. Os doze apóstolos e Jesus Cristo, rodeado de anjos, caminhavam com passo firme, e aspeto severo no meio daquela turba multa, que, longe de ver nisto, como nós, uma indecência abominável, acreditava que de semelhantes profanidades só resultava honra e glória a Deus.

Ao apostolado seguia-se Santa Maria da Asninha, isto é, uma representação da fuga para o Egipto. A Senhora ia a cavalo, e S. José a pé, com grande acompanhamento de anjos, e adiante o Menino Jesus num andor.

Começava então um Fios Sanctorum extensíssimo: aqui ia Santa Catarina com a sua roda de navalhas; lá S. Sebastião; o santo ia nu e com os seus frecheiros adiante; agora S. Joaquim e Santa Ana; logo Santa Clara, acompanhada de várias freiras, e muitos mouros de roda, que tinham liberdade para lhes dizerem quantas palavras indecentes lhes lembrassem: enfim este acto do drama acabava por S. Miguel, ameaçando dois grandes diabos, que pareciam quererem lutar com o arcanjo.

No que poderíamos chamar entreato, isto é, no espaço que havia entre o espetáculo que temos descrito e o clero secular, comunidades, e mais pessoas, que iam na cauda da procissão, caminhavam as padeiras, conduzindo uma descomunal fogaça, a qual no fim da cerimónia se devia distribuir aos presos.

Era depois de passarem os clérigos, comunidades, e pessoas mais autoridade, que vinha a guayolla. Davam este nome a uma espécie da maquineta em que ia a Hóstia, e que sentava sobre um andor ou charola, que alguns clérigos levavam aos ombros, e atrás da qual, a pouca distância, ia el-rei e os fidalgos da sua Corte, levando todos bastões nas mãos.

Mestre Gil, imóvel no seu poial, tinha visto com toda a atenção as diferentes danças, folias, e personagens daquele famoso auto; mas, por uma parte, o diálogo que tivera pela manhã com Antão de Faria, e, por outra, o ciúme que lhe causava a superioridade do que via ao que estava costumado a ver em Évora, lhe cortavam com pensamentos tristes as imagens risonhas, de que os seus olhos ávidos lhe tinham alegrado o espírito. Todavia, podia mais com ele o

seu génio falador do que quaisquer outras considerações, e por isso, enquanto durava a procissão, ia explicando a uns poucos de basbaques e mulheres que estavam ao pé dele os vários sentidos místicos de todas aquelas representações, o que fazia com uma profundidade de ciência, que deixava espantados os seus ignorantes vizinhos. Talvez também disso se espantem os nossos leitores; mas não têm de quê: naquela época sucedia à teologia o que hoje sucede à política: era ciência universal. Cada século tem lá o seu género de civilização: são mistérios esses da humanidade, que não nos cumpre aqui indagar.

A guayolla tinha apenas acabado de passar, quando mestre Gil sentiu estoirar uma porta, segundo parecia, no fundo das casas a que estava encostado: imediatamente ouviu um tinir de espadas que se desembainhavam — após isto um gemido longo e fraco, como de pessoa que morre, e um som, como de espingarda que cai das mãos a alguém: depois disto tudo ficou outra vez, dentro da casa, no mais profundo silêncio.

Mestre Gil sentiu então ao longo do espinhaço uma espécie de calafrio, que as crónicas daquele tempo

atribuem a um grande medo, mas que, sem que se vá de encontro à medicina, se pode atribuir a constipação. Deu um pulo da soleira abaixo; e quando ia a perguntar aos presentes, se tinham ouvido o mesmo que ele ouvira, bateu com os olhos em el-rei, que com ar muito sereno e meneios muito devotos caminhava, levando à direita o duque de Viseu, e à esquerda o conde de Penamacor. Todos se apinhavam para ver de mais perto el-rei, e o barbeiro não achou a quem fazer a sua pergunta. Ainda agitado interiormente, desejava verificar se o tinham ou não enganado os seus ouvidos; mas não achando para isso maneira, resolveu-se a esperar com paciência que se acabasse a pasmaceira popular.

Ainda bem não acertara em tomar tal resolução, quando viu todos os fidalgos do séquito de el-rei deixarem cair no chão os bastões, que levavam nas mãos, como se a vara da maga Eutropa lhes tivesse entorpecido os braços. D. João II, lançando em roda um destes olhares do rei que significam morte, deixou também cair o seu. Os fidalgos empalideceram; mas já não havia recuar: a um tempo abaixaram-se para apanhar os bastões: el-rei também se

abaixou: ergueram-se; ergueu-se ele. E com modo tão risonho e tranquilo seguiu avante, que ninguém do povo reparou naquele sucesso, e até os fidalgos, tomando a si do primeiro espanto, julgaram que a um acaso devia ele a sua salvação e que o assas sino que lhe devia atirar não ousara fazê-lo, temendo matar algum deles em vez de matar el-rei.

Porém a mestre Gil não passou pela malha aquele sucesso: agora entendia completamente o que lhe dissera Antão de Faria; agora achava a explicação do ruído que ouvira: o assassino havia sido colhido de salto, e tinha pago com a vida a sua ousadia: admirava a tranquilidade de ânimo, e a profunda dissimulação de el-rei, que, apesar das providências dadas, podia ter sido vítima dos seus cálculos políticos. Incerto sobre se devia ou não comunicar a alguém as suas reflexões, resolveu-se a guardá-las consigo, lembrando-se das recomendações do camareiro, e não sabendo se essas reflexões pertenciam ao que o valido não queria que se dissesse, ou àquilo que ele queria se divulgasse.

Embebido num mar de incertezas, voltou ao paço e meteu-se no seu aposento: daí a pouco chegou el-rei, que

parecia sumamente alegre. À noite houve sarau; e os fidalgos foram convidados. Mestre Gil esteve espreitando a uma porta interior, e ficou espantado de ver as carícias que el-rei fazia ao duque de Viseu, a D. Guterres, ao bispo de Évora, a D. Fernando de Meneses, e a todos os mais nobres que tinham deixado cair seus bastões na procissão de corpus.

Acabado o sarau, cada qual se recolheu à sua pousada. No outro dia, pela manhã cedo, el-rei partiu para Alcácer.

CAPÍTULO VII

A VOLTA INESPERADA

Do lado da Landeira entrava por Setúbal uma formosa cavalgada: o calor da sesta era grande, e os cavaleiros vinham cobertos de suor, e com as armas tão empoeiradas, que mal se lhes enxergavam as cores. As ruas estavam ermas; porque era a hora, em que costumamos, nós os Portugueses, repousar depois de comer: costume santo, que os nossos avós guardavam à risca, e de que já hoje alguém se envergonha, porque meia dúzia de franchinotes literários, franceses e ingleses, tiraram daí argumento para nos tacharem de preguiçosos; como se um dia de Verão da nossa terra fosse o mesmo que é nesses países clássicos dos caramelos, dos nevoeiros, e dos sapos, por onde eles moram, e donde o sol do meio-dia pudera, sem grande diferença, vir fazer entre nós as vezes de luar da meia-noite. Foi pena que a natureza antes de nos ensinar, com o

quebrantamento que sentimos apenas jantamos, a dormir a sesta, não consultasse esses doutores de além-Pireneús e além-mar! Haviam de lhe dar bons conselhos.

Como não seremos nós, os habitantes da Península, uns brutinhos, se até a natureza o é neste canto da Europa!

Mas o caso é, que brutos, ou não brutos, os honrados burgueses de Setúbal dormiam a sesta pela volta das duas horas da tarde de uma sexta-feira, que se contavam vinte e dois de Agosto do ano da redenção de 1484, na ocasião em que a formosa cavalgada, atravessando parte da vila, veio apear-se à porta do paço. Quando ela chegou, mestre Gil, a quem Antão de Faria, partindo para Alcácer, dispensara de acompanhar a Corte, e que neste momento também dormia (era escusado dizê-lo), acordou sobressaltado com o tropear dos cavalos, e com o tinir de espadas e esporas, no momento em que toda aquela lustrosa companhia se apeava. Como qualquer desses viajantes estrangeiros, que vêm dar uma volta pelo nosso Portugal, e que, metidos dentro de uma caleça, correm as povoações do reino, e, porque estenderam os seus longos pescoços do norte pelo postigo da sege, recolhendo-os logo com medo do sol, se

julgam com ciência de mais, para irem escrever parvoíces sobre os nossos usos, costumes, instituições e carácter, tal mestre Gil, sem se erguer, estendeu a cabeça para uma das fendas do ripado que dividia o' seu aposento do átrio do paço, mirou o tropel, e pôde enxergar ainda el-rei, que ia subindo as escadas, e atrás dele Antão de Faria, Diogo de Azambuja, D. Pedro de Eça, Lopo Mendes do Rio, e vários outros cavaleiros da casa real. Causou-lhe alguma admiração esta inesperada volta, e ficou extremamente desejoso de saber o motivo dela. Por fim, ainda que com custo, e depois de se espreguiçar duas ou três vezes, ergueu-se, e saiu a farejar novidades.

Não achou, porém, quem satisfizesse a sua natural curiosidade; e tratava de sair, quando, ao cruzar o limiar da porta principal do paço, topou de frente com Diogo Tinoco, que naquele momento entrava.

Diogo Tinoco era um cavaleiro honrado, a quem o bispo de Évora D. Garcia seduzira uma irmã, rapariga formosa com a qual o muito reverendo prelado vivia escandalosamente. Desde então o pobre cavaleiro, injuriado na sua honra, tinha jurado vingança. Não

podendo arrostar com o bispo, poderoso pela sua dignidade e família, fingiu esquecer-se da injúria, e travou falsa amizade com D. Garcia, esperando ocasião oportuna para desafrontar-se. Esta brevemente apareceu. Resolvidos os fidalgos a vingarem a morte do duque de Bragança, e a restaurarem as prerrogativas da nobreza, quase aniquiladas por D. João II, sentaram que o mais seguro meio, para saírem com o seu intento, era assassinarem aquele príncipe. Um dos principais conspiradores, abaixo do duque de Viseu, foi o bispo de Évora, que, fiado na aparente amizade de Diogo Tinoco, lhe revelou tudo. Então o ofendido cavaleiro viu aparelhada ocasião de satisfazer o seu ódio. Por intervenção de Antão de Faria, encontrou-se com el-rei no Convento de S. Francisco de Setúbal, disfarçado em hábitos de frade. Ali, debaixo daquelas solitárias arcadas, ouviu D. João II a sua sentença de morte, e tremeu: não por cobarde; mas porque lhe parecia ouvir de contínuo a voz do duque de Bragança que o citava para o tribunal de Deus. Viu que entre ele e a nobreza estava lançada uma nódoa de sangue, que bradava vingança: era preciso morrer ou matar. Tomou a sua resolução; e agradecendo a Tinoco o serviço que lhe fizera, com

promessas de grandes mercês, recomendou-lhe guardasse acerca deste caso absoluto silêncio, e não voltasse a falar-lhe até o dia em que fosse chamado à sua presença.

Esse dia era este em que mestre Gil o encontrou à entrada do paço. El-rei o mandara chamar.

— Boas tardes, senhor Tinoco — disse o barbeiro, fazendo uma grande barretada. — Vós pelo paço! Há mil anos que vos não via.

— Mestre — disse Diogo Tinoco —, vou falar a el-rei, que me mandou chamar.

— E não me sabereis dizer porque Sua Alteza voltou de Alcácer tão de salto, quando ninguém o esperava?

— Não o sei; mas o que vos posso dizer é que o chamar-me ele a estas horas é anúncio de grandes novidades. — E dizendo isto, Diogo Tinoco subiu apressadamente pela escada acima.

«Anúncio de grandes novidades?! — rosnou o barbeiro por entre os dentes. — Ora vede o presumido! Melhor fora que olhasse pela sua irmã, amancebada com um clérigo, traidor ao seu príncipe, como por aí se diz à boca cheia!

Mas chama-lo el-rei! Só se for para o incumbir de alguma carta que queira mandar a D. Ana de Mendonça! Para terceiro ainda...»

Um ruído de peças de armadura, jogando umas com outras, fez voltar a cara ao barbeiro, e cortou-lhe no meio o seu solilóquio. Era Fernão Martins que descia ligeiro as escadas. Assim que chegou ao átrio, chamou um soldado velho da companhia dos ginetes:

— Vem cá, Mem Afonso: toma esta carta de el-rei; monta a cavalo, e parte para Palmeia, onde acharás o duque de Viseu, que esta manhã se foi daqui: não te demores em entregar-lha; porque el-rei quer falar-lhe, e vê-lo amanhã nestes paços.

O soldado pegou na carta, montou no seu ginete, e partiu à rédea solta pela estrada de Palmeia.

— Senhor Fernão Martins! Senhor Fernão Martins! — gritou um pajem do alto das escadas. — Sua Alteza vos chama ao seu aposento.

E o capitão dos ginetes subiu outra vez apressadamente.

— Forte chamar! — disse o barbeiro, que já levava a mão ao barrete para cumprimentar Fernão Martins, e tinha a boca meia aberta para travar conversa com ele. — Parece que el-rei tem medo de estar só! Se o negócio continua a correr deste modo, até por fim eu sou chamado. Pois hão de achar-me o lugar!

Dizendo isto, saiu, e a passo cheio se encaminhou para a praça principal, que, naqueles bons tempos, servia para o mesmo que hoje servem os cafés, bilhares, clubes, templos do supremo arquiteto, e galerias de cortes — para nela espairecerem ociosos. Mas, apenas chegou à praça, mestre Gil sentiu mão de ferro que lhe apertava o coração, e retrogradando, teve de vir encerrar-se no seu aposento. Não viu por lá viva alma: a praça estava deserta!...

Parecia que fado avesso — mais avesso ainda do que o de um jornalista — perseguia mestre Gil. Quase nunca este homem, tão lhano e conversável, achava quem de bom grado gozasse do seu humano trato. Pelos diferentes capítulos desta história terá visto o leitor filósofo a verdade desta nossa profundíssima observação.

Se excetuarmos o dia de corpus, em que ele pôde instruir, deleitando, os seus admirados ouvintes, empoleirado no degrau de uma porta, nunca encontrava senão gente apressada, casmurra, e embebida nos seus cuidados, que, ou nenhum cabedal fazia dos discursos do mestre, ou lhos atalhava voltando-lhe, sem cortesia, as costas. Se nós fôssemos políticos, quão amargas reflexões não faríamos neste ponto, vendo extinguir-se, no meio das trevas espessíssimas do décimo quinto século uma inteligência como a de mestre Gil, que no nosso tão ilustrado e aproveitado tempo pudera com grande honra sua e proveito da pátria, ter preenchido os diversos e importantíssimos cargos de vereador municipal, de juiz eleito, ordinário, ou de paz, de conselheiro de distrito, de jurado, e de pregador de botequins, com aquele saber, prudência e mais dotes do seu delicado engenho!

CAPÍTULO VIII

DESFECHO

Já na igreja matriz, e no Convento de S. Francisco, tinha corrido o sino da oração, e desbarretados e de joelhos em terra, os habitantes de Setúbal rezavam devotamente as ave-marias do estilo: as chaves soavam nos cadeados com que todas as noites se fechavam as cadeias, lançadas na entrada da Rua dos Judeus: eram trindades; e da claridade do Sol apenas restava uma vermelhidão no ocidente. As ruas estavam escuras, e o ruído do trato diário ia-se desvanecendo no silêncio do repouso noturno, quando à porta do paço chegou um cavaleiro vestido ao modo da Corte; apeou-se, e entrou. À luz de uma lâmpada que pendia da abóbada do átrio, e que reverberava seu clarão nos arneses de vários soldados, que por ali andavam, mestre Gil, que estava em pé à porta do seu aposento, viu que o recém-chegado era o duque de Viseu. Com efeito ele

recebera em Palmeia o recado de el-rei, e, bem que a sua consciência lhe inspirasse receios acerca daquele súbito chamamento, todavia viera, por se temer que, desobedecendo, desse a el-rei os necessários meios de o acusar de rebelde, e de o fazer condenar legalmente.

Quando o duque entrou, Fernão Martins se encaminhou para ele e lhe disse:

— Senhor duque, sejais bem-vindo: Sua Alteza vos aguarda.

— Estando em Palmeia, aonde fora ver minha mãe — disse o duque —, recebi o recado de el-rei, e sem demora me pus a caminho: agora aqui me vedes pronto a cumprir seus mandados.

Ditas estas poucas palavras, os dois subiram acima, indo adiante o duque, e após ele o capitão dos ginetes.

Um lanço das casas de Nuno da Cunha, que serviam de paços reais, quando el-rei pousava em Setúbal, dava para a praia do mar. Debaixo de um horizonte profundo e escuro, via-se faiscar a ardentia das águas, e o clarão de algumas salas, iluminadas pela luz pálida de tochas, batia através

das vidraças pintadas, e prolongava-se em cores cambiantes e incertas pela extensão do areal, e sobre os brancos rolos de escuma, que vinham deslizar na margem. Ou porque a alma de mestre Gil tivesse alguns laivos de poesia, ou porque, tendo dormido a maior parte do dia antecedente, até el-rei chegar, e também boa porção daquele, não sentisse inclinação a ir deitar-se tão cedo, a amenidade da praia erma o atraía: carregando, pois, o barrete na cabeça, saiu, e encaminhou-se para lá.

Fizera apenas alguns giros, quando erguendo casualmente os olhos deu com eles na janela do aposento, que servia de guarda-roupa a el-rei: as vidraças estavam abertas, e mestre Gil viu dois vultos, que pareciam, pelo seus meneios, altercar um com outro: excitada a sua curiosidade continuou a olhar: os dois vultos se aproximaram da janela, e continuaram a falar, cada vez, segundo parecia, com mais veemência: um deles, por fim, ergueu o braço, e mestre Gil viu descer, como relâmpago, o brilho de um ferro: o outro vulto estendeu os braços como quem buscava apoiar-se: o ferro que estava na mão do primeiro cintilou mais vezes: naquela luta os dois vultos

afastaram-se da janela; e daí a pouco, apenas a sombra de um deles batia na parede alvíssima do aposento, que ficava fronteira ao balcão, por onde mestre Gil presenciara aquela cena terrível e misteriosa!

O barbeiro deu um grito de horror: mas a sua voz não foi ouvida: o suor caía-lhe em bagas da cara; e trémulo voltou para o paço. Os espingardeiros da guarda passeavam tranquilamente, com os seus arcabuzes ao ombro: os soldados de cavalo estavam à porta com as espadas na mão: parecia que nenhuma novidade ocorrera.

Apenas, porém, mestre Gil entrou, viu Fernão Martins, descendo de um pulo as escadas, chegar-se aos soldados que estavam a cavalo, e dizer-lhes:

— Ide sem detença: fechai as portas da vila: ninguém deixeis sair, sem ordem escrita de el-rei. Ginetes da guarda, a cavalo!

Dentro de alguns credos toda a companhia dos ginetes estava em ordenança em frente do paço: na retaguarda deles se formaram os besteiros e espingardeiros.

Fernão Martins falou com os anadéis (*) da gente de pé: ninguém ouviu o que lhes disse; mas eles foram correndo as fileiras e tirando do grosso das companhias alguns troços de soldados, que partiram para diversos lados: o resto da gente ficou encostada às armas atrás dos ginetes.

[(*) Os anadéis correspondiam aos modernos capitães de companhia.]

Posto que cheio de horror pela cena que ainda havia pouco presenciara, tão alto bradou a curiosidade ao coração de mestre Gil, que ele não lhe pôde resistir: atravessou o átrio, e saindo do portal, correu ao longo do muro por detrás dos soldados enfileirados. Felizmente topou numa das alas pessoa conhecida. Jaime de Figueiredo era um anadel, amigo velho de mestre Gil, falador, maldizente, e mandrião como ele, mas excelente homem. Apenas o barbeiro o conheceu pela voz e pelo vulto, foi-se chegando a ele, e bateu-lhe no ombro: voltou-se o anadel com algum despeito; mas ele desapareceu apenas viu que era o seu honrado, ou ilustre amigo, o barbeiro da Corte.

— Oh, sois vós, senhor Gil — disse ele em tom festivo. — Bem longe estava de vos esperar aqui: fazia-vos a dormir o sono regalado, que nunca Deus deu a um pobre anadel. Eis a nossa vida! Nem de noite nem de dia! Se soubesse latim, ou, ao menos, ler e escrever, atirava ao diabo com esta couraça, e ia-me meter frade: que antes quisera os escárnios dos jograis e truões do paço, do que o servir el-rei.

— Tal não digais, senhor Jaime — interrompeu o barbeiro, a quem a velocidade de língua do anadel começava a impacientar —, por honrados se dariam muitos cavaleiros de grande linhagem se fossem anadéis, como vós, dos espingardeiros da guarda, género de milícia que, ainda me lembra, e não sou velho, era ainda bem rara em tempo do infante D. Pedro...

— Sim, mestre — atalhou o anadel —, esse que os enredos dos fidalgos conduziram a vergonhosa morte, e cujo sangue cai agora sobre as cabeças dos filhos dos seus assassinos: o duque de Bragança, porventura, subindo ao cadafalso, não fez mais do que pagar uma dívida da sua casa: o mesmo irá sucedendo aos outros: a justiça de Deus

não dorme; e o pior é que por amor dela, também nós não dormimos.

Como a criança, que, correndo atrás da variegada borboleta, fez dois ou três ziguezagues inúteis, e a veio por fim a colher, pára, e sorri contente, nem mais a larga da mão, sem examinar, lista por lista, cambiante por cambiante, as cores do formoso inseto, assim mestre Gil, vendo aparelhado a oportunidade de fazer perguntas, talvez indiscretas, ao loquaz anadel, tomou-lhe logo a mão, ouvindo aquelas finais palavras, e com toda a manhosa simpleza de um barbeiro, e barbeiro cortesão, disse:

— Nunca mais eu torne a ver a minha pobre Brásia (santa mulher) se vos percebo. Não dormis por causa da justiça de Deus? Que tem Deus com estardes de noite aqui, em ordenança, como cavalgada prestes a dar em aduares de mouros?

— Cá me entendo! Cá me entendo! — disse o anadel. — Se não fosse o haver-nos Fernão Martins encomendado segredo, dir-vos-ia que muitos fidalgos também esta noite não dormirão repousadamente, salvo um que fez a cama no guarda-roupa de el-rei.

Mestre Gil viu que o anadel aludia à coisa que ele mais desejava saber: o mistério horrível que presenciara da praia. Conhecia o génio de Jaime de Figueiredo, que para revelar o maior segredo não precisava senão da mínima contradição, ou de ver que desse segredo se fazia pouco cabedal. Foi por este lado que mestre Gil o levou.

— Histórias, histórias, senhor anadel! Bem importa aos fidalgos que vós pouseis ao relento: nos seus finos lençóis não curam dos vossos incómodos. Estava capaz de dizer que tudo isto foi por causa das visões de el-rei, que depois da morte do duque de Bragança sempre anda a sonhar com almas do outro mundo (*)... Mas é tarde; e como eu nem vejo medos, nem sou da guarda de el-rei, recolher-me-ei, que são horas.

[(*) Conta Garcia de Resende M que, depois da morte do duque D. Fernando, estando el-rei em Santarém, ouvira uma vez, era alta noite, baterem à porta da câmara, onde dormia com a rainha. Perguntou quem era; mas ninguém lhe respondeu. Daí a pouco ouviu bater de novo. Ergueu-se então, e tomando uma espada e rodela, abriu a porta, levando na esquerda uma tocha: um vulto estava aí, que começou a andar diante de el-rei: seguiu-o este; e o vulto caminhava sempre, abrindo diante si as portas sem el-rei o poder alcançar.

Assim foi andando até os desvãos ou vãos junto aos telhados, que eram medonhos e frequentados por coisas más, segundo diz o cronista. Gritou a rainha vendo sair el-rei: acudiram damas e cavaleiros, e foram em busca dele: acharam-no a examinar todos os cantos dos desvãos: o vulto tinha-se sumido. Diga-se em honra de D. João II que, se a consciência lhe fazia ver fantasmas, era assaz cavaleiro para arrostar com eles. A Luís XI, seu contemporâneo, e porventura seu modelo, não sucederia o mesmo.]

— Alto lá, mestre Gil — atalhou o anadel —, el-rei não teve visões, mas teve um ferro para punir a traição.

Sabei também que se nós aqui estamos ao relento, nem o soberbo D. Fernando de Meneses, nem o parvo de D. Guterres, nem os Albuquerques, ou os Ataídes, ou Fernão da Silveira, dormirão mais do que nós. El-rei os mandou prender, e ai deles! Não foi mentira o que se disse na procissão de corpus: quiseram matar seu rei: agora morrerão eles. Sabei, enfim, que lá em cima...

A voz de Fernão Martins, que falava com um vulto, saindo da porta do paço, cortou o discurso do anadel, que semelhante a torrente que arromba os diques, e se espraia pelas campinas, ameaçava o curioso mestre Gil de lhe fazer pagar cara a sua curiosidade.

— Ireis ao castelo de Palmeia, senhor bispo — dizia o capitão dos ginetes à personagem que com ele vinha, e que não era nada menos do que D. Garcia de Meneses. — Lá aguardareis as ordens de el-rei. Cavalgai naquela mula que ali está ajaezada. Dez ginetes da ala direita acompanhem o muito nobre senhor D. Garcia até Palmeia! Soldados, as vossas cabeças cairão se tiverem orelhas para ouvirem promessas da sua reverência; as vossas mãos serão decepadas, se as folhas das árvores sentirem, por essa estrada, tinir o seu ouro dentro das vossas manoplas.

— Prender um ungido do Senhor na câmara da rainha! Pôr nele mãos violentas diante da sua Alteza, quando ela tratava comigo de casos de consciência! Rei tirano! Novo Acab! Anathema sis.(*)

[(*) Anathema sis: Amaldiçoado sejas.]

Feita esta exclamação, o bispo montou na mula, e rodeado por dez ginetes da guarda, partiu pela estrada de Palmeia. Era a última viagem que fazia neste mundo:

passados alguns dias um pouco de veneno o levou ao sítio para onde todos nós caminhamos, e donde ninguém ainda voltou — para o cemitério.

Depois que partiu a cavalgada, vários troços de besteiros, espingardeiros e ginetes começaram a chegar. Conheceu distintamente o barbeiro que entre eles vinham presos D. Fernando de Meneses e D. Guterres.

Acompanhados por Fernão Martins, subiram a cima, e os soldados entraram nas suas respetivas fileiras.

Mestre Gil tinha-se retraído até à porta, sem se despedir do anadel, que entrara no seu posto, logo que ouvira a voz do capitão dos ginetes; e tudo tornava a entrar no mais profundo silêncio.

De repente o tropear de um cavalo, que corria à rédea solta, se veio aproximando: era um cavaleiro da guarda que chegava; mestre Gil, cujo vulto mal se via ao clarão da alâmpada, perguntou:

— Que novas, cavaleiro?

O recém-chegado tomou-o por um pajem:

— Pajem, ide dizer ao capitão que D. Pedro de Ataíde vai fugindo, segundo parece, caminho de Santarém, e que Fernão da Silveira não se encontra em casa de João de Pegas: dizei-o só a ele ou a el-rei em pessoa.

Pronunciadas estas palavras partiu a todo o galope.

O mestre ficou enleado. Não sabia como daria o recado de que fora incumbido: Fernão Martins não estava ali. «Vou dizê-lo a el-rei. E porque não? Que me pode acontecer? A nova é de grande monta; e isso me parece mais prudente.» Enchendo-se, enfim, de ânimo, subiu as escadas. Ao entrar naquelas salas mal iluminadas e desertas, as pernas lhe tremeram um pouco; mas já não havia recuar: chegou ultimamente à quadra, onde os moços da câmara estavam imóveis, como estátuas, e em grande silêncio. Viram entrar o barbeiro; e um deles o veio receber cortesmente: mestre Gil era respeitado no paço, não só por ser homem bondoso; mas porque Antão de Faria parecia estimá-lo muito. O que o viera receber perguntou-lhe em voz baixa:

— Que pretendeis, mestre Gil?

— Qué... qué... ro fa... lar a el-rei — disse mestre Gil, balbuciando.

— Levarei o vosso recado: tomai então fôlego; que de cansado parece nem podeis falar. — Dizendo e fazendo, o moço da câmara entrou. Dentro de curto espaço voltou, e erguendo o pano da porta, pronunciou pausadamente estas palavras: — Mestre Gil, concede-vos Sua Alteza a graça de vos escutar.

Alguns dos pajens, que por ali estavam, e que tinham dado suas risadinhas maliciosas quando ouviram a pretensão do mestre, ficaram espantados de que em tão críticas circunstâncias ele fosse com tanta facilidade admitido à presença de el-rei, a quem, muitas vezes, em horas mais desassombradas e tranquilas, cavaleiros afamados não alcançavam falar. Eram pajens; e os pajens naquele tempo, por muito crianças, não tinham experiência do mundo. Não se lembravam de que mestre Gil era o barbeiro de Antão de Faria, e que pelos paços valia mais (já se sabe, naqueles tempos) quem cortava as barbas ao privado, do que quem tinha decepado a cabeça a alguns inimigos da pátria.

Mestre Gil cruzou a porta, donde lhe falara o moço da câmara: com passos vagarosos e incertos atravessou duas salas, e chegou, enfim, ao aposento onde estava el-rei. O barbeiro sentiu curvarem-se-lhe os joelhos: era aquele aposento o que servia de guarda-roupa, e onde, havia pouco, se passara a cena misteriosa, que o mestre observara da praia.

El-rei estava sentado numa cadeira de espaldar: aos lados, de pé e descobertos, D. Pedro de Eça, Diogo de Azambuja e Lopo Mendes do Rio. Por detrás do espaldar, estava Antão de Faria, como camareiro de el-rei. Perante este, manietados, viu o barbeiro a D. Guterres e a D. Fernando de Meneses; mas não enxergou Fernão Martins, que, em pé, e encostado à sua comprida espada, estava a um canto do aposento.

— Que me quereis, mestre Gil? — disse el-rei ao barbeiro, com um metal de voz adocicado, como o miar de um gato, quando quer pilhar a alguém um bocado de pão.

— Senhor; um cavaleiro da guarda dos ginetes me deu um recado para dar a Vossa Alteza em pessoa, ou ao capitão Fernão Martins, e como não achei este, vim...

O mestre olhou, neste ponto, para as diversas personagens que ali estavam; e porventura no seu rosto havia tão vivos sinais de temor, que el-rei, sorrindo, lhe disse:

— Não tendes que temer: falai desassombradamente: os traidores foram colhidos. “Si Deus pro nobis, quis contra nos?” *(Se Deus é por nós, quem prevalecerá contra nós?)*

— Disse o cavaleiro — prosseguiu mestre Gil — que D. Pedro de Ataíde fugira pela estrada de Santarém...

Os olhos de el-rei chamejaram como os de um tigre pelas trevas da noite:

— Que o sigam já, Fernão Martins! Que o sigam: e cem cruzados de ouro ao primeiro que lhe puser a mão, ou a ponta da lança!

Fernão Martins saiu; e os sons amiudados dos seus sapatos de ferro retiniam cada vez mais rápidos e frouxos, através das salas lajeadas, por onde mestre Gil entrara. Este continuou:

— Fernão da Silveira também não aparece em casa de João de Pegas.

— Lá deve estar, que o sei eu — atalhou el-rei, cada vez mais colérico. — Antão de Faria, quem salva traidores é traidor como eles. A cabeça de João de Pegas seja fiadora da de Fernão da Silveira.

E Antão de Faria saiu a dar ordens, e voltou imediatamente.

D. Fernando de Meneses estava com ar altivo; D. Guterres, pelo contrário, parecia entregue à mais viva aflição; e mestre Gil, perto deles, com a boca meia aberta, e os olhos espantados, poderia passar também por um dos criminosos, se não tivesse os pulsos livres de cadeias.

— Cavaleiros revéis — disse el-rei aos dois presos, com voz terrível, apontando para um vulto que jazia no meio da casa, um pouco para o lado da janela —, vosso cabeça aí jaz. Descobri-o, Antão de Faria. Que por ele entendam a sorte que os aguarda.

O camareiro ergueu o pano, e amostrou um cadáver: tinha os olhos abertos e envidraçados: dos cantos da boca, onde lhe alvejavam os dentes cerrados, lhe desciam para as faces dois fios de sangue coalhado. No pescoço, e no peito,

se lhe viam largas feridas, e sobre uma, que parecia lhe atravessava o coração, tinha apertada a mão direita, como quem buscara no último arranco suster a vida que por ali fugia. Era o morto o duque de Viseu!

— Foi assassinado! — exclamou D. Fernando de Meneses com indizível desesperação.

— Antes que eu o fosse, dom traidor — atalhou el-rei, com uma voz de trovão.

— Assassino! — replicou D. Fernando. — Assassino cobarde! Tiraste a vida ao duque de Bragança, sem prova, mas com juízes; a este sem uma, nem outra coisa. Daquele foste o aguazil; deste o algoz. Só te faltam D. Manuel e o próprio filho, para que o teu querido D. Jorge, o teu bastardo, o filho de D. Ana de Mendonça, suba ao trono! Sabe, porém, que quem derrama o sangue dos seus é, como Caim, amaldiçoado de Deus e dos homens.

Dizendo isto, o cavaleiro deu alguns passos, ajoelhou, e beijou a mão do cadáver.

— Ao cárcere! — gritou el-rei. — E que amanhã seja justiçado na praça de Setúbal.

— Mata-me tu, homem vil; que eu morrerei contente onde o duque meu senhor acabou: por ti o mister de algoz ficará ainda mais desonrado do que é.

El-rei soltou uma risada trémula e infernal.

— Perdão, senhor — exclamou D. Guterres, arrojando-se aos pés de D. João —, que não fui tão culpado!

— Indigno! — replicou el-rei. — Foste valente de língua antes do perigo: nele, és fraco de coração. No castelo de Avis aguardarás tua sorte. Ah, senhores fidalgos — continuou ele, dando segunda risada —, eu vos era pesado neste mundo; veremos se a terra vos é mais leve! Que se faça quanto antes o processo a D. Álvaro de Atai de e a Pêro de Albuquerque. Estes, levai-os daqui; e que venham essas andas.

Os três cavaleiros que estavam ao lado de el-rei saíram com os presos, e passado um momento, quatro besteiros entraram com umas andas. El-rei lhes acenou que pusessem dentro delas o cadáver do duque, e disse:

— À igreja matriz! Onde, sobre um cadafalso, esteja amanhã exposto aos olhos de todos, para que nele se veja

que sei castigar os crimes.

«Oh! — continuou el-rei, virando-se para o barbeiro —, vós, senhor mestre, que fazeis ainda aqui?

Estava tão horrorizado mestre Gil, que julgava ter os membros inteiriçados; mas estas palavras de el-rei (nunca ele soube bem como) o puseram à porta do seu alvergue, onde toda a noite lhe parecia ver tais visões, que só pela madrugada se atreveu a apagar a luz.

Na manhã seguinte, a horas de missa, o povo que foi à matriz viu no meio da igreja, sobre um cadafalso, o cadáver do duque de Viseu, senhor de Beja, oitavo condestável do reino, irmão da rainha, e primo de el-rei, com o rosto descoberto, e dez feridas mortais. E ninguém se atreveu a fazer-lhe sequer uma aspersão de água benta! Fora el-rei quem o assassinara!

Também lá esteve mestre Gil: depois de ouvir missa saiu da igreja, e chegando à Rua da Anunciada viu que no sítio onde os fidalgos tinham deixado cair os bastões, na procissão de corpus, estava mudada a verga de uma porta: era perto daquela onde ele assistira à solenidade. A nova

verga tinha no meio uma cabeça esculpida, com uma lenda em latim, e na quina da mesma casa tinha sido removida de fresco uma pedra, e substituída por outra, em que avultavam três cabeças: os que passavam paravam para ver aquela novidade; porque na véspera à tarde ainda ali nada havia. Um clérigo, que chegara, lia casualmente a lenda em voz alta, quando o barbeiro se aproximou:

Si Deus pro nobis, quis contra nos?

A mestre Gil pareceu ser isto o mesmo que ouvira a el-rei na noite antecedente. Afastou-se dali com passos vagarosos, e rosnando com os seus botões:

«Bem dizia eu há três anos, em Évora, na minha loja, que a Antão de Faria não caíam as coisas em saco roto, e que o futuro mostraria muitas coisas.»

O monumento que mestre Gil viu, ainda hoje quem quiser o pode ver em Setúbal, e ouvir acerca dele as tradições populares.

TRÊS MESES EM CALECUT

A PRIMEIRA CRÓNICA DOS ESTADOS PORTUGUESES DA INDIA

(Ano 1498)

CAPÍTULO I

O QUARTO DA MODORRA

Vasco da Gama tinha atravessado o golfão, que divide a África Oriental da costa da índia, e havendo-se demorado três meses em Calecut, voltava para Portugal, deixando descoberto o Oriente.

Era na noite imediata àquela em que a frota levantara ferro da enseada de Calecut: apenas soprava um bafo de terrenho, que de dia cessava inteiramente, ou saltava do lado do mar. A nau capitânia, o S. Gabriel, aproveitando o vento, seguia viagem ao longo da costa, e o S. Rafael e o Bénio iam na sua esteira.

Ao sair de Calecut, obra de setenta barcos tinham vindo em som de guerra cometer a armada: alguns tiros de bombarda e uma trovoada, que deu sobre eles, os fez recolher para terra: mas algum novo insulto podia ser tentado pelos mouros de Calecut, conspirados contra os

portugueses: Vasco da Gama ordenara portanto a maior vigilância a bordo de todos os navios.

Chegava o quarto de modorra: a brisa da terra soprava levemente, e apenas se ouvia o murmúrio das ondas fervendo debaixo das proas, o sono começava a querer cerrar as pálpebras dos homens de quarto da nau S Gabriel. Vigiavam então, entre outros, o intérprete Fernão Martins, Álvaro de Braga, João de Sá, Álvaro Velho e um marinheiro chamado Gonçalo Pires, criado do capitão-mor.

— Ora sus! — disse Álvaro de Braga. — Olhai por vós se dormis! Pode erguer-se o capitão-mor de súbito: e não quero eu estar-vos na pele, se vos achar descuidados.

— Bofé que al podemos nós fazer — disse Gonçalo Pires — cortados como andamos do cansaço e trabalho? Se os mouros ou os cristãos da terra vierem nas suas barcas, não estão as bombardas quebradas, e far-lhes-emos um bom convite: medo não tive eu a essa gente, quando lhes estávamos nas mãos; menos lhes terei agora, que temos aí para os servir boas panelas de pólvora.

— *Audaces fortuna juvat.* A fortuna socorre os ousados — disse Fernão Martins, que, como intérprete e sabedor de línguas, citava muitas vezes latim e árabe, tendo contudo o costume de traduzir logo os seus textos em português corrente, prenda ainda hoje raríssima em pessoas atreitas a citações.

— A nau aguça de ló — gritou Pêro de Alenquer, que tinha estado até então encostado à amurada com os olhos cravados no céu. — Arriba para o mar! Pode por barlavento jazer alguma restinga; que estes mares não têm os parcéis arrumados.

Estas palavras do piloto-mor afugentaram por um pouco o sono dos olhos dos marinheiros; e enquanto os homens do leme faziam arribar a nau, ouvia-se-lhes o rumor dos passos que davam passeando ao longo do convés.

No chapitéu de ré estava sentado uma espécie de cavalete, sobre o qual havia um instrumento, misterioso ainda para a chusma da nau, com o qual, diziam Vasco da Gama e Pêro de Alenquer, arrumavam as alturas e ousavam navegar ao largo: era um astrolábio. Muitos haviam aí, que viam neste instrumento, obra de dois judeus e de um

boémio, uma invenção diabólica; mas os marinheiros entendidos e velhos riam-se desta superstição da chusma.

Como na bitácula estava acesa uma candeia, e no convés não havia outra luz, os homens do quarto que não estavam de vigia no castelo de proa foram subindo ao da popa e se sentaram entre o astrolábio e a bússola, para que o reflexo da luz os conservasse despertos.

— Parece-me — começou Álvaro de Braga — que voltaremos a Portugal, se a Deus aprouver, sem mais ouvirmos ladrar estes cães de Calecut. — E dizendo isto se sentava, e ao pé dele os outros que debalde pretendiam resistir à modorra de antemanhã.

João de Sá, que até aí estivera calado, sorriu-se e disse:

— Com razão chamais vós cães a essa canzoada de Calecut, que tantas perrarias nos fizeram. Bastava o terem-vos feito adorar diabos, metendo-vos em cabeça que eram santos. Ao menos nessa não cri eu, apesar da devoção do capitão-mor.

Pronunciando estas palavras, João de Sá dava mostras de ufania por ter sido mais esperto do que os seus

companheiros, mais manhoso do que o mesmo Vasco da Gama. As suas palavras, nestes tempos de crença viva, eram um epigrama demasiado pungente para os que tinham ido a terra: e a maior parte dos que se achavam junto dele eram deste número.

— Por minhas barbas — disse Álvaro de Braga — que vós sois matreiro: mas porventura não melhor cristão do que essa gente! Com que, dom sandeu, já vos parece adoração do diabo o adorar a Virgem Maria e os santos, o tomar água benta e o receber a cinza dos mortos?

— Em verdade — replicou João de Sá —; porque ouvistes falar em Maria, crestes logo que era a Virgem; porque vistes meia dúzia de demónios pintados pelas paredes com muitos braços e grandes dentes, tiveste-los em conta de santos; a uma pouca de água sem sal chamastes água benta, e um pouco de barro, que vos deram para pôr na testa, tomaste-o por cinza de defuntos! Eu serei sandeu, mas certo que aí há quem o seja mais do que eu o sou.

Fernão Martins abanava a cabeça em ar de quem aprovava o dito.

— Serão cristãos — disse por fim —, mas também eu não o creio. *Credat judeus apella; non ego*. Creia-o o judeu; não eu.

Voltando-se então para João de Sá e para Fernão Martins, Álvaro Velho fez sinal com a mão de que pretendia falar: ele fora um dos que em terra nunca se afastaram de Vasco da Gama; passava além disso por discreto e observador; e a privança e entrada que tinha com o capitão-mor lhe dava certa consideração entre os restantes marinheiros. Todos esperavam pelo que diria, com o silêncio da curiosidade, e porventura da cortesia.

— Se vós tivésseis atentado pelo que vistes, como eu atentei; se tivésseis conversado os naturais, como eu conversei, teríeis melhor julgado dos seus costumes e da sua fé. Ainda que afastados da pureza da nossa religião, não deixam por isso de ser cristãos. Afora os sinais da boa crença que todos vimos nos seus templos, os quafes ou sacerdotes me falaram da Trindade, e em si traziam os emblemas dela. Muitos me asseveraram que, além de Calecut por nossa popa, ficam muitos e poderosos reinos

que seguem a fé cristã. Isto tudo notei no livro, em que já tenho escrito o processo desta viagem.

As notícias que Álvaro Velho dizia ter escrito derivaram para outra parte a atenção dos que o escutavam: a questão da crença dos índios esqueceu; e houve um momento de silêncio: mas este silêncio não era o de homens sonolentos. A relação da viagem que Álvaro asseverava ter traçado erguia nestas almas de bronze todas as recordações de ufania pelos trabalhos passados, porém não sem um leve estremecimento pelos do futuro; porque os mares já cruzados se haviam de cruzar de novo, de novo se haviam de montar cabos, esquivar parcéis, lutar com tempestades e correntes, tratar bárbaros da África, e desfazer seus ardis inimigos. Entretanto a bordo das naus a doença diminuía as forças, a morte diminuía os braços. Estes pensamentos que lhes quebrantavam o ânimo, não lhes matavam, contudo, no coração o sentimento de que, levando a cabo esta empresa, que devia mudar a face da Europa, o seu nome seria eterno e glorioso. Aqueles rudes marinheiros eram felizes, porque tinham a consciência da imortalidade.

— E que pretendeis vós, Álvaro Velho, fazer do livro que escrevestes desta viagem? — perguntou Fernão Martins.

— Dá-lo-ei a Sua Alteza, se chegar a Portugal: o capitão-mor me prometeu fazer com que el-rei o mande trasladar por aquela arte maravilhosa de que se serviram para copiar esses livros da Vita-Christi, que aí trazemos, os mestres imprimidores Nicolau de Saxónia e Valentim de Morávia: oxalá eu o veja: e ficarei pago de todos os meus trabalhos!

Era uma alma generosa, e o génio de um historiador, que a Providência tinha sumido na cara queimada e severa do pobre marinheiro.

— Para afugentar o sono — prosseguiu o intérprete

— bom seria que vós nos lêsseis alguma coisa do vosso roteiro: por exemplo, o que reza da nossa estada em Calecut. Nós outros poderemos talvez — acrescentou sorrindo-se — notar alguma coisa em que vos enganásseis. *Recideret omne quod ultra perfectum traheretur*. Poderemos fazer a poda a tudo o que for de mais.

— Maldita língua! — rosnou Álvaro de Braga. — Capaz és tu de nos matar com latins de frades; mas nas grandes

pressas, nem te chegas para alar um cabo! Aposto que o cão há de querer trasladar nessa aravia de romãos o roteiro de Álvaro Velho, para ir ao reino fazer com ele grandes biocos ao parvo de Duarte de Resende, o latino?

Enquanto, em voz baixa, Álvaro de Braga escarnecia do latim e do intérprete, Álvaro Velho tinha entrado no castelo de proa, e, depois de breve demora, saiu de lá com um rolo de papel na mão. Sem dizer palavra, sentou-se ao pé da bitácula; os outros apertaram o círculo; e ele, depois de folhear com as mãos calosas aquelas páginas cobertas de garatujas, que hoje fariam suar um paleógrafo experimentado, começou do seguinte modo a sua leitura.

CAPÍTULO II

A LEITURA

Com vento em popa navegávamos nós havia vinte e três dias, desde que nos partimos daquele excelente mouro, que (sem receio posso dizê-lo) nos abriu as portas do Oriente. Era um sábado à tarde: a bordo do S. Gabriel tudo estava quieto e silencioso, e no chapitéu de popa conversavam em voz baixa, encostados a uma meia espera(*) de bronze, Vasco da Gama e Pêro de Alenquer: a marinhagem repousava das suas fainas: e o mestre passeava no convés pelo lado de bombordo. Com os olhos longos vigiávamos alguns à proa; que já nos tardava enxergar terra, e pôr termo à nossa espantosa viagem.

[(*) A espera julgamos que era uma espécie de artilharia grossa, por estas palavras de Frei João dos Santos: Por serem peças muito grandes: que eram esperas e meias esperas, e uma peça que levava pelouro de trinta arratens. — Eth. Orient. P. 1.. L. 5.°. Cap. 9°]*

«Canacá, o piloto cristão da índia, que nos dera o rei de Melinde, encostado ao leme da nau parecia inquieto: ora erguia os olhos ao céu; ora os fitava em nós; enfim disse a Fernão Martins na sua algaravia, que nos perguntasse se víamos alguma coisa no horizonte...

— Alto lá, senhor Álvaro Velho! — atalhou Fernão Martins. — Não foi na sua linguagem que ele mo perguntou, com alegria; mas em pura aravia; e importa sabais que a aravia se distingue da língua da Índia como o português da fala dos Ingleses...

O bom do trugimão ia aqui fazer uma dissertação acerca das diversas línguas, tal que se ele a continuasse, e alguém a pudesse escrever, teríamos uma obra, que deixaria no escuro o Mundo Primitivo, de Court de Gebelin: mas um longo ciô!, saído ao mesmo tempo da boca de todos os ouvintes, lhe deu um ponto na boca; bem como uma risada geral da plateia faz emudecer no tablado o ator que dispara aos espectadores uma asneira inesperada, ou sua, ou do abrilhantador da cena, a quem o vulgo na sua língua grosseira, mas castiça, chama autor da comédia.

Álvaro Velho continuou a sua leitura:

«A esta pergunta de Canacá todos nós alongámos os olhos pelo horizonte, e no termo dele, pela nossa proa, nos pareceu divisar uma nevoazinha que gradualmente crescia, engrossava, e enegrecia: era essa névoa incerta a nossa esperança, mas esta se desvanecia quando nos lembrávamos que havia três dias que, de hora a hora, de instante a instante, ilusões semelhantes vinham afigurar-nos próximas essas praias, aonde iam bater todos os nossos desejos, constância e trabalhos; essas praias da índia, cujo nome era para nós como um primeiro amor, como um sonho formoso de madrugada, como um eflúvio do paraíso; rico de futuras grandezas, para nós e para o velho Portugal: ainda no dia antecedente tínhamos visto uma sombra semelhante no horizonte; mas ela não deixara de o ser; e ao pôr do Sol se havia resolvido em nada. Descorçoados, pois, e com os olhos pregados no extremo dos mares azuis, não respondíamos nada à pergunta do piloto índio.

«“Terra!” — bradou o gajeiro imóvel no cesto da gávea.

«A nuvenzinha crescera lá no extremo horizonte. Prolongava-se para os lados como uma barreira que

cercava por aquele lado: a nau surdia sempre avante; e por fim quaisquer olhos inexperientes poderiam conhecer a proximidade de um continente extensíssimo. Um aguaceiro pesado no-lo veio encobrir quando dele estávamos distantes obra de oito léguas. O Sol, vermelho e iá sem brilho, parecia dançar sobre as águas, lá no fundo do ocidente, e a escuridão, que do oriente nos vinha, se tornava cada vez mais densa, com as nuvens acasteladas, que derramavam torrentes de chuva sobre a nossa pequena armada.

«Era necessário virar de bordo: fora perigoso entestar com a terra, onde no meio das trevas, os navios se podiam fazer pedaços: a um sinal do mestre da nossa nau os marinheiros correram aos seus misteres: a nau endireitou para o su-sueste; e dentro de pouco tudo entrou no silêncio.

«Que noite aquela!, quão longa nos pareceu! Semelhantes ao árabe, de que falam as trovas mouriscas, que, abrasado de sede no meio dos seus pátrios areais, crê ver em distância um lago abundante, que apenas é um reflexo mentido do Sol, assim nós, no sonhar de noite profunda, afigurávamos na nossa imaginação estar já

pousados na terra que víramos ao longe, e transportávamos para esses países desconhecidos o nosso Portugal: eram os seus montes, os seus vales, as suas plantas e frutos, as suas cidades e aldeias, que lá plantávamos: era o trajo, o gesto, a linguagem dos Portugueses, que lá víamos e ouvíamos: e despertávamos depois; e achávamo-nos pelos recantos da amurada, com a cabeça encostada a uma bombarda fria e negra, ou a um cabo de amarra, quase como ela duro e frio, sentindo o balouçar da nau, e o soido das águas roçando rápidas pelo costado dela, e o fragor dos marulhos saltando pelos escovéns da proa. Tornávamos a adormecer, e logo a despertar; e assim coávamos esta noite que parecia não ter fim. Ao toque de alvorada ninguém estava deitado: subimos ao convés, e um espetáculo, qual nunca peregrino viu, nem sequer febricitante sonhou nos seus desvarios, estava diante de nós!

«Corríamos com vento fresco ao longo da costa: montanhas altíssimas, que a vão acompanhando, sobranceiras a ela, de norte a sul, e que depois soubemos se chamavam as serras de Gate, campeavam ao longe cobertas de nuvens, refletindo a claridade da manhã com

uma cor azulada: por entre árvoredos alvejavam as povoações marítimas, e reflexos metálicos que vinham ferir nossos olhos nos certificavam de que aí havia coruchéus e tetos cozidos em ouro. O Oriente nos aparecia, enfim, semelhante à imagem que já em Portugal se nos representava desse país de maravilhas.

«Canacá nos apontou para terra e bradou: "Calecut! Calecut! " Estávamos a curta distância da praia, e víamos quebrar nela os grossos rolos das vagas. Três povoações jaziam lançadas naquela costa: Calecut, Capocate e Pandarane: o piloto tomara a segunda pela primeira, e só soubemos que se enganara, quando já tínhamos lançado ferro. Víamos ao norte Calecut, Pandarane nos ficava ao sul; diante de nós estava a povoação de Capocate.

«Quatro barcas desaferraram de terra e vieram abordar às naus. Os homens que as guarneciam nos encheram de espanto; que em toda a nossa derrota nenhuns semelhantes encontráramos: alguma parecença tinham com Canacá; mas este, segundo o que nos dissera, nascera muito ao norte da índia, e o seu gesto se diferençava muito da gente que ora víamos: a cor destes era baça: nus da cinta para

cima o sol lhes havia crestado o corpo, e lho tornara ainda mais baço: longos bigodes pendiam pelas faces abaixo de alguns: estes traziam a cabeça rapada, ou tosquiada, descendo-lhes do alto dela uma longa e delgada trança: um ou dois vimos de cabelos e barbas crescidas, mas a causa desta diferença não a pudemos entender.

«Estávamos como pasmados. Alguns destes homens subiram ao convés do S. Gabriel, e Canacá lhes falou: eram pescadores, gente pobre, ou mesquinha, como na sua linguagem lhes chamam...

— E de que vós nas vossas disputas tão a miúdo vos servis para chamardes uns aos outros vis refeces — atalhou Fernão Martins, que não tinha ânimo para perder vez de fazer observações filológicas. — Grande depravação espero eu traga aos nossos bons costumes este descobrimento da índia; porém não é esse o maior mal: o grande, o grandíssimo, o que me faz tremer é que o trato com estas nações bárbaras venha a corromper a formosa linguagem portuguesa.

Os presentes, que nada entendiam de primores de língua, sorriam-se das reflexões de Fernão Martins; e até se

ouviram em voz baixa estas palavras, que pareciam pronunciadas por entre dentes, cerrados pela cólera:

— Mesquinho língua, quando irás tu para o inferno!

O intérprete ia responder ao mal ensinado que assim o tratava; mas um segundo "chiu!" geral fê-lo calar, e Álvaro Velho continuou:

«Por estes homens é que soubemos qual daquelas povoações era Calecut: comprámos-lhes algum pescado, e por fim foram-se embora: nós então, aproveitando a brisa fresca da tarde, fomos lançar ferro na enseada da cidade.

«A manhã do domingo surgiu bela e pura: os ares estavam limpos: o Sol derramava torrentes de luz sobre Calecut: víamos as ruas, os terreiros, os templos, os palácios. As habitações comuns eram de madeira pintada, os tetos eram de folhas de palmeira; mas no meio disto havia edifícios de pedra, dos quais uns pareciam paços reais; outros sumptuosas igrejas: para um e outro lado da povoação, e no topo, para o lado da serra, viam-se campos cultivados, bosques de palmeiras, e de árvores robustas, cuja espécie era desconhecida na Europa. Embebidos

estávamos na contemplação deste novo mundo, que, semelhante a um imenso e riquíssimo pano de rás, se desenrolava diante dos nossos olhos, quando algumas barcas parecidas com as da véspera, e a que nesta terra chamam almadias (aqui Álvaro Velho lançou rapidamente os olhos para Fernão Martins, e sorriu-se) partiram de terra a demandar as naus. Tanto que chegaram, os que as guiavam subiram acima, e de tudo o que viam só nossos trajos e armas os enchiam de assombro: bem tratados por nós, eles se mostraram comedidos e corteses, e quando partiram o capitão-mor mandou com eles um dos degradados que levávamos, para servirem nestas arriscadas mensagens: eis o que lhe sucedeu, conforme da sua boca ouvi.

«Apenas chegado a terra conduziram-no a casa de dois homens que lhe pareceram mercadores. Logo pelo seu aspeto conheceu que eles eram estrangeiros naquele país: um dos mercadores olhou para ele, e exclamou em mau espanhol: Os diabos te levem! Quem te trouxe aqui? Contou-lhes então o português o processo da nossa viagem, e que vínhamos em busca de cristãos e das especiarias do

Oriente. “E porque não manda cá — interromperam os mercadores — el-rei de Castela, el-rei de França, ou a senhoria de Veneza?” “Porque el-rei meu senhor não o consentira” — foi a resposta portuguesa do degradado. Então os mercadores lhe disseram que eram mouros de Tunes, que tinham vindo à índia por causa dos seus comércios, e que tinham feito sento em Calecut. Nesta distância imensa das suas respetivas pátrias os mouros de Berberia e o cristão de Portugal se consideravam quase como conterrâneos. Depois de lhe darem de comer, o degradado voltou aos navios, e com ele um dos mouros, que se chamava Bontaibo...

— Quantas vezes quereis que vos diga que o seu verdadeiro nome é Monçaide? — interrompeu Fernão Martins. — Sois capazes de estragar, em menos de um credo, um vocabulário inteiro.

— Bontaibo, ou Monçaide, como quiserdes — respondeu Álvaro Velho —, que isso pouco faz ao discurso da minha história: ele aí vem connosco, e tanto acode por esse nome que vós, o capitão-mor, Pêro de Alenquer e o gajeiro de

proa lhe dais, pois sois discretos, como por estoutro, que geralmente lhe damos nós outros, rudes marinheiros.

Esta ironia de Álvaro Velho, em quem todos reconheciam ciência e instrução não vulgar, apesar da sua humilde condição, fez calar o loquacíssimo intérprete; e ele prosseguiu:

«Apenas o mouro saltou no convés, todos nós o rodeámos: “Boa ventura, boa ventura! ” — nos disse ele em português travado de castelhano. “Muitos rubis, muitas esmeraldas! Graças deveis dar a Deus por vos trazer a terra onde há tanta riqueza.” Ouvíamo-lo falar, e não podíamos crer nos nossos ouvidos. Parecia-nos um sonho, que a tantos centenares de léguas de Portugal existisse quem falasse nossa língua; quem nos pudesse entender. Irmão nosso era dali avante um tal homem, embora na sua cara não houvesse o sinal do cristianismo, e os seus lábios só soubessem pronunciar as blasfémias do Alcorão.

«Por Bontaibo soubemos que el-rei de Calecut estava afastado da capital. Mandou o capitão-mor dois mensageiros [dos quais um foi Fernão Martins] que lhe fossem anunciar a vinda daquela armada, e como ele Vasco

da Gama era embaixador de el-rei de Portugal, cujas cartas lhe apresentaria. Recebida pelo rei de Calecut esta mensagem, mandou dizer a Vasco da Gama que ele voltaria logo à cidade para o receber, e fazendo mercê de muitas dádivas aos dois mensageiros, enviou com eles um piloto, que conduzisse a armada para a enseada de Pandarane, onde achariam melhor fundo do que na de Calecut, sumamente aparcelada e perigosa.

«Pretendia o piloto que entrássemos no porto; mas o capitão prudentemente mandou que surgíssemos fora. Tínhamos apenas lançado ferro, quando chegou aviso de el-rei para que desembarcasse o embaixador de Portugal, a quem ele em Calecut esperava. Mas o dia já se inclinava ao seu termo, e por isso Vasco da Gama sentou em desembarcar no dia seguinte, até porque podia aproveitar o intervalo da noite para fazer conselho com os capitães da armada sobre o modo porque se devia haver em tão delicada conjuntura.

CAPÍTULO III

A EMBAIXADA

«Amanheceu, finalmente, depois de uma noite inteira passada em preparativos, o dia de segunda-feira, vinte e oito de Maio. Resolvido tinham os do conselho que Vasco da Gama fosse acompanhado somente por doze homens, ficando seu irmão Paulo da Gama, durante a sua ausência, com o mando supremo de toda a armada. Os batéis desde o romper do dia flutuavam junto das naus, toldados e embandeirados: nem esqueceu artilhá-los; porque estivéssemos precatados contra qualquer súbito cometimento: charamelas e trombetas nos acompanhavam, e todos nós, armados e ataviados de sedas, descemos aos batéis. No meio de festivos tangeres, os remeiros partiram de voga arrancada, e apenas entestámos com a terra, em Pandarane, o bale ou catual, que entre os índios de Calecut corresponde ao corregedor da Corte, nos veio receber

acompanhado de duzentos naires, homens fidalgos, de que se compõe a milícia daquele país. Parte deles vinham armados, com espadas nuas nas mãos; dando de si mostras guerreiras. Uma espécie de andas, a que chamam palanquins, foram ali trazidas por seis homens, que nelas conduziram Vasco da Gama, desde a praia. Grande multidão de povo aí estava reunida, e no meio dela, rodeados de naires, que afastavam o povo, seguimos o caminho de Calecut.

«Alto ia já o dia, mas o céu estava carregado de nuvens. Começava então na índia a estação invernosa: a cidade ficava distante, era preciso abreviar a jornada: porque alguma grossa chuva podia tornar impossível, ou dificultoso o nosso trânsito.

«O caminho para Calecut passava pela povoação de Capocate: quando aí chegámos estava aparelhado em casa de um nobre o jantar para Vasco da Gama; mas ele recusou aceitá-lo. Depois de breve descanso em que nós os da comitiva tomámos alguma refeição, continuámos a viagem.

«Junto a Capocate corria um caudaloso rio: dois barcos liados um ao outro nos esperavam, e apenas embarcámos

partiram velozmente cortando a corrente.

«Um sem-número de barcas, atulhadas de gente, nos rodeavam, e pelas margens a multidão curiosa corria para ver esta nova espécie de homens do Ocidente, que pela primeira vez calcavam a terra da índia.

«Tendo navegado obra de uma légua, tornámos a desembarcar: já naquele sítio se conhecia que próxima estava uma cidade populosa: muitas naus de comércio jaziam varadas em terra por uma e por outra margem; e por entre palmares e quintas se viam soberbos edifícios, que se erguiam por meio de veigas cultivadas, e de bosques fechados de árvores, para nós desconhecidas.

«Vasco da Gama entrou em outras andas que o esperavam: nós íamos junto dele: homens, mulheres, crianças nos cercavam, com sinais de espanto: e o grosso tropel de povo que nos rodeava crescia de instante a instante. Pouco tínhamos andado, quando de súbito demos com uma formosa igreja: o catual, que metido em outras andas ia sempre ao lado do capitão-mor, apeou-se e convidou este a entrar com ele dentro do templo; Vasco da

Gama aceitou o convite, e nós, que íamos como pasmados, o seguimos maquinalmente.

«Uma coluna de metal, da altura de um grande mastro, se erguia sobre um pedestal à entrada do templo, e no topo tinha a figura de um galo; ao pé desta, outra coluna da altura de um homem, e excessivamente grossa, estava também erguida, mas sem emblema nenhum: sobre a porta principal, sete sinos de bronze pendiam de uma espécie de campanário; as paredes eram todas de cantaria primorosamente lavrada, e o teto era forrado de bem obrados ladrilhos.

«Os clérigos encarregados do culto divino não se pareciam em coisa alguma com os da Europa. Nus da cinta para cima, apenas uma espécie de saio os cobria até os joelhos; e do ombro esquerdo lhes desciam uns cordões que passavam por debaixo do braço direito. Apenas entrámos fomos aspergidos com água benta, e nos ofereceram uma espécie de barro branco para pormos na testa e nos braços. No meio da igreja se levantava um coruchéu muito alto: era uma capela consagrada à Virgem, e subiam a ela os sacerdotes por uma escada estreita. Postos de joelhos

orámos com o fervor de homens que em tão remotos climas encontravam pela primeira vez símbolos do cristianismo.

«Enquanto o capitão-mor observava as magnificências do edifício, os quafes ou sacerdotes procuravam explicar por acenos as significações de diversos emblemas que pelo templo havia; mas na falta de quem servisse de intérprete, não pude perceber senão o nome de “Maria nah”, que pronunciavam apontando para a imagem que estava no coruchéu.

— Não faltava intérprete, senhor Álvaro Velho!

— atalhou Fernão Martins. — Mas sobre mim não vieram do céu as línguas de fogo: e eu não podia entender o ladrar daqueles cães, que nunca na minha vida ouvira.

A esta reflexão do intérprete, ninguém disse nada; porque com razão punia ele pela sua honra literária; e a leitura continuou.

«Desta igreja saímos entre o inumerável concurso que não se afastava de nós, senão à força de pancadas, que os naires davam sem piedade, para nos abrirem caminho. Chegámos, finalmente, às portas de Calecut, onde

entrámos em outro templo, semelhante ao primeiro, e do qual brevemente tornámos a sair para nos dirigirmos aos paços de el-rei.

«Aqui o tropel dos curiosos tinha subido a tal ponto, que, seguindo com muito custo por uma rua adiante, fomos obrigados a entrar numa casa, por não podermos já romper avante. Foi a esta casa que veio um fidalgo principal com mais soldados, e seguido de trombetas e tambores para acompanharem até os paços o capitão-mor: os homens de armas, que subiam a mais de dois mil, fizeram então arredar o povo, e nos abriram caminho, posto que com muito trabalho, até a morada de el-rei, onde chegámos a horas em que o Sol ia já muito próximo do seu ocaso.

«Passámos um largo terreiro, e cruzámos quatro aposentos, antes de chegar àquele em que el-rei estava: à porta do terreiro tinham vindo os cortesãos esperar Vasco da Gama, e à última porta o sumo sacerdote; mas o tropel dos populares, que tinha rompido até ali, nos apertava por todos os lados, e à força de cutiladas dos homens de armas muita daquela gente foi ferida, e alguns mortos.

«Chegámos, enfim, à presença do rei de Calecut, ou samorim, como os seus lhes chamam: estava recostado numa espécie de estrado coberto de panos riquíssimos: da direita tinha um grande vaso de ouro, donde um oficial da sua casa lhe dava umas folhas de certa erva a que os mouros chamam atambor, e os naturais bétel, segundo depois soubemos, as quais o rei mascava continuadamente, cuspindo-as depois em outro vaso de ouro, que lhe ficava à esquerda. O capitão-mor logo que entrou fez reverência ao samorim, que lhe acenou com a mão que se chegasse para ele, e a nós mandou-nos sentar nuns degraus que havia ao redor da casa. Aí nos mandou dar figos e uma casta de melões, a que chamam jacas, que nós, encalmados do caminho, comemos sem cerimónia, rindo muito o samorim dos nossos gestos e meneios. Então ordenou este a Vasco da Gama, por via de um intérprete mouro, que transmitia as suas palavras a Fernão Martins, que desse a embaixada aos fidalgos da Corte: a esta ordem respondeu o capitão-mor que um embaixador do rei de Portugal só tratava com os príncipes em particular, e não com os seus vassalos. Sabida esta resposta por el-rei, acedeu aos desejos de Vasco da Gama; e mandando-o entrar em outro aposento

com Fernão Martins e o intérprete mouro, se levantou do estrado, em que estava, e foi encerrar-se com ele.

— Agora, senhor Fernão Martins — disse Álvaro Velho, pondo sobre os joelhos o manuscrito que tinha nas mãos —, melhor podereis vós narrar o que se passou aí, do que eu só de leve apontei o que vós depois me contastes.

Fernão Martins imediatamente começou a falar em tom grave, e por esta maneira:

— Tanto que el-rei chegou, acompanhado pelo velho sacerdote, que nos saíra a receber à porta da sala, e por outros dois nobres, que pareciam grandes privados seus, Vasco da Gama lhe narrou sucintamente quantas tentativas os reis de Portugal tinham feito para descobrir a índia: que ora um que reinava, por nome D. Manuel, o mandara com aquelas três naus prosseguir o começado projeto, com pena de morte, se voltasse sem concluir a empresa: que mais lhe ordenara que, em chegando a encontrar o grande rei do Oriente, lhe assegurasse que o rei de Portugal queria ser seu irmão e amigo, e que, para prova disto, ele Vasco da Gama entregaria a Sua Alteza duas cartas que, de el-rei seu senhor, para ele trazia. O samorim respondeu a tudo isto

que ele aceitava a amizade de el-rei de Portugal, e que na frota portuguesa mandaria também embaixadores a D. Manuel. Depois de praticar em várias coisas de pouca monta, perguntou enfim, a Vasco da Gama, se queria ir pousar com alguns dos mercadores mouros que havia em Calecut, ou em casa de algum dos naturais, e respondendo o capitão que desejava ficar só com os seus, o despediu, assegurando-lhe que seria satisfeito.

Fernão Martins acabou de falar; e Álvaro Velho, pegando no manuscrito, continuou outra vez a sua leitura.

«Enquanto o capitão esteve a sós com el-rei, os seus ministros, e os intérpretes, guiaram-nos para uma espécie de varanda; era já noite cerrada; e logo que ele veio ter connosco, partimos imediatamente com os oficiais que deviam conduzir-nos à nossa pousada.

«Quando saímos do paço o céu parecia desfazer-se em torrentes de chuva: as ruas estavam convertidas em rios; mas, apesar da escuridão e da chuva, o povo nos seguia em tumulto, apinhado, como se fosse à hora do meio-dia, debaixo de um céu puríssimo. Repassados de água, caminhámos muito tempo sempre ao lado de Vasco da

Gama, levado em colos de homens. Cansado do longo caminho, ele se queixou ao feitor de el-rei, que o acompanhava, de que fosse tão longe agasalhá-lo, por noite tão tormentosa. Era o feitor um mouro; e vendo que Vasco da Gama estava grandemente colérico, o conduziu a sua casa, aonde lhe disse mandaria vir um cavalo em que mais comodamente pudesse ir ao aposento, que el-rei para nós destinara.

«Chegou com efeito o cavalo, mas sem os necessários arreios para nele se poder montar: tomou isto o capitão por afronta, e cheio de despeito, continuou a caminhar a pé até chegar à pousada. Aí estavam já alguns dos nossos, que tinham trazido dos navios os presentes destinados para o samorim, e tudo o de que carecíamos para enquanto residíssemos naquela cidade.

«Os presentes que levávamos deviam ser examinados pelo feitor e pelo catual, antes de el-rei os receber; vieram pois no dia seguinte os dois para os verem. Este presente, pobre na verdade, foi matéria de escárnio para aqueles oficiais, costumados às grossas peitas dos mouros: os seus desprezos aumentaram o desgosto de Vasco da Gama, que,

soltando algumas palavras ásperas, declarou que, uma vez que el-rei não quisesse aqueles dons, pobres como eram, se iria despedir dele, e voltaria outra vez para os seus navios.

«Com este recado se foi o catual, prometendo voltar breve; mas debalde esperámos por ele todo o dia, chegou e passou a noite, sem mais nos tornar a aparecer.

CAPÍTULO 4

AS TRAIÇÕES

Esperávamos debalde pelos oficiais de el-rei, no dia antecedente; mas na manhã da quarta-feira voltaram dizendo a Vasco da Gama que o samorim nos receberia naquela manhã. Partimos; e ao chegar ao paço, as desconfianças, que começáramos a ter na véspera, mais avultaram então: muitos naires armados estavam reunidos no terreiro da entrada, e espalhados pelos aposentos: guiaram-nos por uma porta cerrada, que só passadas quatro horas se abriu: ali esperámos impacientes, até que el-rei mandou que entrasse o embaixador de Portugal; mas acompanhado só por dois dos seus. O escrivão Diogo Dias e Fernão Martins, o língua, foram os que ele escolheu.

— Senhor Fernão Martins — disse Álvaro Velho interrompendo a leitura —, melhor podereis narrar o que se passou entre vós e o samorim, do que a minha escritura.

E o intérprete, tomando a mão, prosseguiu nestes termos:

— Entrados à presença de el-rei, logo descobrimos no seu aspeto carregado, que ou ele suspeitava mal de nós, ou que alguma traição se urdia. Sem, todavia, se perturbar, Vasco da Gama se aproximou ao estrado, onde o samorim jazia reclinado. Perto dele estavam quatro mouros; que muitos destes cães havia entre os oficiais do paço. Por intervenção de um deles, que me repetia em árabe as palavras de el-rei, se travou entre este e o capitão-mor o seguinte diálogo:

« — Disseste-me que vinhas de um país muito rico; e apresentaste-te diante mim com as mãos vazias, como nenhum mouro ousara fazê-lo, nem ainda o mais pobre dos meus vassalos? Disseste-me que me trazias cartas do teu senhor, e não mas destes ainda. Treme de enganar-me, frangue do Ocidente! (*)

[(*) Frangue era o nome que os mouros da índia davam aos Portugueses; de tempos remotos foi este o nome geral com que os Maometanos designaram os cristãos da Europa; provavelmente, porque, sendo os Franceses (Francos) a nação mais conhecida na Ásia, desde a época das Cruzadas, confundiam todas as nações europeias, como se fossem uma só.]

« — Por mares imensos vim a descobrir teus reinos; para os meus naturais a própria existência destas terras era duvidosa: aparelhado estava para lutar com tormentas e com homens (aqui Vasco da Gama apertou o punho da espada), porém não para ostentar riquezas na tua luzida Corte.

« — Buscavas acaso pedras; ou buscavas homens? Se, como me disseste, eram homens que procuravas, porque não trouxeste contigo coisa que os contentasse? Já me afirmaram que na tua nau havia imagem de ouro.

« — É a da mãe de Deus: ela me sustentou sobre as águas do oceano: ela me guiou e trouxe até às costas das índias. Bem que não de ouro, mas só dourada, não ta dera eu por nenhum caso. Tivera-me por perdido no dia em que a perdesse.

« — Entrega-me, então, as cartas do teu rei: vejamos o que nelas me diz.

« — Ei-las aqui, ó rei; mas que leia a que vem em aravia algum dos teus naturais, que entenda esta linguagem: são nossos inimigos os mouros, e poderão torcer o que nela está escrito. A que vem em português sei eu que te dará prazer.

«Lá me custou — prosseguiu Fernão Martins — o repetir aos intérpretes mouros o gracioso cumprimento do capitão-mor; mas que remédio? Ouvindo as minhas palavras todos quatro fizeram uma visagem, como se lhes tivessem despejado na boca um gomil de vinagre: todavia transmitiram ao samorim as palavras de Vasco da Gama.

«Então se mandou chamar um jovem índio, que pegando na carta, não percebia dela uma só letra: era pois forçoso que os mouros a lessem: felizmente nos ocorreu que se mandasse chamar o nosso amigo Monçaide, que, com os outros, lesse aquela carta a el-rei.

«Ele chegou brevemente, e com três dos mouros a trasladou em índio; do conteúdo deu o samorim mostras de ficar contente: depois perguntou ao capitão que mercadorias eram as que Portugal podia mandar à índia.

« — Às primeiras necessidades da vida provê absolutamente o meu país: tem trigo com que o homem se sustenta; panos, com que se cobre; ferro, com que se defende — esta foi a resposta de Vasco da Gama.

« — E dessas coisas trazes algumas para mercadejar com os meus naturais?

« — Sim, trago; e ir-me-ei a bordo dos meus navios, deixando na casa em que pousámos cinco homens, a quem mandarei essas coisas, para eles as resgatarem por ouro e prata, ou por outras mercadorias.

« — Não deixes ninguém — atalhou o samorim —, parte com todos os teus: e depois de amarrares bem as naus farás desembarcar isso que da tua terra trouxeste.

«Com isto nos despedimos: Monçaide veio connosco até à pousada; e pelo caminho nos revelou que os mouros urdiam larga trama para nos haverem de perder: Vasco da Gama, que bem percebia o risco em que nos achávamos, ficou todo aquele dia taciturno, e com aspeto carregado.

Fernão Martins calou-se neste ponto, e Álvaro Velho, pegando outra vez no manuscrito, seguiu avante na sua

leitura:

«No outro dia partimos para Pandarane, e apesar de nos perdermos uns dos outros no caminho, chegámos finalmente aos estaus, em que Vasco da Gama nos esperava para embarcarmos: era perto da noite; pedimos uma almadia, mas o catual recusou-a, com o pretexto de que era muito tarde. Então a cólera do capitão-mor rebentou como uma torrente: acusou o catual de traidor; ameaçou-o de que voltaria a Calecut para se queixar a el-rei; e Bontaibo, que traduzia na linguagem dos índios as palavras de Vasco da Gama, exagerava ainda, porventura, as suas expressões de despeito: temeu, ou fingiu temer, ó catual o furor do capitão português, e respondeu, que em vez de uma almadia, daria trinta, se tantas nós pretendêssemos.

«Saímos ao longo da praia: havia muito que o Sol tinha desaparecido no ocidente; nenhuma barca por ali jazia; e o capitão, receoso de alguma cilada, mandou Gonçalo Pires, com mais dois homens, adiante, que se encontrassem Paulo da Gama, seu irmão, com os batéis abicados em terra, lhe dissessem que saísse logo para as naus; porque em terra correria risco.

«Os homens não tornaram; e fartos de buscar em vão barcos, que nos conduzissem a bordo dos nossos navios, tivemos de voltar à povoação, onde passámos a noite em casa de um mercador mouro.

«Na manhã seguinte, a traição, até aí encoberta, se patenteou claramente. Exigiram de Vasco da Gama que mandasse aproximar as naus à terra: recusou ele fazê-lo; e então lhe declarou o catual, que sem isso não tornaria a pôr os pés dentro delas.

«Soltar palavras ásperas era quanto podíamos fazer na nossa defesa; mas os sinais de cólera só acarretaram sobre nós escárnios. Os mouros e índios, que connosco estavam, diziam, rindo, que podíamos partir para Calecut, ou para nossos navios, como melhor nos aprouvesse; mas as portas tinham-se cerrado, e nós estávamos cercados de naires armados, que cuidadosamente nos guardavam.

«Por fim o catual exigia só que as velas e leme dos navios fossem trazidos para terra: com isto, dizia ele, abrir-se-nos-ia caminho franco, dar-se-nos-ia uma almadia, para nos recolhermos a bordo. Vasco da Gama, porém, recusou

constante qualquer condição para a sua partida, que el-rei lhe concedera solta e livre.

«No meio destas disputas, Gonçalo Pires voltou, e nos disse que encontrara Nicolau Coelho, capitão do Bérrio, com os batéis aproados em terra, o qual ali o esperava. Com a ajuda de Bontaibo saiu então um dos nossos disfarçado, e foi avisar Nicolau Coelho de que fugisse sem demora: os mouros o perceberam, bem que tarde, e mandaram muitas almadias após os batéis; mas estas não os puderam alcançar.

«Então recorreram à mais diabólica das tentações para abalar nossa constância. Sentíamo-nos desfalecer à míngua; e por mais que pedíamos nos trouxessem com que matar a fome, as nossas súplicas eram para eles nova matéria de riso, e de pungentes escárnios.

«Eterno nos pareceu este dia de contínua agonia: e não foi essa noite menos atribulada: as guardas se aumentaram ao cair das trevas; e tendo-nos, durante o dia, permitido o passear por um pequeno jardim, logo que anoiteceu nos encerraram num estreito aposento: concederam-nos, todavia, algum alimento, que, apesar da nossa aflição,

devorámos, como quem nada tinha comido desde a tarde antecedente.

«No dia seguinte os oficiais de el-rei voltaram à nossa prisão: o seu modo era outro; mostraram-se muito tratáveis, e por fim declararam a Vasco da Gama que, se mandasse vir para terra as mercadorias que trazia, o deixariam ir livremente. Esta condição era suave para quem se via em tão apertado trance, e foi aceita. Escreveu o capitão a Paulo da Gama que mandasse para terra várias coisas que lhe apontou: tanto que elas chegaram, abriram-se as portas da nossa prisão, e nos mesmos batéis que as trouxeram partimos para os navios, ficando dois em terra, para feitorizarem aquelas mercadorias.

«Ao chegarmos a bordo todos nos abraçavam, como se há muito tempo não nos vissem: tínhamos sido, por assim o dizer, salvos das garras da morte. Vasco da Gama ordenou que os batéis não transportassem para terra nenhumas fazendas mais; e, passados dias, escreveu uma carta ao samorim, queixando-se das afrontas e violências por nós recebidas. El-rei respondeu logo, dando grandes desculpas das ofensas feitas pelos seus, e prometendo que mandaria

mercadores, que comprassem ou trocassem esses poucos objetos, que de Portugal trouxéramos para mercadejar.

«E com efeito alguns mouros vieram a Pandarane para esse fim: mas não se concluindo o negócio, o capitão ordenou que as fazendas ali depositadas se levassem para Calecut, onde, porventura, se acharia para elas melhor mercado. Disso avisou el-rei,. o qual à sua custa as fez transportar para a cidade.

«A boa amizade restabelecia-se, aparentemente, entre nós e o samorim; mas tudo quanto este fazia era para nos enganar: os mouros tinham-no persuadido de que éramos ladrões do mar, e, medroso das nossas bombardas, dissimulava connosco, esperando ocasião oportuna para nos colher às mãos.

«Todavia a marinhagem ia frequentes vezes a Calecut, porém sempre aos poucos, e com a necessária cautela. Para trazer ao reino alguma coisa do Oriente, os marinheiros mais pobres chegavam a ponto de trocar a própria roupa por cravo, canela, e mais especiarias: por outra parte as almadias cheias de índios rodeavam constantemente as

naus, para nos venderem toda a casta de mantimentos, que podíamos desejar. Assim passaram muitos dias.

«Estávamos no mês de Agosto: o piloto Canacá dizia que a monção, ou tempo próprio de atravessar o golfão, que divide a África da índia, era chegada: cumpria partir; e Vasco da Gama mandou avisar disto o samorim, pedindo-lhe que fizesse embarcar os embaixadores, que, segundo lhe anunciara, queria enviar ao seu irmão o rei de Portugal, e ao mesmo tempo lhe permitisse, que em nome dele trouxesse ao seu senhor, el-rei D. Manuel, certa porção de especiarias, como amostra dos preciosos géneros que a índia produzia.

«Foi neste ponto, que a má vontade de el-rei de Calecut apareceu a lume: um presente que, mandando este recado, lhe fizera o capitão-mor, não o quis ele ver, e respondeu a Diogo Dias, escrivão da nau S. Gabriel, o qual fora com esta mensagem, que, antes de partirem, os portugueses deviam pagar-lhe seiscentos xerafins, como era estabelecido para todos aqueles que vinham mercadejar aos seus portos.

«Diogo Dias fora deixado em terra com Álvaro de Braga, para feitorizarem as mercadorias, que se haviam

desembarcado; e aí deviam ficar até a volta de nova armada. Ouvida a determinação de el-rei, voltou à casa onde morava, resolvido a vir a bordo relatar a Vasco da Gama o que sucedera; ao chegar à pousada viu-a rodeada de homens armados: entrou, e juntamente com o seu companheiro foi retido nela pelos naires, enquanto pela cidade se lançavam, como depois contou Bontaibo, temerosos pregões, para que ninguém da cidade tivesse comunicação com a armada.

«Felizmente um jovem negro, que com eles estava, pôde escapar à vigilância das guardas: correu à praia: a noite começava a cerrar-se; nenhuma barca o quis tomar, até que, já cansado de andar ao longo da costa, achou no extremo da cidade uns pescadores, que a troco de algum dinheiro o conduziram a bordo, fugindo outra vez para terra encobertos pelo escuro, com receio de serem severamente punidos.

«Passou-se o seguinte dia, sem que uma só barca viesse aos navios: em conta de perdidos tínhamos Diogo Dias e Álvaro de Braga. Na manhã imediata — era o dia da Assunção da Virgem — os vigias do S. Gabriel viram

aproximar-se uma almadia: chegaram a bordo quatro índios que davam mostras de quererem vender-nos pedras preciosas: deixaram-nos subir; e Vasco da Gama, fingindo ignorar a prisão dos feitores, os acolheu, como se estivéssemos em boa paz com o seu rei: e por eles mandou uma carta a Diogo Dias pelo teor da qual mostrávamos não saber o que sucedera em terra.

«Isto enganou os de Calecut, que começaram a vir a bordo com frequência, até que no domingo seguinte chegou uma almadia com seis mercadores, que, pela riqueza do trajo, pareciam pessoas principais: tanto que estes subiram, Vasco da Gama os mandou prender, e mais doze homens dos que com eles vinham, enviando pelos outros uma carta ameaçadora ao samorim, na qual dizia que pelos dois portugueses, que deixava na índia, levava em reféns estes mercadores, uma vez que logo não lhe fossem os seus restituídos. Depois levantámos ferro, e como o vento era contrário, andámos quatro dias bordejando na enseada, fundeando, finalmente, à espera do vento, tanto ao mar que não víamos a terra.

— Agora, senhor Álvaro — disse Álvaro Velho para o de Braga —, a vós toca referir o que com Diogo Dias passastes, quando vos deixámos nas mãos daqueles cães.

E Álvaro de Braga disse:

— Logo que em Calecut se espalhou a nova de que vós outros éreis já ao largo, as mulheres e filhos dos que tínheis cativos correram ao paço, fazendo grandes choros; a sua aflição, que abrangia a muita gente, por serem aqueles mercadores dos principais, comoveu o ânimo de el-rei, que nos mandou chamar, mostrando-se muito irado contra o catual, e ordenando que fôssemos ambos postos em liberdade: "Em nada sou culpado de quanto vos aconteceu — disse ele a Diogo Dias. — Ide dizer ao vosso capitão que me solte meus vassalos; e tu podes voltar a terra para negociar a fazenda que aí tendes: para prova de que desejo a boa amizade dos Portugueses escreverei ao meu irmão D. Manuel, e será na sua própria linguagem." Então Bontaibo, que aí fora chamado por intérprete, deu uma ola, ou folha de palmeira, a Diogo Dias, que nela escreveu com uma pena de ferro a carta que o samorim ditou para el-rei de Portugal, e que ele trouxe ao capitão-mor.

«No dia seguinte uma almadia nos conduziu a ambos a bordo do S. Gabriel, e muitas outras barcas iam connosco para levarem os que ali se achavam cativos: temerosos todavia da vingança dos portugueses, lançaram-nos no batel da nau, que ainda flutuava à popa.

«Tanto que chegastes — disse Álvaro Velho, prosseguindo a leitura —, Vasco da Gama mandou descer à almadia os seis prisioneiros principais, dizendo-lhes que mandaria os outros, quando viessem as mercadorias, que ainda haviam ficado em terra. Partiram, e ao romper da alva, Bontaibo veio ter connosco: tinham querido matá-lo os outros mouros, dizendo que era nosso espia. Recebemo-lo como amigo, e o capitão-mor lhe prometeu que el-rei lhe faria mercê: foi ele quem miudamente nos contou as traições que contra nós estavam urdidas; e de que ainda ontem tivemos mais uma prova.

«Seriam dez horas da manhã, quando vimos vogar para nós sete barcas cheias de gente: três se aproximaram, trazendo na borda pendurados alguns panos dos que Diogo Dias deixara em terra: pareciam querer mostrar com isto que vinham restituir-nos a fazenda, que ficara no seu

poder; mas o capitão-mor os fez afastar às bombardadas, porque resolvera trazer consigo a Portugal os homens que cativara.

«Desfraldámos as velas ao vento: depois de três meses de demora neste país traiçoeiro, a índia ficou descoberta; e nós levaremos a el-rei D. Manuel a certeza de que o seu nome será imortal na história.

Álvaro Velho calou-se: o seu manuscrito ainda tinha várias folhas em branco; ele as encheu depois; mas chegando ao reino, ninguém fez caso dele, nem do que escrevera: só passados muitos anos, um bedel da universidade, chamado Fernão Lopes de Castanheda, desenterrou em Santa Cruz de Coimbra aquele caderno precioso, e dele se serviu para compor a mais curiosa porção do primeiro livro da sua História da índia.

Quando a leitura acabou, o dia vinha rompendo: a candeia da bitácula começava a bruxulear já frouxa; e os homens do quarto, substituídos por outros, foram repousar da sua longa vigília.

O CRONISTA

(Ano 1535)

CAPÍTULO I

O VIVER

A o cair da noite de um dia tenebroso dos fins do Inverno, em que o céu parecia desfazer-se em chuva, um homem a cavalo, coberto com uma ampla coroça, e um chapéu de feltro de largas abas na cabeça, saía à rédea solta dos paços de el-rei

D. João III (que então residia em Évora), e atravessava as ruas da cidade que estavam desertas, não só por causa do mau tempo; mas porque eram horas de cada qual tratar da ceia, e de repousar das fadigas do dia.

O cavaleiro dobrou muitas esquinas, enganou-se umas poucas de vezes, voltou para trás, tomou à direita, depois à esquerda, seguiu avante, voltou a desandar, rogou bem dois centos de pragas, até que por fim, chegando à boca da Rua da Oliveira, susteve o cavalo, e olhando para um e outro

lado, como quem se afirmava, fez um gesto de raiva, e disse por entre os dentes:

«Dor de levadigas consuma o diabo! Pensei que não dava com a excomungada da rua!»

E seguiu por ela abaixo.

A Rua da Oliveira era talvez a pior de Évora. Posto que a maior parte da cidade já estivesse calçada, esse progresso de civilização ainda ali não havia chegado, e a rua quase estava intransitável com a chuva, que enchia as barrocas largas e profundas, disseminadas irregularmente pelo caminho. Era, além disso, aquela rua estreita, imunda, e mal assombrada: em toda ela, por um e outro lado, não havia senão muros de quintais que pertenciam a edifícios de ruas contíguas, ou algumas casas, góticas, negras, e arruinadas, só povoadas de ratos e osgas. Apenas ao meio dela três moradas tinham habitadores: dois cavaleiros honrados, já velhos e pouco abastados, ocupavam duas casas, que ficavam no lado esquerdo: em frente habitava outro vizinho, numa casa térrea, e negra, como as restantes, conhecendo-se por um único sinal que em rua tão erma havia gente, e era que naquele sítio as águas do

Inverno não tinham podido desfazer um enorme monturo, que servia de recreio aos cães vadios, que ali vinham retouçar nas imundícies despejadas quotidianamente pelos três vizinhos, naquele sítio, ainda mais intransitável e feio, que o resto da melancólica rua *.

O cavaleiro de que acima fizemos menção, chegou à porta da estrebaria de Álvaro Salgado, um dos dois honrados velhos, antigos moradores daquele ermo; um homem embrulhado numa espécie de manta ou cobertor, muito roto, estava sentado num poial da parte de dentro da estrebaria, e um rocim quase héctico (*), amarrado à manjadoura, roía, cambaleando, algum retraço da palha, amarela, e meia podre. O homem da manta parecia tiritar de frio.

[(*) héctico: Diminuição lenta e progressiva das forças, da energia orgânica, fraqueza extrema.]

Sustendo o cavalo, o recém-chegado disse para o que estava sentado no poial:

— Boas tardes, meu amo. Sabeis-me dizer se mora aqui Pêro do Porto, mestre cantor do cardeal D. Afonso?

— Aí em frente, senhor cavaleiro, nessa casa térrea, ouço muitas vezes cantar solfa: de mestre cantor é sinal: mas o dono da casa é o licenciado Acenheiro.

— Justamente: Cristóvão Rodrigues Acenheiro. Em casa dele me disse mestre Pêro que morava. Louvado Deus, que atinei com o demo da pousada. Bom homem, quisera fôsseis pedir ao vosso senhor me concedesse licença para recolher o meu cavalo nessa estrebaria; já se sabe, pagando eu.

O homem pôs-se em pé: cerrou os dentes para mostrar que não tiritava: deitou a manta para trás, querendo dar a entender que por baixo do muito safado gibão estava bem enroupado; e sem desaferrar os dentes, respondeu com meneios de altivez:

— Não preciso de ir incomodar para isso meu senhor, que ora está em casa do muito honrado cavaleiro Afonso Teles, nosso vizinho do lado. Tenho ordem para dar gasalhado a todos os cavaleiros que dele precisarem; se bem vos

entendi, vós só o pedis para o vosso cavalo, e como aqui não está nenhum palafreneiro, eu próprio o recolherei.

— Logo vós sois?...

— Escudeiro de Álvaro Salgado, que é cavaleiro acontiado, e fidalgo desta cidade, para servir vossa mercê.

O cavaleiro, que parecia socarrão e malicioso, mediu de alto a baixo o vestuário pobríssimo do apavonado escudeiro, e prosseguiu:

— Perdoai, honrado escudeiro, se vos tratei com menos respeito do que era devido a vossa categoria: todavia serei ousado de vos oferecer uma ninharia para dardes de beber ao palafreneiro. Ordenai-lhe que espere por mim, que logo hei de sair.

— Aos palafreneiros o darei — retrucou o homem do gibão surrado, estendendo a mão magra e suja para receber alguns tostões brancos, que o cavaleiro tirara de uma bolsa de couro, que trazia pendurada da cinta. O prazer, mal encoberto, refulgia-lhe nos olhos encovados.

Depois disto o cavaleiro apeou-se; desafivelou a coroça, e atirou com ela para cima do cavalo, ficando em gibão e

coberto com um ferragoulo, ou capa à moda de Itália, donde lhe veio o nome.

A chuva tinha cessado, e o vento saltara a nordeste. O céu azul começava a aparecer por entre os montões de nuvens que corriam para sudoeste, e as estrelas cintilantes misturavam já a sua luz incerta com a derradeira claridade do dia. O cavaleiro deixando o seu Babieca (*) entregue ao nobre escudeiro do nobilíssimo Álvaro Salgado, rodeou o monturo, e, pé aqui, pé acolá, foi bater à porta da casa do licenciado, cantarolando esta copla do cancioneiro de Resende:

Os ares já resolutos

Dos vapores congelados,

Nevoentos,

Viçaram frios, enxutos,

Espelhentos.

[(*) Famoso cavalo do Cid Campeador, o herói espanhol.]

— Quem bate? — perguntou uma voz forte, semelhante à de um novilho de três anos.

— Abri, mestre Pêro, que é vosso amigo Fernão Cardoso. Prometi vir cear uma noite convosco; desempenho a promessa.

«Dó, ré, sol, fá! Glori... a... a in excelsis... celsis...», garganteava Pêro do Porto, correndo o ferrolho, e abrindo de par em par a grossa porta de carvalho, que, guinchando nos gonzos, parecia querer fazer o acompanhamento à voz taurina do mestre cantor.

Mestre Pêro era homem de quarenta anos, roliço, baixo, espadaúdo e vermelho. Estava vestido de um modo verdadeiramente cómico: tinha na cabeça uma carapucinha branca muito suja e ensebada; trazia vestida uma espécie de jaqueta, a que então chamavam corpinho, de fustão pardo, debruada de ipre verde-escuro: andava em ceroulas, e trazia calçadas umas botas pretas, que lhe davam por meia coxa: de um lado pendia-lhe da cintura uma bolsa, por uns cordões tão compridos, que se lhe metia, quando dava

qualquer passada, por entre os tornozelos; da outra parte tinha uma faca de cabo de ferro com uma argola no topo em que enfiava um cordel que lha segurava ao cinto; e para completar a harmonia de tão vistosos arreios, trazia ao pescoço uma grande toalha, à guisa de babadouro. Quando Fernão Cardoso bateu, o mestre cantor passeava pela casa compondo uma missa, que devia estrear-se dentro de quinze dias na capela do cardeal.

— Bofé — disse ele, depois de acabar a música vocal e instrumental, e abraçando Fernão Cardoso —, bofé que bem cri nunca chegasse este dia. Amigo licenciado, aqui tendes o homem mais gracioso e paceiro da Corte de el-rei nosso senhor D. João III, o afamado pajem da toalha Fernão Cardoso.

Isto dizia Pêro do Porto, voltando-se para um homem, que, coberto com um bérnio, e sentado a uma banca, com a cabeça metida entre os punhos, parecia ler atentamente um grosso volume de pergaminho amarelado, à luz baça de uma candeia de bronze, que tinha diante de si. Era o licenciado Cristóvão Rodrigues Acenheiro, amigo antigo e íntimo de Pêro do Porto, que vivia junto com ele, desde que

mestre Pêro viera residir em Évora como cantor principal da capela do cardeal D. Afonso. O licenciado mostrava ser de idade de sessenta anos, alto, magro, bastante curvado para diante, hábito que contraíra por muita frequência de ler e escrever; mas robusto e sadio, posto que um pouco pálido. Tinha juntado algum cabedal advogando por muitos anos; e achando-se com meios suficientes para viver parcamente, havia abandonado o foro, entregando-se exclusivamente ao estudo e comparação das velhas cró nicas do reino, a cuja leitura tomara tal inclinação, que em nenhuma outra coisa gostava de falar, nem outro passatempo para ele havia mais que revolver manuscritos antigos, em que pudesse saciar a sede da ciência histórica. Mandava, com grande gasto da sua pouca fazenda, tirar traslados das numerosas memórias, que ainda então existiam pelos arquivos e mosteiros do reino, e estes traslados eram para ele outros tantos evangelhos. Naqueles bons tempos ainda não tinha aparecido nem a diplomática, nem a arte crítica; as escrituras, prazos, doações, cartas de testamento, etc., ainda pouco serviam para investigações históricas; as fábulas, que, ou interesses particulares, ou a imaginação de crédulos cenobitas havia enxerido por meio

dos factos do passado, mereciam tanta crença como estes; e a poesia popular tinha consagrado as suas tradições, povoando com elas a aridez da história, como tinha povoado a noite escura de medos e larvas, os bosques de monstros, os cemitérios de fantasmas, e os templos, e mais lugares consagrados, de maravilhas, e milagrosos sucessos. Naqueles bons tempos o espírito humano, semelhante à hera, abraçava-se a todos os troncos da árvore da vida, e vestia-os de viço e folhagem. O homem cria no homem; e o mundo ideal tomava corpo e vulto, e misturava-se com a realidade para a formosear. Hoje a ciência desbaratou todas as ilusões: sentados no areal medonho do presente, estendemos os olhos para o passado, e parece-nos enxergar lá, no meio das sombras que o cercam, alguns oásis deleitosos, onde há frescor e consolo para nossas almas requeimadas. Mas, como se Deus, em quem a mor parte dos que vivem já não crê, nos houvera condenado a nada crer, a voz severa, ou antes cruel, da ciência nos brada mentira! — e a imagem que nos enlevava some-se; e o espírito dá outra vez em terra, e jaz no seu ceticismo. Quando este domina tudo, seja-nos lícito fazer também uma

pergunta, e deixá-la sem a resposta: a árvore da ciência será a do bem ou do mal?

Com estas reflexões tristíssimas nos íamos já esquecendo da nossa história. Voltemos a ela, e não pensemos agora no que vai pelo mundo das letras, tão baralhado e revolto, como o mundo da política.

Quando Pêro do Porto disse ao seu camarada o nome do hóspede que chegara, o licenciado ergueu-se da sua poltrona de couro atauxiada, que mostrava mais de um século de antiguidade, e pertencia ao gótico puro. A passos lentos aproximou-se de Fernão Cardoso, e com a afabilidade e franqueza própria de um homem singelo, apertando-lhe a mão, lhe disse:

— Melhor hospedagem cumpria a pessoa costumada a mimos do paço; mas se não achais aqui regalo, encontrareis ao menos nesta pobre casa o gasalhado da boa vontade. Muito me tem falado de vós Pêro do Porto, e folgo chegasse a oportunidade de nos honrardes nossa humilde morada.

— Por honrado me hei eu de passar um serão com o muito sábio Cristóvão Rodrigues Acenheiro, cujo nome é tão conhecido na Corte.

Estas palavras fizeram abaixar os olhos ao licenciado, mas pelo seu coração passou o estremecimento da glória. Pobre glória humana! As palavras de Fernão Cardoso não eram mais que um cálculo de engano cortesão. Entrando, vira este homem rodeado de pergaminhos, e livros, e julgando-o dado às letras, quis lisonjeá-lo. Pobre glória humana! Ninguém neste mundo conhecia ainda o autor ou compilador do resumo singelo das crónicas dos envencíssimos reis de Portugal.

— Mas sentai-vos, amigo Fernão Cardoso — acudiu Pêro do Porto, arrastando uma poltrona, mais pulverulenta e velha, se era possível, que a do licenciado. — Deveis vir cansado: ou cavalgastes até cá? Que tal esteve o dia? Que se diz hoje pela Corte? A saúde pelo que parece não vai má? Hem? Clara! Clara! Apressa essa ceia!

Estas últimas palavras, puxadas com ânsia dos amplos pulmões de mestre Pêro, retumbaram pelo velho edifício, como os berros ou estoiros de trovoada eminente. O

licenciado, que estava em pé junto dos dois amigos, disse então, fazendo uma cortesia, e encaminhando-se para o bufete:

— Creio que me dareis licença para levar a cabo, antes da ceia, a leitura de uma crónica latina, cujo traslado devo infalivelmente restituir amanhã.

— Estai à vossa vontade — respondeu Fernão Cardoso, que se ergueu um pouco, fazendo-lhe uma leve inclinação de cabeça; e, voltando-se para o mestre cantor, disse, rindo:

— Diabo! Como quereis que vos responda de roldão a tantas e tão desvairadas perguntas!

— Seguidamente — retrucou mestre Pêro. — Também as notas de um Te Deum (*) estão juntas num só papel, e cantam-se a compasso, umas após as outras.

[(*) Hino em prosa de ação de graças cantado pela Igreja Católica]

— Tendes razão. Mas antes de tudo dai-me uma vez de água.

— Ai! — interrompeu o cantor — é coisa que não vos darei de leve. Afirmo-vos que me doeria a consciência se um tal dia como este vos visse beber esse veneno lento, a que chamam água. O meu cântaro é um odre: e o mais é, que nunca nele achei vinagre; porque o despejo a miúdo. Que me dizeis!

— Já que assim o quereis, trocarei a vez de água numa vez de vinho.

— Laudate dominum! (*) — exclamou mestre Pêro, encaminhando-se para uma porta que dava para os quartos interiores. — Irei eu buscá-lo; que a minha Clara está aviando a ceia.

[(*) Frase latina que significa Louvai o Senhor ou Louvai ao Senhor.]

Enquanto o cantor ia tratar de impedir que o seu hóspede se envenenasse, bebendo água, este teve tempo de examinar a habitação onde se achava. Era uma casa térrea e baixa, em cujo teto afumado se viam algumas fendas, pelas quais penetrava a chuva: a um canto estava o telónio

do licenciado; e este era o sítio mais decente e bem reparado da quadra, porque aí o teto parecia bom, a parede era branqueada, e o chão coberto com uma esteira grossa, que embargava a humidade. Cristóvão Rodrigues Acenheiro estava na sua postura costumada, curvado sobre o bufete, com a cabeça entre os punhos; e Fernão Gardoso sentado na poltrona, maldizia, lá consigo, a hora em que se tinha lembrado de cumprir a promessa que fizera ao mestre da capela do cardeal, de vir cear com ele algumas vezes, enquanto a Corte residisse em Évora, e protestava no íntimo da sua alma, de nunca mais nem sequer passar pela Rua da Oliveira.

Feito este bom propósito, o famoso pajem da toalha esperou resignado a volta do seu hóspede, cuja figura repolhuda e vermelha não tardou em assomar no vão da porta interior: trazia numa das mãos uma escudela de barro, e na outra uma grande borracha:

— Ei-lo aqui do ano passado, que parece ter dez anos; é de real a canada. Nunca o bebi melhor cm Valença, quando...

— Quando éreis mestre da sé daquela cidade — atalhou Fernão Cardoso.

— Onde ensinei muito tempo; onde conheci e tratei com principais.

«Ladrão! — rosnou com os seus botões o pajem da toalha de D. João III. — Ladrão! que me vais empurrar pela vigésima vez a história das bebedeiras que pilhaste em Castela!»

— E era havido em muita reputação — prosseguia mestre Pêro — e muito estimado; e muitas vezes nos íamos, eu e os regedores da cidade, a festejar, e metíamo-nos numa taberna, onde comíamos, e bebíamos perto de um almude de vinho; e sobre isto folgávamos, e jogávamos as bofetadas; e muitas vezes nos embebedávamos, e não deixava de ser cada um quem era; que já me aconteceu descalçarem-me as calças, e os sapatos, sem eu sentir nada; senão quando me desembebedava, e me ia à pousada descalço. Aquilo é que era terra para viver e festejar, que não aqui em Portugal!

— A ceia está pronta.

Estas palavras, que soaram do interior da casa, eram pronunciadas por uma voz mulheril, cujo acento parecia estrangeiro. «É Clara — pensou Fernão Cardoso, que bocejava em hiatos tremendíssimos ouvindo a surrada e nojenta história do mestre cantor —, alguma valenciana de olhos formosos, que Pêro do Porto consigo trouxe, e que bem mal empregada é em tal borracho. Terei ao menos mais agradável companhia.» Esta ideia o consolou; porque já imaginava uma distração ao tédio infinito que dele se apoderara. E com efeito, que há aí que alegre melancolias como uma voz de mulher? Na mais aborrida hora do existir, se vem cortá-la um sorriso feminino,, o homem cessa de maldizer da vida. No último degrau da vileza, da corrupção, ou da perversidade, o homem perde o derradeiro vestígio da nobreza do seu ser; mas a mulher lá mesmo conserva lembranças de que foi anjo. Não há coração mulheril que se feche inteiramente, como o do homem, em invólucro de maldade, e de torpeza, ou se o há, tão raro é ele, que poucos o terão encontrado. É por isso que onde soa a voz da mulher há sempre um brado de esperança, como, por mais que o céu ande cerrado de nuvens, não desesperamos da luz; porque sabemos que além desses castelos

nebulosos, gira o astro do dia, que mais cedo ou mais tarde afugentará as trevas que nos rodeiam. Mulher, mulher!, astro de luz também tu és; somos nós as nuvens de tempestade, que muitas vezes te escurecemos a face, e depois nos queixamos de ti, e te acusamos e amaldiçoamos, tendo-te apagado o brilho de pureza com o lodo das nossas paixões vilíssimas!... Mas outra vez íamos quebrando o fio da história, cuja gravidade não consente estas reflexões que atiram algum tanto ao romântico, coisa, como todos sabem, a mais abominável das mil e uma abominações literárias deste abominado e desenfreado século.

Tanto que a palavra ceia feriu os ouvidos de Pêro do Porto, deixando a escudela de vinho nas mãos de Fernão Cardoso, e largando no chão a borracha, correu à porta, donde soara a voz, e disse para dentro:

— Se está pronta, põe aqui a mesa, para honrarmos o hóspede.

Imediatamente, um vulto de mulher, que mal se enxergava à luz baça da candeia remota do licenciado, apareceu no limiar da porta interior e deu alguns passos — e Fernão Cardoso lhe viu o rosto... era Clara... era uma

preta negríssima! Os sonhos do pajem da toalha caíram em terra desfeitos em pó, como um cadáver romano desenterrado em Pompeia se dissolve apenas lhe bate o ar.

A preta trazia na mão dois pés de banca, feitos em forma de X: colocou-os no meio da casa e deitou-lhe em cima uma espécie de tabuleiro, sobre o qual estendeu uns panos que tiravam à cor daquela Hebe (*) do mestre cantor. Depois pegou numa grande alâmpada, que estava numa prateleira ao canto da casa, acendeu-a à candeia do licenciado, e pendurou-a por cima da mesa num arame, que ia prender no teto da vasta quadra.

[(*) Filha de Júpiter e Juno, deusa da Juventude entre os Gregos.]

— Vamos, amigo Fernão Cardoso — disse o jovial Pêro do Porto sentando-se à mesa —, pareceis hoje desacostumadamente triste! Chegai-vos para cá. Senhor licenciado, são horas de deixar esses excomungados livros.

O licenciado ergueu-se vagarosamente; apagou a sua candeia de bronze; e dirigindo-se para a mesa falava

consigo só.

«Não há que duvidar! Todas as crónicas rezam pelo mesmo teor... Não foi fábula tua, Duarte Galvão... certo que não foi fábula...»

E sentou-se ao pé de Fernão Cardoso; do outro lado estava Pêro do Porto, junto do qual havia uma poltrona vazia. A preta, que tinha saído, voltou naquele momento: trazia na mão duas escudelas de barro vermelho, que pôs sobre a mesa; foi à prateleira buscar um alguidar e colocou-a igualmente sobre os mascarrados manténs: depois voltou para dentro, e veio com um filhinho ao colo.

Trazia também uma borracha enorme, que pôs ao pé das escudelas.

«Digna serva de tal senhor», pensou Fernão Cardoso, olhando para a negra Clara, que se aproximava para sentar-se na cadeira que estava vaga, ao lado de Pêro do Porto. Com efeito a preta tanto na figura como no trajo era hedionda. Vestia um cós ou cinta de chamalote aleonado, já muito velho, e uma averdugada (1*) que fora amarela, rota e imunda: ao pescoço trazia pendurada, não uma porção de

âmbar em forma de pêra, como então se usava, mas uma bola de cera pez, qual sua dona, tisnada e fétida; a carapinha tinha-a em crenchas (2*) em revoltas e enredadas, que lhe ficavam tão bem como ficaria a uma fúria o seu toucado de serpes. Aquela tenebrosa formosura andava, além disso, descalça de pé e perna.

[(*) 1 — Saia com barbas de baleia, para fazer uma espécie de donaire; vestuário do século XVI. 2 — Porção do cabelo empastado.]

Tendo examinado a figura brutesca de Clara num lanço de olhos, o pajem da toalha os volveu para os pratos que estavam na mesa, e sentiu arrepiarem-se-lhe as carnes, vendo que ficava sem ceia. num dos pratos havia uma alentada porção de verde guisado (*), e no outro salada, comida em verdade deliciosa para uma noite de Fevereiro, em que o vento soprava do nordeste, e fazia tiritar de frio, entrando pelas fisgas da mal reparada casa.

[(*) O "verde" era uma comida muito indigesta feita com sangue de porco, ou de boi, temperado com vários adubos: provavelmente o mesmo a que hoje se

chama de papas de serrabulho.]

O verde era enxuto, e poder-se-ia comparar a uma grande almôndega da nossa moderna cozinha. Puxando pelo navalhão que trazia à cinta, mestre Pêro dividiu em talhadas aquela espécie de bolo; cortou quatro grossas fatias de pão; pôs sobre cada uma delas uma das talhadas do verde, e repartiu-as entre todos, sem esquecer a preta, que se havia sentado na poltrona que lhe ficava ao lado.

O licenciado, sem dar palavra, comia apressadamente, e parecia que uma ideia viva lhe preocupava o ânimo.

Pêro do Porto com o verde, sobreposto no pão, na direita, lhe cravava a espaços os dentes, entremeando-o com mãos-cheias de salada, que com a esquerda tirava da escudela.

Fernão Cardoso estava em ânsias: o estômago se lhe revolvia com o cheiro do guisado: por outra parte não queria ofender o seu hóspede: enfim resolveu aproveitar-se da luz baça que dava a lâmpada, para deixar cair no chão o verde, que ia progressivamente espalhando e desfazendo

com os pés, ao mesmo tempo que roía o pão seco, dando a todos os demónios a visita, o hóspede e a ceia.

— Não comeis salada? — dizia-lhe Pêro do Porto, falando com a boca cheia.

— Obrigado! Andei há pouco com febres: receio as doenças; senão comeria por vinte!

— A beber! A beber! — gritou o mestre cantor como se estivesse dando ordens a duzentos arcabuzeiros de cavalo.

A preta levantou-se; pegou na borracha; encheu a altamia, e pô-la diante de Fernão Cardoso.

Este, tendo-lhe apenas chegado os beiços, ofereceu-a ao licenciado, que sem lhe tocar a passou ao seu companheiro. Pêro do Porto despejou-a de um golpe. Depois limpando a boca à borda dos manténs, disse para o pajem da toalha, que bem ou mal tinha tragado o pão que lhe coubera em sorte:

— E as notícias da Corte, que vos pedi? Há ou não há por lá coisa que valha a pena de saber-se?

— Certo que sim; e bem tristes coisas. Não vo-las quisera eu dizer — respondeu Fernão Cardoso, com ar compungido, e desejoso de se vingar da má ceia com algum epigrama.

— E que tristes novidades são essas? — replicou o mestre cantor.

— Que el-rei espera brevemente bulas do papa para haver em Portugal a Santa Inquisição, e que vão juntar-se cortes em Évora, o que fará encarecer o vinho pelas muitas gentes que a elas vêm.

A notícia acerca da Inquisição aludia a certo zunzum, que vogava, de que mestre Pêro não era dos mais correntes na fé; a outra fácil é de perceber aonde atirava, para quem se lembrar das proezas praticadas em Valença, e que ele referira pela vigésima vez ao pajem da toalha.

— Má é a segunda nova: quanto à primeira sê-lo-á só para judeus — retrucou Pêro do Porto, rindo com um riso amarelo.

— Má é a primeira — disse o licenciado que até aí estivera em absoluto silêncio. — Má é a primeira, porque vai com isso el-rei dar mais força ao poder de Roma, que

pelo nosso mal não é pequeno. Não sou eu dos que temem por si; que, mercê de Deus, sou da raça lídima, e nunca fui suspeito de judaísmo nem de heresia; mas temo pela minha terra e pela minha nação. Doem ainda a Castela as feridas que lhe abriu a fúria da Inquisição. Santo e bom é seu instituto; mas esta geração vai corrupta e má, e creio eu que mais cobiça, e falta de caridade, e luxúria há aí por claustros e clerezias que por paços de senhores, praça de traficantes e mercadores. É por isso que eu não quisera que a gente eclesiástica tivesse mais um caminho para satisfazer suas paixões desordenadas.

A veemência com que o licenciado pronunciou estas palavras moveram rijamente o ânimo de Fernão Cardoso, que apesar de brincalhão era homem de claro entendimento.

— Talvez tenhais razão — disse ele para Cristóvão Rodrigues Acenheiro —, mas os intentos da sua Alteza são conservar a religião, e guerrear seus inimigos: apesar de quanto fez el-rei D. Manuel para acabar com eles, parece que cada vez crescem mais: tempo há em que é preciso ser

cruel; ferro e fogo são às vezes remédio: e se algum inocente padecer, Deus lá está para lhe fazer justiça.

— Ferro e fogo — disse o licenciado — quisera eu se gastasse com os inimigos da Cruz que moram pela fronteira de África. Era contra mouros armados que Portugal sabia usar de um e de outro em tempo dos nossos antigos reis: hoje mal se pensa nisso. Naus e soldados, só há para a índia; porque na Índia trocamos sangue por ouro; na África feridas por feridas. Bate o Alcorão às portas das nossas fortalezas, e nós curamos de acender fogueiras nas praças de Lisboa, para queimar homens, cujos erros mal ressumbram das trevas em que andam envoltos. Os cavaleiros portugueses em vez de correrem para o teatro das nossas passadas façanhas, irão assistir às execuções de um tribunal que servirá as ambições da gente eclesiástica de Roma, cuja dissolução deu azo a levantar-se esse Anticristo da Alemanha, Frei Martim (*), que tantos danos tem feito. Como cabeça da Igreja muito se hão de venerar os papas; mas os papas são homens, e velho intento de todos eles é o acurvar as cervizes dos reis até lhes estes beijarem os rostos das suas alparcas: nunca dos nossos o

alcançaram, salvo, com mágoa o digo, da sua Alteza que Deus guarde. Sabeis vós o que sucedeu a el-rei D. Afonso Henriques com o papa que era no seu tempo?

[(*) Assim é chamado Martinho Lutero — o fundador do Protestantismo — num manuscrito nosso do princípio do século XVI. A ideia que nessa época se fazia em Portugal do reformador alemão era horrível; isso, todavia, não obstou a que alguns portugueses instruídos seguissem em parte, posto que às escondidas, as suas doutrinas.]

— Sei eu — acudiu Pêro do Porto, que escutara com religiosa atenção o discurso do seu companheiro, aprovando-o de vez em quando, com um sinal de cabeça afirmativo —, sei eu o que quereis dizer: é a história do legado. Ouvi uma vez o cardeal meu senhor e o cronista Fernão de Pina falarem sobre esse ponto: mas Fernão de Pina teimava que era fábula, e João de Barros, que todos têm em conta de muito discreto, e que também aí era presente, encostava-se à mesma opinião.

— Não acertam — disse o licenciado. — Em todas as crónicas mais antigas o acho narrado, e não vejo razão para

deixarmos de o acreditar. Em elegante frase o acabo eu de ler nessa memória latina, que devo restituir amanhã, e que tem seus bons duzentos anos.

— E que história é essa, de que me parece ter já lido alguma coisa, ou ouvido confusamente falar? — perguntou Fernão Cardoso, cuja curiosidade tinha sido excitada pelo discurso do licenciado, e a quem a ceia não pesava demasiadamente no estômago, para lhe produzir sono.

— Vê-la-eis dentro em pouco na abreviação que estou fazendo das crónicas dos envencíssimos reis de Portugal... Mas esperai... isto é cedo, e se quereis, ler-vos-ei nesta elegante escritura, que de mim por tão pouco tempo fiaram.

— Sou muito fraco latino — interrompeu o pajem da toalha — para poder entender seguidamente essa leitura: aliás de boa vontade vos escutara.

— Usa serás mestre — respondeu Cristóvão Rodrigues Acenheiro. — Lê-lo-ei em português corrente; nem me será grão trabalho tal leitura.

— Far-me-eis então nisso assinalada mercê — disse Fernão Cardoso.

O licenciado ergueu-se: foi buscar o manuscrito: abriu-o, e leu o que se verá no seguinte capítulo, enquanto o mestre cabeceava, a preta roncava, e a criança, que esta tinha nos braços, dormia placidamente o seu sono de inocência.

CAPÍTULO II

O VIVER

E o licenciado, correndo pelos olhos a antiga escritura, dizia desta maneira:

Houve um tempo em que a Sé de Coimbra era formosa; houve um tempo em que essas pedras, ora tisnadas pelos anos, eram ainda pálidas, como as margens areentas do Mondego. Então o luar batendo nos lanços dos seus muros, dava um reflexo de luz suavíssima, mais rica de saudade que os próprios raios daquele planeta guardador dos segredos de tantas almas, que só nele creem que exista uma inteligência que as perceba.

Então aquelas ameias e torres não haviam sido tocadas das mãos de homens, desde que os seus edificadores as tinham colocado sobre as alturas; e todavia já então

ninguém sabia se esses edificadores eram da nobre raça goda, se da dos conquistadores árabes.

Mas, quer filha dos valentes do Norte, quer dos pugnacíssimos Sarracenos, ela era formosa, na sua singela grandeza entre

Alguém achará falso o tom poético em que imaginámos estar escrita uma crónica latina dos séculos bárbaros: enganar-se-ão; há em muitas delas mais poesia, não só na essência, mas até na expressão, que em grande parte dos versos de tempos modernos. as outras sés das terras de Hispânia. Aí sucedeu o que ora ouvireis contar.

Corria no meio o duodécimo século. Na batalha de Ourique D. Afonso Henriques fora aclamado rei de Portugal. Pouco havia que falecera seu bom e leal aio e amo, o velho Egas Moniz; D. Tareja sua mãe ainda jazia presa, desde que ele a vencera e ao seu terceiro marido, o conde de Trastâmara; o jovem rei morava então nos nobres paços de Coimbra, esperando favorável oportunidade de acometer Lisboa, cidade principal do reino, ainda então ocupada de mouros.

Em uma das torres do velho alcáçar de Coimbra, encostado entre duas ameias, a horas que o Sol fugia do horizonte, el-rei conversava com Lourenço Viegas, o Espadeiro, e com ele dispunha meios, e apurava traças para guerrear a mourisma.

E lançou casualmente os olhos para o caminho que guiava ao alcáçar, e viu o bispo D. Bernardo, que, montado na sua possante mula, cavalgava apressado pela encosta acima.

— Vedes vós — disse ele ao Espadeiro — o nosso leal D. Bernardo, que para cá se encaminha? Negócio grave por certo o faz sair a tais desoras da crasta da sua sé. Desçamos à sala de armas e vejamos o que ele quer.

E desceram.

Grandes lampadários ardiam já na sala de armas do alcáçar de Coimbra, pendurados de cadeias de ferro chumbadas nos fechos dos arcos de volta de ferradura, que Sustentavam os tetos de grossa cantaria. Pelos feixes de colunas delgadas, divididas entre si, mas ligadas na base por um soco geral e maciço, pendiam corpos de armas

brunidas, que reverberavam a luz das lâmpadas, e pareciam cavaleiros armados, que em silêncio guardavam aquele amplo aposento. Alguns escudeiros faziam retumbar as abóbadas, passeando de um para outro lado.

Uma portinha, que ficava num ângulo da quadra, se abriu, e dela saíram el-rei e Lourenço Viegas que desciam da torre: quase ao mesmo tempo assomou no grande portal de entrada a figura venerável e solene do bispo D. Bernardo.

— Guarde-vos Deus, bispo de Coimbra: que muito urgente negócio vos traz aqui esta noite? — disse el-rei a D. Bernardo.

— Más novas, senhor. Trazem-me aqui letras do papa, que ora recebi.

— E que quer de vós o papa?

— Que da sua parte vos ordene solteis vossa mãe...

— Nem pelo papa, nem por ninguém o farei.

— E manda-me que vos declare excomungado, se não quiserdes cumprir seu mandado.

— E vós que intentais fazer?

— Obedecer ao sucessor de S. Pedro.

— Quê? D. Bernardo amaldiçoaria aquele a quem deve o bago pontifical; aquele que o levantou do nada? Vós, bispo de Coimbra, excomungaríeis o vosso príncipe, porque ele não quer pôr a risco a coroa, que em Ourique lhe puseram na cabeça os cavaleiros portugueses?

— Tudo vos devo, senhor rei — atalhou o bispo —, salvo minha alma que pertence a Deus, minha fé que devo a Cristo, e a minha obediência que guardarei ao papa.

— D. Bernardo! D. Bernardo! — disse el-rei sufocado de cólera — lembrai-vos de que afronta, que se me fizesse, nunca ficou sem paga!

— Quereis, senhor rei, soltar vossa mãe?

— Não! Mil vezes não!

— Guardai-vos!

E o bispo saiu, sem dizer mais palavra. El-rei ficou pensativo por algum tempo; depois falou em voz baixa com Lourenço Viegas, e encaminhou-se para a sua câmara. Daí

a pouco o alcáçar de Coimbra jazia, com o resto da cidade, no mais profundo silêncio.

*****

Pela alvorada, muito antes de romper o Sol, no dia seguinte, Lourenço Viegas passeava com el-rei na sala de armas do paço mourisco.

— Se eu próprio o vi, montado na sua boa mula, ir lá muito ao longe, caminho da Terra de Santa Maria!

Na porta da Sé estava pregado um pergaminho com larga escritura, que, segundo me afirmou um clérigo velho que aí chegara quando eu olhava para aquela carta, era o que eles chamam o interdito... — isto dizia o Espadeiro, olhando para todos os lados, como quem receava que alguém o ouvisse.

— Que receias, Lourenço Viegas? Dei a Coimbra um bispo que me excomunga, porque assim o quis o papa: dar-lhe-ei outro que me absolva, porque eu assim o quero. Vem comigo à Sé. Bispo D. Bernardo, tarde será o arrepender-te da tua ousadia!

Dali a pouco as portas da Sé estavam abertas porque o Sol era nado, e el-rei acompanhado de Lourenço Viegas e de dois pajens atravessava a igreja e se dirigia à crasta, onde ao som de campa tangida tinha mandado juntar o cabido, com pena de morte para o que aí faltasse.

***

Solene era o espetáculo que apresentava a crasta da Sé de Coimbra. O Sol dava com todo o brilho de manhã puríssima por entre os pilares que sustinham as abóbadas dos cobertos, que cercavam o pátio interior. Ao longo desses cobertos caminhavam os cónegos com passos lentos, e as largas roupas lhes ondeavam ao bafo suave do vento matutino. No topo da crasta estava el-rei, em pé, encostado ao punho da espada, e um pouco atrás dele Lourenço Viegas e os dois pajens. Os cónegos iam chegando, e formavam um semicírculo a pouca distância de el-rei, em cujo capelo de ferro brunido ferviam buliçosos os raios do Sol.

Toda a clerezia da Sé estava ali apinhada, e el-rei, sem dar palavra e com os olhos fitos no chão, parecia envolto em fundo pensar. O silêncio era completo.

Por fim D. Afonso Henriques ergue o rosto, carrancudo e ameaçador:

— Cónegos da Sé de Coimbra, sabeis a que vem aqui o rei de Portugal?

Ninguém respondeu palavra.

— Se o não sabeis, dir-vos-ei eu — prosseguiu el-rei — : vem assistir à eleição do bispo de Coimbra.

— Senhor, bispo temos: não há aí nova eleição — disse o mais velho e autorizado dos cónegos que estavam presentes, e que era o adaião.

— Ámen — responderam os outros.

— Esse que vós dizeis — bradou el-rei, cheio de cólera — esse jamais o será; tirar-me quis ele o nome de filho de Deus; eu lhe tirarei o nome do seu vigário. Juro que nunca nos meus dias porá D. Bernardo pés em Coimbra: nunca mais da cadeira episcopal ensinará um rebelde a fé das santas escrituras! Elegei outro: eu aprovarei vossa escolha.

— Senhor, bispo temos: não há aí nova eleição — repetiu o adaião.

— Ámen — responderam os mais.

O furor de D. Afonso subiu de ponto com esta resistência.

— Pois bem! — disse ele, com a voz presa na garganta, depois de um olhar terrível que lançou pela assembleia, e de alguns momentos de silêncio. — Pois bem! Saí daqui, gente orgulhosa e má! Saí, vos digo eu! Alguém por vós elegerá um bispo...

Os cónegos fazendo profunda reverência encaminharam-se para as suas celas, ao longo das arcarias da crasta.

Entre os que ali se achavam, um negro, vestido de hábitos clericais, tinha estado encostado a um dos pilares, observando aquela cena: os seus cabelos revoltos contrastavam pela alvura com a pretidão da tez. Quando el-rei falava, ele sorria-se e abanava a cabeça como quem aprovava o dito. Os cónegos começavam a retirar-se, e o negro ia após eles. D. Afonso fez-lhe um sinal com a mão. O negro voltou para trás.

— Como hás nome? — perguntou-lhe el-rei.

— Senhor, hei nome Soleima.

— És bom clérigo?

— Na companhia não há dois que sejam melhores.

— Bispo serás, D. Soleima. Vai tomar teus guisamentos; que hoje me cantarás missa.

O clérigo recuou: naquela face tisnada viu-se uma contração de susto.

— Missa não vos cantarei eu, senhor — respondeu o negro com voz trémula —, que para tal auto não tenho as ordens requeridas.

— D. Soleima, repara bem no que te digo! Sou eu que te mando vás vestir as vestiduras de missa. Escolhe: ou hoje tu subirás os degraus do altar-mor da Sé de Coimbra, ou a cabeça te descerá de cima dos ombros, e rolará pelas lajes deste pavimento.

O clérigo curvou a cara.

— Kirie-eleyson... Kirie-eleyson... Christe-eleyson! — garganteava daí a pouco D. Soleima, revestido dos hábitos episcopais, junto ao altar da capela-mor. El-rei D. Afonso

Henriques, o Espadeiro e os dois pajens, de joelhos, ouviam missa com profunda devoção.

*****

Era noite. numa das salas mouriscas dos nobres paços de Coimbra havia grande sarau. Donas e donzelas sentadas ao redor do aposento ouviam os trovadores, repetindo ao som da viola e em tom monótono suas magoadas endechas, ou festejavam e riam com os arremedilhos satíricos dos truões e farsistas. Os cavaleiros em pé, ou falavam de aventuras amorosas, de justas e de torneios ou de fossados e lides por terras de mouros fronteiros. Para um dos lados, porém, entre um labirinto de colunas, que davam saída para uma galeria exterior, quatro personagens pareciam entretidas em negócio mais grave do que os prazeres de noite de festa o permitiam. Eram estas personagens el-rei D. Afonso Henriques, Gonçalo Mendes da Maia, Lourenço Viegas e Gonçalo de Sousa o Bom: os gestos dos quatro cavaleiros davam mostras de que eles estavam vivamente agitados.

— É o que afirma, senhor, o mensageiro — dizia Gonçalo de Sousa — que me enviou o abade do Mosteiro de Tibãcs onde o cardeal dormiu uma noite para não entrar em

Braga. Dizem que o papa o envia a vós, porque vos supõe herege. Em todas as partes por onde o legado passou, em França e Espanha, vinham a lhe beijar a mão reis, príncipes e senhores: a eleição de D. Soleima não pode por certo ir avante...

— Irá, irá! — respondeu el-rei em voz tão alta que as suas palavras reboaram pelas abóbadas do vasto aposento. — Que o legado tenha tento em si! Não sei eu se haveria aí cardeal, ou apostólico, que me estendesse a mão para eu lha beijar, que pelo cotovelo lha não cortasse fora a minha boa espada. Que me importam a mim vilezas dos outros reis e senhores? Vilezas, não as farei eu!

Isto foi o que se percebeu daquela conversa: os três cavaleiros falaram com el-rei ainda por muito tempo; mas em voz tão baixa, que ninguém percebeu mais nada.

*****

Dois dias depois o legado do papa chegou a Coimbra: mas o bom do cardeal tremia em cima da sua possante mula, como se maleitas o tiveram tomado. As palavras de el-rei

tinham sido ouvidas por muitos, e alguém as tinha dito ao legado.

Todavia apenas passou a porta da cidade, revestindo-se de ânimo, encaminhou-se direito ao alcáçar real.

El-rei o saiu a receber acompanhado de senhores e cavaleiros: com modos corteses o guiou à sala do seu conselho, e aí se passou entre eles o que ora ouvireis contar.

El-rei estava sentado no seu trono: diante dele o legado num sento raso, posto em cima de um estrado mais elevado: os senhores e cavaleiros cercavam o trono real.

— Dom cardeal — começou el-rei —, que viestes vós fazer a minha terra? Posto que de Roma só mal me tenha vindo, creio me trazeis agora algum ouro, que dos seus grandes tesouros me manda o senhor papa para estas hostes que faço, e com que guerreio noite e dia os infiéis da frontaria. Se isto trazeis, aceitar-vos-ei: depois, desembaraçadamente podeis seguir vossa viagem.

No ânimo do legado a cólera sobrepujou o temor, quando ouviu as palavras de el-rei, que eram de amargo escárnio.

— Não a trazer-vos riquezas — atalhou ele — mas a ensinar-vos a fé vim eu, que dela parece vos esquecestes, tratando violentamente o bispo D. Bernardo, e pondo no seu lugar um bispo sagrado com as vossas manoplas, vitoriado só por vós com palavras blasfemas e malditas...

— Calai-vos, dom cardeal — gritou el-rei —, que mentis pela gorja! Ensinar-me a fé?! Tão bem em Portugal, como em Roma, sabemos que Cristo nasceu da Virgem; tão certo como vós outros romãos cremos na Santa Trindade. Se a outra coisa vindes, amanhã vos ouvirei: hoje podeis-vos ir.

E ergueu-se: os olhos lhe chamejavam de furor. Toda a coragem do legado desapareceu como fumo, e sem atinar com resposta, saiu do aposento real.

*****

O galo tinha cantado três vezes: pelo arrebol da manhã o cardeal partia aforradamente de Coimbra, cujos habitantes dormiam ainda repousadamente.

El-rei foi um dos que despertaram mais tarde. Os sinos harmoniosos da Sé costumavam acordá-lo tocando as ave-marias: naquele dia ficaram mudos; e quando ele se ergueu

havia mais de uma hora que o Sol subia para o alto dos céus, do lado do oriente.

— Misericórdia! misericórdia! — gritavam devotamente homens e mulheres à porta do alcáçar, com alarido infernal. El-rei ouviu aquele ruído.

— Que vozes são estas que soam? — perguntou ele a um pajem.

O pajem lhe respondeu chorando:

— Senhor, o cardeal excomungou esta noite a cidade, e partiu: as igrejas estão fechadas; os sinos já não há quem os toque; os clérigos fecham-se nas suas pousadas. A maldição do santo padre de Roma caiu sobre nossas cabeças.

Outra vez soou à porta do alcáçar: — Misericórdia! misericórdia!

— Que enfreiem e selem o meu cavalo de batalha fouveiro. Pajem! que enfreiem e selem o meu melhor corredor!

Isto dizia el-rei, encaminhando-se para a sala de armas. Aí envergou à pressa um saio de malha, e pegou num montante, que apenas dois portugueses dos de hoje valeriam a alevantar do chão. O pajem tinha saído, e dali a pouco o melhor cavalo de batalha que el-rei tinha, tropeava e rinchava à porta do alcáçar.

*****

Um clérigo velho montado numa alentada mula branca, vindo de Coimbra, seguia o caminho da Vimieira, e de instante a instante espicaçava os ilhais da carruagem com os seus acicates de prata: em duas outras mulas iam ao lado dele dois jovens com caras e meneios de beatos, vestidos de opas e tonsurados, mostrando nos seus meneios e idade que aprendiam ainda as pueris, ou ouviam as gramaticais. Era o cardeal que se ia a Roma com dois sobrinhos seus que o tinham acompanhado.

Entretanto el-rei partira de Coimbra sozinho. Quando pela manhã Gonçalo de Sousa e Lourenço Viegas o procuraram nos seus paços, souberam que era partido após o legado. Temendo o carácter violento de D. Afonso, os dois cavaleiros lhe seguiram a pista à rédea solta, e iam já muito

longe quando viram o pó que ele fazia, correndo ao longo da estrada, e o reflexo do sol, batendo de chapa no seu capelo de ferro brunido.

Os dois fidalgos esporearam com mais força os ginetes e breve alcançaram el-rei:

— Senhor, senhor, aonde ides sem vossos leais cavaleiros, tão cedo e açodadamente?

— Vou pedir ao legado do papa que se amerceie de mim...

A estas palavras os cavaleiros transpunham uma assomada, que encobria o caminho: pela encosta abaixo ia o cardeal com os dois jovens das opas, e cabelos tonsurados.

— Oh!... — disse el-rei. Esta única interjeição lhe fugiu da boca; mas que discurso houvera aí que a igualasse? Era o rugido de prazer do tigre, no momento em que salta do fojo sobre a preia descuidada.

— Memento mei, Domine, secundum magnam misericordiam tuam! — rezou o cardeal em voz baixa e trémula, quando, ouvindo o tropear dos cavalos, voltou os olhos e conheceu el-rei.

Em um instante este o tinha alcançado. Ao perpassar por ele, travou-lhe do cabeção do vestido, e num relance ergueu o montante: felizmente os dois cavaleiros arrancaram as espadas, e cruzaram-nas debaixo do golpe que já descia sobre a cabeça do legado: os três ferros feriram fogo; mas a pancada deu em vão, aliás o crânio do pobre clérigo teria ido fazer mais de quatro redemoinhos nos ares.

— Senhor, que vos perdeis, e nos perdeis, ferindo o ungido de Deus! — gritaram os dois fidalgos, com vozes aflitas.

— Rei — disse o velho chorando —, não me faças mal; que estou à tua mercê! — Os dois jovens também choravam.

D. Afonso deixou descair o montante, e ficou em silêncio alguns momentos.

— Estás à minha mercê — disse ele por fim. — Pois bem! Viverás, se desfizeres o mal que causaste. Que seja levantada a excomunhão lançada sobre Coimbra, e jura-me em nome do padre santo, que nunca mais nos meus dias será posto interdito nesta terra portuguesa, que às

lançadas conquistei aos mouros. Em reféns deste pacto ficarão teus sobrinhos: se no fim de quatro meses, de Roma não vierem letras de bênção, tem tu por certo que as cabeças lhes voarão de cima dos ombros. Apraz-te este contrato?

— Senhor, sim! — respondeu o legado com voz sumida.

— Juras?

— Juro.

— Mancebos, acompanhai-me.

Dizendo isto, el-rei fez um aceno aos sobrinhos do legado, que com muitas lágrimas se despediu deles e sozinho seguiu o caminho da Terra de Santa Maria.

Daí a quatro meses, D. Soleima dizia missa pontifical na capela-mor da Sé de Coimbra, e os sinos da cidade repicavam alegremente. Tinham chegado letras de bênção de Roma; e os sobrinhos do cardeal montados em boas mulas iam cantando devotamente pelo caminho da Vimieira o salmo que começa: ín exitu Israel de Egypto.

Conta-se, todavia, que o papa levara a mal, no princípio, o pacto feito pelo legado; mas que, por fim, tivera dó do pobre velho, que muitas vezes lhe dizia:

— Se tu, santo padre, viras sobre ti um cavaleiro tão bravo ter-te pelo cabeção, e a espada nua para te cortar a cabeça; e o seu cavalo tão feroz arranhar a terra, que já te fazia a cova para te enterrar, não somente deras as letras, mas o papado, e a cadeira de S. Pedro.

***

Aqui o licenciado calou-se, e fechou o livro, e disse a Fernão Cardoso, que parecia desejoso de ainda o escutar por mais tempo:

— Já tínheis ouvido esta história?

— À fé, que não, com tanta miudeza. Gostava de ouvir-vos ler coisas destas, que muito curiosas são.

— Muitas há nas velhas crónicas de não menos alegria; mas andam esquecidas, como o andam as virtudes dos

nossos maiores. Se, porém, isso vos apraz, voltai quando quiserdes, e eu vos lerei quanto vos aprouver.

— Grande mercê me fareis — respondeu o pajem da toalha —; mas será de dia; que estas noites invernosas não são para sair do paço.

Neste momento o mestre cantor bocejou, acordou e espreguiçou-se. Fernão Cardoso pôs-se em pé, e despedindo-se dos dois, saiu, e daí a pouco corria a todo o galope para os paços reais, levando já mudado o propósito de não tornar a passar pela Rua da Oliveira, mas firme no de não se fiar mais em convites do muito afamado Pêro do Porto, ex-cantor-mor da Sé de Valença e mestre da capela do cardeal D. Afonso.